

Antologia com textos de autores afro-americanos

Notas, traduções e organização: José Luiz Pereira da Costa²

¹ - **Tarhqa** (também grafado como Taharqa Tirhakah, Taharka e Manetho's Tarakos) foi rei do Egito e membro da 25ª Dinastia Núbia no Egito, cujo período imperial é aceito como entre 690 e 664 antes de Cristo. Era filho de Piye, rei núbio de Napata, que antes havia conquistado o Egito.

² - Os textos aqui reproduzidos de seus originais ou são de domínio público ou são peças de uma antologia sem objetivos comerciais – apenas culturais, de divulgação em língua portuguesa de livros que dificilmente são acessíveis no Brasil. Dentro deste espírito, as obras com trechos traduzidas estão identificadas, inclusive na forma como podem ser compradas em livrarias multinacionais. Constitui-se, assim, este trabalho, também, em veículo de divulgação das mesmas.

1 – EDIFICANDO O AMOR PRÓPRIO

2 – ESOPO, UM BARDO ESCRAVO

3 –ÁFRICA - O PASSADO GLORIOSO

4 – NO PÓS-GUERRA CIVIL

5 – EM BUSCA DO PASSADO

6 – ANTES DE COLOMBO

7 – A PRIMEIRA GERAÇÃO

8 – ANTES DO *MAYFLOWER*

9 – OS ESCRAVOS BRANCOS

10 – A CONSTRUÇÃO DE UM MITO ESCRAVO

11 – DESAFIANDO O MITO BRANCO



Universidade de Sankore - Mali, Idade Média

Quando Gilberto Freyre diz, “Não que no brasileiro subsistam, como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo” se apóia, para a assertiva, quanto ao negro americano, no sentimento que bem retratou a relação entre as raças nos EUA o mais destaca intelectual negro do início do século vinte, William Edward Bougart Du Bois³, que sintetizava: *“É sentir sempre a duplicidade – ser americano, ser negro. Duas almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas por um obstinado esforço, de bipartir-se”*. Quando Du Bois arrematava esse seu pensamento no livro *“As Almas do Povo Negro”*, de 1903, talvez desse formulação teórica para um conflito que ele demonstrava conhecer muito bem – o desafio de ser negro nos Estados Unidos. Punha no papel as misérias porque passara seu povo até então, mas lançando todavia as linhas mestras de uma luta que talvez tenha alcançado a grande vitória, na véspera de sua morte, em 1963, quando milhares de negros acudiram à Washington para a grande marcha pelos direitos civis.

Fruto de pensamento consolidado, muitas vezes; resultado da reunião de idéias dispersas por um líder que despontava, a grande campanha dos afro-americanos para sua valorização pessoal e conseqüente incorporação plena na sociedade *“que o contempla com divertido desprezo e pena”*, pode ter-se iniciado com esse mesmo Du Bois, nessa mesma obra, quando conta a seguinte experiência pessoal: *“Numa acanhada escola de madeira, alguém pôs na cabeça das crianças, meninos e meninas, comprassem belos cartões de visita – dez centavos um pacote – e os trocassem entre si. A troca foi divertida, até que uma menina, alta e recém chegada, recusou receber meu cartão – rejeitou-o, peremptoriamente, com um olhar. Compreendi, instantaneamente, que eu era diferente dos demais;”* E assumiu essa diferença. Concluiu mais tarde um curso superior, numa universidade negra – *Fisk* –, e recebeu o mestrado e o doutorado na mais importante universidade de seu país, Harvard, exatamente no ano em que era abolida a escravidão no

³ - William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963), será freqüentemente citado neste trabalho, pois é venerado como uma das mais importantes personalidades intelectuais afro-americanas dos séculos 19 e 20.

Brasil. E mais que tudo, iria se tornar o pai da intelectualidade negra nos EUA – por mais de meio século estaria envolvido com tudo o que social ou culturalmente dizia respeito a seu povo; teria uma longa e profícua vida, 95 anos; ainda, abdicaria de sua cidadania norte-americana, nacionalizando-se, poucos anos antes da morte, ganense. Foi sepultado em Gana, país africano, recém independente, que escolheu, coerente com toda sua pregação, como do descanso de seu corpo.

Ainda no livro *“As Almas do Povo Negro”*, Du Bois parece lançar o desafio maior para a intelectualidade negra do momento e, especialmente, da que viria depois de 1920, quando começava a tomar forma o movimento cultural que recebeu o nome de Renascimento do Harlem. Ele escreve: *“A crescente presunção, silenciosa, nestes tempos, é de que a provação das raças é passado e que as raças atrasadas de hoje são de inquestionável ineficiência e desmerecedoras de salvação. Essa é uma posição de arrogância de povos insolentes face ao Tempo e ignorantes da capacidade do homem. Mil anos atrás, tal assunção, facilmente concebível, teria tornado difícil aos teutões provar seu direito à vida. Dois mil anos antes, esse dogmatismo, prontamente bem-vindo, teria relegado a idéia de raças loiras liderando as civilizações”*.

Assim, havia que ser ensinado nas escolas, faculdades e universidades segregadas, freqüentadas pelos herdeiros dos escravos, que eles não haviam chegado na América de mãos vazias – que traziam, na bagagem transportada em seus corpos desnudos, histórias de civilizações imemoriais, de reinos, reis e rainhas. Mas tinham que provar, sobretudo, que a civilização agora dominante deve seu esplendor às raças escuras. Iniciava-se um trabalho que tinha um objetivo definido: apagar o estigma da senzala, embeber os jovens de amor-próprio, fazendo-os buscar no estudo e nas oportunidades de trabalho que surgissem ou fizessem por surgir, o caminho para um lugar na sociedade que tenazmente os excluía.

ESOPO, UM BARDO ESCRAVO

“A escola era num palheiro, usado pelo coronel Wheeler para estocar seu milho. Situava-se num terreno atrás de uma cerca, com coroas-de-cristo, próxima a uma fonte de águas cristalinas. Havia uma entrada onde, outrora, estivera uma porta; adiante, uma lareira maciça, porém caindo aos pedaços; grande aberturas, em meio aos mourões, serviam de janelas. Móveis, eram poucos. Um quadro negro estaqueado jazia num canto. Minha mesa era um conjunto de três tábuas, reforçadas em pontos críticos; minha cadeira, emprestada pela senhoria, tinha de retornar à mesma todas as noites. O assento para as crianças era algo que me abatia. Eu admirava o modelo da Nova Inglaterra, com pequenas carteiras e cadeiras, mas, que pena!, tinha de contentar-me com bancos toscos sem encostos nas costas e, algumas vezes, até sem pernas. Eles tinham a virtude de tornar um cochilo algo perigoso, até mesmo fatal, posto que o piso não fosse confiável.



Foi numa manhã muito quente de julho, quando a escola abriu”⁴.

Pois, quando se abriu a escola, talvez numa de suas primeiras aulas, o jovem professor surpreendeu-se com a indagação de um dos meninos, timidamente postado em meio aos quinze ou vinte que compunham naquele momento o corpo discente. Perguntou: “Professor, o lobo e o cordeiro, é uma história de brancos?” Surpreso com a nota dissonante que representava a pergunta, fora do contexto da aula, preferiu fazer que não ouviu e deu seguimento ao tema que tratava, deixando o tímido aluno frustrado e mais inseguro.

Talvez essa história tenha ocorrido noutra local, como o que descreve, também no alvorecer da liberdade dos negros americanos, Booker T. Washington, sobre o que viria a ser logo adiante o Instituto Tuskegee:

⁴ - Em *The Souls of Black Folk*, de W. E. B. Du Bois.

“Não perdi tempo em fazer a mudança da escola para a fazenda, onde ainda estavam de pé uma cabana usada antes como refeitório, uma velha cozinha, um estábulo e um velho galinheiro. Em poucos dias tínhamos esses locais em uso. O estábulo reparado passou a ser uma sala de recreio e mais recentemente o galinheiro assumiu a mesma finalidade⁵”.

O que ocorreu na cabeça do professor, todavia, foi a resistência que sentiu em dar curso à história como era passada nos livros que ele havia estudado. Tinha plena convicção de que as belas histórias, com um fundo moral, que se atribuíam ao francês de nome Jean de La Fontaine, foram concebidas por Esopo, que vivera em torno a 560 antes de Cristo.

Poucos eram os livros que pudera levar consigo na viagem que empreendera ao interior, onde agora lecionava na modesta escola. Mas havia sim material de história. Na fraca luz do candeeiro que iluminava o canto onde dormia, buscou encontrar registros da história antiga. Empreendeu o mesmo trabalho na madrugada seguinte, desde que os primeiros raios do sol permitiram a leitura iniciada na véspera.

Assim, ao registrar, na aula seguinte, a moral, segundo a qual atrás do comportamento lobo que buscou um argumento qualquer para impor sua vontade, havia o sentimento da prepotência, com o que ele e seus alunos, os pais desses e toda a comunidade que viviam, tinham que conviver.

Mas, se verdade que eram carneiros num mundo de lobos, tinha de encontrar formas de lutar contra aquele destino. Mesmo sabendo que pouco do que iria dizer seria plenamente compreendido por seus alunos, o jovem professor começou a ensinar: “Grandes pensadores e escritores, nomes extraordinários que eu vou pronunciar agora e que suas cabecinhas frescas vão guardá-los sem bem saber quem em verdade foram, devem sua obra a um homem negro e um dia escravo chamado Esopo. Ouçam esses nomes: Platão, Sócrates, Aristóteles, Cícero, Julio Cesar e Shakespeare. Todos esses e

⁵ - Em *Up from Slavery*, autobiografia de Booker Taliaferro Washington.

muitos outros, buscaram inspiração nas histórias de Esopo. E principalmente um francês de nome La Fontaine. Contam que certa feita, num mercado onde seria vendido, Esopo sentava-se com outros dois homens escravos como ele. Um era músico e o outro orador. Em face da qualificação dos dois, indagaram a Esopo o que ele sabia fazer, tendo ele respondido: “Nada”. Pela perplexidade que causou a resposta, Esopo acrescentou: “Um de meus companheiros diz que pode fazer “qualquer coisa” e o outro pode fazer “tudo”, sobra-me “nada”. O riso dos meninos que toldou um pouco a frase final do professor, dizendo ser aquela uma mostra da sapiência de um escravo, se constituía numa estudada aula de amor-próprio que fazia por inocular nos meninos que carregavam o estigma sempre presente de ser negro, ser pobre, haverem sido seus pais escravos. Mais tarde, quando uns poucos deles conseguissem chegar às faculdades e universidades negras, haveriam de colocar num patamar de superioridade aos líderes do pensamento que impregnaria os livros a serem compulsados, o vulto de um escravo como fora meu avô, pensaria um deles.

NO PÓS-GUERRA CIVIL

Passaram-se muitos meses. Talvez muitos anos. Um dia o professor escreveu em seu diário: “ Então, adiante, quando fui para Nashville vi o grande templo, erguido com essas canções, altaneiro, sobre a pálida cidade. Para mim o Jubilee Hall era, em si, formado pelas canções, e seus tijolos eram vermelhos pelo sangue e humilhação da corvéia”. Lecionava já na Universidade, quando falou sobre Crispus Attucks — um marinheiro negro, também escravo. Mas seu objetivo principal era falar a respeito de Aníbal, general e político cartaginês. Sobre Attucks, informou a seus alunos que esse havia se constituído no primeiro herói de guerra, dentre os afro-americanos. Morto pelas tropas inglesas em cinco de março de 1770, quando participava da sangrenta revolução que libertou parte da América do jugo britânico e fez surgir os Estados Unidos como nação independente. Sem desmerecer Attucks, o professor explicou que também esse constituía-se num caso à parte. Sua participação na Revolução Americana deveu-se mais às restrições que os ingleses impunham à navegação na colônia – assim que seus interesses

eram os mesmos dos brancos, então. Não obstante, ele era um escravo fugitivo. Não importava, portanto, quem viesse a vencer – ingleses ou americanos – sua situação continuaria a mesma. Entretanto Attucks não sobreviveu, tornou-se um dos mártires do movimento revolucionário. O professor estava tranqüilo, falando do mártir americano – mas queria de fato falar sobre Aníbal. Tremulava em seu interior a mesma chama que o acompanhava de há muito – o fulgor que iluminava a busca histórica de redescoberta da exponencial participação do negro na civilização.

“Vou falar de Aníbal” – prefaciou e prosseguiu contando que o general que vivera em Cartago, entre 247 e 183 antes de Cristo nascer, e que havia sido o maior líder e estrategista militar de todos os tempos. Explicou, Cartago havia sido uma potência marítima, porém naquele tempo já em declínio. Procurou dar ênfase, o professor, para a informação seguinte: “ Os cartagineses descendiam dos fenícios, que se constituíram grandes mercadores negros: negociavam com os povos à margem do mar Mediterrâneo, as conhecidas ilhas sicilianas e, mesmo, atingiam a Índia” Alongou-se em comentar a saga de Aníbal, que sucedeu a seu pai Amilcar, tornando-se o governante geral da península. Com uma força armada composta de oitenta mil infantes, doze mil cavalarianos, e quarenta elefantes de guerra, conquistou quase todo o território espanhol e francês, bem como a Itália quase por inteiro, ficando fora apenas Roma. Esta foi conquistada de forma surpreendente, narrou o professor ressaltando alguns detalhes. Com sua tropa de elefantes de guerra, Aníbal cruzou os Alpes, surpreendendo e derrotando os inimigos que encontrava. Quase em Roma, teve de enfrentar o general Cipião que foi surpreendido, também, pelos elefantes e, em seguida, por legiões de bem armados e treinados soldados de infantaria. “O general negro”— assinalou o professor — “enfrentou ainda os nobres romanos Varrão e Paulo Emílio, noutra importante batalha. Era 216 antes de Cristo; Aníbal tinha 30 anos de idade. Com apenas cinqüenta mil homens, contra noventa mil dos romanos, sabedor de que não poderia vencer usando sua força principal, dispôs a parte mais fraca de seu exército no centro da batalha, em oposição à consolidadas táticas de guerra. Usando seus soldados mais experientes e a cavalaria em ambas as alas, os romanos os atacaram com todo o poderio no centro, como Aníbal havia previsto. Assim,

quando aqueles pensaram haver liquidado com as forças do cartaginês, esse atacou então pelos flancos, liquidando com cerca de setenta mil romanos, incluindo-se entre eles o cônsul Paulo Emílio e oitenta senadores”.

Foi quando um dos alunos lembrou o papel de destaque que teve na Batalha de Bunker Hill, Peter Salem, ex-escravo de Framingham que matou o major John Pitcairn, subcomandante dos Fuzileiros Navais Ingleses.

O professor pensou em responder-lhe dizendo que imensa era a galeria dos heróis negros americanos até aquele dia, e que a conhecia muito bem. Mas seu objetivo era outro: buscava a edificação da mitologia negra, que os brancos insistiam em negá-la como existente, chegando a travestir de arianos grupos inquestionavelmente negros. Que o passado do negro americano não regredia apenas até a senzala, tampouco à sua chegada às terras americanas. Iniciara-se, sim, com o surgimento da espécie humana, no continente africano. Todavia, sentiu que lançara mais uma pedra no alicerce da construção que ele e, então – eram os primeiros anos do novo século vinte – um pequeno grupo de negros americanos letrados se empenhavam.



"Licença" cinematográfica

Nos anos 1960 o cinema internacional produziu um grandioso filme – *Khartoum* – para contar os eventos que culminaram com a morte do general Inglês Charles George Gordon, na defesa de Cartum, que escapava ao domínio inglês, para cair nas mãos do líder religioso sudanês, Mohammed Ahmed – que se havia proclamado o

Mádi – o Messias.

De qualidade plástica incontestada, com licenças literárias que afrontam os fatos – como Laurence Olivier, famoso astro britânico, pintado de preto para desempenhar o Mádi, e o encontro desse com Gordon – o filme dá mais importância a Gordon, o derrotado. Ele fez jus ao título honorífico pachá, pois, quando governador-geral do Sudão, fez-se respeitado pela vitoriosa erradicação do tráfico de escravos sudaneses. No filme, viveu-o o americano Charlton Heston.

A abertura do filme contempla uma narração, sobre imagens do Egito, que bem pode prefaciar a história a seguir contada, sobre Mohammed Ahmed. Do filme:

Ali sempre esteve o Nilo. Muito antes do Cairo; antes das tumbas dos reis – ele, a razão de tudo. É um tanto complicado inferir de quão distante fluem suas águas: elas são as chuvas da Abissínia; as águas escorridas dos lagos da África Central, marchando milhares de quilômetros para tornar verdejante o Egito.

O Nilo tem suas reminiscências. A história de Cartum é recente. Distante cerca de um século: ontem, nesta parte do mundo.

Mas tão distante quanto possa se recuar, antigas recordações do Nilo têm várias coisas em comum. Por exemplo: há sempre Deus, ou se preferir, deuses. Parece impossível viver ao lado desse rio e não se envolver com visões de eternidade. E há, também, o mistério. Inexplicável. Surgem indagações que ninguém as pode responder.

E algo a mais: Por que tudo é tão grandioso, gigantesco, fora de medida. Vaidade? Talvez. Ou visões. Vaidade sempre se misturou com visões. Assim como esta parte da história.

Mas é o Nilo que se mantém como o fato original.

O Nilo e, é claro, o Deserto.

Suba o Nilo, deixe o Egito para trás e suas terras verdes. Adentre o Sudão. Milhões de quilômetros quadrados de deserto e agreste.

Foi aqui. No meio do nada africano que um homem do Nilo, um homem de visão e mistério e vaidade ergueu-se, nos anos do século mil e oitocentos, para desafiar, primeiro o Egito e depois o mundo. Chamou-se de Mádi – o Prometido. Arregimentou à sua retaguarda as tribos do Sudão e proclamou uma Guerra Santa.

O Egito contratou um exército de dez mil homens e um soldado profissional inglês para comandá-lo, e marcharam mais de trezentos quilômetros, deixando Cartum, deserto adentro para destruir o Mádi.

Nossa história teria tido um rumo diverso se o coronel Hicks não houvesse se esquecido – em verdade, se ele algum dia soube – do que o Sudão mais tem: a imensidão.

O Mádi deixou o coronel adentrar o deserto mais e mais... e mais...

Mohammed Ahmed – O Mádi *vencedor do famoso general inglês Gordon*⁶

O mais venerado dentre os muçulmanos em tempos modernos é, sem dúvidas, Mohammed Ahmed, chamado de o Mádi – o Messias do Sudão. Seus seguidores tinham-no em tal grau de veneração que disputavam a água em que se havia banhado e rolavam no chão por onde passara, considerando-os sagrados.



E merecia. Afinal, o Mádi os havia livrado de sessenta anos de escravidão e violenta taxaço nas mãos de egípcios e ingleses. Em campanhas seguidas, foi derrotando as tropas de ingleses e egípcios, combinadas, o que na visão de seu povo se constituíam em milagres de Deus. Como Maomé, o antigo, Mádi começou sua vida de forma muito modesta. Nasceu em 1848, em Khanag, no Sudão – filho de um pobre carpinteiro. Foi servir a um comerciante francês, trabalhando em sua casa como menino faz tudo. Com memória prodigiosa, podia, já aos 12 anos, repetir capítulos inteiros do Corão. Enquanto fazia os trabalhos de limpeza na casa do patrão ou lustrando as botas desse, tinha sempre nas mãos um exemplar do livro sagrado. Sentindo, todavia, que o trabalho doméstico atrapalhava seu desenvolvimento religioso, abandonou o emprego, juntando-se a dois irmãos seus, tão pobres quanto ele, mas que podiam alimentá-lo enquanto se dedicava de todo ao estudo da religião numa madraça local. Era, aí, o mais brilhante dos alunos. Todavia, seu zelo e sinceridade colocaram-no em maus lençóis. Começou a perceber que, enquanto a maioria de seu povo vivia na miséria, uns poucos

⁶ Em *World's Great Men of Color*, de J. A. Rogers, www.amazon.com/Worlds-Great-Men-Color-Historical/dp/0684815818/ref=pd_bbs_sr_1/002-3474432-2031213?ie=UTF8&s=books&qid=1184290754&sr=8-1

desfrutavam de conforto e riqueza. Seu professor, Mohammed Sherif deu uma grande festa, comemorando a circuncisão de seu filho. Ele estava presente, como convidado. Então, recusou-se a tocar sequer um bocado da comida e criticou o anfitrião, em frente a seus convivas, clamando que era vergonhoso ver pessoas se banquetear enquanto outros passavam fome. As pessoas ficaram alarmadas com a audácia daquele João-ninguém; Mohammed foi posto para rua da casa do professor. O incidente marcou o jovem naquela comunidade e foi com grande esforço que conseguiram matriculá-lo em outra escola. Mas ocorreu outro efeito: tornou-se um herói entre os pobres. O fato de haver repreendido os ricos em seu próprio ambiente excitou-os sobremaneira. Todavia, mesmo antes desse incidente sua popularidade já se havia espalhado, especialmente entre as mulheres. Era o tipo cooperativo e gentil – ajudava-as a carregar aos pesados baldes com água que carregavam. Em pouco tempo, espalhava-se a versão de que ele era o há muito esperado Messias, que apareceria no ano 1300 da fé islâmica – 1881 da Era Cristã, que se aproximava. Mais respeitado ficou à medida que souberam ser seu nome Mohammed (Maomé), como o profeta, e que os nomes de seus pais eram os mesmos dos genitores do profeta – Abdulah e Eminah.

Alarmados com a crescente popularidade do Mádi e mostras de descontentamento das pessoas, tentaram prendê-lo. Conseguiu, entretanto, escapar com alguns seguidores; homiziaram-se numa ilha do Rio Nilo, 380 quilômetros adiante.

A ilha passou a receber peregrinos de todas as partes do Sudão, que após ouvirem suas fervorosas preces saíam com mais certeza de que, sim, aquele era o Mádi – o Messias, que os iria libertar de todos os “*turcos*”, como chamavam os seus opressores, independentemente de nacionalidade, raça ou religião.

Assim foi até que o ano 1300 chegou. Então, na noite do ano novo, mandou que mensageiros partissem Sudão adentro, espalhando que ele era o Prometido. Clamando para que todos se purifiquem e aguardem o momento da revelação.

As autoridades, então, decidiram quem havia chegado o momento de agir. A decisão foi de ao invés de tentar prendê-lo, fazê-lo aceitar um convite do governador geral, pachá Raouf, em termos muito polidos, para que viesse a Cartum, a capital, a fim de provar seus

conhecimentos do Corão a uma banca de sábios e assim provar que era, realmente, o Prometido. Se conseguisse provar isso, seria a partir de então reverenciado como tal.

Vislumbrando a armadilha, devolveu o convite e mandou dizer: “Pela graça de Deus e de seu Profeta Sagrado, sou o senhor do Sudão. Não necessito ir a Cartum para provar isto”.

Assim, pachá Raouf ofereceu uma grande soma e dinheiro para quem o trouxesse morto ou vivo. Mádi deu como resposta a convocação de um *jihad* – guerra sagrada, cujo butim seria repartido, ficando quatro quintos com os seus seguidores.

O pachá organizou duas companhias separadas para a captura de Mádi. Quando os soldados chegaram às proximidades da ilha onde ele se encontrava, começaram a brigar entre si, a fim de o vencedor ser o primeiro a capturar Mádi e assim receber o prêmio ofertado pelo pachá. Mádi esperou que ficassem os dois grupamentos enfraquecidos o bastante para então atacar o que sobrara.

O evento foi considerado como milagroso. Os inimigos que haviam vindo para matar o Mádi voltaram-se contra si mesmos. “Sim, o Messias havia chegado!” O povo seguia-o cada vez em maior número, e armas deixadas pelos derrotados eram trazidas para fortificar seu exército. Novamente, o Egito destacou mais contingentes para reprimir o Mádi – todavia, a derrota os abateu. A fama de milagroso se expandia, pois de que outra forma uma horda de maltrapilhos e mal armados podia enfrentar um exército regular como o egípcio e, assim mesmo, abatê-lo? Os mensageiros do Mádi espalharam que Alá havia enviado anjos invisíveis para combater ao lado do Prometido e que sempre seria assim, desde de que as batalhas fossem para servir aos desígnios de Alá. Das planícies, desertos, florestas e montanhas os homens se apressavam em seguir a bandeira preta do Mádi – milhares apareciam de Salem, Baggara, Risega, Homer, Dinka, Bongo, Madi, Bari. Vinham montados em cavalos, armados com rifles e lanças feitas artesanalmente. Alguns dentre os mais pobres vestiam apenas esfarrapadas tangas. Mas eram todos fanaticamente bravos e tinham apenas um objetivo: liberdade ou o paraíso.

Decepcionados, os egípcios chamaram de volta pachá Raouf e o substituíram por um novo governador-geral com um exército mais poderoso. Porém, batalha após batalha

as hordas intoxicadas com a visão do paraíso aniquilavam todos que a elas se antepunham. O Mádi em pessoa, alto, majestoso, como um deus talhado em bronze negro, vestido em tremulante branco, montando esplêndida cavalgadura árabe, também branca – liderava-os todos.

As vitórias continuaram. Em Senaar, de 6000 egípcios apenas 20 escaparam com vida; em Djebel-Gadir, em junho de 1882, dois corpos inteiros de exército foram batidos; em Seriban, em julho do mesmo ano, de um exército de 6100 homens, apenas 12 escaparam. Em outubro, outra derrota foi infligida a uma força de 10.000 homens.

Forte o bastante, agora, para afrontar o inimigo em seu reduto, atacou a cidade de El Obeid, onde sofreu momentânea rejeição, mas logo após conquistou-a com grande morticínio e pilhagem. Seus seguidores, enlouquecidos por anos de crueldade e injustiça do mais alto nível de fanatismo religioso, mostravam-se impiedosos com os inimigos.

O próximo alvo do Mádi seria a cidade de Cartum, de onde, um dia, havia fugido. Capital do Sudão, Cartum era rica. Era o centro que atraía as caravanas que partiam do interior e de locais distantes como à Etiópia. O tráfico de escravos também era gerador de muita riqueza aí.

A Inglaterra, como dominadora do Egito, mostrava-se agora alarmada. O Mádi dava um exemplo que poderia vir a ser seguido por toda a África. Despachou, então, um exército de 10.000 homens, armados com o que havia de mais moderno em material bélico, sob o comando de Sir William Hicks, veterano de guerras na Índia, para atacar o Mádi.

Chegando ao Egito em dezembro de 1882, Hicks cruzou o Canal de Suez, desembarcando com sua tropa em Suakin, antigo porto do tráfico escravista, para atacar o Mádi. Atravessando o deserto da Núbia, após terríveis dificuldades, como o calor e a sede, conseguiu chegar a Berber. Daí subiu o Nilo, desafiando tribos hostis; e foi adiante. Seu alvo era Cartum.

O Mádi que, nesse ínterim, havia esmagado os egípcios em Abu Ahmed e El Dheheb, aumentando assim expressivamente seu prestígio, ao tomar conhecimento da aproximação de Hicks, dividiu suas tropas em duas frentes. Uma parte marchou para confrontar-se com Hicks; a restante permaneceu na região de Cartum.

Hicks chegou primeiro a Cartum. Deixou cerca de 3000 homens para protegê-la. Partiu com o restante, a fim de atacar o Mádi. Esse, porém, recuou para El Obeid, com Hicks no seu encalço. Quando alcançou essa cidade, Mádi havia partido em direção ao deserto. Hicks foi atrás. Teve uma surpresa desagradável: os poços de água haviam sido todos envenenados. Restava-lhe o deserto sem água para homens e animais. No terceiro dia, quando as forças de Hicks estavam combalidas pela sede, um espião do Mádi que aí se havia infiltrado, conseguiu fazer o general inglês cair numa armadilha.

Apesar de fracos, os soldados de Hicks marcharam com garbo por vários dias deserto adentro. Então, em três de novembro de 1883, quando chegaram a um ponto determinado, foram atacados pelas tropas do Mádi, e completamente aniquilados. Apenas um soldado branco escapou. Hicks foi encontrado morto sob um monte de cadáveres. Aquele era um dia sombrio para a Inglaterra.

As forças que o Mádi havia enviado para Suakin haviam também recolhido vitórias. Sob a chefia de seu mais hábil comandante, o famoso general Osman Digna (tido como um mulato francês de nome Georges Nisbet) derrotou o general inglês, Sir Samuel Baker. Osman Digna então marchou para atacar a própria Suakin tendo sido escorraçado pelo general inglês Graham.

Outros eventos notáveis do Mádi continuaram a se suceder. Conquistou Berber, Dongola, Darfur e outras ricas províncias equatoriais.

Dando-se conta de que tinha um inimigo de alto nível, a Inglaterra optou por mandar seu mais destacado comandante, o general Charles George Gordon, conhecido como “Gordon Chinês”, por haver servido com grande sucesso na China. Em comum com Mádi, era também um crente. Só que à fé cristã. Chegando a Cartum, Gordon encontrou como desesperadora a situação no Sudão. Percebendo que demandaria imensa força e muitos recursos financeiros para conquistá-lo, optou por seguir a via diplomática. Havia apenas um homem em toda a África capaz de lidar, como desejava Gordon: O pachá Zobeir, um mulato aventureiro, descendente do califado de Abássida, que por seu turno, eram descendentes da família de Maomé. Zobeir que chegara ao Sudão originariamente como mercador de escravos, tornara-se um renomado comerciante, conseguira ser aceito entre

os locais. Convidado sob pretexto qualquer a ir ao Egito, foi jogado numa prisão. Gordon atuou junto ao governo em Londres para que Zobeir fosse aceito como negociador, porém, o primeiro-ministro inglês, Sir Gladstone, sensível à opinião pública que repudiava um personagem que outrora fora um mercador de escravos, não deixou a Gordon outra opção senão de ele mesmo agir como mediador. Iria negociar com o Mádi. E ofertou-lhe a posição de governador-geral de uma província. O Mádi o ridicularizou: Por que uma província se hoje, com exceção de uma ou duas, todo o Sudão lhe era subordinado? E mais, na resposta, sugeriu que Gordon se convertesse ao islamismo.

Vendo que tudo estava perdido, Gordon fez com que as mulheres e crianças saíssem da cidade. Logo após, as tropas do Mádi chegaram e sitiaram por completo Cartum.

Constituiu-se num dos mais longos sítios da história moderna. Meses se passavam enquanto o Parlamento da Inglaterra debatia a questão. O terreno era perigoso e a Inglaterra temia perder outro exército. Finalmente, uma expedição composta de 25.000 homens foi enviada sob o comando do famoso general lorde Wolseley, cuja vitória sobre os egípcios em Tel-el-Kebir, em 1882, resultou na colonização do Egito pela Inglaterra.

Wolseley marchou então Nilo acima, usando 800 barcos, tentando alcançar Gordon antes que fosse tarde demais. Em Abu Klea, marchou contra forças de Mádi, venceu-as e apoderou-se de alguns poços – mas ao preço de pesadas baixas. Ainda, alguns dias após, seu segundo em comando, general Steward, foi derrotado e morto.

Semanas adiante, uma parte de sua expedição chegou a Omdurman, a poucos quilômetros de Cartum, não antes de seus barcos haverem sido violentamente atacados pelos canhões Krupp dos muçulmanos. A vitória de Wolseley foi vazia – dois dias antes, 25 de janeiro de 1885, Cartum caíra em meio a terrível carnificina.

Após um cerco de 321 dias, 25.000 homens de Mádi lançaram-se sobre os baluartes da cidade sitiada. Quando chegaram ao palácio do governador-geral, Gordon caminhou calmamente para o exterior. Quando chegou à escadaria, um gigante *kordofan* negro arremessou uma lança, fazendo-o tombar. Então um oficial chamado Nisser decapitou-o com sua espada. No corpo caído, fanáticos espetavam suas lanças em ódio extravasado.

Penduraram, enfim, o tronco numa árvore, para que todos pudessem vê-lo. A cabeça foi enviada para o Mádi, que, contam, admirava Gordon e esperava convertê-lo ao islamismo.

Vendo que tudo estava perdido, Wolseley recuou para o Cairo com o que sobrara de seu exército.

A derrocada de Cartum e a morte trágica de Gordon se constituíram em severos revezes para o orgulho inglês. Para piorar, outra expedição composta por 11.000 ingleses e egípcios foi derrotada por Osman Digna, com grandes baixas, em Kassala.

O lorde Wolseley, movido pela vingança, apelou por outra oportunidade para atacar o Mádi. Conseguiu. Retornou no mesmo ano com 13.000 soldados brancos, mas foi derrotado. A Inglaterra saiu do Sudão, mantendo-se apenas no porto de Suakin, que podia ser defendido por vasos de guerra.

O Mádi agora era o senhor supremo de um rico império com mais de um 2,5 mil quilômetros de comprimento e mais de 1,2 mil quilômetros de largura. E manteve a palavra empenhada para com seu povo. Não apenas os libertou, mas também lhes deu uma melhor qualidade de vida. Grãos eram estocados numa casa comunitária – Beit-el-Mal – e todos podiam buscar alimentos ali. Os tesouros adquiridos estocados para o bem de todos. Juntavam-se moedas inglesas e dólares *Maria Theresa* (riyal). Não havia nas ruas pedintes.

Entusiasmado por suas conquistas, o Mádi pretendia seguir adiante. Seria outro Maomé. Conquistaria todas as regiões adjacentes; vergaria a parte cristã da Etiópia; marcharia em direção ao Egito e o conquistaria como, havia milhares de anos, Piankhy, rei da Núbia, fizera; converteria o mundo ao islamismo; enfim, estabeleceria a paz universal em Meca por um milênio.

Sua formidável carreira, todavia, chegara ao fim. Seis meses após a morte de Gordon foi infectado pela febre tifóide. Em 22 de junho de 1885, no sexto dia de sua doença, tombou. Buscando derradeiras forças, evocou o credo islâmico: “*La illaha illallah Mohammed Rasul Allah*”⁷ e morreu. Tinha, apenas, 37 anos de idade.

⁷ - *Não existe outro Deus, senão Alá*

Seus seguidores sofreram imensamente. Prantearam-no por meses a fio e ergueram uma impressionante tumba no local mesmo onde morrera. Tornou-se um famoso relicário que por muito tempo suplantou Meca.

EM BUSCA DO PASSADO

O professor John Henrik Clarke, historiador, numa de suas muitas conferências sobre o papel da raça negra na história humana, informa sobre os primeiros passos, no distante início do século vinte: “Então escolhi o Harlem como laboratório se minhas pesquisas, onde buscaria a história verdadeira de meu povo. Não conseguia suportar mais as mentiras contidas na História Geral. Assim que alinhei algumas estratégias que haveriam de permitir-me uma atuação de ativista negro e desenvolver meu trabalho intelectual. Comecei a aplainar caminhos que levariam ao que vislumbrava como uma árdua marcha”. Nascido em 1915, e vivo ainda no fim do século vinte, esse professor gastou rios de tinta, escrevendo histórias que tinham por objetivo contestar a posição seguinte: “Quando os europeus despontaram nos séculos quinze e dezesseis, pela segunda vez, eles não apenas colonizaram a maior parte do planeta, senão que colonizaram informações a respeito dessa. Colonizaram imagens, inclusive a de Deus, e desta forma colocaram os negros numa armadilha: somos o único povo que reverencia um Deus, que não é à sua imagem e semelhança”.

Criador de mais de duzentos contos, o professor Clarke guarda com carinho aquele que intitulou “ *O menino que pintou Jesus negro*”. E recordava com o mesmo sentimento o instante que o inspirou, numa aula de História proferida em Atlanta, capital da Geórgia, estado em que nasceu. Um obstinado estudante, com cara de menino, o induzira a elaborar a historieta que tanto prezava. Depois daquela aula, um folhetim circulou na universidade e espalhou-se pelo país afora:

“ Antropologista, arqueólogo, renomado intelectual, o Dr. Albert Churchward teoriza que os mais antigos membros da espécie humana despontaram há cerca de dois milhões de anos na região dos lagos da África Central. Esses espécimes antigos num dado momento se espalharam por todo o continente africano. Outras autoridades que atuam no mesmo campo que Churchward concordam com sua teoria, inclusive o Dr. L. S. B. Leakey. Em 1963, Leakey encontrou fósseis humanos na África do leste, com idade igual a mil e duzentos anos.

“ A ancestralidade africana da raça humana é hoje aceita como um fato. Estudos indicam que a migração do homem ancestral teve origem na África, e chegou a Europa vinda do centro e leste africanos cerca de duzentos mil anos atrás.

“Estudos indicam também que, por necessidade genética, os seres humanos eram etnicamente homogêneos, todos negróides. Vivendo em torno aos trópicos, nos lagos centrais, os seres de então desenvolveram um mecanismo em seu organismo que exacerbava a secreção de pigmentos escuros (melanina). Assim, na medida em que seres foram saindo dos trópicos, seus organismos passaram a produzir diferentes níveis de pigmentos, criando as raças como são definidas atualmente.

“Os fósseis mais antigos foram recolhidos nos desfiladeiros de Olduval, no Quênia, em Uganda e na Tanzânia. Eram homens de estatura baixa, que adoravam ao deus Bes, e nas terras que viriam a ser o Egito, estabeleceram as primeiras dinastias”.

A aula contemplou o interesse específico de uns poucos alunos; o folheto todavia se espalhou, através da impressão e reimpressão em mimeógrafos rodou pelas escolas e faculdades negras.

Despertou sobremodo o interesse de um professor de história: William Leo Hansberry, da Universidade Howard⁸, em Washington, capital do EUA. Em companhia do artista plástico E. Harper Johnson desenvolveu o trabalho que intitulou “O Passado de Ouro da África”, e ganhou em cinco capítulos, espaço na revista *Ebony*⁹, atingindo milhões de afro-americanos, leitores da revista, que se deleitaram com o material pictórico de alta

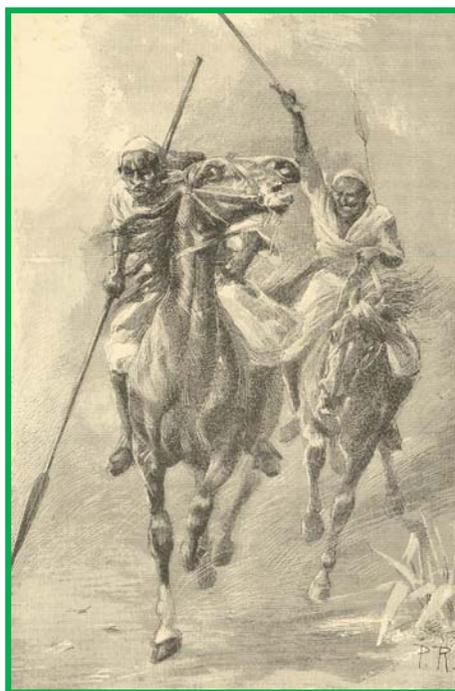
⁸ - Obras de William Leo Hansberry: 1 - *Africa and Africans as seen by classical writers* (África e africanos como vêem escritores clássicos): Editora: Howard University Press, 1977-81.

2 - *Africana at Nsukka: inaugural address delivered at the Hansberry College of African Studies, Nsukka, Eastern Nigeria* (Áfricana em Nsukka: aula inaugural na Faculdade Hansberry, em 22 de setembro de 1963. Editora: Howard University, 1972.

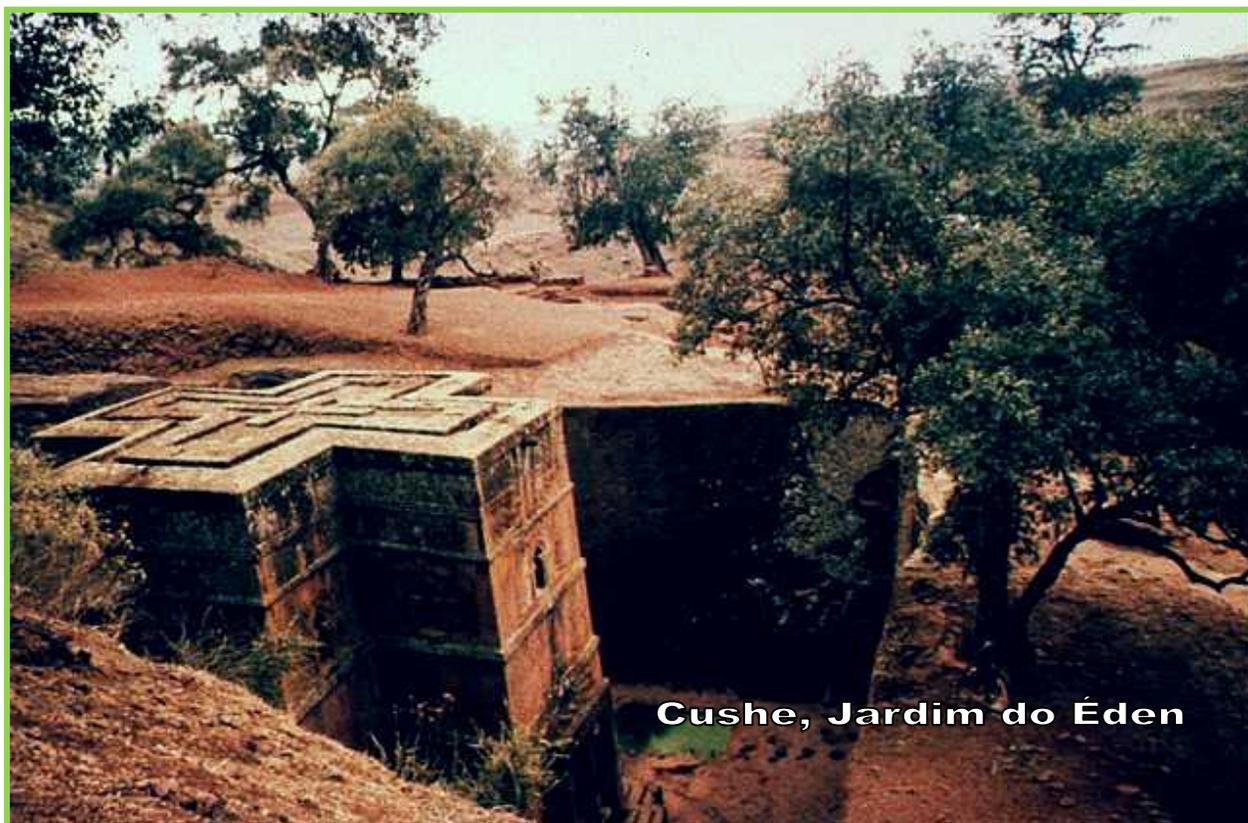
3 - *Pillars in Ethiopian History* (Sustentáculos na História Etíope) Editora: Howard University Press, 1974.

⁹ - Revista mensal ilustrada, fundada em 1945, por John H. Johnson, tendo como alvo a comunidade afro-americana.

categoria, bem como com o texto em tom épico e com um olho voltado para a religiosidade dos leitores batistas, evangélicos, enfim, cristãos. O trabalho conjunto, que viria a ser um livro esgotou-se com a morte de Hansberry. O material, com a pesquisa crescente nas universidades negras fragmentou-se e serviu de base para inúmeros outros trabalhos que foram mais específicos, profundos e amplos. A experiência de Hansberry, no projeto do livro que seria *"Imemorial África"*, jamais foi terminado. Transformou-se em material de panfleto, ganhou o domínio do público interessado, circulando nas escolas, universidades, igrejas e clubes. Nos dias de hoje está na Internet. Ficou assim:



I - A VIDA PODE TER SURGIDO EM CUSHE¹⁰



“Ficava onde o Jardim do Éden?

Quando e onde o homem e, enfim, as coisas vivas despontaram na face da Terra pela primeira vez?

Quem ergueu a primeira civilização?

Qual o papel que os homens e as mulheres negros desempenharam no drama humano que então se iniciava?

Poetas, profetas, filósofos e construtores de mitos, na maioria dos povos, conseguiram responder a algumas dessas perguntas, satisfazendo, muitas vezes, no

¹⁰ - **Cushe**, também **Kush**: **1.** Antiga região do noroeste da África onde os descendentes bíblicos de Cush se estabeleceram. É geralmente identificada com a Etiópia (Isaias 11:11). **2.** Antigo reino da Núbia no norte do Sudão. Floresceu entre os século 11 antes de Cristo até o 4º século depois de Cristo, quando sua capital foi dominada pelos etíopes.

mínimo, sua própria curiosidade, ou a dos grupos tribais, ou nacionais aos quais ensinaram. Para os atenienses, os primeiros homens teriam surgido no solo ático, como plantas em um jardim. Os antigos hebreus e seus descendentes espirituais formaram a tradição segundo a qual Adão teria sido o primeiro homem, moldado com o barro do Jardim do Éden, seis dias após a criação do mundo.

Embora seus conceitos não sejam tão conhecidos no Ocidente quanto os das nações grega ou hebraica — os africanos de antigamente não foram silentes a esse respeito. O poeta Píndaro afirmava que os antigos líbios cultuavam a versão de que Jarbas, o primeiro dos homens, surgiu no coração da Líbia, e foi alimentado com frutos do carvalho. Egípcios, por sua vez, defendiam que seu país, o mais antigo dentre as nações, vira os deuses moldarem o primeiro de todos os seres humanos, com mãos empapadas de barro, umedecido com as "santificadas águas do Nilo".

De muitas partes da África, como Etiópia, Tanganica, Quênia, Rodésia (Zibábue, hoje), Congo, Gana, Nigéria e Libéria — despontaram histórias, cada uma evocando como sua a origem da humanidade. Parece-nos, entretanto, ser a versão mais atraente, dentre estas, de apurar a origem e os primeiros ensaios dos homens e suas culturas, a dos gregos, difundida em primeiro lugar pelos cuchitas — melhor conhecidos na antiguidade como Aethiopians, e que viveram nas regiões assinaladas nos mapas modernos como Etiópia e Sudão.

Ao tempo em que o historiador grego Diodoro Siciliano visitou o Egito, durante o reinado de Ptolomeu Auletes — pai de Cleópatra, e conhecido flautista — teria encontrado, consultado e questionado " muitos padres, embaixadores e outros homens", dos reinos de Cuche, que visitavam o Egito em algum tipo de missão. Em seu magistral trabalho, Biblioteca Histórica, Diodoro registrou muitos tópicos que foram debatidos com clérigos e diplomatas negros dos reinos do sul. Ele diz-nos que os cuchitas não apenas eram de opinião que seu país fora o local de origem da raça humana e o berço da mais antiga civilização do mundo, mas, também, o Jardim do Éden, onde tudo surgiu.

Quando Diodoro disse aos cuchitas que os egípcios haviam reivindicado o mesmo para seu país, os etnocêntricos do sul insistiam que as afirmativas de seus vizinhos do norte colidiam com fatos geográficos e históricos. " No início — afirmavam os cuchitas — o Egito encontrava-se submerso sob o mar, onde permaneceu por várias eras, até que foi trazido das profundezas e transformado, primeiro num pântano, depois em terra seca, com a lama movimentada pelas enchentes anuais do Nilo".

Em oposição aos egípcios, asseveravam os homens de Cuiche, que os primeiros habitantes daquele país haviam migrado de suas terras. Contavam que, em tempos imemoriais, após haver secado o vale do Nilo e tornando-se terra firme, um príncipe cuchita e sua esposa, ambos versados nas artes civilizadas, migraram, acompanhados por muitos de seus conterrâneos, para o Egito tendo ensinado aos povos atrasados ao norte coisas elementares da vida civilizada. Fora com esses colonizadores cuchitas que os primitivos egípcios " aprenderam como fazer estátuas, escrever, dar a seus mortos um funeral adequado, immortalizar seus reis, tornando-os deuses, bem como outras valiosas práticas que foram ali estabelecidas". Como expressão de sua gratidão ao príncipe e à princesa cuchitas por ensiná-los tão úteis, louváveis e variadas artes, os egípcios divinizaram o casal real, batizando-os como Osíres e Ísis, passando a adorá-los, bem como a seu filho Horus, transformando-os na mais venerável tríade divina do Egito.



A versão oferecida por Diodoro do conceito cuchita da origem da humanidade encontrou, apesar da acentuada etnocentricidade dos povos clássicos, uma excepcional e duradoura aceitação, nos círculos mais esclarecidos do mundo helenístico. Em antes de Diodoro, os cuchitas eram internacionalmente sua civilidade, humanitarismo e maneiras nobres, além de



particularmente verdade, muito conhecidos por sua coragem nas armas. Homero os conheceu como um "povo imaculado". Para Heródoto, o Pai da História, bem como para escritores clássicos posteriores, eles foram os mais altos, bonitos e justos dos homens. Plínio, o Velho, reflete uma antiga tradição quando diz que a Etiópia

sudanesa ou o Reino de Cuche era um famoso e poderoso país em tempo que coincide com a Guerra de Tróia. Arentinus de Mileto e Quintus de Esmirna diziam não ter havido ninguém mais bravo e mais humanitário na defesa da Illium (Tróia), de Príamo, do que Memnon, príncipe da Etiópia e seus poderosos exércitos "formados pelos escuros filhos da Etiópia". Numa alusão à grandeza militar dos antigos cuchitas, encontra-se escrito no Livro de Isaias (18.2) "que eles eram homens de grande estatura... um povo terrível, desde tempos imemoriais..."

Se é verdade, como as citações anteriores indicam, que Cuche e Etiópia constituíram-se em palavras familiares à muitas terras fora da África, em tempos anteriores a Diodoro — este grande siciliano foi, sem dúvida, o primeiro a prestar atenção às reivindicações do povo etíope-cuchita de que fora, a tropical África, o berço das primeiras civilizações e, enfim, o local do Jardim de Éden. Tão abrangentes como eram tais reivindicações, elas mereceram o respeito, muitas vezes; noutras, imprópria interpretação, por parte de pesquisadores de todo o mundo, desde os tempos de Diodoro.

Na onda do renascimento do estudo dos clássicos, na Europa, no alvorecer dos tempos modernos, opiniões vetustas relativas à antiguidade da civilização de Cuche e das terras etíopes, bem como o débito do antigo Egito para com seus vizinhos do sul, encontraram novos e qualificados defensores. O mais famoso dentre estes, por certo, é o filósofo e historiador francês, François de Chasseboeuf, melhor conhecido como Conde de Volney, cujo livro "Ruínas dos Impérios" foi publicado em 1791. Na pátria dos cuchitas de Diodoro "um povo agora esquecido descobriu, enquanto os outros eram ainda bárbaros, os elementos das artes e das ciências. Lá, uma raça de homens, agora discriminada pela sociedade por sua pele escura e cabelos encarapinhados, lançou as bases do estudo das leis da natureza e dos sistemas civis e religiosos que regulam as culturas do homem em todo o planeta".

A importância e difusão do conceito expresso pelo Conde de Volney podem ser medidas pelo fato de, passado um século da assertiva, muitos historiadores valiam-se

ainda dos mesmos conceitos para expressar seus pontos de vista. Já em 1730, Charles Rollins, o erudito autor de “História Antiga”, atribuiu a membros da raça negra o estabelecimento das primitivas civilizações egípcias. Alguma décadas após, o naturalista e anatomista inglês, John Hunter e James Cowles Prichard, um dos fundadores da ciência da Antropologia, deixavam atônitos seus contemporâneos ao declarar que, por evidências históricas disponíveis, poderiam afirmar que a cor original da raça humana era a preta. É de Pichard a afirmativa segundo a qual todas as outras variantes de cor da espécie humana derivam de um único ancestral, que se transformou a partir de alterações físicas e em resposta a diferentes tipos de estímulos ambientais e culturais.

Em 1790, ano que antecedeu à publicação de “Ruínas dos Impérios”, James Bruce, renomado conhecedor, in loco, da África, publicou seu brilhante, embora em muito especulativo, trabalho sobre as condições geográficas e processos históricos que ensejaram o surgimento da civilização na região de Cucho, Etiópia e vizinhanças, ao invés de outras partes do mundo. Entre 1826 e 1828 Frederic Caillaud publicou sua admirável monografia, “*Voyage à Méroé*” (Viagem a Méroé), uma detalhada exposição de evidências arqueológicas que — juntamente com outros importantes materiais históricos — parecia indicar que os elementos básicos do Egito antigo derivaram, como diziam os cuchitas, da Núbia e sul da Etiópia.

Enquanto as conclusões de Caillaud ainda se encontravam frescas na mente do público, seu brilhante compatriota Jean François Champollion — o qual compartilhou com o inglês Thomas Young a honra de haver pioneiramente decifrado os mistérios dos hieróglifos — também desenvolveu um extensivo trabalho de campo, tanto no Egito como em partes da Núbia, cujos resultados enviou por carta a amigos e parentes na Europa. Afirmava, então, que os antigos egípcios eram, não de origem asiática, como defendiam alguns professores europeus, mas descendiam de um ancestral cujo lar era a Etiópia, o sul do Sudão e a Núbia. Durante o mesmo período, semelhantes pontos de vista foram externados pelos professores Arnold H. Heeren, da Universidade de Göttingen e George A. Hoskins, também erudito arqueólogo inglês.

As opiniões dos arqueólogos no que concerne ao débito dos egípcios para com seus vizinhos do sul representaram o pensamento dominante, ortodoxo e autoritário, desde os tempos de Diodoro até meados do século XIX. No ocaso desse século, entretanto, ocorreu uma série de fatos que terminaram praticamente em suprimir antigos e tradicionais conceitos.

Um desses desdobramentos foi a expansão da influência do conceito “*ex oriente lux*” — do Oriente (vem) a luz. Isto se deveu, em essência, ao resultado de descobertas ocorridas no próximo e médio Oriente, entre 1840 e 1910. Como resultado dessas descobertas e a estudos a elas relacionados, bem como a trabalhos desenvolvidos no Oriente Médio e no Oriente Próximo, vieram à luz premissas consideráveis que pareciam indicar, para alguns professores, ter sido a partir do Leste, no caminho de Suez, que os antigos egípcios e sua civilização migraram.

Outro fator, e talvez o de maior peso, foi a fantástica massa de desinformação que fizeram cair sobre a África, os africanos e seus descendentes, especialmente entre 1769 e 1865, por poderosos comerciantes de açúcar e algodão, além de traficantes cristãos (ao contrário dos muçulmanos) de escravos, que se opunham aos esforços dos humanitários e abolicionistas de tornar ilegal tanto o comércio quanto a escravidão de seres humanos. Para atingir esse fim os traficantes e proprietários de fazendas mantinham um intenso programa, que consistia em fazer o mundo crer ser melhor para os negros africanos sujeitarem-se à escravidão no Ocidente cristão do que viver entre canibais e adoradores do mal, em selvas de doenças e febre de seu ancestral continente. Qualquer evidência de superioridade por parte dos africanos era distorcida, ignorada ou suprimida. Embora os defensores do escravismo tenham falhado em conservar para sempre o sistema de que se alimentavam, tiveram sucesso no plantar na mente do público estereótipos tais como “*África selvagem*” e “*selvagem africano*”.

Um terceiro desdobramento ajudou bastante em agitar, por certo tempo ao menos, os antigos conceitos. Foi o trabalho de Karl Richard Lepsius, lingüista e arqueólogo alemão que desempenhou importante papel ao dar direção certa para o pensamento egiptólogo, especialmente entre os anos de 1842 e 1884. Baseado naquilo que ele acreditava ser

plausível e uma interpretação objetiva dos restos que foram por ele e seus colegas examinados, Lepsius recusou com ênfase o ponto-de-vista tradicional segundo o qual os elementos básicos das civilizações mais primitivas do Egito teriam derivado da Núbia e Etiópia. Os ditames de Lepsius não foram aceitos por todos os mestres europeus. Entre os professores que abraçaram as posições mais tradicionais estavam Reginald Stuart Pool, renomado egiptólogo inglês; Lance Fleury, notável historiador francês; Sir Edward B. Taylor, um dos fundadores da antropologia e R. Hartmann, eminente etnologista. Não obstante, durante a segunda metade do século XIX, as vozes que divergiam de Lepsius foram tornando-se cada vez mais raras.

Então, na virada do século, uma série de eventos e desdobramentos determinaram uma mudança no rumo dos eventos, pelo menos no meio século anterior. Em menos de uma década não apenas os antigos cuchitas e etíopes reconquistaram a atenção de mestres do Ocidente — reabrindo o debate sobre a origem africana da civilização egípcia e características raciais daqueles povos —, como os estudos a seu respeito adquiriram eficácia praticamente inalcançada por qualquer iniciativa anterior.

Como resultado de trabalho pioneiro de homens como Giuseppe Seigi, E. W. Budge, David Randall-Maclver e J. Arthur Thomson, e recentes descobertas arqueológicas na África dão cada vez mais suporte à crença de que a Núbia e a Etiópia se constituíram em berço das civilizações mais antigas do planeta e, também, das primeiras civilizações egípcias.

Novas luzes iluminaram outro problema intrigante: a identidade racial dos antigos egípcios. Egiptólogos, antropólogos e outros estudiosos defrontaram-se com esse problema desde Heródoto, que classificou os egípcios — os quais contemplou com seus próprios olhos — como um povo de pele negra. Em tempos mais recentes bom número de cientistas, especialmente David Randall-Maclver e J. Arthur Thomson tentaram resolver o antigo problema a partir de um sistemático exame de remotos despojos de egípcios. O estudo de Randall-Maclver e um recente trabalho de Frederic Falkenburger parecem indicar que os egípcios formavam um grupo misto, composto de negróides, não-negróides e um grupo intermediário que era representado, na sua maioria, de sangue misturado.

No estudo de Falkenburger é afirmado que os negróides encontravam-se representados expressivamente no período pré-dinástico. Numa fase desse período, de acordo com aquele estudo, o elemento negróide somava quarenta e dois por cento. No reino antigo, todavia, o grupo negróide apresenta um declínio substancial, embora que os grupos de sangue misto totalizavam trinta por cento. Durante o período do Reino Intermediário o elemento negróide aparece excepcionalmente forte, subindo para quarenta por cento nas XI, XII e XIII dinastias. Declina, novamente, no período da XVIII dinastia do império novo, mas aumenta, outra vez, próximo ao fim desse período, especialmente na XX dinastia, momento em que os negróides e aqueles de sangue misto representavam quarenta por cento do total da população.

Pondo-se à parte identidade e origem racial, fortes evidências indicam que os povos negróides ou assemelhados tiveram importante papel no desenvolvimento das civilizações do vale do Nilo. Existem, a mais, extensivas indicações de prolongado e íntimo contato entre os egípcios e seus vizinhos ao sul.

Nada indica mais claramente do que os eventos que envolveram a libertação dos egípcios da opressão dos hicsos (invasores asiáticos) e os fundadores da famosa XVIII dinastia que conduziu o poder egípcio a um novo patamar.

Manetho, citado por Flavio Josephus, diz, com efeito, que quando os hicsos invadiram o Egito os membros da família real fugiram para Cuche, onde viveram, como hóspedes, sob a tutela dos cuchitas por muitos anos. Em tais circunstâncias, é razoável supor-se, estreitou laços de amizade e ensinou, mesmo, a realização de casamentos entre membros das duas famílias reais. Isto explica, pelo menos em parte, porque muitos dos governantes posteriores à XVIII dinastia apresentavam semelhança com os cuchitas. Kames, por exemplo, que liderou a expulsão dos hicsos do Egito, carregava em suas veias o sangue cuchita. Alguns anos atrás, no Egito, uma estátua foi descoberta portando o nome desse príncipe e exibindo traços faciais que podem ser descritos como marcadamente da raça de Cuche. O relacionamento familiar de Kame com os cuchitas pode explicar a razão pela qual o fardo maior da guerra contra os hicsos foi suportada por "homens de Mazoi", ou seja, tropas vindas do longínquo sul.

Kames foi sucedido no trono por Amés que era ou seu irmão ou seu filho. O príncipe prosseguiu a guerra contra os hicsos e, no 5º ano do seu reino, graças ao apoio de tropas especiais dos cuchitas, os invasores foram forçados a deixar o Egito, livrando a terra ancestral de duzentos anos de domínio estrangeiro. Esse evento, que ocorreu em torno a 1580 a. C., demarcou o estabelecimento da XVIII dinastia, que foi, na opinião da maioria dos egiptólogos, uma das maiores, senão a mais destacada das famílias reais que assomaram ao trono em qualquer tempo.

Sob o comando de Amés e de seus doze sucessores, até 1317 a.C. num período de aproximadamente 270 anos, o poderio militar egípcio e sua influência política, bem como as conquistas culturais chegaram ao ápice, ponto culminante não alcançado, também, após. Em adição a registros escritos e monumental herança narrando seu mundo real, múmias, estátuas e outras formas de representação pictórica de reis, rainhas e princesas dessas dinastias, foram preservadas até nossos dias, ensejando que, na história da humanidade, nenhuma família real tenha sido objeto de tão largo interesse. Diante da força de tão maciça evidência, tudo indica que na veia da maioria desses reis e seus parentes encontrava-se significativa quantidade de sangue etíope.

Num comentário sobre essa evidência, Sir Flinders Pewtrie asseverou que as características cuchitas em tantos membros da XVIII dinastia podem ser ligadas ao fato de muitos ancestrais "haverem tido seu sangue misturado com o dos nativos" da Núbia durante o período de dominação dos hicsos. Embora que "aqueles que deitaram as raízes da XVIII dinastia" fossem descendentes de antigas gerações de portadores de sangue misto, a linha real, pensava Sir Flinders e outros mestres, mereceu, também, miscigenação a partir de casamentos entre as famílias reais das duas terras.

Foi objeto de suposição por considerável número de egiptólogos o fato de uma das primeiras e mais admiradas uniões teria ocorrido antes de haverem os egípcios conseguido livrarem-se da dominação dos hicsos: Nefertari, a rainha e esposa sênior de Amés, o libertador do Egito e fundador da XVIII dinastia, seria filha de um rei cuchita.

Antigas opiniões a garantir que Nefertari era uma princesa etíope baseavam-se, principalmente, no fato de as representações pictóricas da rainha a apresentavam como

uma mulher de pele escura, e que ostentava inquestionáveis traços negróides. Na tumba de Deir el-Medineh, bem como nos muros das ruínas de Nibnutiru, Unnofire Sheikh Abd el-Qurnah ela é representada com pele escura. Uma estátua no museu e Turim a retrata não apenas de pele escura, mas também com uma boca mais ampla, lábios grossos, um nariz achatado e uma face em geral mais para o tipo prógnato. Num busto gravado em alto relevo sobre seu esquife descoberto em Deir-Bahari ela é retratada da mesma forma. E, na tumba de Kasa, todavia, está em cor azul, ao invés de preta. A maioria dos antigos egiptólogos tendiam a acreditar que ela era comumente retratada em preto por ser, em verdade, negra, e, seguramente, da raça etíope.

Dentre as primeiras autoridades que aceitaram esse ponto de vista situam-se Sir John Gardner Wilkinson, eminente pioneiro em estudos do Nilo, e o professor George Rawlinson, de História Antiga da Universidade de Oxford. Rawlinson e Wilkinson, num trabalho comum a respeito da cor da pele de Nefertari e de sua importância na corte egípcia, chamaram a atenção para o fato de Amenhotep I, seu filho e sucessor do marido, ser "freqüentemente retratado com uma rainha negra, Amés-Nofriare (ou seja, Nefertare Ahmes)" que parece ter sido a esposa de Ames e uma de suas mulheres sagradas... de Tebas". Esses dois autores observam, a mais, " ter havido uma outra rainha, chamada Aahatop, branca, e um egípcio que é representado como o negro Ames-Nofri-Are nos mesmos monumentos em Tebas e no Museu Britânico, mas numa posição inferior, o que é facilmente explicado pela destacada importância da princesa etíope (ou seja, Cuchita)". Deve ser assinalado, de passagem, que a "branca" a quem os autores se referem foi representada, como de regra ocorria com mulheres egípcias, num tom amarelo, enquanto que Amenofis, como os homens na maioria das pinturas, fora retratado num tom mistura de marrom com vermelho.

Com relação à cor da pele da rainha, causadora de muita especulação, o Dr. Grafton Elliot Smith, num relatório sobre as múmias declara: "a pele é escura, como na maioria das múmias daquele período". Tem-se a impressão de que seus dentes eram graúdos e saudáveis, seu nariz pequeno e chato, sua boca grande, com lábios grossos, suas mandíbulas, particularmente a superior, tendia para o tipo prógnato. Essa combinação

de características físicas é geralmente usada por antropologistas para indicar a presença de sangue negro. Somando-se, pois, a isto, o fato de as múmias terem a pele escura, a definição de Samuel Birch é correta, ao asseverar que "Nefertari era negra".

As características físicas observadas nas múmias da rainha Nefertari mais se assemelhavam às múmias de vários membros femininos contemporâneos da família real, incluída Anhaton, uma rainha menor, esposa do marido Amés, de Nefertari; e à princesa Hentoneu, filha de Amés com outra esposa menor, mãe todavia da famosa Hatsépsu.

Das características físicas dos dois homens — seu marido Amés e seu filho Amenofis I — de quem Nefertari era mais próxima, existem pequenas particularidades que podem ser afirmadas com segurança. Informações baseadas em observações da múmia de Amés são escassas, mas pode ser inferido a partir dos mais óbvios traços de seus dois predecessores — Kames, seu pai ou irmão e Sequenjenrê III, seu avô ou irmão — que o rei era da mesma forma bem dotado de sangue cuchita.

A mesma observação parece aplicar-se a Amenofis III, sua esposa sênior, rainha Tyi e seu filho único o famoso Akhnaten, que articulou a mais antiga expressão conhecida do monoteísmo. Outro famoso governante egípcio, que caía na aparência geral, era a rainha Hatsépsu, a 5ª rainha da XVIII dinastia. Aqueles que não são familiares à vida e história dessa grande rainha haverão de se surpreender ao saber que dois oficiais da corte, principais responsáveis por grandes feitos do reino, eram ou de sangue puro etíope ou homens que portavam expressiva percentagem de sangue etíope. Existe, ou existiu, no Museu do Cairo uma estátua de um homem de lábios grossos, nariz chato e, de certa forma, prógnato, chamado Sanmut o qual foi não apenas primeiro-ministro de Hatsépsu, chefe dos camareiros e mais íntimo conselheiro, mas, especialmente, renomado arquiteto, responsável pela construção da tumba e de seu grande templo em Deir el-Bahri. Em se tratando, como parece, de uma estátua retratando o modelo, ninguém duvidará que o grande mestre era um cuchita ou um etíope.

Indício da grande consideração que a Sanmut era dispensada é revelado em duas inscrições, a primeira das quais diz ser "aquele que ouvia o que era para ser ouvido, sozinho, no Conselho Privado; que era o favorito do soberano, aquele que ingressara no

palácio com amor e progrediu fazendo feliz, diariamente, o coração do supremo". Na segunda ele é descrito como sendo "o maior dentre os maiores em toda a terra, o superior dentre os superiores, o chefe dos chefes em todos os departamentos".

Secundando apenas, assim parece, a Sanmut em poder e influência na corte de Hatsépsu havia um homem que deve ter sido um colega próximo do renomado arquiteto. Numa inscrição oficial no Templo de Deir el-Bahri, ele é chamado de "Tesoureiro Chefe", "Príncipe Chanceler" e "Melhor Amigo"; e o que parece ter sido seu nome é registrado como Nehesi — traduzido como Negro pela maioria dos modernos egiptólogos. Naville, comentando o nome do grande dignitário observa que "não é impossível que ele haja sido realmente negro..."

A alta consideração em que era mantido na corte o príncipe chanceler e melhor amigo é assinalada pelo fato de que ele era escolhido por Hatsépsu — sem dúvida com a aprovação de seu amigo Sanmut —, como o almirante-em-chefe da famosa expedição naval enviada à Terra de Punt, via mar Vermelho.

Existe, ainda, um considerável número de evidências que tornam quase uma certeza que a rainha Hatsépsu não era nem loura nem morena, mas ou marrom escuro ou preta. Essa suposição se baseia no que parece ter sido a cor da pele de muitos parentes seus, de quem múmias foram encontradas.

Elliott Smith diz, como se viu, da bisavó Nefertari que "a pele é escura como a maioria das múmias daquele período". A múmia do filho de Nefertari, Amenofis I, que foi a avó paterna de Hatsépsu, nunca teve as ataduras removidas, daí porque a cor de sua pele permanece desconhecida. Dr. Smith não fixa, especificamente, a cor da múmia do pai de Hatsépsu, Tutmés I, mas como se vê em ilustrações publicadas, parece ter sido marrom ou preta; e, seus traços faciais indicam raça negra ou etíope. O mesmo ocorre com seu marido e meio-irmão Tutmés II. Mas a múmia de sua mãe, princesa Hentamehu. Maspero Escreve: "A múmia era negra". Outro parente chamado Tutmés III — considerado 'Alexandre, o Grande' do Egito antigo", que era, ou sobrinho de Hatsépsu, ou, mais plausivelmente, outro meio-irmão — sem dúvida podia ser descrito como negro.

Uma vez que as múmias de tantos parentes de Hatsépsu mostraram ser todos com pele de tons marrons ou preta, pode-se concluir que, se algum dia forem removidos as ataduras da grande rainha, ele mostrar-se-á ou marrom ou negra. Em outras palavras, a totalidade das evidências torna claro que a rainha Hatsépsu e muitos de seus ancestrais, contemporâneos ou descendentes, eram indivíduos de sangue misto e que suas raízes ancestrais estavam na terra dos negros cuchitas no Sul”.

II



A visita dos Reis Magos ao infante Jesus, em Belém, com exceção, talvez, da crucificação, é o evento mais conhecido em toda a literatura e arte cristãs. Mas, apesar da importância do evento, a única e específica referência ocorre numa breve e obscura passagem, preservada no segundo capítulo, do Livro de Mateus. Todavia, em lugar algum do livro se pode encontrar o nome dos três sábios, bem como os países de onde teriam vindo.

Existe, porém, considerável acervo de literatura tradicional cristã, datada da Idade Média, onde os Reis Magos são, não apenas citados, mas têm seu papel no episódio da natividade discutido extensamente. Os detalhes dos registros podem variar de acordo com a tradição onde se originam, mas há certa unanimidade na afirmativa de que os três reverentes visitantes eram membros da Ordem de Magi, sendo geralmente identificados como Gaspar, rei da Etiópia; Melquior, rei da Núbia e Baltazar, rei de Soba — nome que os mestres acreditam ser o mesmo que Soba —, que teria sido, por milênios, a capital do reino cristão de Alwah, situado na parte central da moderna República do Sudão. Se essas identificações têm alguma base fática, dois deles — talvez os três Reis Magos — eram de origem africana. E, também, talvez seja de interesse notar que "ouro, olíbano e mirra" conhecidos como os três principais presentes ofertados ao Messias, são, todos, produtos naturais, e muito abundantes nas regiões africanas da Núbia, Etiópia e Sudão.

Do nome do rei de Soba, à época do nascimento de Jesus, não se tem em registros escritos, mas através de tradições nativas pode-se chegar a um homem chamado Bazen. O rei da Núbia era Neketameni, reconhecido como um dos mais hábeis governantes da história de seu país. A partir de dados arqueológicos e literários, sabe-se que, naquele período, o estudo da astrologia encontrava-se bastante adiantado.

Muitos racionalistas dispõem-se a desmistificar a questão da natividade, mostrando-a como ficção pura e simples. Estudiosos, todavia, consideram que essa alternativa cria mais problemas do que solve os existentes. Alguns estudiosos cristãos

sugeriram que a referência à Estrela de Belém pode ter refletido interesses esotéricos no brilhante espetáculo criado nos céus pela conjunção de Júpiter e Saturno no século VII antes de Cristo, ou de Júpiter e Vênus, um século depois, e que os Magos, com seus conhecimentos de astrologia, partiram em busca de um recém encarnado, grande líder religioso, cuja importância podia ser medida pelo majestoso evento celestial. Em outras palavras: se os três Reis Magos foram figuras da história, como em verdade parece haverem sido — como sugerem, aliás, tradições medievais — foram africanos.

MÁRTIRES NEGROS DO CRISTIANISMO

O cristianismo teria sido introduzido no Norte da África antes de 180 d.C., posto que a 17 de julho desse ano ocorresse o julgamento e execução, em Cartago, de alguns dos primeiros mártires do cristianismo. Todos os doze, executados no mesmo dia, sete homens e cinco mulheres, eram africanos.

A líder do grupo, de 22 anos, chamada Perpétua, terminou seu sofrimento ao dirigir a arma de um inábil gladiador contra seu próprio peito. O irmão de Perpétua, Satúnio encontrava-se entre os executados, assim como também uma escrava de nome Felicitas, que deu a luz a uma criança instante antes de ser morta. No local onde se situava Cartago existia uma capela que homenageava Santa Perpétua, construída com as mesmas pedras e pilares que um dia pertenceram à Cartago de Aníbal.

Quando os 12 mártires morreram, viviam outros eminentes personagens africanos: Sétimo Severo, nascido em Leptis Magna (Tripolitana, 146 d.C.), que adiante tornou-se imperador de Roma, após o assassinato, em 193 d.C., de Cômodo, indigno filho de Marco Aurélio.

Tertuliano, o primeiro dos escritores cristãos, que tornou o latim a língua da cristandade, nasceu em 155 d.C. Trácio Cipriano, bispo de Cartago, viveu no mesmo

século em que Tertuliano morreu. Durante o reinado de Cipriano, como bispo, a perseguição à igreja ganhou força.

As multidões que freqüentavam os anfiteatros passaram a demonstrar paixão por ver os cristãos serem mortos. As autoridades decidiram por estimular o desejo popular de matar o bispo Cipriano, mas ele conseguiu escapar.

Cipriano continuou a servir à perseguida igreja por muitos anos, da forma que hoje chamamos de movimento subterrâneo. Ele explicou sua habilidade em escapar da morte certa com as seguintes palavras: "a rosa branca da coroa do trabalho pode ser tão bela quando a rosa vermelha do martírio".

Mas, chegou o tempo em que Cipriano, não obstante, teve de usar a rosa vermelha do martírio. Havia dela escapado, e trabalhado por sua igreja. Agora que sua vez chegara, encontrava-se preparado para enfrentar a morte, o que fez com dignidade e exemplo: deu 25 peças de ouro a seu carrasco.

A revolução causada pelo cristianismo quanto ao modo de vida e às relações humanas tornou-se tão ampla que a própria Roma veio a aceitar o credo oficialmente. O primeiro imperador cristão, Constantino, o Grande, abandonou todas as pretensões de divindade e colocou símbolos cristãos nos escudos e bandeiras de suas tropas, isto a partir de 312 d.C.

Com a ascensão de Constantino ao trono em Roma a perseguição à igreja do norte da África chegou a um fim. Livre, entretanto, do acossamento externo, viu-se envolvida em conflitos intestinos. Dentre estes havia a discussão entre os dignitários religiosos Ário¹¹ e Atanásio, envolvendo a questão: qual a relação entre Deus e Jesus. A disputa tinha por sede Alexandria, no Egito, mas as repercussões afetavam os cristãos fora da África.

¹¹ - Ário. Heresiarca de Alexandria (280-336), para quem Jesus Cristo era uma criatura de natureza intermediária entre a divindade e a humanidade", in Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. "Luciano de Antioquia, Ário,..."

A disputa chegou a tal ponto que o imperador Constantino promoveu a realização do primeiro Concílio Ecumênico — que veio a se efetivar em Nicéia —, para resolver a controvérsia. O resultado foi o surgimento da Doutrina de Nicéia, ou a Teoria de Deus Filho. Aqueles que resolveram por não aceitar a doutrina foram chamados de Arianos, ou seguidores do sacerdote africano Ário. Os que aceitaram a doutrina tornaram-se seguidores de Atanásio¹². O Império aceitou a doutrina.

A polêmica continuou por mais de um século, e, em 451, o Concílio de Calcedônia reuniu-se para tentar resolver essa permanente controvérsia. Os 600 dignitários de igrejas que participaram do concílio acordaram pela fórmula segundo a qual Cristo era "perfeito em sua divindade e perfeito em sua humanidade, sendo, pois, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem..." A decisão do Concílio não foi aceita pela maioria dos cristãos africanos. Aqueles que endossaram a fórmula foram cognominados de malequitas ou "cristãos de César".

Face à divisão as igrejas cristãs não ortodoxas — como a monofisita ou jacobita dos egípcios, ou os coptas — se opunham aos povos de origem grega que viviam no Egito. A Igreja Copta era uma entidade integralista, sendo a expressão verdadeira do nacionalismo africano.

Duzentos anos após Constantino, durante o reinado de Justiniano e Teodora, a igreja era entendida como pilar do Estado. Propagar, pois, a fé da Igreja Cristã (Bizantina) era o mesmo que consolidar o poder imperial. Assim, Justiniano estimulou a política segundo a qual chefes e reis africanos que desejassem sua boa vontade deveriam tornar-se cristãos.

O tempo foi passando, e à medida em que aqueles com diferentes pontos de vista conseguiam, também, poder, a África transformou-se num campo de batalha, na guerra pela captura da alma do Negro.

¹² - 2 Santo Atanásio. Bispo de Alexandria (295-373), o qual define a doutrina ortodoxa.

EZANA, PRIMEIRO GOVERNANTE CRISTÃO DA ETIÓPIA



Embora diversas narrativas tradicionais afirmem que algumas personagens reais da Núbia e Etiópia tenham-se convertido ao cristianismo já no primeiro século da Era Cristã, tem maior aceitação a assertiva de haver sido, Ezana, o Grande, da Etiópia, que reinou entre 320 e 350 d.C., o primeiro rei africano que adotou o credo cristão e, mais, fez do catolicismo a religião oficial de seu império. Parece, a partir de fatos disponíveis, que a conversão de Ezana ao cristianismo teria ocorrido em 333 d.C., ou apenas uma década após Constantino haver feito do cristianismo a religião do estado no Império Romano — dando à Etiópia, por conseqüência, a condição de segundo mais antigo estado cristão. Embora sendo razoável pensar-se que o cristianismo provou ser benéfico para a vida do reino convertido à nova religião, dados conhecidos indicam que Ezana foi um homem de sólidos impulsos humanitários e de nobre coração, mesmo antes de haver-se obrigado ao ensinamento, com incomparável ardor, "da paz na terra e da boa vontade entre os homens".

Vejamos, ainda que sucintamente, umas poucas particularidades históricas registradas, sobre as quais a ação e o pensamento do primeiro rei cristão da África estão baseados. No início de seu reino, quando Ezana era ainda um devoto de seus ancestrais deuses da terra, os bejas — um povo de pastores selvagens e sem lei, vivendo numa região semi-desértica, na fronteira norte do império — valiam-se do fato de estarem longe, e numa posição isolada, para organizarem-se em bandos ou brigadas. O objetivo era aumentar suas parcas posses atacando e saqueando caravanas de mercadores, que necessitavam usar as estradas do deserto, que passavam pelo inóspito país dos bejas. Para pôr um termo às desordens Ezana enviou um exército comandado por dois de seus irmãos, os príncipes Harefa e Sheazana, com instruções de prender todos os malfeitores e levá-los para a capital.

No tempo previsto os dois irmãos retornaram à Axum com 4.400 dos bandidos, seis de seus chefes e 9.530 cabeças do gado, ovelhas e animais de carga. Ao invés de condenar à morte os líderes e forçar os subalternos à escravidão, como era prática comum naquele tempo, Ezana ao contrário, e, sem dúvida, para espanto geral, deu novas vestes aos chefes dos bejas, concedendo-lhes, ainda, bem como a seus subordinados, comida, 25.140 cabeças de ovelhas, cabras e gado — três vezes o número originalmente confiscado —, enviando-os para uma nova região do império, onde poderiam ser mantidos sob uma mais próxima e menos custosa vigilância. Onde, outrossim, poderiam levar uma vida mais honrada.

Ezana foi, evidentemente, um homem de forte inclinações religiosas e serviu bem aos deuses, de acordo com suas luzes. Indicações dessa maneira de ser do rei se refletem no fato de, antes de se tornar cristão, haver produzido, segundo as inscrições, quatro estátuas — uma em ouro, outra em prata e duas em bronze (ou cobre) — dedicadas aos deuses de seu culto animista ancestral, como forma de agradecimento por haver sobrevivido a tantos julgamentos e tribulações a que foi obrigado enfrentar. Não é, pois, de se surpreender que após sua aceitação da fé cristã, Ezana teria provado ser um campeão e devotado patrono da nova religião.

As três inscrições às quais devemos o conhecimento desses e outros particulares a respeito da fase pré-cristã do primeiro rei etíope convertido ao cristianismo, encontram-se registradas em duas línguas, e em muitos manuscritos. Em ge'ez¹³ ou etiópico", e em sabaeen¹⁴ — língua do sudoeste da Arábia, que de há muito mantinha estreitas relações com o império de Ezana. Nessas inscrições o rei informa haver ele se obrigado a estar preparado para fazer os homens de muitas nações saber de sua obra e da glória eterna de seu reino. O desejo de Ezana a esse respeito parece haver sido amplamente atingido.

¹³ - Ge'ez: Nome do idioma de um antigo povo nômade, semítico, da Etiópia. Ver verbete Semitic Languages, in Enciclopédia Britânica, Vol. 20, pg. 314.

¹⁴ - Sabaeen: Nome usado livremente para designar um antigo povo residente no sudoeste da Arábia, hoje em grande parte chamado Iemem. Enciclopédia Britânica, Vol. 20, pg. 784.

Embora o grande rei tenha morrido decorre já quase dois mil anos, a história da glória de seu reino conservou-se nas páginas do tempo e a memória de seu nome e sua glória não serão cedo esquecidos.

OS MUÇULMANOS CONQUISTAM O EGITO

A conquista muçulmana do Egito começou em janeiro de 640 e, no fim de 642 todo o delta e muito do médio Egito se encontravam em mãos árabes. Ciro, o patriarca da facção cristã dominante, e o mais alto mandatário bizantino, acreditando que qualquer resistência resultaria infrutífera, se propôs acertar os termos de uma rendição, desde que fossem favoráveis. Emissários foram enviados para um encontro com o comandante-em-chefe do exército árabe, Ibn al-As, portando o pedido para que uma missão muçulmana fosse designada para discutir os termos de paz. Poucos dias após, a delegação solicitada, liderada por Ebediah ibn al-Samit, descrito como um negro, encontrou-se com Ciro, quando acertaram as condições sob as quais fizeram a paz.

A maioria dos egípcios cristãos — dos quais Ciro era o patriarca, integrantes do governo aprovado pela facção malequita, assim como os cristãos jacobitas, que haviam sido, por décadas, dolorosamente perseguidos pelos seus correligionários, os malequitas — prontamente aceitou os termos de paz. Mas, um número expressivo de cristãos, principalmente no médio e alto Egito, vigorosamente rejeitou o acordo e persistiu em manter oposição aos invasores muçulmanos, apesar de todo o seu poderio.

Cristãos egípcios, auxiliados por cristãos núbios mantiveram a luta contra os muçulmanos no médio e alto Egito por um período de sete anos, até que seu esforço para preservar o controle cristão naquelas áreas chegasse a um fim.

O CRESCENTE CONTRA A CRUZ

No outono de 651, Abdullah ibn Abi Sarh, o recém indicado comandante muçulmano do Egito, partiu para a Núbia, sob ordens do califa, à testa de um exército de mais de 20 mil homens, bem como expressiva frota de barcos abastecidos com rações e armamentos militares. Tudo faz crer que a invasão apanhou os núbios de surpresa, posto que a força tarefa invasora encontrou pouca resistência em seu caminho na direção sul. Apesar da destemida resistência, a ira dos invasores não teve limites. Inúmeras vilas indefesas, no norte da Núbia, sofreram pilhagens, incêndios e milhares de seus habitantes foram mortos, ou rendidos, e levados para o Egito como escravos.

Esses trágicos eventos varreram o vale núbio do Nilo com a rapidez do simum e, em se podendo crer nos anais árabes, um exército com "mais de 100 mil homens" travou combate contra os invasores muçulmanos, com bravura e determinação, como esses nunca antes haviam visto. A fúria dos ataques núbios, bem como a habilidade de seus arqueiros, custaram aos atacantes "o rolar de cabeças, o decepar de corpos; o vaziar de olhos foi tamanho que não pode ser contado".

Face ao respeito mútuo que mantinham os muçulmanos egípcios e os cristãos núbios, durante a invasão, entre 651 e 652, que se iniciou mal, os termos do tratado que encerrou tão infeliz aventura permaneceram, no todo, em vigor entre 652 d.C. até 1171 ou seja por um período superior a 600 anos. Embora ao longo desse tempo reinos, vilas e cidades na Ásia, Norte da África e Sudoeste da Europa tenham sido incorporadas ao domínio muçulmano, nenhuma tentativa séria foi feita para incluir os reinos cristãos da Núbia e Etiópia no distante império dos califas. Em verdade, as relações entre os cristãos negros da Etiópia e Núbia com os vizinhos muçulmanos do Egito, Arábia e do Levante eram, no seu todo, admiravelmente pacíficas, ao longo de todo esse secular período — tempo que pode ser rotulado como o da "longa trégua".

UMA EMBAIXADA MUÇULMANA NA NÚBIA

No ano de 960 d.C. — quase um século antes de William, o Conquistador, haver derrotado o rei Harold, em Hastings, era 1066, e deitar as bases medievais sobre as quais a Grã Bretanha foi construída —, Solaim al Aswani, recordava, com seu testemunho ocular, uma missão que empreendeu aos reinos da Núbia. Insuperado é o relato de Aswani, pela luz que lança sobre esses esquecidos, hoje em dia, estados cristãos, e que, já àquele tempo, chegavam ao zênite de seu desenvolvimento material, cultural e espiritual. Embora a origem bufa da missão e de seus objetivos também jocosos, as experiências e observações de Solaim na Núbia, da forma como as registrou, constituem-se numa das duas ou três mais reveladoras fontes primárias de informação, que nos chegaram do passado, sobre a cristã Núbia. O promotor da viagem foi um ex-escravo e um ex-cristão, conhecido as vezes como Jawhar al-Siquilli (o Siciliano), homenageando seu local de nascimento, e outras vezes chamado de Jawhar al-Rumi (o Romano), por sua raça. Seus antecedentes de cristão e de escravo não se constituíam em desvantagem para si, tanto que chegou à posição de vizir e comandante-em-chefe do califado de Moiz (952/957), o primeiro dos sultões fatímidas do Egito. De sua base em Tunis Jawhar empreendeu muitas ousadas incursões exploratórias, incluindo entre elas a Síria e, no Egito, em 969, o Império Fatímida. Pouco há para se duvidar de que a maneira quase fácil com que Jawhar cativou o Egito tornou-se possível, ou foi facilitada, face à morte de Kafur, o grande negro vizir e primaz da dinastia Ikhshidite, em 968.

Estimulado, possivelmente, face aos expressivos acréscimos que assegurou ao Império de Moiz, Jawhar, e também sendo um ex-cristão, pensou ser algo notável se pudesse trazer os cristãos da Núbia para o sagrado seio do islã, bem como seu território para ampliação do Império Fatímida. O sagaz vizir, todavia, decidiu que seria mais sábio usar a persuasão e a diplomacia, ao invés da força das armas, para atingir seu ambicioso

plano. Assim, selecionou uma embaixada formada por três homens e liderada por Abdullah ibn Ahmed ibn Solaim al-Aswani, conhecido, convenientemente, como Solaim de Aswan.

A embaixada partiu em seus primeiros e quixotescos passos na direção dos reinos cristãos dos negros. Na bagagem de Solaim encontravam-se duas cartas, uma delas endereçada a George III, do reino de Dongola e outra para Simeon, do reino de Alwah. Os textos dessas cartas não restaram para os pósteros, mas, a partir dos comentários de Solaim deveriam, em cada um de seus conteúdos, ser idênticas ou pelo menos muito parecidas. Ambos os reis eram cortesmente convidados, primeiro a aceitar a fé do Islã. A seguir, propunham aceitassem a oportunidade de ouro de colocar seus reinos sob a proteção e poder do califa fatímida, que era, ainda, o secular todo poderoso não apenas do Egito, mas de todo o norte da África, além de grande parte da Ásia ocidental. George II (NT: como no original) recebeu os membros da missão — diz o relato — mas, com firmeza, declinou da oferta.

De Dongola, Solaim e seus colegas embaixadores seguiram na direção sul até a distante cidade de Soba, a capital do reino de Alwah governada pelo rei Simeon. Aí também eles foram recebidos com simpatia, mas, como George — seu irmão na fé —, Simeon cortes, mas firmemente, declinou a oferta dos muçulmanos.

Retornado ao Egito Solaim prestou ao vizir Jawhar completo relato de sua missão. Tudo indica, não obstante o que possa ter dito o ambicioso embaixador, a natureza do relatório deve ter conduzido o vizir a uma sábia decisão — a de deixar os reinos negros cristãos em paz. De qualquer forma, nem Jawhar ou outro qualquer de seus imediatos sucessores fez outra tentativa de converter os núbios ao islamismo, ou de incorporar seus territórios ao império fatímida.

O CONCÍLIO ECUMÊNICO DE 1441

Em muitos aspectos o mais ambicioso, embora pobre em sucesso, de todos os encontros internacionais do cristianismo medieval, incorretamente chamado de Concílio de Florença, realizou-se em Ferrara, então Florença, e finalmente em Roma, entre 1438 e 1442. O concílio foi convocado pelo Papa Eugênio IV (1431-1447), que esperava poder reunir a grande família cristã, espalhada sob várias formas — gregos católicos, armênios nestorianos, egípcios coptas ou jacobitas e etíopes monofisitas — sob a liderança da Igreja Católica Romana. Uma das razões que mais pesavam para a busca dessa união era um plano papal ambicioso que pretendia, ao fim, juntar todos os cristãos contra os muçulmanos do Leste; uma nascente e arrasadora força sob o hábil comando de Otomão, o Turco. O papa Eugênio, como quase todos os cristãos europeus daquele tempo, ficou profundamente impressionado pelos relatos do poderio militar do império de João Preste¹⁵. Naquele momento, quando ficou claro que o grande padre-rei era um e a mesma pessoa, o papa mostrou-se ansioso de fazer dos etíopes ativos participantes da grande e unida confederação dos povos cristãos, que ele desejava criar.

Desde o estabelecimento do cristianismo em seu país, no século IV, os cristãos etíopes mantiveram-se ligados aos jacobitas e à Igreja Copta, e reverenciavam o patriarca de Alexandria, ao invés do papa de Roma, como seu líder espiritual.

Em 1441 uma delegação etíope, nomeada por Abbot Nicodemus, partiu para Jerusalém e Florença a fim de participar do concílio, que fora transferido de Ferrara para Florença em 1439.

Após longos debates e negociações os delegados que representavam a Igreja Grega Católica votaram por aceitar a proposta união com a Igreja Católica Romana. Com a aprovação do patriarca de Constantinopla e João VIII, o Paleólogo, foi firmada, em 5 de julho de 1439, uma concordata, ratificando aquele propósito. Os delegados representantes

¹⁵ - 5 João Preste. Chefe de um vasto império no Extremo Oriente. Ver Barsa.Vol.2, pg. 133.

da Igreja Armênia assinaram documento semelhante em 22 de novembro do mesmo ano. Em cada um desses acordos o papa de Roma era saudado como o supremo chefe da Igreja Católica. Quando, todavia, notícias chegaram de que os etíopes estavam a caminho, os participantes julgaram, ou pelo menos desejaram, que eles chegariam para assinar os acordos da mesma forma que os outros.

O líder da delegação da Etiópia não se esforçou por obscurecer as diferenças doutrinárias que sempre existiram entre sua Igreja e a Católica Romana. Ele chamou a atenção, em especial, para a diferença presente entre a visão etíope e a romana quanto à natureza de Cristo e o Espírito Santo. Em suas disputas com os teólogos do papa, Deacon Peter defendeu a posição assumida por sua Igreja nessas graves questões com lógica e vigor, mas ele demonstrava haver avançado em seus argumentos com tal competência e tato que elas não significaram impedimentos intransponíveis. Assim, torna-se aparente, pelos anais, que, embora as diferenças doutrinárias mencionadas, os etíopes e os representantes do papa chegaram a um acordo para a proposta união, satisfatório à ambas as partes. Para ter validade, o acordo deveria ser assinado pelo rei da Etiópia. Entretanto, apesar do caráter condicional da posição etíope, o papa parece haver aceito o acordo de boa fé e, em verdade, mostrava-se bastante esperançoso face aos últimos termos. O Pai do Céu demonstrou sua gratidão à delegação da Etiópia pelo papel que desempenhou nas negociações, tomando especial cuidado para assegurar que o restante de sua estada na Itália fosse tão agradável quanto Ele poderia fazê-lo.

Infelizmente não se sabe hoje em dia as razões específicas que levaram João Preste a não assinar a concordata negociada pela missão etíope em Roma. Mas sabemos, sim, que as concordatas — como as negociadas pelas Igrejas Armênia e Grega — nunca foi concluída. Também sabemos que muitos anos mais tarde, quando os portugueses chegaram à Etiópia, eles exorcizaram João Preste por não haver assinado o pacto.

A memória da histórica, ainda que não bem sucedida, embaixada da Etiópia à Roma foi preservada para a posteridade através de um quadro no Vaticano — possivelmente encomendado pelo próprio papa —, onde a delegação é retratada. Duzentos anos adiante, numa visita a Roma, o quadro foi mostrado a um importante monge etíope.

Embora ele nada soubesse a respeito daquela missão, reconheceu as pessoas retratadas, pelo tipo de sua indumentária. Alguns mestres sugeriram que talvez tenha sido quando da visita daquela missão à Itália que aos etíopes teria sido assegurado o direito de erguer o monastério que mantiveram em Roma por muitas gerações. Outros entendem, entretanto, que o monastério data de período muito anterior à embaixada da Etiópia.

III

***O passado é a medida do presente e a garantia do futuro.
Esquecendo o passado o homem torna-se um fugitivo
sem um ontem ou um amanhã.***

A idéia de que os restos de antigas civilizações da África e as suas conquistas devam ser atribuídos as persas, indianos, árabes, asiáticos e europeus — a qualquer um, enfim, menos aos africanos — não pode ser encarada com seriedade.

Há mais de três mil anos Homero se mostrava tão pasmo com o maravilhoso engenho criativo dos negros, que viu no Egito e países vizinhos, a ponto de considerá-lo como acima da capacidade dos mortais. Aquelas obras, disse Homero, teriam sido feitas por parceiros dos deuses.

À parte os encômios de Homero, recentes descobertas arqueológicas e milhares de livros provam que a grande herança do homem negro é consideravelmente mais rica e mais avançada do que a cultura imperial européia de séculos recentes, que quis fazer crer ao mundo exterior que o negro foi erguido de sua degradação e miséria humana pelos seus senhores brancos.

Fatos relativos ao passado mais recente do continente Africano são ainda mais abundantes, e no que concerne a noções tradicionais, são estas da mesma forma

importantes. Embora os africanos, eles mesmos, tenham tido familiaridade com muitas dessas evidências por séculos e mesmo milênios — quase tudo era ignorado pelo Ocidente até uns duzentos anos atrás. A partir de então, virtualmente até nossos dias, o conhecimento da África se restringia a uns poucos estudiosos. Mesmo na atualidade, quando novas descobertas chegam ao Ocidente, há uma tendência para cepticismo ou, pelo menos, surpresa.

Não obstante, durante o século passado, exploradores e arqueólogos descobriram, nos vales do Níger, Zambeze, Benue e alto Nilo, bem como no Saara e na grande bacia do lago Chade, restos de centenas de ruínas de cidades e vilas, testemunhas da existência, num dado momento, de algum tipo de civilização, via de regra associada à idéia corrente de um "Continente Maldito". Algumas dessas cidades e vilas têm sua origem demarcada em centenas ou, mesmo, milhares de anos. Nesses antigos sítios arqueológicos são encontradas tumbas, palácios e edifícios públicos, evidentemente erguidos por artesãos altamente qualificados na arte da construção civil.

Em meio a ruínas e decadentes despojos dessas antigas cidades e vilas foram encontrados milhares de registros históricos, escritos em couro curtido ou lajes de pedra, numa variedade de línguas e escritas, dentre elas hieróglifos cuchitas, hieróglifos e cursivos meroíticos¹⁶, ge'ez, ou antigo etiópico, amárico, o copta núbio e, ainda, o núbio puro. Tais registros originais dizem-nos muito sobre o povo e as nações que construíram extintas civilizações da África.

Destaque especial têm, entretanto, povos que experimentaram contato com aquelas civilizações e que foram capazes de registrar essas experiências em hieróglifos egípcios, cuneiformes assírios, hebreu semita, sânscrito, grego, latim, sírio e árabe, bem como em registros antigos nas línguas portuguesa, francesa, inglesa e holandesa.

¹⁶ - 1 Meroíticos: Os reis etíopes de Napata e posteriormente de Meroe empregavam linguagem etíope em escrita hieroglífica para escrever formais inscrições. Enciclopédia Britânica, pg. 283, Vol 15. Meroenos (do latim meroeni): Povo antigo da Etiópia. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 7. Delta Universal, Vol. 10, pg. 5244. Vol. 5, pgs. 2

Graças a tão amplos e espalhados registros contemporâneos, bem como a inestimável acervo arqueológico, além de longa pesquisa realizada por antiquários, encontramos-nos em posição de oferecer, claro como antes jamais, um retrato do Passado de Ouro da África. Assim, de posse desse suporte vamos empreender uma visita a três reis africanos e alguns principados da Terra de Zang, cada um separado, no tempo, por séculos; no mar ou terra, por centenas de quilômetros.

PIANQUI, O GRANDE



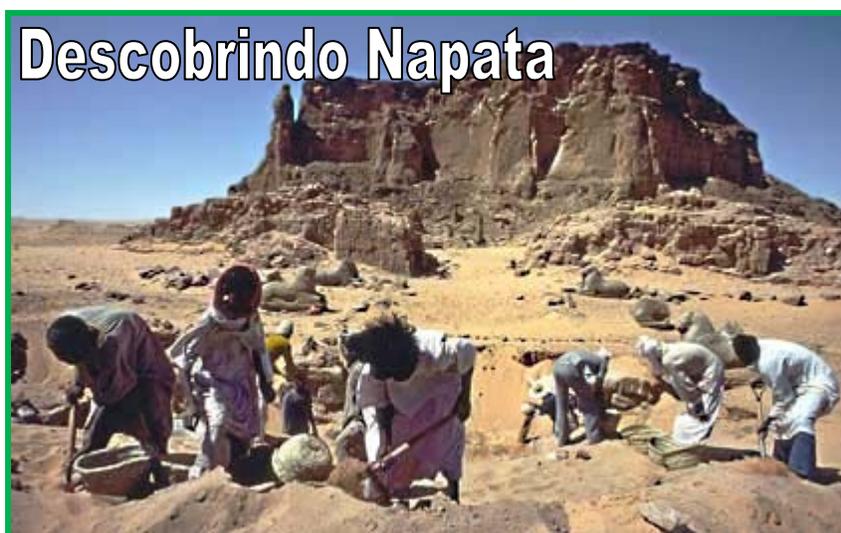
Em torno à metade do século VIII, bem antes do início da Era Cristã, quando jovem era a Grécia e Roma recém emergia, um juvenil príncipe núbio, adiante conhecido como Pianqui o Grande, foi proclamado rei do já antigo Reino de Cuche. Durante seu reinado, de aproximadamente 32 anos (744-712 a.C.), Pianqui expandiu as fronteiras de seu ancestral domínio pela força das armas, sem, contudo, jamais haver-se engajado em aventuras militares, se estas pudessem ser afastadas e mantido ficasse o interesse imperial e a honra nacional. Em suma, Pianqui era, antes de tudo, senhor de seus objetivos de paz.

Explorações e escavações realizadas nos locais onde se situavam antigas cidades e vilas dos cuchitas trouxeram à luz restos monumentais de templos, tumbas e edifícios públicos ostentando o nome de Pianqui, levando a crer que foram construídos por ele ou ao seu tempo restaurados.

Em meio a desgastadas relíquias do passado de ouro foram descobertos, também, um grande número de objetos artísticos em cobre, bronze, prata, electro, ouro e pedras preciosas e semi-preciosas, nas quais, com freqüência, apareciam seu nome. Muitos desses objetos, como a maioria das tumbas e templos onde se encontravam, foram adornados, era evidente, por artesãos altamente qualificados.

Mas, de todos os objetos disponíveis, datando desse período em particular, nenhum se prestou para esclarecer mais o caráter magnífico desse antigo rei cuchita do que um grande monólito sob a forma de uma placa insculpida em granito róseo, que foi descoberto, acidentalmente, por um visitante casual, sob uma pilha de pedras partidas em meios às ruínas do grande templo de Gebal Barkal, em 1862. O tema central do texto inscrito no monólito é a narrativa de que no 21º aniversário do reino de Pianqui mensageiros egípcios chegaram à Napata¹⁷ e informaram ao rei cuchita de que Tafnekht,

um ambicioso líbio, que era, então, o senhor herdeiro da cidade de Sais, no delta egípcio, havia forçado não apenas muitos dos príncipes governantes em várias partes do Egito a aceitá-lo como seu superior, mas, também, pela força, havia assaltado às defesas das



localidades onde os príncipes mantiveram-se fieis à coroa de Cuche. O rei tomou medidas urgentes para debelar tão ominosa situação, que desafiava sua autoridade imperial.

Pouco tempo após a chegada das notícias, Pianqui e seus generais, à frente de um grande exército, bem como de expressiva armada, deixaram Napata e singraram o Nilo em direção ao Egito onde, numa seqüência de fulminantes ataques, foram derrotando exército após exército e foram capturando todas as cidades ao longo do Nilo egípcio, desde a primeira catarata, ao norte, até o Mediterrâneo, chamado pelos antigos como o verde e imenso mar.

As manobras militares desenvolvidas pelo rei cuchita ao longo da memorável campanha e, particularmente, a originalidade, a ousadia e a decisão demonstradas em

¹⁷ - 2 Napata: Primeira capital de Cuche, destruída por exército assírio, por volta de 300 a.C. 2428/2429.

capturar a grande cidade de Mênfis, toda cercada por muros, constituíram-se em motivo de enlevo para muitos dos que, ao longo do tempo, analisaram os sucessos de Pianqui. Foram, contudo, compaixão e humanidade os elementos que sublimaram o grande empreendimento, e que o fizeram credor dos maiores encômios por parte de modernos historiadores.

A atitude e atividades do rei cuchita a esse respeito disseram ter sido "em marcante contraste" com aquela seguida pela maioria dos grandes modelos militares contemporâneos a Pianqui.

A compaixão, que viria a tornar Pianqui tão famoso parece que se constituía em caráter exclusivo de sua personalidade, não se fazendo presente em outros membros de sua linha real. Após conquistado, em 723 a.C., o Egito permaneceu sob o domínio de Cuche até 661 a.C., e parecem indicar os fatos que esse foi, em muitos aspectos, o período de maior esplendor da longa história do país.

Antes da conquista de Pianqui o destino do Egito oscilou entre uma sucessão de reis fracos e incapazes, por um período de trezentos anos. Talvez nunca antes o país tivesse chegado a tão baixo nível de prestígio. O sistema centralizado de governo, que havia ensejado ao reino ordem e segurança, em dias de então, transformara-se em fonte de permanente anarquia e constantes banhos de sangue em lutas internas. Seu nome, antes objeto de respeito geral, tornou-se motivo de desdém. Suas artes, tão criativas, marcharam para a obsolescência; sua indústria e comércio praticamente desapareceram.

Sob a égide de seus senhores cuchitas esse quadro rapidamente reverteu. Em menos de uma geração as artes e a paz floresciam novamente. A ordem e a segurança, além do bem-estar individual, espalharam-se pelo país. Os túmulos passaram a ser protegidos. Os templos foram restaurados. Seu nome, muito antes prestigiado, voltou a ser respeitado em todos os foros civilizados da época. Assim, o Egito que se havia tornado uma nação decadente viu-se renovada com a infusão do sopro de vida que partiu da velha, porém viril, raça dos cuchitas. E, como parte integrante da grande comunidade de nações africanas, o faraônico reino de Cuche viu-se, logo adiante, reconhecido como uma força imperial, admirada no mundo de então.

A TERRA DE ZANG

Até bem pouco tempo as cidades da costa oriental da África eram conhecidas, apenas, por poucos arqueólogos e historiadores. Entretanto, séculos antes de caçadores europeus visitarem a Terra de Zang, suas ruas mostravam-se cheias de mercadores de muitas partes do Oriente.

Quando os portugueses pioneiramente singraram as costas orientais da África — há muito conhecidas como Bar-ez-Zang, ou Terra dos Negros — ao findar o século XV e iniciar-se o seguinte, mostraram-se maravilhados ao encontrar portos de cidades habitados por negros ou mulatos que, a toda evidência, pareciam tão civilizados quanto eles mesmos. Cidades e vilas, muitas delas com edifícios muito bem construídos, espalhavam-se à margem de ruas largas e arborizadas, com belas praias que se alongavam desde o local onde se situa hoje Moçambique até a parte sul do mar Vermelho.

Antigas referências a cidades e vilas ao longo da costa estão preservadas em "Périplo no Mar da Eritréia" datado do primeiro século da Era Cristã, e existe, também, bom material arqueológico e literário dando conta de que centros urbanos de considerável importância floresceram ali, em período contemporâneo à Idade Média na Europa. Esse material antigo, entretanto, apesar de seu grande valor, acrescentou poucas luzes sobre o modo de vida dessas cidades e vilas. Com relação aos séculos XIV, XV e XVI, todavia, há bem mais informações que ajudam a formar o quadro daquelas populações.

John Batuta¹⁸, famoso viajante mouro, que navegou ao longo da costa em 1331, deixou registrados importantes testemunhos oculares a respeito de cidades que visitou. A respeito de Zeila, situada na costa da atual (NT: 1965) Somália britânica. Batuta escreve "tratar-se de uma grande cidade habitada por berberes, uma espécie de povo negro". Já numa antiga crônica portuguesa Zeila é mostrada como um local de intenso movimento para o qual convergia um grande número de navios a fim de descarregar suas

¹⁸ - John Batuta: Trata-se, entretanto, por certo, de Ibn Battutah, 1304/1368-9)

mercadorias. O local foi também descrito como uma cidade bem construída, com casas confortáveis, quase todas em alvenaria, com telhados planos. Os habitantes, na sua maioria, eram negros.

Mogadíscio é mostrada por John Batuta "como uma cidade enorme", governada por um rei que, como o povo negro de Zeila, era de origem berbere. Embora o rei conhecesse o idioma árabe, falava na língua mogadíscia¹⁹. Quando passeava pela cidade encontrou o rei que se protegia do sol com quatro dosséis de seda colorida, cada um com aves bordas em ouro na parte superior.

No registro da viagem de Batuta à Mombasa, em 1331, o local é descrito como uma "grande ilha", onde os habitantes são "pios, honrados e corretos". "O povo alimentava-se basicamente de peixe, bananas e outras frutas, posto que se encontravam árvores frutíferas por toda a ilha, mas não cereais", com exceção do trazido de Sevahie (Sevahili) no continente africano.

Kilwa, a cidade muçulmana mais ao sul visitada pelo viajante, é descrita como "bela e muito bem construída, habitada por pessoas de cor preta clara". Seu rei, ao tempo que o muçulmano a visitou, era um devoto de Maomé, notado por seus presentes e generosidade".

¹⁹ - Mogadíscia: Língua somali, que, a partir de 1973, adotou uma grafia latina).



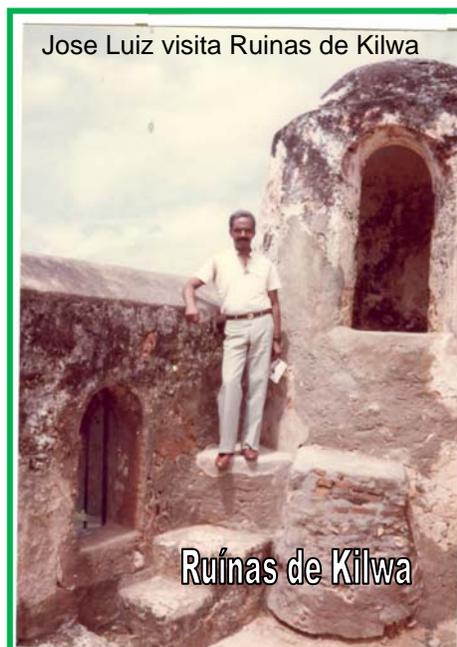
De Melinde²⁰ e Zanzibar, situadas entre Mogadíscio e Kilwa, o viajante mouro nada fala, dando a impressão de que jamais ali esteve.

Mas, numa antiga crônica portuguesa existem algumas referências que revelam coisas dessas duas cidades, o mesmo ocorrendo com relação a Moçambique, Pate e Sofala com seus principados

mouros, espalhados ao sul de Kilwa, os quais, como aqueles, eram habitados por pagãos e muçulmanos negros. Zanzibar, nome derivado de Bar-ez-Zang, é descrita como "uma ilha de 165 quilômetros de extensão por 66 quilômetros de largura, muito fértil e, dizia-se, abundante em inhame, frutas tais como laranjas, limões, limas e abacaxis".

Na ilha havia uma cidade que fora um dia tão grande quanto Kilwa, mas, relatos de cronistas portugueses, informavam que "se encontrava, agora, bastante destruída". Aliás, Zanzibar, como a maioria das cidades mouras da costa africana, havia sido bombardeada e incendiada pelos portugueses alguns anos antes desses registros serem escritos.

Quando Vasco da Gama pela primeira vez aportou em Melinde, o príncipe reinante, em 1547, "acompanhado por um homem muito bem vestido", pagou uma visita aos navios e saudou com boas-vindas aos portugueses. Durante o tempo em que a esquadra ali permaneceu, o príncipe enviou mensageiros para visitar Gama e outros



²⁰ - Melinde: Antiga cidade na costa oriental da África, próxima a Zamzibar, hoje reduzida a insignificante povoação árabe-cafreal, quase sem vestígios de sua importância de outrora. Camões refere-se várias vezes, em os Lusíadas a Melinde. Maiores detalhes, Enciclopédia Portuguesa-Brasileira, Vol. 16 pg. 50.

oficiais, levando consigo refrescos da terra. O príncipe também pôs à disposição do grande almirante um piloto de sua confiança, um mouro de Guzorat, chamado Malemo Canaque, o qual, subseqüentemente, guiou a frota portuguesa em sua primeira viagem à Índia. Por seu "grande desejo de ter-nos como seu amigo — diz o velho cronista — o príncipe "pediu a Vasco da Gama para retornar pelo mesmo caminho, posto que ele desejava enviar, em seu navio, um embaixador, para negociar com o rei de Portugal a paz e demonstrar sua amizade".

Cinqüenta anos após, Melinde, como Kilwa, Mombaça e outras cidades mouras na costa leste estavam em ruínas. Um cronista português, escrevendo na metade do século XVI, registra que Melinde se encontrava destruída, mas o remanescente era capaz de mostrar o que fora aquela cidade em tempos anteriores. O cronista atribui, em grande parte, a situação material da cidade à fúria do mar, posto que este a invadia por todos os lados. Mas, como se sabe, o mar não foi o único responsável; os canhões da artilharia portuguesa prestaram grande auxílio naquela tarefa.

O IMPÉRIO DE MONOMOTAPA²¹



Logo após haverem consolidado sua posição em Moçambique, no início do século XV, os portugueses começaram a ouvir rumores a respeito de um poderoso domínio, mais para o interior, rico em cobre, ferro, prata e ouro. O império, eles aprenderam, era governado por um monarca chamado Monomotapa. Seu nome, mais tarde, veio a ser aplicado como designativo de todo o vasto território sobre o qual ele reinava. Nos duzentos anos que se seguiram, os portugueses fizeram, sem sucesso, várias tentativas de controlar esse império. Os

²¹<http://www.dacostaex.net/livros/HM.pdf>

cronistas lusitanos, entretanto, tiveram sucesso em registrar muito a respeito da vida daquela gente que, até sua chegada, era completamente desconhecida no Ocidente.

Segundo registros que sobreviveram aos seus cronistas de então o Império de Monomotapa, em meados do século XVI, media 1.280 km de leste para oeste. Tinha uma circunferência superior a 4.000 km. O domínio se compunha de 25 reinos, dirigidos por príncipes vassallos, que reverenciavam o imperador Monomotapa como seu "grande senhor" e pagavam-lhe tributo em ouro. O imperador, como seus vassallos, "eram negros, com cabelos carapinha". Eles eram descritos, ainda, como de natureza alegre e comunicativa. Pelos portugueses eram chamados comumente de cafres, ou seja, negros que não se haviam convertido ao islamismo, como haviam feito os de Kilwa, Mombaça e muitas outras cidades costeiras. Constava, também, que suas roupas eram de algodão, intercaladas com fios de ouro.

O imperador de Monomotapa mantinha-se em alto nível, sendo reverenciado por todos que, ante ele, ajoelhavam-se. Possuía um exército numeroso cuja formação se assemelhava à maneira como os romanos dispunham suas legiões. Os soldados eram armados com arcos e flechas, dardos, lanças e machadinhas. Entre os guerreiros, renomados por sua bravura, havia uma legião de mulheres. De acordo com as narrativas, as integrantes dessa legião feminina, cujas armas eram arco e flecha, queimavam seu seio esquerdo com fogo, de forma a não atrapalharem nos movimentos de combate. Em meio às suas estratégias de guerra, dizem as histórias, consta que as guerreiras costumavam por fogo em tudo à volta, quando atacas pelos inimigos, como se, perdidas, preparassem a debandada. Embevecido com sua aparente vitória, o inimigo relaxava. Neste momento, com grande ferocidade, as amazonas negras punham-se no ataque.

Em tempos de paz elas viviam em terras distantes, que lhes outorgava mandado real. Periodicamente, recebiam homens que elas mesmas escolhiam. As crianças do sexo masculino que nasciam dessas uniões eram enviadas para morar com os pais. As meninas ali concebidas, contudo, ficavam com suas mães para se tornarem, um dia, elas também, negras amazonas.

YUSUF IBN HASSAN

Em 1614, o rei vassalo de Mombaça foi ordenado viajasse até Goa, a capital da Índia portuguesa, a fim de apresentar, pessoalmente, a sua versão sobre uma disputa em andamento entre ele e o comandante europeu do Forte Jesus, que havia sido construído pelos portugueses, para abrigar sua guarnição na cidade. O rei Hassan pressentiu que, se atendesse ao apelo dos portugueses de viajar a Goa, seria preso e jamais voltaria a rever sua terra natal. Por isto, ao invés de seguir para Goa navegou para a parte continental do país. Sem sorte, caiu em mãos de seus oficiais que, subornados pelos lusitanos, não apenas o prenderam mas, ainda, a seu filho Yusuf, um menino com sete anos de idade. Em Portugal, o jovem foi entregue aos cuidados de monges agostinianos, que o criaram e educaram-no, após dar-lhe o nome cristão de Dom Jerônimo. O príncipe permaneceu ali para sua formação por treze anos e, ao fim desse período, casou-se com uma "senhora portuguesa", que viria a ser sua futura rainha. Tinha, então, cerca de 20 anos.

Em torno a 1628, após haver, solenemente, "submetido-se, e a seu reinado, ao poder papal, voltou, acompanhado de sua branca e cristã esposa, para Mombasa, onde se instalou sobre o trono de seu assassinado pai. Pedro de Gamboa, governador português de Mombasa, embora concordando com a titulação real de Jerônimo, tratava o jovem soberano mais como escravo do que como nobre, não lhe permitindo o exercício de qualquer autoridade. A posse do título sem o poder tornou o rei preocupado. Durante longas noites de vigília, freqüentemente visita o túmulo de seu pai. Ali, amargando o triste fim que tivera seu progenitor, passou a realizar ritos muçulmanos por sua alma.

Uma noite de 1631, enquanto realizava cerimônia islâmica por seu pai, o rei tinha um imprevisto observador. Este reportou o que viria ao governador Pedro de Gamboa, que compreendeu, desde logo, que apesar de sua conversão ao cristianismo, Jerônimo, intimamente, era como nascera, um muçulmano. Decidiu, então, levá-lo para julgamento em um tribunal da Inquisição em Goa, pelo crime de apostasia. Informado, todavia, por antecipação do plano do governador, Jerônimo resolveu lutar por sua vida.

Para atingir aquele objetivo, Jerônimo reuniu cerca de 300 cafres, negros e pagãos, que habitavam na cidade e, com eles, imediatamente marchou contra a cidadela. Tomado de surpresa o forte, foi facilmente dominado e todos os seus habitantes mortos. O governador foi executado pelo próprio rei Jerônimo. Dominada a cidadela, a força real marchou sobre a cidade e, pela manhã, " não havia português, em que puderam por as mãos, vivo". É narrado, de fato, que apenas quatro padres e um leigo teriam escapado.

Quando o massacre terminou o rei, agora, Yusuf ibn Hassan, não mais Jerônimo, posto que retomara seu nome ancestral, mandou reunir todos os que se haviam convertido ao cristianismo na Igreja de Nossa Senhora, a maior na cidade, e fez um longo discurso justificando seu direito de rebeldia contra a tirania.

Os portugueses, entretanto, não concordaram com seu ponto de vista e poucos meses após a revolta, um esquadrão composto de seis navios se mostrou ao largo de Mombasa, com a missão de dar ao rei Yusuf ibn Hassan uma lição para não mais ser esquecida. Imediatamente os lusitanos atacaram por terra, ao mesmo tempo em que a artilharia naval bombardeava a cidade. Por três meses os portugueses se empenharam com o melhor que podiam para retomar a cidade, mas seu esforço, contudo, não era o bastante. Ao fim desse período a frota retornou para Goa. O vice-rei não aceitou a derrota e decidiu que deveriam tentar novamente. Assim, pouco após outra esquadra, maior que a primeira, foi enviada para esmagar os recalcitrantes negros daquela ilha. Finalmente os portugueses conseguiram desembarcar nas praias de Mombasa, mas, para sua surpresa e desapontamento, encontraram a cidade completamente deserta e em ruínas.

O porquê de a cidade haver sido abandonada e destruída é desconhecido. Supunha-se que seus defensores, sabendo de sua incapacidade para enfrentar o segundo ataque, saquearam-na, evitando que a mesma caísse nas mãos inimigas.

Atingido o objetivo — Mombaça estava morta, mas seu jovem real bem vivo —, rei e súditos deixaram a ilha, partindo para o continente, onde podiam melhor defender-se dos portugueses. E, por muito anos, Hassan continuou sendo um espinho na carne dos europeus. De sua base no continente o rei e seus fiéis súditos marchavam ao longo da costa incentivando as cidades mouras a se revoltarem contra os portugueses.

Por muitos anos os lusitanos fizeram todo o possível para por a mão em Yusuf, sem sucesso. Sua morte tem duas versões mais conhecidas. Por uma delas ele teria morrido num embate com piratas do mar Vermelho. Noutra, teria falecido pacificamente na cidade do porto árabe de Jêdda, o que dá a entender que estivesse ele nessa oportunidade realizando uma peregrinação à cidade sagrada de Meca.

Verdadeira ou não essa última versão, não resta dúvida de que Yusuf, embora educado ao longo de treze anos nos dogmas do cristianismo, proferiu honesta convicção ao declarar que o Profeta garantiu a si e a seu povo melhor educação religiosa e um sentido maior de humanidade do que fizeram os teólogos do cristianismo.

O modo empregado pelos portugueses para por fim às revoltas ensejou que mouros, muçulmanos e cristãos acreditassem em quão acertados eram os conceitos de Yusuf. Mombasa, ainda que em ruínas, foi reconstruída e a cidadela erguida novamente, recebendo, como antes, o nome de Jesus. A seguir se iniciou a campanha de trazer de volta à submissão à coroa portuguesa as várias cidades rebeldes. Siu, Pemba e Pate, que haviam sido especialmente ativas na luta pela libertação, receberam punição especial. Em 1669 essas e outras cidades que haviam seguido seu líder foram destruídas por completo e seu povo humilhado ao máximo. Um cronista da época narra que após o povo da cidade haver conseguido golpear os portugueses e, mesmo, cortar as vias de acesso ao mar, um grande desastre se abateu sobre eles, obrigando-os a aceitar a paz". No pórtico principal de Forte Jesus pode-se ver, ainda hoje, inscrição que celebra esses eventos. Assim, o cristianismo e seu modo de vida foi reintroduzido sobre muitos redutos de Bar-ez-Zang, ou Terra dos Negros.

Mas o restabelecimento de potências portuguesas naquela zona foi mais aparente do que real. Passado apenas uma década as cidades mouras já se encontravam novamente em armas. Em 1652 os muçulmanos de Pate e Zanzibar, com o auxílio dos árabes de Oman — que haviam expelido os portugueses do sul da Arábia dois anos antes —, se organizaram e mataram ou expulsaram todo e qualquer cristão branco que encontraram. Oito anos mais tarde, Mombaça — com exceção de seu forte — foi também arrancada dos portugueses. Siu, Manda e outras cidades da mesma forma se somaram à

revolta. Em 1669 os árabes de Oman estenderam sua revolução até o sul, incluindo Moçambique, que por pouco não ocuparam. Os portugueses, mesmo assustados, chamaram às armas todos os homens que puderam e partiram para um novo esforço visando recapturar as cidades perdidas. Esse esforço não foi de todo perdido. Em 1678 Pate, Siu, Manda e Mombaça haviam sido recapturadas e saqueadas. Duzentos de seus cidadãos mais destacados foram passados na espada ou decapitados, em nome de Deus. Quase vinte anos depois todas as cidades, exceto Forte Jesus em Mombaça retornaram ao domínio dos mouros. Em 1697, Mombaça, a principal cidadela dos portugueses, embora bem armada, também caiu em mãos dos mouros, após um cerco de 33 meses.

Com a retomada desse triste forte, o esforço português de converter ao cristianismo os infiéis mouros, espalhados por toda a metade norte da costa da África do leste, tarefa que já perdurava por quase 200 anos, chegou a um melancólico fim.

É verdade que esses pioneiros da "opressão do branco" não se mostravam interessados em abrir mão de seu tão longo e sofrido esforço. Em 1699, 1703 e 1710 tentaram novamente restabelecer seu domínio e sua atividade missionária na refratária costa. Entretanto, cada uma dessas tentativas resultou em nada. Foram, é verdade, melhor sucedidos em 1728. Em março desse ano, possuindo um território entre Zanzibar e Mombaça, os portugueses partiram dali para recapturar, de novo, Mombaça, ali permanecendo por apenas um ano, uma vez que, em novembro de 1729, os árabes reapareceram e expulsaram os portugueses novamente. Em parte alguma, ao norte da baía de Lourenço Marques (Delagoa Bay) uma bandeira portuguesa voltou a tremular de então até nossos dias.

IV

Idéias preconceituosas, amplamente difundidas, segundo as quais a África é culturalmente estéril teimam em resistir. Não importam dados incontrovertidos, a partir de importantes descobertas arqueológicas, registros escritos e obras de arte — permanecem aqueles que preferem dar curso a histórias de exploradores europeus que sublinharam os aspectos negativos, ignorando os positivos.

Os africanos são chamados de selvagens, apesar dos atos bárbaros que formaram a rotina histórica do branco ocidental — como recentemente, quando milhões de pessoas foram eliminadas em câmaras de gás —, dos quais não deveriam se orgulhar. Os africanos, rotulados de pagãos, são na sua maioria, povos que acreditam num ente supremo, que estimula muito de suas vidas. Rotulados de primitivos, grande parte da chamada arte moderna deste século é baseada em sua criação tradicional, enquanto que o ritmo de sua música tornou-se denominador comum na cultura ocidental. Muitos fazem por esquecer que lá surgiu a mais antiga e grandiosa das civilizações. Muitos ignoram, virtualmente, a riqueza dos impérios de Ghana, Mali, Congo, Sudão, Etiópia e Songhai, quando Tombuctu e Gao eram verdadeiros centros internacionais do conhecimento. Embaixadores eram trocados entre nações, num momento histórico em que, registros evidenciam, havia superioridade cultural do lado africano em comparação ao europeu.

Muitos povos, indevidamente, atribuíram a origem exterior qualquer das maravilhas culturais do passado africano, tais como as cidades de Gegi, Engaruka e Malindi¹, no Quênia, além das cidades costeiras do leste africano, prenes de história, como Tanganica (hoje Tanzânia), além das ruínas das cidades de Kilwa²², Songa Mnara²³ e Ismalia, um sítio arqueológico da Idade da Pedra, com seus tesouros de relíquias de tão distante era.

²² - Kilwa: Porto marítimo do antigo território de Tanganica (Tanzânia), que teria sido fundado em 975 por Ali bin Hasan, príncipe Persa. Tendo sido uma importante e rica cidade, chegou a contar com 300 mesquitas. Ver Enciclopédia Britânica, Vol. 13 pg. 381

Os negros devem erguer suas cabeças, não apenas pelo que contribuíram para o enriquecimento de sua própria cultura, mas, também, pela sua direta contribuição para toda humanidade.

É interessante notar que ainda em 1492, quando se deu a queda de Granada, e Colombo descobriu a América, ainda havia africanos em postos de comando na Espanha.

No espaço que mediou entre 711 e 1492 povos africanos uniram-se pelo sangue aos espanhóis e, também, converteram muitos deles à fé islâmica. Durante o período de dominação, africanos e árabes, da mesma forma, contribuíram substancialmente para o enriquecimento da Península Ibérica, montando um intercâmbio comercial, cujos pontos externos eram África e o Oriente, numa escala então jamais pensada. Ergueram, também, uma civilização, em muito, mais avançada do que suas contemporâneas cristãs.

Quando os espanhóis reconquistaram sua terra, os ex-governantes foram obrigados a deixar de lado seus nativos e pitorescos hábitos, como tomar banho, e adotar rotinas pouco higiênicos dos conquistadores. Tiveram de renunciar sua língua, costumes e cerimônias. Mesmo seus nomes. " Os espanhóis — diz Stanley Lane-Poole, em seu livro *Os Mouros na Espanha* — não compreenderam que haviam liquidado com sua galinha dos ovos de ouro²⁴". Por séculos a Espanha fora o centro da civilização, o repositório das artes e das ciências, bem como de todas as formas de refinamento. Nenhum outro país europeu conseguiu sequer se aproximar do esplendor cultural que ali imperou, ao longo da dominação dos mouros. O brilho fugaz de Ferdinando e Isabel, e o império de Carlos V, provam a incapacidade dos espanhóis em atingir à duradoura eminência dos mouros. Estes foram banidos, e por certo tempo a Espanha cristã brilhou como a lua, com luz de

²³ - Songa Mnara: Ilha ao sul da baía de Kilwa, que, em meio a densa vegetação, esconde as ruínas de outra cidade desconhecida. Fragmentos de mesquitas, esculturas em pedra calcária e de um farol à praia compõe a paisagem. Pedro Alvares Cabral, navegador português, foi o primeiro europeu a visitar a região. Enciclopédia Britânica, Vol. 13 pg. 381.

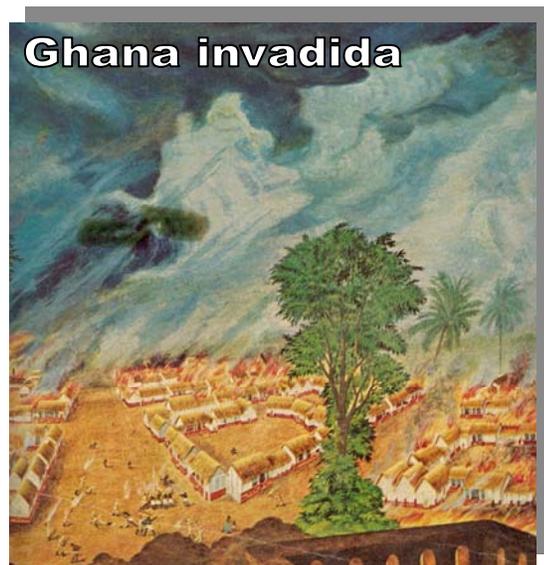
²⁴ - Galinha dos ovos de ouro. No original: *Golden Geese* (Gansos de Ouro).

outrem. Veio, logo após, o eclipse e na escuridão decorrente a Espanha mergulhou desde então.

“O verdadeiro memorial aos mouros — prossegue Lane-Poole — pode ser visto em áreas de extrema pobreza, onde, outrora, os muçulmanos cuidavam de luxuriantes vinhedos, imensos olivais e dourados milharais. Também, em estúpidas e despreparadas populações, vivendo onde outrora o conhecimento floresceu. Ainda, na geral estagnação e degradação de um povo que caiu na escala das nações, e que fez por merecer sua humilhação”.

Os rios da cultura negra desaguaram em muitas terras, irrigando solos áridos, e enriquecendo, mesmo, algumas áreas férteis. Voltemos sobre nossos próprios passos para, nessa caminhada, identificar, em diversos pontos, ao longo das margens desses rios, o que eles fizeram florescer.

A TERRA DO OURO



Ghana invadida

²⁵Entre os mais antigos estados da África do oeste surgiu um que mereceu especial atenção e fama. Chamado Ghana, inspirou, mesmo, o nome da atual República de Gana. Seu território ficava cerca de 360 quilômetros ao norte de Bamaco, atual capital da República do Mali, em meio a uma área que se constitui hoje num vasto deserto, sem habitantes permanentes. Muitos bem intencionados, porém mal informados, intérpretes do passado e presente da África, tendem a negar a existência de Ghana. Assim, à luz de tais dúvidas,

vamos examinar alguns relatos históricos e arqueológicos.

Em 1912 um oficial de distrito, o francês Bonnel de Meziers, viajou intensamente em áreas do alto Senegal-Niger, onde Delafosse identificou o coração de Ghana e sua capital, a cidade de Kumbi (sítio até então desconhecido), e acidentalmente descobriu as ruínas do que poderia ter sido uma grande e trepidante metrópole, com população assentada e próspera. O esclarecido explorador sugeriu, como subseqüentes investigações vieram confirmar, que aquelas ruínas, abandonadas no deserto, marcavam o local onde se localizou Kumbi-Saleh, capital do outrora rico e poderoso Império de Ghana, cuja história como estado independente pode ser traçada de 1203 até o quarto século da Era Cristã.

Comentando sua visita a Kumbi, em 1914, Bonnel escreve: "Fiquei grandemente impressionado pela verdadeiramente inesperada vista das ruínas de tão importante cidade, neste local perdido e desconhecido dos Europeus de nossos dias".

²⁵ - Desenho de E. Harper Johnson.

Bonnel encontrou muitos cemitérios e tumbas, algumas magníficas, nos subúrbios da cidade. Viu, também, indícios de fundição de ferro numa colina — montes de cinza e minério. Bonnel ficou surpreso quando encontrou ruínas de casas, tumbas e edifícios ao longo de 35 quilômetros, na direção leste-oeste.

W. E. Ward no livro *Breve História da Costa do Ouro*²⁶ diz: "A civilização de Ghana e de outros impérios do Sudão foi superior às existentes na Europa na mesma época. Eles ergueram esplêndidos edifícios, tinham um código legal, escreveram histórias e poemas. Conheciam a agricultura, a medicina, a ciência e mantinham universidades. Tinham bancos e todo o tipo de comércio. Possuíam um bom serviço postal. Mantinham hospedarias, e muros protegiam às rotas comerciais. Contavam com um destacado quadro de doutores e jurisconsultos. Seus cientistas observavam cometas, eclipses e terremotos, discutindo suas causas, num tempo em que tais fenômenos, na Europa, eram tidos como manifestações da ira de Deus".

Esta a situação da grande Ghana antes de ser literalmente engolida pelos fervorosos pregadores do islamismo, os almorávidas.

Em 1042, esse povo atacou alguns distritos afastados. Dezoito anos após, então, deu-se o grande assalto, era 1060. Para preservar sua liberdade, Ghana dispôs 200 mil guerreiros, incluindo 40 mil arqueiros, num gigantesco esforço para salvar o império. A guerra durou 16 anos.

Em 1076, o sopro que viria a varrer Ghana, abateu-se com grande violência. Sob o comando de Abu Bekr as forças almorávidas saquearam a cidade, causando o desmembramento do império.

Após a morte de Abu Bekr, em 1087, alguns reinos, parte do antigo império, lograram sua independência e, da mesma forma, o original reino, um núcleo do Império de Ghana, também se tornou independente.

²⁶ - *A Short History of the Gold Coast*, por W. E. Ward, Editora Longmans, Green and Co. 1935.

Em 1203, um dos estados originalmente vassalo do Império de Ghana — o Reino de Susu, sob o comando de Sumanguru, atacou e capturou Ghana. Logo adiante, Sumanguru descobriu que o pequeno principado do Mali ia-se transformando num poderoso reino e decidiu eliminar um futuro concorrente. Para atingir este fim, mandou matar onze irmãos, todos herdeiros do trono do Mali. Salvou o décimo segundo, uma criança aleijada, chamado Sundiata. Com o passar dos anos, o jovem tornou-se forte e livre de sua deficiência física. Em 1230, Sundiata ascendeu ao trono do Mali, deitando as bases de sua glória futura.

Cinco anos mais tarde Sumanguru decidiu desafiar Sundiata, quando seus exércitos se encontraram na batalha de Kirina. Sumanguru saiu derrotado e o reino de Susu tornou-se parte do expansionista império de Sundiata. Em 1240, Sundiata atacou a antiga cidade de Ghana e a destruiu para sempre, como grande ou potencialmente grande potência. Como consequência dessa derrota e a deterioração do clima, muitos habitantes desse antigo reino se viram forçados a migrar para regiões mais férteis e úmidas ao sul. Alguns desses migrantes, inclusive o grupo dos akan — Fanti, Achanti, Akwapin, Gyaman, Akim e Akwamu — iniciaram sua longa marcha para o sul, como uma unidade política. Mas, ao tempo em que chegaram às fronteiras da Costa do Ouro²⁷, já se encontravam divididos. Assim, desapareceu o império que conheceu prosperidade por mais de um milênio.

²⁷ - Nome da colônia inglesa que ao declarar-se independente, em 1957, passou a chamar-se Gana.

KUMASI E O TRONO DE OURO



Nos primeiros anos do século XVIII apareceu ante a corte de Osei Tutu, o quarto rei dos achantis, um mágico chamado Anotchi. Ele conseguiu convencer o rei de que era o enviado de Ouyame, o rei dos céus, e que tinha por missão transformar Achanti numa grande e poderosa nação.

De acordo com a lenda Achanti, Anotchi mandou descer dos céus uma nuvem negra, de onde, em meio ao rugir do trovão, fez surgir um trono de ouro. Anotchi proclamou que o trono continha as almas dos povos Achantis e que ele iria fazer crescer o poder, a honra e o bem-estar de todos. Disse mais, que se o trono algum dia viesse a ser conquistado ou destruído por inimigos a nação desapareceria.

Constituiu-se em fato histórico o dado segundo o qual, com o passar do tempo, o rei viu seu poder aumentar, assim como cresceu o prestígio do trono de ouro. O florescimento do poderio dos achantis levou-os até a costa, onde os fortes ingleses se encontravam. Freqüentes conflitos marcaram o período, culminando, em 1873, na marcha empreendida por Sir Garnet Wolseley sobre Kumasi. Após capturar e queimar a cidade, ele concluiu um tratado com o rei, que durou até 1893. Então, tomando conhecimento do significado para aquele povo do trono de ouro, os ingleses procuraram por todos os meios localizá-lo, no que, apesar do esforço, falharam completamente. Em março de 1900, Sir Frederick Hodgson visitou Kumasi com o objetivo precípua de esclarecer o mistério do trono de ouro. Num ato público, Sir Hodgson informou que o rei dos achantis, que se encontrava no exílio (NT. nas ilhas Seicheles), de lá não retornaria. Isto posto, seria correto que lhe entregassem o trono para que, levando-o ao rei, no exílio, pudesse nele sentar.

Os Achantis receberam o discurso em silêncio. Os chefes sentiram-se verdadeiramente insultados. Sucede que, nem mesmo o rei havia, jamais, sentado no

trono. Ele era conservado respeitosamente pelo povo simbolizando a alma da nação. Ao fim da cerimônia os diversos chefes voltaram para suas regiões com o objetivo único de preparar a guerra. O número de mortes no breve conflito que se seguiu somou 1.007, dentre os britânicos. As baixas do lado achanti são desconhecidas. Nada ficou assinalado, da mesma forma, sobre o paradeiro do trono de ouro.

A GRANDE ARTE DE BENIN



Há certa unanimidade da crença de que diversas populações têm ocupado o solo da atual Nigéria nos últimos milênios. Nos passados próximos vinte e cinco anos inúmeras provas têm conduzido à certeza da presença de uma consistente cultura pré-histórica no norte da Nigéria, que produziu peças extremamente valiosas em terracota. Em 1944, a descoberta de uma bela cabeça de Jemaa foi conectada a uma isolada descoberta anterior, ocorrida em 1936 — uma pequena cabeça de macaco, produzida em terracota, foi encontrada numa mina de zinco em Nok. Este nome passou a ser usado como indicador da cultura que produziu aquelas obras de arte.



A descoberta da cultura de Nok foi uma das mais revolucionárias da moderna arqueologia. Logo após o surgimento dessas peças os primeiros estudos indicaram que sua produção ocorreu num período que mediou entre 2000 a.C. e o início da Era Cristã. Época em que uma sociedade organizada habitou aquela região, sendo predecessora dos desdobramentos que ali se deram nos campos religioso, artístico e social.

Existem fortes razões fazendo supor que a arte de Nok influenciou diretamente à de Ifé e Benin, e, ainda, seu conhecimento poderá erradicar, enfim, teorias europeizantes de que a produção de Ifé, Benin e Igbó, além de outras tradicionais formas de expressão, teriam sua origem fora da África ocidental. Prova, sim, que os africanos produziram arte tanto impressionista, quanto naturalista.

Por sua singularidade, a tendência foi pensar que a arte em bronze de Benin e Ifé não se vinculava à outras formas de expressão da arte negra africana. Dai, por conseqüência, partiam à busca de uma origem não africana para essas manifestações. Uma teoria mais favorável, entretanto, vincula a introdução da arte em Ifé à migração ocorrida na África do oeste de um grupo liderado por um certo Kiswa, vindo do oeste do Sudão. Como resultado dessa andada, acredita-se, teria sido estabelecido na região uma dinastia. Muitas tribos, inclusive os iorubas, têm tradicionalmente vinculada sua origem à essa movimentação, que teria ocorrido entre os séculos VI e VIII de nossa era. Entretanto, não se tem qualquer evidência arqueológica disponível para apoiar a teoria da existência de técnicas de fundição em bronze no Sudão ocidental. Permanece, todavia, o vale do Nilo, e em especial Méroe²⁸,

como o mais provável ponto de partida dos deslocamentos para o oeste. Baseados nisto, vários autores gostariam de ver na arte a sobrevivência de uma intrusão da civilização egípcia, ou uma derivação da arte dos etruscos, persas e indianos.



Pirâmides de Meroé, no Sudão

de

Antes de discutirmos a arte de Benin, cremos que deva haver um prefácio contendo uma descrição das sociedades africanas que produziram esses trabalhos e outros similares.

²⁸ - Méroe: Capital do primitivo Estado africano de Cuche, foi centro de uma antiga e adiantada cultura. De 300 a. C. a 200 d.C., aproximadamente, Méroe floresceu como centro artístico e comercial.

Pouco após haverem os portugueses chegado ao golfo da Guiné, em 1470, fizeram uma série de visitas à cidade de Benin. Entretanto, desafortunadamente, nenhum registro de suas impressões sobre a cidade chegou até nossos dias. O mais antigo registro preservado está numa crônica holandesa, produzida por autor anônimo, conhecido apenas pelas iniciais D.R.²⁹, publicada pela primeira vez na Alemanha, em 1604.



Nessa narrativa, que parece haver sido escrita por uma testemunha ocular, fica-se sabendo que “em princípio a cidade parece muito ampla. Quando nela se adentra, depara-se, desde logo, com uma espaçosa avenida, que dá a impressão de ser sete ou oito vezes mais larga do que a Rua Warme, em Amsterdã. Quando alguém se dispõe por ela caminhar, mesmo depois de um quarto de hora, não consegue ver seu fim. No portão de entrada existe um baluarte, sólido e consistente sobre um fosso seco, cheio de altas árvores. O fosso prossegue adiante, porém não sabemos se contorna a cidade ou não. O portão é bem construído, feito em madeira e conta com um sentinela. No lado exterior do portão existe um grande subúrbio. Podem ser vistas muitas ruas com calçadas contendo árvores em ambos os lados, que se perdem ao longe”.

“As casas ao longo das vias, prossegue o narrador, umas ao lado das outras, em perfeita ordem, fazem lembrar o casario da Holanda, inclusive com uma pequena escada, na qual pessoas de bem adentram, antes passando por uma pequena sala de estar onde se pode sentar...”

O ano de 1897 assinala a descoberta da arte de Benin pela Europa ocidental. Os britânicos concluíram um tratado de comércio pouco após, em 1892, com o rei de Benin, pois suas tentativas de chegar ao país haviam sido constantemente frustradas. O tratado, todavia, fez com que o vice-cônsul Philips, do protetorado de Oil Rivers, chegasse à cidade de Benin em 1896. Mensageiros enviados à corte de Oba, o rei, receberam a resposta de que a majestade celebrava, naquele período, o sacrifício anual em honra dos ancestrais.

²⁹ - Acréscimo atual: D.R. = Dierik Ruyters

Seria melhor, sugeriram, que a visita de Philips fosse adiada. Entretanto, apesar da resposta desfavorável, Philips, acompanhado de oito europeus e 280 carregadores africanos, todos desarmados, de forma a não levantar suspeitas, marcharam para Sapele, a dois de janeiro de 1897. Singrando tortuosos rios e afluentes, por cerca de 100 quilômetros, chegaram a Gwato, o porto de Benin. O grupo desembarcou e iniciou uma caminhada através da selva, em direção à cidade de Benin. Após cerca de 20 quilômetros de marcha sofreram uma emboscada, quando 40 dos carregadores foram assassinados. Informes sobre o massacre chegaram, em 10 de janeiro, ao almirante Rawson, do Esquadrão do Cabo, sediado na Cidade do Cabo. Com muita rapidez, apenas 29 dias, foi organizada uma expedição punitiva, formada por 700 homens trazidos de diversas partes, de distâncias tais como 6.400 quilômetros, que capturaram a Cidade de Benin, em 17 de fevereiro.

Os integrantes da missão punitiva mostraram-se maravilhados ao encontrar em Benin grandes quantidades de bronze fundido, esculturas em marfim e muitos outros objetos. Infelizmente, porém, os invasores incendiaram a cidade, queimando por conseqüência um grande número de obras de arte em madeira. Não obstante, o que sobrou se constitui num forte testemunho da existência ali de uma antiga e também fluorescente tradição artística. A expedição levou consigo grande quantidade de artigos que, adiante, foram vendidos pelo *Foreign Office* (Ministério do Exterior) inglês. Os integrantes da missão tiveram a chance de apossar-se de um bom número de peças de alto valor artístico. O Museu Britânico conseguiu uma valiosa, embora pequena, coleção, como fez, da mesma forma, o general Pitt Rivers.

Uma das primeiras questões que emergiram com a descoberta da arte de Benin foi "de onde se originou?"

O contato vestibular dos europeus com Benin foi travado pelos portugueses, em 1472. Eles, parece, conseguiram um bom relacionamento com o Oba de Benin. Rapidamente estabeleceram um entreposto comercial em Gwato, e seus missionários foram recebidos pelo rei. Seus soldados serviram no exército real. Os portugueses mantiveram um saudável convívio com os reis de Benin até cerca de 1660, mas, com

menos intensidade, desde 1540. Os holandeses, então, substituíram os portugueses, assumindo a condição de grandes parceiros comerciais. A partir da segunda metade do século XVIII, franceses, ingleses, holandeses e portugueses, todos negociavam em Gwato. Subseqüentemente, as atividades dos ingleses superaram aos demais.

Em 1897 julgavam que a arte de Benin teria sido influenciada pela cultura portuguesa. Uma vez que muitos dos trabalhos em bronze retratavam portugueses, foi fácil pensar que o povo de Benin havia deles aprendido a arte de fundir o bronze. Tal presunção, entretanto, não foi longe. Seria pouco provável que uma escola de arte em bronze, com produções sem similar em qualquer outro lugar, pudesse se desenvolver, em tão curto espaço de tempo, ao ponto de haverem os artistas de Benin ter podido reproduzir, com precisão, a vida dos povos que geraram tal arte. Ainda mais, existe forte tradição local a informar que o povo de Benin teria aprendido a arte de trabalhar artisticamente o bronze com a gente de Ifé, uma cidade a cerca de 176 quilômetros a noroeste da cidade de Benin, na Iorubalândia. A maioria das peças de valor artístico da arte de Benin ficava, como ainda hoje ocorre, em mãos de irmandades.

Com as mudanças permanentes que ocorrem na imagem da África, parece não estar distante o dia em que o Ocidente prestará a devida homenagem e reconhecimento às contribuições prestadas pelos povos daquele continente à civilização ocidental.

V



Nenhum nome ou título real de uma mulher da Antiguidade é mais familiar entre sábios e leigos do Ocidente do que o da rainha de Sabá. Narrativas que relatam sua visita ao rei Salomão são, indubitavelmente, mais conhecidas do que a infeliz aventura de Jezebel na corte da Arábia; ou a agitada visita da rainha Hatsépsu a Punt. Nem mesmo os rumorosos casos românticos entre Aspásia e Péricles, ou Teodorsa e Justiniano, ou mesmo, Cleópatra e Marco Antônio, alcançaram tamanha notoriedade.

Mas, quem foi a Rainha de Sabá e onde se situava o reino onde ela imperava? Historiadores medievais e antigos nunca conseguiram chegar a uma resposta comum para essa questão. Há certa tendência universal para considerá-la como uma rainha etíope de nome Maqueda. Assim, seu território seria o da velha Etiópia.

Por outro lado, na antiga Palestina e na medieval Arábia acreditavam-se que a renomada rainha de Sabá fora uma antiga monarca árabe de nome Belquis e que o reino iemenita de Himiar teria sido seu ancestral domínio.

A maioria dessas tradições é de origem rabínica, ou árabe, e datam, quase todas, da Idade Média. Todavia, foi apenas muito após o tempo medieval que essas narrativas tornaram-se amplamente difundidas entre estudiosos do Ocidente.

Em meio aos árabes as mais antigas referências à rainha de Sabá encontram-se na curiosa passagem do capítulo 27 do Corão, no qual o profeta Maomé reporta-se à correspondência e parentesco existente entre o rei Salomão e a "rainha de Sabá" — comunicação e familiaridade que não colocam o rei hebreu sob um ângulo favorável. Também de particular importância, cronologicamente, a próxima referência está em **Os Anais**, obra do grande historiador árabe, Mohammed Al Tabari (838 a 926 d.C.), que fala amplamente do vínculo entre Sabá e Salomão, mas, como sublinhou Chrishton: "com muito

de fascínio e fausto, dando mais a impressão de ser um conto de fadas, ao invés de séria narrativa histórica".

A terceira tradição está tanto no Novo, quanto no Velho Testamento e, naturalmente, é muito mais conhecida do que as anteriores, mas, da mesma forma, mais contribuíram para aumentar as dúvidas a respeito da identidade da rainha de Sabá e à localização geográfica de seu reino, do que para esclarecer. No que concerne à história tradicional etíope, quanto à visitante real do monarca hebreu, pode-se inferir que foram, mais ou menos, casados, já que a narrativa bíblica tem como característica a falta de precisão. A rainha Maqueda, a quem os etíopes identificam como o personagem bíblico rainha de Sabá, viveu e teve seu reino onde estão geograficamente as fronteiras do que hoje é a República da Etiópia. A fonte primária etíope de informação sobre a carreira da rainha Maqueda é o *Kebra Nagast*, ou A Glória do Rei dos Reis, que se constitui em *magnum opus* (obra maior) das tradições históricas etíopes e que alcançou, naquele país, um grau de reverência somente superado pela Bíblia. Nesse magnífico repositório da tradição estão preservados alguns particulares muito importantes sobre a dinastia à qual a rainha Maqueda pertenceu. De considerável significado é que esses particulares e detalhes são singularmente livres de óbvios eventos ficcionais e fabulosas invenções como as que se encontram, com freqüência, nas tradições passadas, especialmente pelos rabinos e escritores árabes medievais, para a Bíblia, sobre a famosa visitante do rei Salomão. Em outras palavras, na versão etíope da rainha Maqueda muitos dos detalhes e particularidades transportam consigo o halo da verdade.



Vamos a seguir traçar a história da rainha Maqueda como veio até nós através da, aparentemente, mais conclusiva tradição etíope. A dinastia à qual Maqueda pertenceu, de acordo com essa tradição, teria, pode-se estimar, se estabelecido na Etiópia em torno ao ano 1370 a.C. Seu fundador seria Za Besi Angabo que substituiu o último representante de uma antiga dinastia conhecida como a linha real de Arwe, e que, supõem modernos mestres, teria origem estrangeira. A região ou país de onde poderiam ter migrado é desconhecida, mas, como existem relatos de que eles "adoravam a serpente", passou-se a

crer na possibilidade de haverem vindo do Egito, onde a serpente era representada como símbolo, tanto de sabedoria, quanto de autoridade real. E existem elementos cogentes que evidenciam haverem certos governantes da grandiosa 18ª Dinastia do Egito, ou seus vassallos, administrado parte da Etiópia durante os séculos XVI e XV a.C.

A dinastia criada por Za Besi Angabo parece haver mantido o poder por período não inferior a 350 anos, durante o qual o número de reis é desconhecido e o nome de apenas alguns conseguiu ser guardado. Os derradeiros dois foram o avô e o pai da rainha Maqueda. O avô chamava-se Za Sebado, que teria reinado entre 1076 e 1026 a.C. Sua esposa e rainha chamava-se Ceres e tiveram apenas uma filha, chamada Ismenic-Kallipyge, também conhecida como Shehiristany, significando "criança do país das cidades". Essa filha casou com um príncipe chamado Kawnasya, que era o primeiro-ministro de Za Sebado. Quando este morreu seu genro Kawnasya tornou-se o rei, ocupando o trono entre 1026 e 1005 a.C. Ele e sua esposa, a rainha Ismenie, tiveram dois filhos. O primeiro, homem. Veio a chamar-se Noural Rouz cujo nome significava a luz do dia. O segundo, mulher. Foi chamada de Maqueda, que teria nascido em 1020 a.C. O herdeiro, ainda infante, teria sido deixado cair, acidentalmente, no fogo, vindo a morrer. A jovem princesa Maqueda também teria se acidentado: um cachorro doméstico ou um chacal teria mordido um de seus pés ou perna. Isto deixou algumas cicatrizes, que não chegaram a afetar seu andar. O ferimento teria sido a origem de uma narrativa posterior dos muçulmanos dizendo que ela tinha os pés disformes, aparentando os cascos de um asno.

Quando seu pai morreu, por volta de 1005, a.C., Maqueda ascendeu ao trono. A jovem rainha — diz a tradição — era muito bela de rosto; sua estatura imponente; sua inteligência e compreensão notáveis.

Entre as grandes princesas mercadoras de então, havia uma chamada Tamarin, que tinha como seu cliente, também, o rei Salomão, de Jerusalém, para quem ela teria viajado, a fim de proceder a entrega de um grande lote de produtos naturais etíopes, como "ouro vermelho, safiras e madeira negra (ébano), que era imune ao cupim". Durante sua

estada em Jerusalém, nessa ocasião, Tamarin “impressionou-se sobremodo com a inteligência de Salomão e a maneira como reinava e administrava seu domínio”.

De volta à Etiópia, a princesa mercadora ofereceu à sua rainha um detalhado relato de todas as maravilhas que testemunhou durante sua estada em Jerusalém, especialmente a sabedoria e outros dons do rei hebreu. "Quanto mais ela ouvia de Tamarin, mais maravilhada se mostrava, a tal ponto que Deus plantou em seu coração o desejo de visitar Jerusalém, a fim de encontrar o maravilhoso homem e, mais que tudo, absorver um pouco de sua sabedoria". “Maqueda fez de Tamarin o comandante de uma caravana, à qual ela integraria, fazendo-o com grande pompa e majestade, levando consigo uma enorme equipagem”.

Quando Maqueda chegou a Jerusalém, Salomão saudou-a cordialmente e hospedou-a num palácio. Ele sentiu grande prazer na companhia de Maqueda, o mesmo ocorrendo com ela, que ficou embevecida pela “cortesia de atitude, sabedoria e modo de julgar; a suavidade de sua voz e a eloquência do discurso”. Religião foi um dos principais tópicos, e quando Salomão explicou-lhe sobre "o poder e a força de um verdadeiro Deus, e Deus de Israel, o criador do Céu e da Terra... isto calou profundamente em seu coração... e a rainha abandonou a adoração ao Sol e tornou-se seguidora do Deus verdadeiro, o Deus de Israel.

Após Maqueda haver passado seis meses em Jerusalém, ela informou ao rei Salomão de que seus deveres a impeliam voltar para casa, o que fez Salomão sentir-se perturbado, uma vez que ele não se sentia compelido a viajar com sua encantadora visitante. Por isto, propôs a questão de seu casamento com Maqueda. Ele teria sugerido à rainha que ficasse por outro período, de forma que ela pudesse "completar sua instrução e saber". A rainha Maqueda, em sua inocência, aceitou o convite como verdadeiro, mas, com o passar do tempo, descobriu que as intenções de Salomão não eram das mais honestas como ela pensara. Apesar de sua sabedoria, Salomão, nas palavras de um escritor bíblico, portava-se como "alguém cujo coração não se mostrava perfeito face ao Senhor" (I, Reis, 11.14). Ou, como observa um moderno comentarista "sua sabedoria não lhe podia ensinar auto-controle". A virgem rainha fez o que pode para conservar-se assim, mas suas

resistências, ao fim, provaram sem efeito contra os caprichos e ardis do mais sábio e esperto dos homens.

Logo após tão inesperada, quanto nova, experiência, Maqueda pediu a Salomão lhe fosse permitido partir. O rei, depois de brindar-lhe com muitos presentes — inclusive um anel para seu filho que Maqueda geraria — consentiu na partida. Assim, a rainha seguiu seu caminho. Quando chegou a Bala Zadisareya, uma vila nos arredores do reino, as dores do parto tornaram-se insuportáveis e ela deu a luz a um filho varão a quem chamou Ebna Hakim, significando filho do homem sábio. “Quando, após seu confinamento, a rainha adentrou sua cidade natal, foi saudada com grande júbilo, pompa e cerimônia”.

O Kebra Nagst relata que, após a volta de Maqueda a Asab, o reino continuou a crescer e se renovou sob sua inspirada administração. O filho, Ebna Hakim, com o passar dos anos, foi se assemelhando cada vez mais ao pai. Quando o príncipe atingiu 22 anos de idade, sua mãe, mantendo a promessa que havia feito a Salomão, pouco antes de deixar Jerusalém, mandou-o visitar seu pai. Salomão, que se rejubilou em ver seu belo e nobre filho, sentiu, desde logo, o contraste em sua corte: Salomão, tinha como único herdeiro varão, o imprestável Roboão, de quem se escreveu: “se lhe sobrava tolice, faltando inteligência”. Salomão empenhou-se ao máximo para que Eban Hakim permanecesse em Jerusalém, com a intenção de torná-lo seu sucessor, mas o príncipe insistiu em retornar para seu país. Impotente em mudar a decisão do filho etíope, Salomão ordenou que tudo fosse feito para que Ebna empreendesse uma boa viagem de volta.

Logo após haver chegado à Jerusalém o jovem príncipe contou a seu pai o desejo materno de incentivar a prática da religião de Israel em seu reino. Satisfeito com a decisão de Maqueda, Salomão resolveu enviar, junto com o príncipe Ebna, vários missionários hebreus, para ajudar no esforço religioso na Etiópia. Salomão pediu que cada um dos conselheiros da corte escolhesse um dentre seus filhos para tão nobre propósito. Nem todos os escolhidos mostraram-se satisfeitos com a possibilidade de terem de deixar Jerusalém em troca da Etiópia. Entendiam que, abandonando sua terra, não mais estariam sob a proteção assegurada por Jeová aos seus ancestrais, por intermédio de Moisés, no Monte Sinai. Proteção registrada na tábua das leis, guardada na arca do templo sagrado,

no monte Moriah. Azarias, o filho do supremo sacerdote Zadak e um dos escolhidos para marchar à Etiópia, teve a idéia de levar consigo a arca contendo a tábua, além de outras relíquias sagradas.

Assim, uma noite antes do amanhecer da grande partida, Azarias e seus companheiros retiraram a arca de seu santuário e a esconderam num dos carros que continham as bagagens. Naquela manhã os objetos sagrados da fé hebraica iniciaram a jornada para seu novo sacrário, na longínqua Etiópia. Muitos dias depois, quando o supremo sacerdote Zadak descobriu o que havia ocorrido, ele e o rei Salomão ordenaram que os soldados perseguissem a caravana e recuperassem as relíquias sagradas. Mas, de acordo com a tradição, Deus, ele próprio, confundiu os perseguidores, milagrosamente empurrando a caravana com tal rapidez que os soldados judeus não a puderam jamais alcançar.

Nenhuma das narrativas tradicionais que resistiram ao tempo diz da forma como a rainha Maqueda e seu filho reagiram ao saberem do roubo. De qualquer forma, a tradição indica, com clareza, que Azarias e seus companheiros estabeleceram-se na Etiópia e, com o apoio real, deram andamento, com sucesso, ao projeto missionário para o qual haviam sido enviados. Casando-se com mulheres do local, geraram filhos educados segundo os preceitos da religião hebraica. Teriam surgido, assim, aqueles conhecidos como os falashas, ou judeus negros, que se constituíram, da Antiguidade até nossos dias, em importante parcela da população etíope.

A rainha Maqueda, de acordo com a tradição, teria vivido alguns anos mais, após o retorno Eban Akim de Jerusalém. Quando morreu, por volta de 955 a.C., foi sucedida por seu filho, que escolheu como seu nome real Menilek I. A tradição acrescenta que a rainha foi enterrada, não em Azab, no sul, mas em Axum, ao norte, e que, durante o reinado de Menilek, essa cidade se constituiu em sede do reino.

Embora a rainha Maqueda, durante sua vida, tivesse mantido residência nas vizinhanças de Axum, situada na bela e fresca região das montanhas, ao norte do reino, a sede de seu governo teria sido no extremo sul das praias africanas do mar Vermelho. O nome do distrito é lembrado de forma diversa, ou como Azab ou Asabe ou Saba, que

significa em língua etíope, daquele tempo, terras do sul. Sheba tem sido considerada, tanto como uma variante do mesmo nome, ou uma designação específica de parte do mesmo distrito ou região vizinha. Naquele tempo a sede do governo ou a capital teriam sido conhecidas com o mesmo nome ou nomes. É interessante saber que, na parte sul daquela região, existe hoje uma cidade com porto marítimo conhecida como Assab, e que James Bruce, escrevendo 200 anos atrás, narrou que à curta distância para o interior dessa cidade ainda se podem encontrar majestosas ruínas que representam o que fora, obviamente, o restos de magníficos edifícios que ali estiveram um dia. E, 1939 o veterano explorador austríaco Byron de Prorok Kuhn descobriu, no que agora é um deserto sem habitantes fixos, na região da antiga Somália francesa, menos de 160 quilômetros para o sul, notável aglomerado de ruínas de edificações e antigas tumbas às quais ele, em critério de tentativa, datou como coincidente com a época em que a rainha de Sabá teria vivido.

À luz de fatos agora disponíveis não se torna fantasioso assegurar que as ruínas relatadas por Bruce e de Prorok Kuhn muito bem podem ser os restos de civilizações que teriam florescido nos distritos de Azab ou Asab, quando a rainha Maqueda e os membros de sua corte eram os senhores "das terras do Sul".

Uma das principais peças externas de evidência em favor dos etíopes — e dos mestres europeus que a eles se alinhavam — é a referência contida no Novo Testamento, na qual a famosa visitante do rei Salomão é especificamente chamada de "rainha do Sul". Neste contexto é assinalado em o Livro de Axum, que é superado, apenas, pelo Kebra Nagast, como fonte autêntica das tradições etíopes, e que foi escrito em antigo Ge'ez ou etiópico —, que a capital do reino de Maqueda situava-se no distrito de Azeba, significando, como já foi antes assinalado, País do Sul. E, ainda outra vez, em passagem do Novo Testamento, na qual a visitante de Salomão é mencionada com a expressão "rainha do Sul", é reproduzida na língua tigrinya como Eteye Azeb — que significa "governante do Sul". É impossível que tais expressões houvessem sido inventadas, como alguns teriam sugerido, mais recentemente, por espertos monges etíopes, a fim de tornar as tradições etíopes em duplicatas de referências do Novo Testamento.

Uma segunda fonte de testemunho externo em favor da tese dos etíopes é que todos os produtos que — indicados no Antigo Testamento como levados pela rainha de Sabá, como presente a Salomão, ou seja: "uma grade quantidade de temperos", "muito ouro e pedras preciosas" — eram não apenas naturais do reino de Maqueda mas, em comparação com outros países, os possuía em muito maior quantidade.

Dentro de seus próprios domínios haviam ricos campos de ouro, especialmente na região de Fazoli e, como trabalhos antigos revelaram, no distrito de Karen ao norte e na área de Edola no sul. No reino vizinho de Cuche existia uma rica província de ouro chamada Wawat, nas bacias do Wadies Allaqui, e Cagbaba na região desértica entre o baixo vale do Nilo e o mar Vermelho. Não menos ricas eram as províncias auríferas da região do Nilo situada entre a segunda e a terceira cataratas. E, verdade ou não, deve ser mencionado, de passagem, a existência de antiga tradição, como assinalou James Bruce, muitos anos atrás, segundo a qual as minas de ouro de Sofala, no longínquo sul, eram parte dos domínios da rainha de Sabá. Evidências históricas e arqueológicas parecem indicar haver sido dessas antigas regiões, produtoras de ouro dos cuchitas e dos etíopes, bem como dos distantes distritos auríferos de Sofola, que as civilizações clássicas do antigo Ocidente teriam conseguido grande parte de sua riqueza".

ANTES DE COLOMBO

As idéias, como sementes, foram caindo em terreno fértil. Os jovens estudantes, inspirados pela pesquisa dos seus professores e intelectuais, foram desbravando novos caminhos. Não havia mais dúvida, panfletos, artigos de jornal e revistas, conferências em universidades, nas igrejas, nas lojas maçônicas, inflavam a auto-estima da raça negra: havia muito de história, antes da senzala. E essa história recuava a tempos primevos da aurora da humanidade, com a raça humana surgindo nos trópicos, biologicamente negra, como imposição do processo natural de vida naquela região. Expandia-se na mesma África para abarcar o Egito, governado por reis e rainhas vindos da Núbia, amalgamando-se raças diversas. Mas isso estava muito distante.

Assim, uma questão emergente começou a preocupar novos estudiosos, leitores e seguidores dos pioneiros. Haviam os negros chegado à América do Norte antes do Mayflower, navio que em 1620 trouxe os peregrinos brancos? Um jovem professor universitário, Ivan Van Sertima³⁰, autor de estudos pioneiros de lingüística e antropologia, enfrentou o desafio, e depois de muita pesquisa teve publicado seu livro *“A presença africana na América antiga – Eles vieram antes de Colombo”*. O professor Van Sertima vasculha ao longo de sua obra a presença africana em terras do continente que viria a ser chamado de América. E conclui, citando um dos muitos pesquisadores que dão consistência a seu trabalho: *“O negro iniciou sua caminhada na América não como escravo, senão como senhor”³¹*

³⁰-www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0394402456/qid=1079316509/sr=1-1/ref=sr_1_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books

³¹ - Em: *Ancient Egyptians and Chinese in America* (Egípcios Antigos e Chineses na América), de R. A. Jairazbhoy.

A ROTA SECRETA A PARTIR DA GUINÉ

De uma das obras que compulsa em seu trabalho (*“Cristóvão Colombo, sua vida, sua obra, seu legado”*, de John Boyd Thacher), Van Sertima organiza a primeira parte – a rota secreta partindo da Guiné – onde informa: *“A edificação da nova cidade de Isabela, a luta para dominar e converter os nativos do Caribe (que haviam massacrado o primeiro povoamento de espanhóis e demolido seu forte) ocupou a maior parte do tempo de Colombo, até o retorno de sua segunda viagem, em 1496. Enquanto em Espanhola (atualmente Haiti e República Dominicana) algo ocorreu de forma a confirmar e complementar o que Dom João Ihe havia dito. Os nativos deram provas de estarem negociando com povos negros. Ele levava para a Espanha provas concretas desse comércio. “Os nativos de Espanhola informaram que haviam estado ali negros que carregavam lanças cujas pontas eram feitas em metal, que chamavam de gua-nin, das quais parte Colombo enviou amostras para seu soberano testá-las. Concluíram que de 32 partes, 18 eram de ouro, seis de prata e oito de cobre”*. Essa referência encontrava-se na obra. Prossegue Van Sertima: *“A origem da palavra gua-nin pode ser encontrada em línguas mande da África do oeste, tais como Mandingo, Kabunga, Toronka, Kankanka, Bambara, Mande e Vei, onde a palavra ka-ni, traduzida em fonética nativa, chegará a gua-nin.*

O livro de Van Sertima foi escrito como um romance, recriando de forma ficcional personagens, fatos e locais da época em que descreve feitos históricos apoiados em pesquisa. Assim, já no primeiro capítulo, ao mesmo tempo em que divaga, informa a seus leitores, sedentos do enunciado no título de sua obra. *“No anoitecer do sábado, 9 de março de 1493, uma semana após Colombo haver sido desviado por uma tormenta para Lisboa, em sua primeira viagem para as Índias, ele sentou-se para jantar com o rei português, em sua corte no vale do Paraíso”*(este fato é assinalado em *“Cristóvão Colombo, sua vida, sua obra, seu legado”*, de John Boyd Thacher). Prossegue Van Sertima: *“Dom João parecia*

estar em excelente estado de espírito. Falava com Colombo como se para um grande amigo, com carinho e suavidade, insistindo para que seu convidado não se mantivesse de pé, se curvasse ou concedesse qualquer tipo de deferência, senão que se sentar ao lado de dele, como se iguais fossem. O almirante mostrava-se surpreso, profundamente encantado com a hospitalidade do monarca, mas sobretudo maravilhado com a aparente ausência de qualquer tipo de ressentimento por parte do rei português. Durante todo o jantar procurou fixar-se no rosto de Dom João, cismando se a máscara de repente iria cair e revelar a malícia que Colombo acreditava estar escondida por detrás. Havia Dom João enviado três caravelas armadas persegui-lo, setembro último, quando ele iniciara sua jornada? Não teria o rei dado ordens de que nas ilhas da Madeira, Porto Santo e Açores, e nas demais regiões e portos onde havia portugueses, Colombo deveria ser preso? Apenas na última terça-feira Bartolomeu Dias, patrono da frota real, armado até os dentes, o teria confrontado, de forma que ele se encontrava agora impotente no porto de Lisboa, com o velame rasgado na metade, face ao temporal que teve de enfrentar”.

O encontro entre o almirante e o rei prossegue, e Van Sertima toca em seu objetivo, escrevendo: “ O rei esta seguro disso. Africanos, ele disse, haviam viajado para aquele mundo, que pode ser encontrado logo abaixo da linha equinocial, aproximadamente no mesmo paralelo com as latitudes de seus domínios na Guiné”. De fato, “encontraram navios que iniciaram a partir da Guiné e navegavam para o oeste com carregamentos³²” “O rei sentia-se verdadeiramente um tolo por não haver enviado uma frota expedicionária nessas águas, apesar de persistentes rumores e relatórios. De qualquer forma, Portugal nesse período já tinha mais do que podia em terras na África, e concentrava suas energias na exploração da rota oriental para a Índia”.

³² - Em *Africa and the Discovery of America* (África e a descoberta da América), de Leo Weiner, edit.. Philadelphia, Innes and Sons, 1920-22, Vols. 1-2)

Nesse primeiro capítulo, Van Sertima se ocupa em grande parte com o o documento que ficou conhecido como Tratado de Tordesilhas, para voltar à questão de seu objetivo: *“A Linha (Tordesilhas), como a propôs Dom João, foi finalmente ajustada entre as duas grandes potências. Era um período anterior às incursões ao sul da América, pelos espanhóis e portugueses. A descoberta, mais tarde, do continente, situou o Brasil a leste da Linha, ficando, pois, sob o domínio de Portugal”*. Então o narrador fala da rota da Guiné, assim: *“Essa região da América do Sul é banhada pela corrente equatorial norte, que se junta com a corrente das Canárias, vinda da costa africana da Senegâmbia (costa dos atuais países Senegal e Gâmbia). Essa corrente empurra os navios que nela ingressam, na África, para as praias do Novo Mundo, com o irresistível magnetismo de um campo gravitacional. Foi nessa corrente que o capitão português, Alvares Cabral, empurrado por uma tempestade para fora da costa oeste da África, em 1500, foi levado impotente, mas seguramente para o Brasil³³”*.

E essas correntes teriam conduzido, séculos antes, outros navegadores não ibéricos, mas africanos, para as costas sul-americanas. *“Nessa terceira viagem, Colombo conseguiu mais evidências das relações entre a Guiné e o Novo Mundo. Num local onde aportou na costa americana do sul, no dia 7 de agosto de 1498, os nativos lhe trouxeram ‘lenços em algodão simetricamente tecidos e produzido em cores como aquelas adquiridas da Guiné e dos rios de Serra Leoa’. Essas foram as marcas mais antigas da presença africana. Durante a primeira e segunda décadas do chamado período dos descobrimentos, fundações e artefatos foram encontrados pelos espanhóis. Quando não eram registrados como sem importância, eram ignorados ou suprimidos. Mas a história não se destrói com facilidade. Nas tradições orais dos nativos americanos e dos africanos guineanos, nas notas de rodapé de livros espanhóis e portugueses, parte da história se mantém. Outra parte resiste preservada sob os solos americano e africano. Na medida em que esses solos*

³³ - Nota de Van Sertima: “A expedição empreendida por Pedro Alvares Cabral, que se dirigia de Lisboa para Calicut, em 9 de março de 1500, composta de treze navios, viu-se, inesperadamente, afastada da costa africana por uma tempestade, atingindo as praias do Brasil. Cabral deu à região o nome de “Terra de Santa Cruz”. Ele retornou a Lisboa em julho de 1501. Mais detalhes em John Boyd Thacher, Vol. 2, p. 444.

têm sido escavados arqueologicamente, um novo esqueleto emerge da história desses mundos adjacentes.

AS TESTEMUNHAS VISÍVEIS

“Estaria em contradição com a lógica mais elementar e com todo o conhecimento artístico, pudessem os nativos representar de forma magistral a cabeça de um negro, sem perder uma sequer de suas características raciais, sem que tivesse, em verdade, visto uma tal pessoa. Os tipos de povos representados devem ter vivido na América... O elemento negróide está bem assinalado nos grandes monumentos Olmec, em pedra, bem como em itens produzidos em terracota, não podendo ser, desta forma, excluídos da história pré-colombiana da América”. Em *A arte em cerâmica na fase pré-colombiana nas Américas do Sul e Central*, por Alexander Von Wuthenau, Van Sertima enriquece a afirmativa, para alcançar seu objetivo, escrevendo: “... *populações negras foram encontradas na América em número muito pequeno, sob a forma de tribos isoladas em meio a diferentes nações, tal como os Charruas no Brasil, os Caribes de São Vicente, no Golfo do México, os Jamassi da Flória... Da mesma forma é a tribo da qual Balboa viu alguns representantes, quando passou pelo istmo (Golfo) de Darién, em 1513. Ainda, poderia parecer, pela expressão de Gomara, que se tratava verdadeiramente de negros, tipo que era bem conhecido pelos espanhóis...*” E aduz mais adiante: “*Uma cabeça do período pós-clássico contempla-nos com força vital e determinação pelos cinco séculos que se passaram. Trata-se evidentemente do tipo africano que veio para aqui em 1310, na força expedicionária de Abubakari 2º, do Mali. Esses homens causaram um tremendo impacto sobre os mistecas, últimos dos grandes ceramistas pré-colombianos, posto que se trata de uma rara escultura em cerâmica. Foi encontrada em Oasaca, no México. Seu realismo é tocante. Nenhum detalhe é impreciso, cru ou imprecisamente manufaturado. Nenhum acidente de estilo pode ser levado à conta de incontestada negrura das feições. Dos bastos, vívidos lábios, a pigmentação negra da pele, a formação óssea prognata das maçãs do rosto, as narinas amplas e o nariz generosamente basto, até os brincos cerimoniais e o quepe de algodão,*

Cadamosto³⁴, encontrado nos canoeiros da Gâmbia – o artista americano capturou, sem qualquer dúvida, a face desse africano”.

“Achados desse período, somadas às cabeças de pedra e máscaras negróides em cerâmica na mesma época, obrigam-nos a considerar novamente os extraordinários paralelos entre a antiga América e África nesse período, afastados antes por serem considerados como mera coincidência. Não é estranho que nesse mesmo período, quando o negro africano começa a despontar no México e a afetar significativamente a cultura olmeca, as primeiras pirâmides, múmias, crânios trepanados, estelas e hieróglifos começaram a despontar nas Américas? Não é estranho que, durante esse mesmo período, a dinastia negro-africana ganhe ascendência no Egito e os faraós negros (negro núbios) sejam senhores da coroa da serpente emplumada do alto e do baixo Egito? Nenhuma múmia, ou pirâmide aparecem neste hemisfério durante o apogeu dessas coisas no mundo egípcio, mas repentinamente elas despontam por inteiro no mesmo ponto no tempo, na medida em que os negros núbios conduzem um renascimento cultural egípcio, restaurando essas práticas que há muito haviam interrompido no Egito e para as quais não havia precedente evolutivo na América.

“ O Egito se encontrava num período muito instável, e movimento incomuns de navios e tropas refletiam essa incerteza. Frotas egípcias e fenícias, bem como flotilhas fenícias a soldo de monarcas núbios do Egito, mantinham-se em movimento através do Mediterrâneo (os fenícios deslocando-se mesmo no Atlântico Norte em pontos tão distantes como a Cornualha, em busca de suprimentos de estanho). Navios procurando metal, circulando nas vizinhanças do norte da África, bem que poderiam haver sido apanhados por tempestades e lançados fora do curso naval pelas correntes do Atlântico Norte. Um acidente dessa ordem (que ocorreu em muitas instâncias documentadas) pode somar para o surpreendente aparecimento dentre os olmecas de negros com elementos da cultura egípcia”.

³⁴ - Navegador veneziano Alvise da Cadamosto, descobridor (1421) o arquipélago do Cabo Verde, na costa ocidental da África. Explora nos dois anos seguintes os rios Senegal e Gâmbia, a serviço de Portugal.

O PRÍNCIPE MARINHEIRO DO MALI

“Nós somos veículos da fala; nós somos repositório que abrigam segredos velhos como séculos... sem nós, nomes de reis iriam se evaporar no esquecimento; nós somos a memória da humanidade; através da palavra damos vida às façanha e bravura dos reis para as novas gerações.

A história não tem segredo para nós; ensinamos para o povo à medida que julgamos necessário, pois somos nós os que guardam as chaves das doze portas do Mali...

Ensino a reis sobre seus ancestrais, fazendo com que a vida dos antepassados possa lhes servir de exemplo, pois o mundo é velho, mas o futuro nasce do passado. Está em Sundiata: Um épico do Mali³⁵.

Neste ponto, como na epígrafe, é narrada a história de Abubakari 2º, do Mali, que se propôs construir uma embarcação oceânica que poderia usar velas, quando houvesse vento, e remos também. O que se fazia necessário era o impulso inicial, pois acreditava na existência de correntes marítimas que haveriam de impulsioná-lo adiante, para terras desconhecidas... Contam os bardos da cultura oral do Mali que em 1311 Abubakari 2º passou o comando do reino a seu irmão, Kankan Musa, e embarcou numa viagem sem retorno, singrando as correntes do Atlântico que podem tê-lo levado, como ocorreu com outros navegantes, desde os tempos dos egípcios, às praias das Américas.

Muitos séculos depois, os depoimentos³⁶ a seguir viriam a avalizar as hipóteses levantadas, nas histórias dos bardos africanos:

Clinton Edwards, em *Man Across the Sea (O homem além do mar)* assevera: “Talvez a maior contribuição de Heyerdahl³⁷ tenha sido mostrar com um exemplo que

³⁵ - Do folclore do Mali. Pode ser ouvido ainda hoje nos *griots* (bardos) cantadores da história local.

³⁶ - Recolhidos por Ivan Van Sertima.

³⁷ - Thor Heyerdahl, nasceu em 1914. Etnologista norueguês e explorador liderou a expedição Kon Tiki (1947) que, num jangada, viajou através do Oceano Pacífico, do Peru até Tuamotu, para demonstrar que polinésios podem ser de origem sul-americana. Em 1970 ele atravessou o Atlântico, do Marrocos até

longas viagens em embarcações 'primitivas' não eram impossíveis. A prova talvez tenha sido importante para alguns americanistas. Não era, todavia, para os que conhecem o mar". E James Bailey, em *The God-Kings and the Titans (Os deuses-reis e os titãs)*, que escreve: "Uma vez que você esteja na costa oeste da África as seguintes alternativas devem ser levadas em consideração: quanto melhor seu navio, mais acuradamente será feita a travessia, tendo a América como objetivo. Quanto pior sua embarcação, mais facilmente será feita a travessia, por engano". Ou ainda Frederick Pohl, em *Amerigo Vespucci, Piloto Maior (Américo Vesúcio, o maior piloto)*. "Na estação adequada era muito viável atravessar o Atlântico, próximo ao Equador, em pequenos barcos abertos, da África em direção ao sul da América".

Para dar ênfase à força das correntes marítimas sobre as viagens primitivas, é dado como exemplo a explanação de Alexander von Humboldt, que assim explica o ocorrido com Pedro Álvares Cabral: "Esse piloto, que Dom Manoel enviou para dar seguimento ao caminho de Vasco da Gama para as Índias, desejando afastar-se das calmarias do Golfo da Guiné... acostou inesperadamente nas praias do Brasil. O conhecimento íntimo que se tem hoje em dia, da multiplicidade dessas correntes ou correntes pélagas de temperaturas diferentes que atravessam o grande vale longitudinal do Atlântico, oferece uma explicação fácil para a extraordinária deriva em direção ao oeste que o pequeno esquadrão de Cabral experimentou³⁸".

OS TESTEMUNHOS DA PESQUISA

Em "*Eles Vieram antes de Colombo*", Ivan Van Sertima, transcreve os seguintes depoimentos, cada um como epígrafe de um capítulo:

Barbados, num barco de papiro, para demonstrar que os egípcios da antiguidade poderiam ter viajado para as Américas.

³⁸ - Ver Cabral's Voyage to Brazil and India, Hakluyt Society, 1937.

“Observam-se a fusão de duas forças, tradição e novidade para gerar o império Azteca... Essa fusão foi acelerada pela chegada de uma série de imigrantes civilizados, que trouxeram consigo antigo saber. Os mais interessantes eram aqueles que os cronistas chamaram “Os que retornaram...” Em *Mexico Before Cortez* (O México antes de Cortez), de Ignacio Bernal.

“O que foi mais característico na cultura pré-dinástica do Egito é devido seu intercuro com o interior da África e a influência imediata desse permanente elemento negro que tem estado presente na população do sul do Egito, desde os tempos mais remotos até nossos dias”. Em: *Ancient Races of the Thebaid* (Raças antigas do Tebano), de Randal Mc Iver.

O Egito foi mais um receptor do que um doador... O Egito antigo foi essencialmente uma colonização africana. Em: *The African Past* (O passado africano), de Basil Davidson.

“É durante esse período que é encontrado em La Venta, no Golfo do México, um complexo de figuras associadas ao ambiente núbio-egípcio-mediterrâneo, desse período: quatro cabeças negróides em pedra maciça, com capacetes no estilo egípcio, e uma figura de aspecto mediterrâneo postada ao lado, esculpido num monólito, com uma barba cerrada, um nariz semítico, calçando sapatos voltados para cima (seria um capitão do mar fenício?)”. Em *The Quest for America* (A busca da América), Gordon Ashe.

“Existe algum outro local na terra tão completamente envolto nas sombras, tão mudo quanto todas as nossas dúvidas?... Como explicar porque muitas das urnas, uma parece representar esfinge egípcia; outra o deus Ra, com cabeça de pássaro; e porque os relevos na ‘Galeria dos Dançarinos’ são parcialmente em estilo assírio e parcialmente retratando tipos negróides? Como, por que e desde quando? Em *Entdeckungen* (?)in Mexico (Descobrimento no México), de Egon Erwin Kisch.

“Esses elementos postos juntos sugerem uma tripulação com tropas núbias e egípcias no comando, um navegador de origem fenícia, provavelmente um hitita ou dois, um grupo de assistentes egípcios, homens e mulheres, como as mulheres negras egípcias da era pré-clássica das terracotas americanas, cuja semelhança com a rainha negróide Tiy o professor Wuthenau assinalou”. Em: *The Art of Terracota Pottery in Pre-Columbian South and Central America* (A arte oleira em terracota na fase pré-colombiana nas Américas do Sul e Central), por Alexander Von Wuthenau.

“O fato surpreendente é que por todo o México, de Campeche, no oeste à costa sul de Guerrero, e de Chiapas, próximo da fronteira com a Guatemala, ao rio Panuco, na região Huasteca (norte de Veracruz), peças arqueológicas representando povos negros ou negróides foram encontradas, especialmente em sítios arcaicos e pré-clássicos. Isto também mantém-se verdadeiro em muitas áreas de mesoamérica e distante na América do Sul, como no Panamá, Colômbia, Equador e Peru.” Em: *Unexpected Faces in Ancient America* (Faces inesperadas na América antiga), de Alexander Von Wuthenau.

A PRIMEIRA GERAÇÃO

Por **LERONE BENNETT JR**³⁹

Excerto de *“The Shaping of Black America”⁴⁰* (*Modelando a América Negra*), de Lerone Bennett, Jr. primeiro capítulo⁴¹: “Em agosto, quando as sombras são longas, a terra e o ar oprimem, as forças do destino pendem sobre a América Negra. Foi em agosto, oitavo mês do ano, que trezentos mil homens e mulheres se concentraram em Washington, capital. Foi em agosto que ocorreram os grandes distúrbios no bairro Watts⁴². Foi em agosto, num dia quente e opressivo, no século dezenove, que Nat Turner⁴³ despontou. E foi também num outro agosto, 344 anos antes da marcha sobre Washington, 346 anos antes de Watts, e 212 anos antes da guerra de Nat Turner, que um *“Dutch man-of-war”*⁴⁴ velejou o rio James acima e descarregou a primeira geração de negros americanos, em Jamestown, no Estado da Virgínia.

³⁹ Lerone Bennett Jr. é um jornalista. Tem sido, há décadas, o editor-sênior e executivo da revista *Ebony*. Além do destaque que tem tido em sua profissão, é um respeitado pesquisador da história norte-americana, especialmente à relativa aos afro-americanos. Freqüente conferencista universitário, foi professor-visitante na Universidade de Northwest e membro do Instituto do Mundo Negro. Natural de Claksdale, no Mississippi, formou-se na Faculdade Morehouse. Em meio a muitos prêmios, recebeu *Troféu Perpétuo*, da Associação Nacional de Jornalistas Negros; o *Patron Saints Award*, da Sociedade dos Autores, por sua obra *What a Maner of Man*, uma biografia de Martins Luther King Jr. e o prêmio de literatura da Academia Americana de Artes e Letras.

⁴⁰ - Edição de 1975, revista em 1991, por Johnson Publishing Company, Inc.

⁴¹ - www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0140175687/qid=1079316872/sr=1-1/ref=sr_1_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books

⁴² - Distrito de *Los Angeles*, onde em 1965 irrompeu violenta manifestação contra o racismo.

⁴³ - Líder escravo, cuja revolta será descrita adiante.

⁴⁴ - “Um guerreiro holandês”

Ninguém sabe a hora ou o dia da chegada dos negros. Mas não há a menor dúvida a respeito do mês. John Rolfe⁴⁵, que traiu os Pocahontas, e experimentou o fumo, estava lá. Ele que disse numa carta a seus superiores que o navio havia chegado, em torno ao fim de agosto, 1619. Rolfe tinha, sem dúvida, um nariz apurado para nicotina, mas era obviamente ignorante em história, posto que registrou imerecidamente que aquele navio “trouxera nada, senão que vinte e bizarros negros”. A respeito do que, o mais piedoso que pode ser dito é: John Rolfe estava fazendo chacota com seus superiores; posto que, no contexto da América, pode-se dizer, sem qualquer exagero, que nenhum navio, jamais, trouxera uma carga mais importante. No porão desse navio, por assim dizer, estava todo o deslumbrante panorama da América Negra – ali o jazz e os *spirituals*, além do *funk* da Broadway. Presentes, Bird⁴⁶ e Bigger⁴⁷ e Malcolm⁴⁸ e milhões de Xis e cruces, juntos com Mahalia⁴⁹ cantando, Gwendolyn Brooks⁵⁰ rimando, Duke Ellington⁵¹ compondo, James Brown⁵²grunhindo, Paul Roberson⁵³ emocionando e Sidney Poitier⁵⁴ caminhando. Todos lá, como um embrião, no ventre do navio de 160 toneladas.

⁴⁵ - John Rolfe (1585–1622). Colonialista inglês que viveu na Virgínia. Imigrou em 1610 para Jamestown e introduziu o cultivo do tabaco. Rolfe casou-se em 1614 com Pocahontas, filha do chefe Powhatan, que chegou a viajar com ele para a Inglaterra. Após a morte da esposa, ele retornou para a Virgínia onde casou-se novamente.

⁴⁶ - Charlie Parker (1920-1955) ou Bird, ou Charles Christopher Parker, Jr., ou Yardbird, grande expressão do jazz norte-americano.

⁴⁷ - Bigger Tomas, personagem central do romance de Richard Wright, “Native Son”.

⁴⁸ - Malcom X. Batizado Malcom Little – trocou por X, repudiando o nome familiar originário da senzala – nasceu em 1925 e morreu em 1963). Membro do movimento dos muçulmanos negros, defendia o orgulho dos negros.

⁴⁹ - Mahalia Jackson (1911-1872) cantora de spirituals.

⁵⁰ - Poetiza nascida em 1917. Venceu em 1949 o prêmio Pulitzer. Seus versos enfocam a luta dos negros norte-americanos.

⁵¹ - Duke Ellington (1899-1974). Nome de destaque no jazz norte-americano.

⁵² - James Brown, nascido em 1933, é conhecido também como o “Padrinho do Jazz”.

⁵³ - Paul Robeson (1898-1976) Ator, cantor e ativista dos direitos civis dos negros americanos.

O navio que navegou pelo rio James, no dia que jamais saberemos, era o início da América e, se não venhamos a ser cuidadosos, o fim. *Aquele* navio trouxe o ouro negro que tornou possível o capitalismo na América. Ele trouxe a mão-de-obra escrava que gerou Monticello e Mount Vernon⁵⁵, bem como o “Cotton Kingdom⁵⁶” e os jazigos nas dobras do terreno de Gettysburg⁵⁷. Tudo estava lá, ilegível e inevitável, no incerto dia de agosto. O navio trouxe o *blues* para a América, trouxe o *soul*, e uma pessoa com visão teria visto isso. Teria constatado que as sementes de Joe Louis⁵⁸ ali estavam; teria dito que um “King⁵⁹” apareceria, que Du Bois⁶⁰ viveria e morreria, teria antecipado agonias e sofrimentos e funerais – teria vaticinado noites de sábado e de domingo, ao longo de quatrocentos anos. Um homem de visão, eu digo, teria visto tudo isto nas vinte sementes negras plantadas naquele dia, na má fé da brancura que os impregnaria. Ele teria antevisto tudo isso, e teria se erguido para anunciar para seus espantados contemporâneos que esse navio anunciava o início da primeira Guerra Civil, e da segunda.

⁵⁴ - Sidney Poitier, nascido em 1927, foi o primeiro ator afro-americano a receber o prêmio Oscar, em 1963, e teve, no auge da carreira, como encanto seu modo de caminhar.

⁵⁵ - *Monticello* - Residência do terceiro presidente norte-americano Thomas Jefferson, por ele mesmo arquitetada. Localizado no Estado da Virgínia .é atualmente um museu.- *Mount Vernon*. - Mansão construída também no Estado da Virgínia, à margem do rio Potomac. Foi residência de George Washington, primeiro presidente norte-americano. Hoje é museu.

⁵⁶ - “*Cotton Kingdom*”, ou reino do algodão. Atividade agrícola que tornou pujante o Sul dos Estados Unidos, especialmente Atlanta, na Geórgia, amparada exclusivamente no labor escravo dos negros, descrito com precisão em “*The Souls of Black Folk*”, livro de W. E. B. Du Bois.

⁵⁷ - Cidade ao sul da Pensilvânia, onde ocorreu importante vitória do Norte (de 1 a 3 de julho de 1863), na guerra civil americana. Ficou famosa também pelo discurso de Abraham Lincoln, proferido no cemitério que ali foi implantado, em 19 de novembro de 1863.

⁵⁸ - Joe Louis (1914-1981). Campeão peso-pesado durante doze anos,entre 1937 e 1949, defendendo seu título em 25 lutas.

⁵⁹ - Insinuação a Martin Luther King.

⁶⁰ - William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963), será freqüentemente citado neste trabalho, pois é venerado como uma das mais importantes personalidades intelectuais afro-americanas dos séculos 19 e 20.

Convenientemente, ou por destino, o navio não tinha nome, mistério que o envolve até nossos dias. De onde partira? Viera de algum ponto não identificado em alto-mar, onde assaltara uma embarcação espanhola levando um carregamento de africanos destinados às Índias Ocidentais. Em sua aventura de pirata, que em verdade foi a ação de ladrão que rouba de ladrão, o assim chamado “*Dutch man-of-war*” estava associado com o *Treasurer*, um navio baseado na Virgínia, navegando sob licença do duque de Savoy.

Embora a evidência seja atormentadoramente vaga, existem indícios de que o desembarque em Jamestown foi, como assinala James C. Ballagh⁶¹, “o resultado de uma projetada aventura comercial”. Para compreender todas as ramificações desse ponto, deve-se pausar por um momento e considerar a cortina de fundo e a cadeia de causas. Importante como foi o desembarque em Jamestown, foi somente um episódio no drama maior que se seguiu por quase quatrocentos anos e custou a vida de uns quarenta milhões de africanos.

Esse drama, conhecido como o Tráfico Africano de Escravos já se desenrolava por mais de um século quando a colônia da Virgínia foi fundada em 1607. Nesse tempo, traficantes europeus já haviam exportado dezenas de milhares de negros para o Novo Mundo, a fim de trabalhar nas Índias Ocidentais espanholas, Brasil, Cuba e outras colônias. Também nesse tempo – como se verá adiante – europeus haviam forçado centenas de negros a acompanhá-los nas explorações pioneiras do continente americano. Por razões que não necessitam deter-nos agora, os ingleses ingressaram por último nesse drama sinistro. Nos anos imediatamente precedentes ao desembarque em Jamestown, os traficantes de escravos e os fluxos de colonização eram dominados por espanhóis, portugueses e holandeses. Isto, naturalmente, desagradava aos ingleses, que lançaram inúmeros ataques contra navios espanhóis. Um dos funcionários mais modestos nessa luta chamava-se Samuel Argall, governador da colônia inglesa, Virgínia, recém estabelecida. Em abril de 1618, Argall enviou um dos navios da colônia, o *Treasurer*, para as Índias Ocidentais “sob a aparência” foi dito “de trazer para a colônia sal e ovinos”. Mas foi

⁶¹ - Em “*A History of Slavery in Virginia*”, 1902.

constatado então e depois que o navio era tripulado pelos homens mais qualificados da colônia” e carregava “pólvora, armas, roupas, materiais militares, fitas, estandartes e outros bens necessários aos guerreiros”.

Nalgum lugar, em águas das Índias Ocidentais, esse navio abordou outro, tripulado por marinheiros ingleses, mas que simulava estar navegando sob as ordens do duque de Orange, posto que em verdade não tivesse bandeira e, assim, era navio pirata. Os dois navios adiante atacaram e capturaram um navio espanhol, carregando cem ou mais escravos africanos. O *Treasurer* e o “*Dutch man-of-war*” apropriaram-se do carregamento sob a mira de fogo e rumaram para a Virgínia. Mas eles foram separados, de acordo com narrativas da época, durante uma violenta tempestade, que jogou com os navios e pôs em pânico seus ocupantes. Durante o esforço para salvar os navios, a terra que um dia viria a se chamar Estados Unidos da América recolheu suas primeiras vítimas africanas. Muitos desses morreram durante a tempestade, provavelmente de fome, e eram impiedosamente arremessados ao mar. Finalmente, após um atraso de algumas semanas, o “*Dutch man-of-war*” navegou até Hampton Roads. O capitão desse navio, uma sombria figura chamada Jope, sabedor que estava com falta de alimento, propôs-se trocar carne negra por alimentos. O negócio foi ajustado, e vinte negros e negras desembarcaram e olharam a seu redor para ver a que praia a maré do destino os havia conduzido. O *Treasurer* teria chegado pouco depois e desembarcou uma negra, Angelo.

Eles não poderiam ficar impressionados com o que viram. Jamestown era um lugar inexpressivo, úmido e primitivo, precariamente postado na parte ocidental de uma baixa e pantanosa península. A vila se constituía de uma fileira de casas em madeira mal conservadas. Havia também um prédio de madeira, qual um celeiro, que abrigava a Igreja Anglicana e a recentemente instalada Casa dos Burgueses⁶². A vila se encontrava cercada por uma paliçada em madeira e no baluarte ocidental havia uma plataforma com um canhão. Havia outras instalações, da mesma forma desinteressantes nos dois lados do

⁶² - A Câmara Baixa do Legislativo na colônia de Virgínia.

James. Lá estavam, em toda a colônia, escassas cem pessoas, na sua maioria servos ou ex-servos.

Não escapou aos novos imigrantes que o destino havia feito deles partícipes de uma aventura incerta e ilegal. Havia algo frágil, algo furtivo sobre essa comunidade. E ainda assim, havia também um ar de antecipação que era indubitavelmente relacionado com os excitantes eventos que coincidiram com a chegada dos vinte a Jamestown. Nos meses que precederam a sua chegada, a colônia havia instalado uma nova Casa dos Burgueses, embarcado seu primeiro carregamento de tabaco para a Inglaterra, formalizado um novo sistema de servidão de pessoas brancas, inaugurado um novo sistema de propriedade privada e dado boas-vindas a um carregamento de noivas, que eram prontamente compradas ao preço médio de 120 libras de tabaco, cada uma. Assim, servidão de brancos, propriedade privada, “democracia representativa”, e compra de noivas eram introduzidos na América mais ou menos ao mesmo tempo.

Apesar ou talvez por toda essa atividade, a Virgínia, em agosto de 1619, era uma comunidade de medo. Os residentes brancos estavam fazendo algo de errado, e disto tinham consciência. Estavam sistematicamente apropriando-se das terras dos americanos, ou seja, dos índios, que os haviam acolhido com civilidade, e fornecido a maioria das provisões que permitiram que sobrevivessem. Assim, eram consumidos por ansiedades e vagos temores, tendentes, como indicam relatos da época, a verem um inimigo em potencial atrás de qualquer arbusto ou sombra. Não era por nada que paliçadas abraçavam Jamestown e outros povoados, e que a lei determinava que os moradores freqüentassem a igreja munidos de suas armas de fogo, prontos para revidar qualquer ataque. Havia outros tipos de medo, também – medo do sexo, da paixão, da arte. Esses temores, vagos e entorpecidos, agregar-se-iam aos habitantes e dariam o tom ao diálogo com os novos imigrantes.

Foi através das linhas de alta voltagem desses medos e no contexto de uma situação socioeconômica demarcada pela escassez de trabalho que o negro confrontou o branco pela primeira vez na América inglesa.

Séculos mais tarde, a história deve contemplar o encontro desses dois grupos com o espanto equivalente a seu próprio assombro. A cena bruxuleia com uma porção de ironias e convida a reflexões mil, mas inúteis. Qual teria sido a primeira palavra a cruzar entre o negro e o branco? O que os brancos pensaram dos negros? O que os negros pensaram dos brancos? O que pensaram os negros, o que sentiram então à margem do rio James, na selvagem América do Norte? Nessa e em outras matérias, o escasso registro é vexatoriamente silente, dando-nos nem as faces, tampouco as paixões dos primeiros negros americanos. Sabemos de outras fontes que o grupo era composto a grosso modo do mesmo número de homens e mulheres. Sabemos também que a maioria deles tinha nomes espanhóis. Três tinham o nome de Antonio ou Antoney e uma das mulheres era chamada de Isabel. Um, todavia, conservou sua identidade africana. Seu nome, ou quem sabe já com sotaque inglês, era Jiro.

Nos anos vindouros uma intrincada controvérsia haveria de se desenvolver a respeito desse primeiro encontro no rio James. Alguns intelectuais vendo preocupações pertinentes ao século vinte na mente desses primeiros habitantes diriam, sem possuir a menor evidência, que os primeiros colonizadores brancos viram os negros e, imediatamente, começaram a demarcar avisos do tipo *Jim Crow*⁶³. Os registros não dão guarida a esse ponto de vista. Pelo contrário, há indícios claros de que os sinais que o negro encontrou na América eram de boas-vindas. Os colonos necessitavam de mão-de-obra. Nesse tempo, eram despreocupados com a cor ou local de origem das pessoas. Os vinte negros imigrantes representavam força de trabalho. E foi como trabalhador – trabalho sob contrato – que os negros ingressaram no mundo que viria a ser os Estados Unidos da América. Que seja dito de início – embora venhamos a retornar ao tema adiante em maiores detalhes – que não havia nada de inusitado na forma de transporte ou do preço pago pelos primeiros imigrantes negros. A maioria dos primeiros colonos brancos aqui chegou do mesmo jeito, e em sua maioria eram vendidos, como os primeiros negros, pelos capitães de navios ou os agentes desses. Ou de forma mais direta – nos primeiros tempos

⁶³ - De uma forma genérica *Jim Crow* deve ser entendido como sinônimo de racista. No caso: avisos racistas. O tema aparecerá adiante mais amplamente.

a terra era habitada na maior parte por uma população de negros, vermelhos e brancos escravos. A maioria desses escravos, no início, eram servos sob contrato, ou seja, eram escravos temporários que se vendiam ou eram vendidos por outrem para as colônias ou plantadores individuais por um período de tempo prefixado (cinco, sete ou mais anos) de forma a pagar o preço de sua passagem. Finalmente, e mais importante, se é muito difícil para que entendamos atualmente, raça não tinha, em 1619, o mesmo significado que tem em nossos dias. Os primeiros colonos brancos se organizavam em torno aos conceitos de classe, religião e nacionalidade, e, aparentemente, tinham pouca ou nenhuma compreensão dos conceitos de raça e escravidão. É seguramente significativo, nesse particular, que a lei inglesa em 1619 proibia a escravidão de cristãos batizados. Como exemplo, devemos considerar o primeiro julgamento americano relacionado com negros. Em novembro de 1624, um negro testemunhou contra um branco numa corte da Virgínia. O registro do processo diz: "*John Phillip, um negro cristianizado na Inglaterra, há doze anos, jurou e questionado disse que estando num navio com sir Henry Maneringe, foi trasladado para um navio espanhol nas proximidades do cabo de Santa Mary, e a carregou para mamora*". Esse caso é especialmente instrutivo, não apenas por definir a lei daquele tempo, mas porque suporta diretamente nosso próximo ponto. Os nomes dos primeiros imigrantes negros indicam que eles foram batizados ou na Espanha ou na costa da África. Por essa razão e outras que irão despontar, é virtualmente certo que os primeiros imigrantes negros chegaram à América como seres livres, temporariamente servos. Sendo a intelectualidade americana como é, o número de estudiosos brancos que negam esse ponto é compreensivelmente grande. Mas os que propõem aquilo sentem-se obrigados a argüir a indefensável teoria segundo a qual os negros primeiramente eram escravizados e, em seguida, erguidos à condição de servos por prazo fixo, face a sempre crescente demanda de mão-de-obra, que levava à escravidão de fato os servos brancos temporários. Isto é tão espantosamente absurdo que poderá ser alocado às notas de rodapé de um pequeno jornal acadêmico.

Dois pontos se destacam neste breve retrospecto da situação legal dos primeiros negros americanos. O primeiro ponto e possivelmente mais importante é que os negros de Jamestown foram trazidos para a colônia com fundos públicos. Eram, assim, servos não de

pessoas, mas do Estado. E como servos do Estado eram designados para trabalhos da colônia ou de plantadores intimamente associados com a administração dessa. Em 1623, vinte dos vinte e três negros eram listados como servos de plantadores e autoridades, inclusive do governador, que controlava o maior número deles, onze.

O segundo ponto é que a situação legal dos imigrantes negros era, em teoria, mais alto do que a mesma situação quanto aos servos brancos. Os piratas holandeses e ingleses que venderam imigrantes negros para a colônia tinham, de fato, nenhum direito legal de propriedade que pudessem exercer ou transferi-lo. “Cativos, não como despojos de guerra, mas pela pirataria”, escreveu James C. Ballagh [os imigrantes negros] “se encontravam sob a proteção de lei internacional mantendo seu estado original, e tendo sido cidadãos de uma poderosa comunidade civilizada, podem tê-la recebido”. Podemos sem perigo algum ignorar as idéias de Ballagh a respeito de civilização. O conceito chave – que será reiterado neste livro – é poder. Nos séculos dezessete, dezoito, dezenove e vinte tratava-se de poder. Os holandeses e os ingleses detinham o poder e se valeram dele para transformar os primeiros imigrantes negros à condição de servos temporários.

Pelo que até agora registrei, dos apontamentos das cortes naquele período, os dados oficiais da Companhia da Virgínia⁶⁴ e as citações das autoridades, pode-se concluir com segurança que a primeira geração de negros se enquadrava, mais ou menos, na mesma categoria socioeconômica dos primeiros imigrantes brancos. Não apenas na Virgínia, mas também na Nova Inglaterra e Nova York – como será visto adiante – os primeiros negros se integravam no sistema de força de trabalho que tinha pouco ou nada a ver com a cor de suas peles. Isto viria depois. Mas naquele ínterim, um período decisivo dos primeiros quarenta anos de importância primária na história da América, homens e mulheres negros trabalharam lado a lado com a primeira geração de brancos, cultivando tabaco, preparando a terra e construindo estradas e edificações. O trabalho era penoso, a recompensa pequena e a mortalidade aterradora. Dois em cada três servos temporários

⁶⁴ - **Virginia Company**, nome de duas companhias inglesas de colonização licenciada pelo rei James I, em 1606. Uma foi fundada na colônia de Plymouth; a outra, adiante conhecida como Companhia de Londres, fundou colônias no sul, próximas a Jamestown, Virgínia.

brancos morriam durante seu primeiro ano nas colônias, vítimas de trabalho pesado e a temida “doença da Virgínia”, que seria provavelmente a malária. Mas a primeira geração de negros era constituída de um material mais vigoroso. Nenhum negro sequer veio a morrer nos primeiros três anos.

Nos meses e anos que se seguiram ao desembarque em Jamestown, a população negra da Virgínia cresceu lenta e inconstantemente. Em 1621, o *James* chegou da Inglaterra com imigrantes, dentre os quais havia um negro chamado Antônio. No ano seguinte *Margaret and John* trouxe Mary, outra hóspede inglesa. Em 1623, o *Swan* trouxe ainda outro negro da Inglaterra, John Pedro. Nesse tempo, os negros integravam seis de cada vinte e três brancos assentados na Virgínia.

De acordo com dados de censo, que não são de todo fidedignos, havia vinte e dois negros numa população total de 1275, em 1623. Onze homens e uma mulher negra constavam em *Fleur de Hundred*, um assentamento na margem montante do rio James. Dois homens e uma mulher se encontravam em Wariscoyack (hoje, a Ilha de Wight) na margem sul do rio James. Três mulheres viviam em Jamestown, e um homem e uma mulher estavam vivendo em Elizabeth City (hoje, Hampton). Havia o registro de um homem que vivia no istmo que liga Jamestown ao continente, e outro homem era registrado viver na plantação que ficava na margem oeste do rio Powhatan, fronteiro à Jamestown.

Neste momento ou um pouco adiante – os registros não são claros – ocorreram três eventos de fundamental importância. O primeiro deles era triste. Numa data não específica entre abril de 1622 e 16 de fevereiro de 1623, a primeira pessoa negra morreu na América inglesa. É significativo que não se saiba nem o nome, o sexo ou as circunstância da morte. A nota fria e desacurada simplesmente registra a morte de “um preto” no oeste e em Sherlow Hundred, um pequeno assentamento no lado norte de rio James e nas vizinhanças de Charles City. Embora certo mistério ainda paire sobre o evento, é óbvio que a comunicada morte de “um preto” foi significativa. Era a primeira gota de sofrimento, a primeira gota de sangue, numa bacia seca que haveria de se tornar um rio e então um oceano.

De igual ou talvez maior interesse foram outros dois eventos. Em fins de 1623 ou no início de 1624, Antoney e Isabel, dois dos primeiros negros, fizeram o que pode ter sido um romance a bordo terminar num significativo matrimônio. Isabel em seguida engravidou daquele que provavelmente tenha sido a primeira criança negra nascida na América inglesa. A criança, um menino chamado William, foi levado de seu lar em Elizabeth City até Jamestown e batizado na Igreja Anglicana. William, aparentemente, não tinha sobrenome. Ingressou assim como primeiro da longa lista de jovens negros identificados por xis e pontos de interrogação. Philip Alexander Bruce, autoridade branca na colônia da Virgínia, fez observações dúbias a respeito desse nascimento. Disse: “Enquanto a mente não pode contemplar o nascimento do primeiro negro em solo norte-americano com as mesmas emoções que emanaram do nascimento de Virgínia Dare [a primeira criança branca nascida na América do Norte], o evento foi, contudo, algo que não pode ser levado em consideração sem um sentimento do mais profundo interesse, pois se reflete sobre sua ligação com os grandes eventos que haveriam de se suceder”.

Racismo à parte, não há razão pela qual não possamos contemplar esse nascimento com igual ou maior interesse do que o concedido à Virgínia Dare. Quando nos debruçamos a pensar sobre os muitos eventos que se seguiram ao nascimento de “William?” – escravidão, o capital que assegurou o combustível de partida da economia americana, a Guerra Civil e muito mais – é uma questão em aberto saber-se qual nascimento foi mais significativo.

Ocorreu um pós-escrito nesse evento que lança uma luz adicional na metodologia de alguns historiadores. Numa edição antiga de *List of Emigrants to America*, (*Lista de emigrantes para a América*), por J. C. Hotten, a primeira família negra americana estava corretamente identificada, como “Antoney Negro: Isabel Negro; e William filho deles Batizado”. Já na segunda edição do mesmo trabalho, o verbete correspondente foi modificado assim: “Antoney, negro, Isabel, uma negra, e William seu filho, batizado”. Assim, no impulso duma caneta, Negro tinha sua importância diminuída, a família negra era eliminada (deles era substituído por sua, em relação à Isabel), e a realidade negra era forçada para moldes preconcebidos da mente do cronista.

Tudo isso – a carga de eventos que se seguiram ao nascimento de William e os problemas característicos de alguns historiadores brancos – estava longe no futuro em 1624 quando “William ?” aumentou a população negra da Virgínia em cerca de cinco por cento. Quando do primeiro e detalhado censo, em 1624-25, havia vinte e três negros na Virgínia: onze homens, dez mulheres e duas crianças⁶⁵. Esses homens, mulheres e crianças constituíam cerca de dois por cento da população total de 1.227 (487 brancos e índios servos a contrato e 608 homens e mulheres brancos “livres”). Os habitantes negros viviam em seis dos vinte e três assentamentos e eram aparentemente os servos de sete plantadores, cinco dos quais funcionários da colônia.

Os recém casados Antoney e Isabel e seu filho William ainda viviam em Elizabeth City. John Pedro, um negro de trinta anos de idade vivia nas proximidades, nas terras da companhia, adiante do rio Hampton. Havia três negros e cinco negras não identificados numa área de terras públicas em Jamestown. No istmo, para oeste de Jamestown, estava Edward, uma figura negra solitária num assentamento branco de 126 homens e 19 mulheres. Na direção sul do rio James, em Wariscoyack, moravam Antonio e Mary, que mais adiante haveriam de considerar-se como a família mais importante dentre os negros da colônia. Quatro homens, duas mulheres e uma criança negra não identificada estavam relacionadas na plantação de Abraham Piersey, o homem mais rico da colônia. Com significativa exceção de Antoney, Isabel e William, os negros estão relacionados do mesmo modo que os brancos, como servos. O fato desses três não estarem especificamente listados como servos indica provavelmente que eles eram para todos os efeitos, pessoas livres, em 1624. Ainda o fato de lhes haver sido permitido casar, um privilégio via de regra negado aos servos, se constitui em argumento forte para essa hipótese.

Nos anos que se seguiram, a população negra cresceu por si mesma e por novas importações. Em 1649, os registros indicavam que “há na Virgínia cerca de quinze mil ingleses, e negros trazidos de lá, três mil bons servos”.

⁶⁵ - Nota no original: A segunda criança não está identificada pelo nome. Também não há indicativo no registro de haver a criança nascido na Virgínia ou no navio. James C. Ballagh identifica a criança como Peter e diz que sua mãe se chamava Frances, mas não fornece sua fonte.

Na metade do século “três mil bons servos” eram parte integrante de um sistema social em expansão que ainda não havia escolhido nem seu nome, tampouco sua orientação. A colônia era ainda constituída de uma seqüência de assentamentos ao longo do rio James, casebres isolados e cabanas protegidas por paliçadas contra o meio ambiente florestal e os índios adiante. A maioria dos habitantes vivia em solitária independência, cada grupo amontoando-se nos confins de fortificações estacadas, em meio a densos pântanos e cinturões de árvores que os separavam do próximo assentamento. Segundo narrativas antigas, na sua maioria, os habitantes eram grandes consumidores de bebidas alcoólicas, obstinados, levados ao extremo da desesperança pelo trabalho incessante e o perigo. Essa era uma época difícil e brutal, e os prazeres de então refletiam as pressões do meio ambiente. Praticamente todos “bebiam tabaco” no dizer da época, e diziam-se também que as mulheres lideravam no consumo de bebidas e fumo.

Havia outros problemas, dentre eles o perigoso desequilíbrio no número de homens e de mulheres. O resultado inevitável era o envolvimento daqueles num número espantoso de irregularidades sexuais. O problema chegou a tomar tal dimensão que a Assembléia teve de promulgar uma lei contra as mulheres inglesas “que se contrataram a diversos homens ao mesmo tempo, gerando muitos conflitos entre as partes, deixando o governador e o conselho de Estado muito intranquilo”.

Nesse ponto e por muitos anos adiante, a colônia podia ser definida como local de piedosa ganância. Esse fenômeno contraditório manifestou-se na inexorável usurpação das terras dos índios, na busca evangélica por trabalhadores para tornar a terra, assim, apropriada para a maior glória – assim era dito – de Deus. Não havia mão de obra suficiente para derrubar as árvores, construir casas e cultivar o tabaco, assim que os administradores da colônia se mantinham permanentemente voltados para conseguir mais mão-de-obra, bem como aumentar as tarefas desses obreiros. O que tornou essa busca uma guinada especial foi a insaciável demanda européia pela nova erva, o tabaco. Essa demanda fez acionar o gatilho do tornar-se próspero na colônia, sendo registrado que o tabaco era então plantado em toda a parte: no mercado, nas ruas e locais baldios.

Uma das mais notáveis realizações dessa colônia, no nosso ponto de vista, era a relativa ausência de uma consciência de cor. Das evidências que ficaram tem-se a

impressão de que os primeiros colonos não possuíam o conceito de serem *brancos*. Os documentos legais identificavam os brancos como ou ingleses ou cristãos. A palavra *branco*, com toda sua carga de culpa e arrogância, não chegou ao uso comum até a parte final do século. Para ser preciso, os negros eram identificados nos registros mais antigos como *Negroes* ou *Negers*. Mas *Negro* era uma designação mais de nacionalidade do que racial. De fato, os registros antigos identificam a *nacionalidade* da maioria dos que não eram ingleses (irlandeses, escoceses, franceses etc.). É ocioso dizer-se que havia preconceito por parte de indivíduos na Virgínia. Mas existe uma imensa diferença entre o preconceito pessoal e o social, de um sistema institucionalizado e ordenado para a discriminação. Deve-se observar, também, que o preconceito que se encontra nos registros é essencialmente de classe e que recaia sobre pessoas independentemente de sua raça, cor ou origem nacional. A divisão fundamental da sociedade naquela época não se dava entre negros e brancos, mas entre servos e senhores – e havia negros e brancos nos dois lados da linha.

A evidência a favor desse ponto recai em três categorias. Primeira, e talvez a mais importante de todas, os amos brancos mantinham igual desprezo pelos operários negros e brancos, e exigiam os mesmos encargos e o mesmo desempenho de ambos os grupos. Aos leitores de nossos dias pode soar um pouco estranho, para não dizer remoto. Mas não era de todo incomum nesses dias um amo branco outorgar a um negro posição de autoridade sobre servos, homens ou mulheres, brancos. Existe evidência incontroversa de um amo que contratou um negro como capataz para comandar seus servos. Existe, da mesma forma, um registro legal relativo a um senhor que deu por disposição testamentária liberdade a seu servo negro e determinou que ele devesse servir como guardião legal de uma serva branca.

Nessa matéria é possível citar inúmeros documentos e incontáveis autoridades. O historiador John Fiske disse que a condição geral dos servos brancos “parecia ser tão miserável”, quanto à dos brancos. Mais inequívoca é ainda a assertiva de Philip A. Bruce, que diz: “A vida que os escravos levavam, como trabalhadores agrícolas, não se diferenciava em essência daquela dos servos brancos desempenhando os mesmos encargos; a labuta esperada de ambos era a mesma, e nos campos, pelo menos, nenhuma

discriminação parecia ocorrer em favor dos brancos. Durante uma grande parte do século dezessete, o negro [sic] era considerado como mero servo perpétuo, e como trabalhador se diferenciava do branco neste particular apenas porque esse era cometido por certo número de anos". Bruce acrescenta: "Lado a lado, no campo, o servo branco e o escravo eram engajados no plantio, preparo da terra, na colheita do tabaco ou sentado lado a lado, no celeiro, manipulando as folhas, preparando-as para o mercado, ou brandindo seus machados nas mesmas árvores no trabalho de derrubar florestas, abrindo espaço para novas plantações. Dias de folga eram os mesmos para os dois, e, sem dúvida, ambos tinham direito a um pequeno espaço de terra para plantar gêneros para sua subsistência". Essa informação, que detém peso adicional, porque vem de um historiógrafo conservador com pouco apreço para com os negros, era acurada pelo menos para as primeiras décadas do século dezessete. Durante esse período, amos brancos provaram ser assinaladamente cegos para a questão da cor, quando esta ia ao encontro de seus interesses econômicos. Mais tarde, quando as conveniências comerciais dos senhores coloniais mudaram, sua visão refinou-se consideravelmente.

Se os senhores brancos eram, no início, ecumênicos em sua intolerância, os servos brancos eram ainda mais tolerantes em sua identificação com os servos não brancos com quem compartilhavam a sorte. Eles trabalhavam com servos brancos no campo; bebiam cerveja do caquizeiro nas tardes de sábado ou domingo; brincavam juntos nas festas natalinas e outros feriados.

Compartilhando as mesmas acomodações, a mesma situação, e o mesmo inimigo, os primeiros negros e brancos na América, excetuados os aristocratas, desenvolveram estreitos laços de harmonia e mutualidade. Não havia barreiras que os separassem; desenvolveram-se círculos comunitários e de solidariedade. De particular interesse nesse contexto, é o fato segundo o qual os servos negros e brancos freqüentemente tornavam causa comum o desafio à classe dos senhores. Comumente fugiam juntos e em inúmeras ocasiões organizaram revoltas inter-raciais. Já em 1640, um holandês chamado Victory e um escocês de nome James Gregory alcançaram certa notoriedade por escaparem em companhia de um negro chamado John Punch. No mesmo ano e mês de julho, seis servos brancos de William Pierce fugiram com um negro chamado Emanuel. De acordo com o

registro da corte, eles conspiraram fugir através da plantação do holandês, o que fizeram. Abasteceram-se de milho, pólvora e armas, navegando em direção ao rio Elizabeth, onde alguns foram detidos. A luta de negros e brancos em busca da liberdade prosseguiu por todo o período colonial.

Esses eventos ocorriam não apenas na Virgínia, mas também em Nova York, Massachusetts e outras colônias, não somente no século dezessete, mas também no século dezoito. Para ilustrar, mostramos a seguir anúncios publicados em jornais coloniais no século dezoito:

Fugiu em abril passado de Richard Tilgman no condado de Queen Anne em Maryland, um escravo mulato de nome Richard Molson, de estatura média, com cerca de quarenta anos de idade e tem na pele marcas de varíola. Está acompanhado de uma branca de nome Mary, que se supõe seja agora sua esposa; um branco chamado Garret Choise e sua esposa Jane a qual... eles são servos de... vizinhos de Richard Tilgman...

Fugitivo do abaixo assinado, o segundo no último mês, na cidade de Potomac, condado de Frederick, Maryland, um servo mulato chamado Isaac Cromwell, fugiu ao mesmo tempo uma serva inglesa de nome Ann Greene...

Os anúncios acima servem não apenas para lançar uma luz sobre as relações íntimas que ligavam negros e brancos, mas porque ilustram uma terceira categoria de evidências, a união matrimonial em larga escala entre homens e mulheres das duas raças. Nos assentamentos pioneiros e nas primeiras plantações, servos negros e brancos eram “mantidos juntos”, como delicadamente assinalou um historiador “em associação íntima e próxima”. Isto levou a muitas relações formais e informais. O grande resultado, como atestou Peter Fontaine, testemunha contemporânea, foi que a colônia da Virgínia “fervilhou” de crianças mulatas. Isto não foi o único, como alguns acreditam, resultado de uma casual exploração da mulher negra pelos amos brancos. Ao contrário, como James Hugo Johnston provou no excelente estudo *Relações Raciais na Virgínia e Miscigenação no Sul*, “a grande parte dessa mistura racial” se deveu à união de negros com brancas.

Se acreditarmos em registros contemporâneos das cortes, muitas brancas eram livres desse “natural preconceito de raça” usualmente atribuído aos brancos no período colonial. Um exemplo, dentre muitos, pode ser citado aqui, nem tanto porque ilustre a mistura racial, mas porque evoca a ambigüidade da imagem racial àquele tempo. O exemplo, citado na corte do condado de Chester, na Pensilvânia, envolveu um guardião chamado David Lewis que “devolveu um negro de sua propriedade e uma branca por terem uma criança bastarda... o Negro disse que ela insistiu e prometeu-lhe casar consigo; confrontada, ela disse o mesmo... a corte ordenou que ele deveria receber vinte e uma chibatadas nas costas... e a corte ordenou que o negro não deveria jamais em sua vida intrometer-se com qualquer mulher branca, sob pena de sua vida”.

Como os grandes mestres brancos responderam a tudo isso?

Alguns, como os exemplos antecedentes indicam, tentaram barrá-los; outros mostraram sinais de indiferença; ainda outros os promoveram. “No século dezessete”, escreveu Johnston, “a parceria entre servos a contrato e escravos era muito próxima. Eram, via de regra, sujeitos ao mesmo tratamento, e o senhor mantinha a mesma opinião a respeito de ambos. Essa parceria levou a muitos dos casamentos que ocorreram. Nas colônias em que o número de negros escravos era comparativamente pequeno, e onde o único interesse dos senhores para com seus servos brancos era o resultado de seu trabalho, muitos anos devem ter tido pouco interesse em qualquer medida visando prevenir casamentos inter-raciais. Muitos exemplos desse desinteresse no relacionamento racial poderiam, sem dúvida, ser descobertos ao longo de todo o período colonial”. Alguns desses exemplos foram citados por Thomas Branagan, que visitou Filadélfia no século dezoito. “Muitos cidadãos de respeito,” escreveu, “reduzidos à condição de temporais, quando morrem, seus desvalidos órfãos são confinados fora da residência do proprietário, onde as servas domésticas são geralmente brancas, os servos comumente negros, e os empregadores facultam aos negros liberalidades sem limites e sem distinção entre jovens brancas e negros...” Concedendo, como devemos conceder, com algum exagero; e recordando-nos, como devemos, os senhores e servos brancos que projetaram fóbicos preconceitos, parte comumente de seus próprios problemas, nós podemos guardar esse

testemunho, e outras evidências referidas antes, como provas da fluidez da situação racial nas primeiras décadas da fundação da república.

Em examinando esse registro, fica-se perplexo não apenas com a generalizada mistura racial, mas também pelas tentativas de explicar um fenômeno que está por demais profundamente gravado nos registros para ser negado. Philip A. Bruce, por exemplo, comentou com desaprovação: “A classe de brancas que necessitavam para os trabalhos nos campos pertencia ao nível mais baixo quanto ao caráter; não tendo nascido na Virgínia, não tendo assim adquirido de berço a repugnância de uma associação com africanos num nível de igualdade social, elas cediam às tentações das situações a que eram colocadas”. O comentário mais revelador veio de um contemporâneo, Edward Long, que disse: “a classe mais baixa de mulheres na *Inglaterra*, é assinaladamente amante dos negros, por razões excessivamente brutais para serem mencionadas...” Os comentários de Long e de outros indicam que a classe alta dos brancos desse período e mais adiante tinha uma concepção ideológica a respeito dos brancos de classe baixa que era por certo racista.

Faz-se mister um esforço para se poder visualizar a formação desse mundo. Parece, de algum modo, não americano, e sem dúvida era assim, uma vez que isso existiu na América por um breve lapso de tempo, e depois por negligência. Durante anos recentes, estudiosos voltaram-se para os temas que emergiram nesse período. Alguns desses, ignorando evidências contrárias, defenderam que os ingleses tinham um aguçado sentido de distinção de cor, desde o início. Não apenas isto, falharam em deixar registrado *quais* inglês? Como qualquer um que leia os registros sabe que houve um fosso social maior a separar os ingleses ricos e os pobres também ingleses do que entre esses últimos e os africanos pobres. Proponentes deste enfoque também cometem um grave erro metodológico ao citar o histórico da escravidão negra isolado do registro da escravidão branca.

Deve-se ser cuidadoso, todavia, para não exagerar. É certo que então havia insensatos e intolerantes. E mesmo parecendo que os insensatos agiam assim por causas de classe ao invés de o fazerem motivados pela raça, o efeito em cadeia nalguns casos era o mesmo. Também é verdade que os servos negros eram mais expostos do que os servos brancos e índios. Diferentemente desses dois últimos, os negros não tinham às costas a

pressão e o poder de um grupo ou nação organizados. Tampouco eram os ingleses compelidos por seus próprios interesses a reconhecer os reclamos dos africanos. E deve ser ainda recordado que alguns africanos não falavam Inglês e que outros desconheciam o sistema legal inglês, bem como a paixão dos brancos pela propriedade privada. Como resultante, era relativamente fácil em alguns casos levar vantagem sobre os imigrantes africanos, estendendo o termo de suas servidões. Ainda, quando tudo isso é dito, permanece o fato de que alguns africanos fizeram a transição com extraordinária facilidade e exploraram com brilho as sutilezas dos ingleses no batismo e liberdade.

Dentro dos limites desse sistema de indeterminação, que somente pode ser chamado de igualdade de opressão, os negros e os brancos viajaram juntos. Muitos servos brancos trabalhavam por um determinado número de anos e depois ficavam livres. Alguns negros serviam por mais tempo do que a maioria dos brancos, mas havia negros que trabalhavam por menos tempo do que os quatro a sete anos exigidos para a maioria dos brancos. Um caso interessante e elucidativo é o de Richard Johnson, um carpinteiro negro que veio para a Virgínia em 1651, como homem livre, e assinou um contrato de servidão. Em dois anos Johnson era livre. Em três anos, havia adquirido terra e servos, servos brancos, de sua propriedade. Outro servo negro que assinou contrato de servidão por um prazo relativamente curto chamava-se Andrew Moore, que se mudou para a Virgínia, como homem livre, e deu-se a si mesmo em servidão contratual pelo prazo de cinco anos. Em outubro de 1673 a Corte Geral “ordena que o dito Moore se torne livre do referido ano, e que o mencionado Mr. Light lhe pague milho e roupas, de acordo com o costume da terra, quatrocentas libras de tabaco e um barril pelos serviços prestados enquanto já era livre, e as custas”.

Há registros também de servos negros que eram contratados por períodos de sete, dez ou mais anos.

Menos surpreendente é o fato de que a primeira geração de negros foi eleitor e participou da vida pública. Não foi senão a partir de 1723, de fato, que aos negros foi negado o direito de votar, na Virgínia. Segundo Albert E. Mc Kinley, os negros também votaram na Carolina do Norte, até 1715, na Carolina do Sul, até 1701 e na Geórgia, até 1754. Os negros não apenas votavam, mas também exerciam cargos públicos. Houve um negro fiador no condado de York, Virgínia, nas primeiras décadas do século dezessete, e um negro bedel no condado de Lancaster, Virgínia.

O que foi esboçado acima referente à Virgínia também se adéqua, com pequenas modificações, às outras colônias⁶⁶

⁶⁶ - As colônias eram: New Hampshire, Massachusetts, Rhode Island, Connecticut, Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Delaware, Maryland, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia.

ANTES DO *MAYFLOWER*⁶⁷

Chamava-se *Mayflower*, o navio que, em dezembro de 1620, aportou em Plymouth, com um grupo de cento e dois peregrinos puritanos vindos da Inglaterra. Esse conjunto separatista firmou, ainda a bordo, o pacto⁶⁸ segundo o qual na colônia a que se destinavam haveria o governo da maioria.

Sobre o *Mayflower*, W. E. B. Du Bois, antes referido, pregava a seus irmãos afro-americanos, indagando aos brancos:

“Teu país? Por que é teu? Antes dos peregrinos aportarem, nós já estávamos aqui. Para aqui, trouxemos nossos três dons e os misturamos com os teus: um dom de contar e cantar – suave, agitada melodia numa terra sem harmonia nem melodia; o dom de suar e forcejar, dobrando a selva, conquistando o solo, e lançando as bases deste vasto império econômico duzentos anos antes que tuas fracas mãos pudessem isto fazer; o terceiro: um dom do Espírito”.

A saga dos pioneiros americanos começa assim descrita, após a epígrafe acima, na obra que vai servir de base à parte que se segue, “*Before the May Flower*”⁶⁹, desta forma:

Ele conseguiu escapar, como ninguém acreditava, de uma violenta tempestade, com uma narrativa que ninguém acreditava, um nome que ninguém recordava, um passado jamais investigado. Ele era tripulado por piratas e ladrões. Seu capitão era um homem misterioso, chamado Jope, seu piloto um inglês chamado Marmaduke, sua carga um sortimento de africanos com nomes espanhóis sonoros, como Antoney, Isabel e Pedro.

⁶⁷ www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0140178228/qid=1079317028/sr=1-1/ref=sr_1_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books

⁶⁸ - *Mayflower Compact*.

⁶⁹ - *Before the Mayflower*, de Lerone Bennett, Jr., sexta edição, publicada em 1987 (1ª edição 1961), por Penguin Books, N.Y. New York.

Um ano antes do celebrado chegamento do *Mayflower*, cento e treze anos antes do nascimento de George Washington⁷⁰, duzentos e quarenta e quatro anos antes da assinatura da emancipação dos escravos norte-americanos – esse navio adentrou a enseada de Jamestown, no estado da Virgínia, lançando sua âncora das águas barrentas da História. Estava claro para as pessoas que acolheram aquele ‘*Dutch man-of-war*’, que não se tratava de um navio comum. O que mais chama a atenção, hoje em dia, é o fato de ninguém haver sido capaz de perceber o quão extraordinário ele era realmente. É que poucos navios, antes o desde então, descarregaram uma carga mais significativa. De onde vinha esse navio? De algum ponto em alto-mar onde saqueara de incerto navio espanhol a carga de escravos destinada às Índias Ocidentais? Por que ele parou em Jamestown, o primeiro assentamento permanente inglês na América? Ninguém sabe ao certo. Parece que o capitão simulou, disse John Rolfe⁷¹, estar com escassas provisões de alimentos e, assim, ofereceu trocar sua carga humana por gêneros. O acordo firmou-se. Assim que Antoney, Isabel e Pedro, bem como outros dezessete africanos, desembarcaram em agosto de 1619.

A história da América Negra então se iniciava. Principiou com Antoney, num belo conto de amor, posto que esse se enamorou de Isabel e com ela casou-se. Em 1623 ou 1624 nascia a primeira criança negra na América inglesa. Um menino, chamado William, foi batizado na Igreja da Inglaterra. Houve outros navios, outros Williams, Antônio e Isabéis – milhões e milhões. Esta é a história desses milhões e a forma como eles vieram para a América. Esta é uma cronologia a respeito de venda e comercialização de seres humanos. Esta é a história da maior migração já registrada pela História.

Na terça-feira, 12 de abril de 1787: “um mês antes da primeira reunião da Convenção Constitucional dos Estados Unidos, e dois anos antes da eleição de George Washington – oito homens sentaram-se numa sala na Filadélfia e firmaram uma convenção social. O Pacto, denominado Sociedade Africana Livre, era o passo profético que assinalou um marco crítico na histórica caminhada da América negra. ‘Que grande passo foi esse’ –

⁷⁰ - George Washington (1732-1799) - Líder militar americano e primeiro presidente dos EUA, entre 1789 e 1797.

⁷¹ - John Rolfe (1585-1622) Colono inglês na América e marido da princesa Pocahontas, da tribo que recebeu os primeiros colonizadores ingleses.

escreveria mais tarde Du Bois – ‘que nós hoje em dia raramente avaliamos. Precisamos nos lembrar que esse foi o primeiro passo hesitante de um povo a caminho da organização de sua vida em sociedade’

Os fundadores dessa organização seminal eram apenas uma vaga na maré que foi a formação de sociedades que se espalhou sobre todo o Norte nas décadas dos anos 1780 e 1790. Na crista dessa onda, entidades semelhantes foram formadas em Boston, Nova York, Newport e Rhode Island. As vagas seguintes dessa maré foram a criação de um movimento religioso independente; um movimento maçom autônomo, bem como a fundação de colégios e faculdades negras, além de organizações culturais, todas livres.

As energias organizacionais desse esforço fluíram em ondas concomitantes, impulsionadas por duas potentes correntes: uma negativa e a outra positiva. A corrente positiva era um novo sentido de identidade e a consciência da unidade que faz do indivíduo parte de um povo, que fazia por rejeitar a exclusão e subordinação dos negros. A corrente negativa, fluindo junto e por fora da dos fundadores brancos, era um movimento visando excluir os negros americanos do pacto social nacional.

Ofendidos por essa campanha e instigados por uma nova imagem de ser negro, os pais fundadores da América Negra organizam um movimento de autocriação e autodefinição que se estendeu por mais de quarenta anos.

Os fundadores da política dos negros, que era algo novo, nunca antes visto no mundo, cresceu e passou a refletir a ambigüidade dos brancos fundadores. Mais do que isto, era o resultado direto dos erros cometidos pelos pais fundadores brancos.

Foi na luta em torno da Revolução que os fundadores da América Negra definiram-se e se reposicionaram. Foi o erro dessa Revolução – a constatação de que os líderes revolucionários não acreditavam naquilo que eles mesmos diziam – *que forçou a América Negra à autocriação*”.

OS ESCRAVOS BRANCOS

Excerto do segundo capítulo do livro “*The Shaping of Black America*” (Modelando a América Negra), de Lerone Bennett, Jr.:

Embora muito cuidado tenha sido tomado para esconder esse fato, os negros escravos herdaram seus grilhões de brancos, que foram, pode ser dito, os primeiros escravos americanos. E como a América se endereçava, na metade do século dezessete, em direção à rumo decisivo que haveria de definir seu destino para sempre, cada vez mais atenção passou a ser dada à situação desses servos brancos, que foram pioneiros tanto na servidão como na escravatura. Para uma compreensão do que aconteceu com os negros na segunda metade do século dezessete, faz-se necessário entender o que ocorreu com os brancos na primeira e segunda metade desse século. Eis que eles percorreram o primeiro estirão da maratona da servidão americana, antes de passar o bastão para os vermelhos e os negros.

A história dessa passagem, a história de como os servos brancos passaram a tocha do trabalho forçado para os negros e como os brancos criaram um sistema de servidão branca que se prolongou na América por mais de duzentos anos, nunca foi antes narrada em toda a sua dimensão⁷². Por razões óbvias, os tradicionais embalsamadores da experiência americana parecem considerar a servidão branca como tremendamente embaraçosa. De qualquer forma, eles geralmente a ignoram, fixando-se, em vez, na servidão dos negros. Mas essa manobra – e é precisamente isto – distorce tanto a servidão dos negros quanto à vivência americana, posto que a servidão dos brancos e dos índios é a

⁷² - Nota do autor: Houve uma tentativa óbvia de minimizar a importância da servidão de brancos. Poucos livros genéricos foram escritos sobre esse tema, e na sua maioria se encontram fora de catálogo ou escondidos em algum canto. Há livros e textos escolares que conseguem cobrir por inteiro do período colonial, sem mencionar a servidão branca. Outros dedicam uma linha ou duas ao tema. Veja “*With the Servitude in the Colony of Virginia*” (Servidão branca na colônia da Virgínia), de James C. Ballagh; *White Servitude in Maryland* (Servidão branca em Maryland), de E. I. McCormac; *White Servitude in Pennsylvania* (Servidão branca em Pensilvânia), de C. A. Herick; *Capitalism and Slavery* (Capitalismo e escravidão), de Eric Williams; *Colonists in Bondage* (Colonos em cativeiro).

perna perdida no triângulo da servidão americana, o triângulo que define o início da experiência americana como um experimento em compulsão. Tanto a servidão branca quanto a vermelha foram parte integrante do experimento, mas a servidão dos brancos foi particularmente importante por duas razões. Em primeiro lugar, a escravidão de brancos durou por mais de duzentos anos e abrangeu a maioria dos primeiros imigrantes brancos das colônias americanas. Foi estimado que pelo menos dois de cada três imigrantes para as colônias ao sul de Nova York trabalharam por um período ajustado de anos nos campos ou cozinhas como semi-escravos.

A segunda e possivelmente mais importante razão para a centralização da servidão dos brancos é que, como assinalou Eric Williams, era “a base histórica sobre a qual a escravidão dos negros foi assentada”. Em outras palavras, a servidão dos brancos foi a base onde se assentaram os mecanismos de controle e subordinação usados mais tarde na escravidão afro-americana. O sistema de passes nas plantações, o tráfico de escravos, a exploração sexual da serva, o pelourinho, os grilhões e os ferros em brasa, o feitor, o criado doméstico, o Tio Tomás – todos esses mecanismos foram testados e aperfeiçoados antes com brancos, homens e mulheres. Antes foi experimentada, da mesma forma, com esses, a teoria do racismo. Não é o último dos paradoxos desse período que os senhores coloniais usaram o tradicional Sambo⁷³ e estereótipos de músicos ambulantes para caracterizar os servos brancos, que diziam ser afáveis e de confiança, mas biologicamente inferiores e sujeitos à preguiça, à imoralidade e ao crime. U. B. Phillips, que errou em tantas coisas quanto ao regime escravista, estava certo a respeito disso. “Em número expressivo”, ele escreveu, “os africanos foram retardatários inseridos dentro de um sistema já em funcionamento”. Incontestavelmente, e em vista desse fato, está claro que nada de substancial pode ser dito sobre os mecanismos da escravidão dos negros, senão que postos contra o fundo histórico existente, e dentro da perspectiva da servidão dos brancos na América.

⁷³ - O nome Sambo, utilizado em países da América do Sul, está sempre associada com a idéia racista de que os afro-americanos são preguiçosos, irresponsáveis e propensos a um temperamento infantil.

No caso da servidão dos brancos, a causa controladora não foi biológica, mas demanda econômica refletida através do prisma singular de grupos de potências européias com pouca ou nenhuma simpatia para com os pobres e desprivilegiados. A abertura do Novo Mundo deu uma viravolta às percepções peculiares desses grupos e trouxe à superfície a antiga fascinação européia (Atenas), e duradoura (Terceiro Reich), com o trabalho escravo. E foi esse fascínio, aguçado até um limite extremo pela possibilidade de lucros colossais, que condenou milhões de negros, vermelhos e brancos ao horror de uma extensa servidão. O ponto muito importante aqui é que ambas as servidões, de negros e brancos, se desenvolveram e refletiram as tensões internas da Europa. Essas tensões fizeram revolver certas idéias a respeito da própria subordinação do povo branco, e um novo ambiente social de egoísmo competitivo surgido a partir da Renascença e da Revolução Comercial, daí emergindo finalmente um novo espírito de aventura e desumanidade que incluía um certo desprezo por todos os seres humanos e uma voluntariedade em usar todo e qualquer expediente na busca de ouro, glória e conquistas em nome de Deus.

Essas atitudes mentais refletiram, alternativamente, certa contradição material na Europa, que era um lugar confuso e atribulado na véspera da opressão colonial. A situação estava turbulenta ao extremo na Inglaterra, onde as classes altas mantinham-se num sangrento esquema de expulsar os camponeses de suas terras. Uma consequência desse processo eram as listas de auxílio federal abarrotadas de postulantes, e as estradas congestionadas de pedintes, vagabundos e ladrões – isso à véspera da implantação das plantações na Virgínia e em Massachusetts.

Este o cenário de pesadelo social, quando a Inglaterra ingressou na sua carreira de colonialista. A razão primária para essa partida era a idéia de que a Inglaterra necessitava de um ponto de descarregamento maciço para seus indesejáveis. Como diz Francis Bacon num memorando de Estado destinado a James I, em 1606, a colonização deu à Inglaterra “uma dupla conveniência: livrar-se do populacho aqui e em fazer uso dele acolá”. Passados cinco anos, em 1611, Velasco, ministro espanhol junto à Inglaterra, disse a mesma coisa, com outras palavras: “Sua principal razão para colonizar essas partes é dar um mercado

para tanta gente desocupada e indigente como se encontra na Inglaterra, prevenindo assim o perigo que inspiram”.

Qualquer que seja a lógica, uma coisa é clara: “tanta gente desocupada e indigente” tornou-se a primeira forragem do colonialismo. E eles desempenharam esse papel sob um sistema de trabalho forçado profundamente enraizado na experiência européia. Nesse período, é certo, o instituto da escravidão havia virtualmente fenecido na Europa. Mas outras formas de trabalho forçado, inclusive o sistema de aprendizagem, eram comuns. E quando a abertura do Novo Mundo criou a demanda, que a mão-de-obra livre não podia satisfazer, os agentes de operários europeus criaram um sistema de trabalho forçado baseado livremente no velho sistema de aprendizado. Sob o novo método, chamado de *indentured servitude*⁷⁴, uma pessoa vendia-se, ou era vendida por um determinado número de anos (geralmente entre dois e sete anos), a fim de pagar o preço de sua passagem para a América. Os servos a contrato, como os primeiros brancos escravos eram chamados, assinavam um contrato a termo, na Inglaterra ou na América.

Havia outros servos, chamados de *redemptioners*, aos quais era concedida passagem no navio, baseado na promessa de pagá-la ao capitão, após sua chegada no porto americano. Se esse passageiro não conseguisse pagar ao capitão, quer obtendo dinheiro com parentes ou amigos, quer vendendo-se ou vendendo membros de sua família – era enfim negociado pelo comandante da embarcação.

Esse sistema não irrompeu pronto e acabado na cabeça dos colonizadores. Envolveu, peça por peça, ato por ato, o contexto da síndrome colonial. O sistema baseou-se, em princípio, num contrato voluntário que não carregava em si compromisso de servidão. Mas, como James C. Ballagh demonstrou, o sistema se deteriorou e “tendeu a passar para uma relação de propriedade que assegurava um controle de extensão variada sobre o corpo e liberdade dessas pessoas durante o serviço, como se fossem objetos”. Os servos a contrato, em outras palavras, tendiam a se tornar escravos de fato na duração do contrato. Por tudo isso, havia distintas e importantes diferenças entre servidão e escravidão, que era hereditária e perpétua.

⁷⁴ - Contrato de servidão a prazo determinado.

O sistema de servidão branca evoluiu na América, mas evoluiu dentro de um contexto de experiência que veio para este continente com os primeiros emigrantes brancos, a maioria dos quais eram de fato escravos. Algo disso emerge da história da Virgínia, onde, antes de 1619, como Ballagh provou, praticamente cada habitante era “um servo manipulado no interesse da Companhia da Virgínia, mantido no cativeiro além do prazo estipulado”.

Isto era um foco permanente de conflito entre a companhia e os servos, que reclamavam repetidamente estarem sendo tratados como escravos. Os reclamos dos servos brancos não eram de todo descabidos, pois os residentes eram levados para trabalhar em bandos e punidos com muito rigor por infrações leves. Qualquer que não fosse ao culto religioso do domingo poderia ser punido severamente à noite, e permanecer como escravo por uma semana. Cometendo uma terceira transgressão, ficaria como escravo por um ano e um dia.

Estes, os pais fundadores da Virgínia.

Eles viviam em profunda solidão. Quase a mesma coisa acontecia em Massachusetts, onde os puritanos iniciaram sua famosa cruzada em busca da democracia, transformando em servos um número relativamente expressivo de brancos. Era 1628, oito anos antes da primeira evidência de servidão de índios, e dez anos antes dos primeiros indícios de servidão de negros, quando a servidão de brancos se iniciou na Comunidade Puritana. Nesse ano, cento e oitenta servos aportaram em Salem para preparar as casas e a comida dos pioneiros dos livros de história, que chegariam cerca de um ano depois. Quando o célebre navio *Mayflower* aportou, o princípio da servidão de brancos veio junto. Pelo menos dezesseis dos passageiros eram servos a contrato. Havia desenvolvimento paralelo em outras colônias. William Penn fundou a Pensilvânia sobre a pedra da servidão de brancos, princípio idêntico ao que levou à fundação da Carolina do Sul, Maryland e outras colônias originais.

Além dos homens e mulheres presos ao labor, muitos pioneiros brancos foram transformados em escravos poucos anos após o primeiro desembarque. Em 1609 um colono chamado Henry Spelman aparentemente foi vendido aos índios pelo capitão John Smith. Spelman, resgatado um ano depois, contou a história segundo a qual ele teria sido

vendido para uma cidade chamada Powhatan. Essa era uma ocorrência aparentemente comum nos primeiros tempos, posto que se pode ler que, em 1609, o almirante Newport deu a Powhatan um menino chamado Thomas Salvage em troca de um servente índio.

Os brancos não apenas eram vendidos em operações de escambo, eram abertamente sentenciados à escravidão por infrações penais. Assim ocorreu em 1641, em Massachusetts, onde William Andrews foi condenado à escravidão pela Corte Geral por haver assaltado seu amo. No mesmo ano, outros dois brancos, John Haslewood e Giles Player eram sentenciados com pena de escravidão por furto e arrombamento. Em 1642, pelo menos seis brancos foram condenados à escravidão em Massachusetts por vários crimes (alguns foram aparentemente liberados antes de sua morte). Ocorreu também um caso de destaque em Connecticut, onde um branco foi vendido como escravo para Barbados por “reiterado furto, invasão e roubo de dois moinhos e por viver uma vida de renegado e selvagem”.

Embora alguns índios fossem transformados em escravos ou servos nos primeiros anos da colonização inglesa, os colonos demonstravam uma decidida preferência pelos brancos pobres da Europa. Desde o início, crianças brancas pobres que perambulavam pelas ruas ou freqüentavam albergues de Londres eram embarcadas para as colônias. Havia também embarques de trabalhadores e domésticas, alguns de caráter suspeito. Iniciando em 1616, uma data marcante, os senhores coloniais começaram a moldar o tráfico ilegal num sistema organizado. Ironicamente, os passos preliminares nessa estrada foram dados no encontro de abertura do corpo político de um organismo de representação parlamentar na América. Em sua primeira reunião, em Jamestown, julho de 1619, a Casa dos Burgueses de Virgínia deu provimento ao registro e validação dos contratos de servidão, tornando ilegal o casamento de servas sem o consentimento de seus amos, que ficavam autorizados a aplicar a chibata nos casos de infração. Esses atos legalizaram a servidão a contrato na Virgínia e estabeleceram uma classe legal de trabalhadores escravos. Conseqüentemente, democracia representativa e servidão – servidão de brancos – nasceram juntas na América. Para assegurar-se de que a mensagem havia sido entendida por todos, o legislativo transformou-se em uma alta corte e sentenciou um refratário servo branco a ficar, por quatro dias, com suas orelhas pregadas num pelourinho.

Quando os primeiros negros desembarcaram em Jamestown, encontraram o sistema de servidão a contrato firmemente estabelecido, e com a maioria da população vivendo à sombra dos grilhões. Escrevendo da Virgínia, nesse ano, John Pory⁷⁵ disse que “nossa principal riqueza são os servos”. Essa “riqueza”, para usar a expressão corrente, aumentou consideravelmente nos anos que se seguiram. Em 1627, cerca de mil e quinhentas crianças raptadas foram enviadas para a Virgínia. E seus serviços eram tão satisfatórios que as autoridades solicitaram outro carregamento, de “crianças, meninos e meninas, desamparadas”. Em 1636 havia em torno de cinco mil pessoas na Virgínia, e foi estimado que os últimos três mil que chegaram, vieram na condição de servos. Enfim, a estimativa é de que ao longo do período colonial, perto de oitenta mil pessoas foram importadas como servos a contrato.

A história foi muito similar nas demais colônias. Dezenas de milhares de refugiados brancos migraram para Maryland, Pensilvânia e as Carolinas. Num quadriênio, uns vinte e cinco mil servos brancos foram embarcados com destino à Filadélfia, exclusivamente. Por consequência da natureza do tráfico de servos brancos, é muito difícil determinar precisamente quantos servos a contrato foram exportados para as colônias. Parece, todavia – e este é um dado muito conservador –, que pelo menos duzentos e cinqüenta mil pessoas eram servos a contrato ao longo do período colonial. Estes dados não incluem o considerável número dos que morreram durante a branca “travessia do meio”.

Quem era essa gente? De onde veio e como?

As respostas para essas questões estão para ser encontradas não no mito da pura determinação dos brancos, mas no breve e singelo anais dos pobres e oprimidos. Os personagens desse drama incluíam vítimas de todo o perfil imaginável. Havia prisioneiros políticos e militares capturados em guerras ou rebeliões. Havia quacres e católicos fugindo da opressão protestante; protestantes alemães e suíços fugindo da opressão católica; e judeus fugindo da opressão católica e protestante. Havia velhacos, prostitutas, órfãos, sentenciados e deserdados – todos juntos, vítimas das mazelas políticas e sociais da

⁷⁵ - NT. **PORY, John**, pioneiro, nascido na Inglaterra em torno a 1570; morreu na Virginia antes de 1635. ...

época. “Pessoas de todas as idades e espécies”, escreveu Abbot Emerson Smith, “eram enganadas, ludibriadas, seduzidas, logradas, ou raptadas violentamente e levadas como servos para as plantações”.

Os servos vieram de toda a Europa cristã – da Alemanha, Holanda, Suíça e Escócia. A maior parte, todavia, veio da Inglaterra e Irlanda.

Vieram, esses cristãos semi-escravos, do mesmo modo que muitos negros vieram espremidos ombro a ombro, pés colados, vivendo e morrendo lado a lado, nos sufocantes porões de navios abarrotados. Nesse respeito, como em outros, houve assinaladas similaridades entre o tráfico de servos brancos e de escravos negros. Não é por nada que o comércio de servos irlandeses era chamado de Tráfico de Escravos Irlandeses. As mesmas técnicas eram usadas para capturar africanos na África, ingleses na Inglaterra e alemães na Alemanha; e os mesmos portos (Bristol e Liverpool) eram utilizados pelos mesmos mercadores e capitães para transportá-los. É um ponto de grande importância aqui que alguns grandes traficantes de escravos africanos adquiriram sua experiência e capital no comércio de servos brancos.

Como no tráfico africano, no europeu, as vítimas eram recrutadas por fraude e violência. A maioria dos grandes comerciantes e capitães de navios confiavam em agentes contratados, que eram conhecidos como “*sprites*”, na Inglaterra, e “*newlanders*” na Alemanha. Esses agentes, que recebiam por cabeça recrutada, percorriam o interior dos países, distribuindo material de propaganda e alardeando as virtudes da vida como servo a contrato na Virgínia, Pensilvânia ou Maryland. Mas quando esses métodos falhavam, outras formas de persuasão eram empregadas, inclusive o rapto e a coerção, comumente com uma explícita ou implícita sanção de autoridades. Daí o nome “espíritos”, definindo-os como os que se apoderavam de homens, mulheres e crianças, para vendê-los a navios que os levará para além mar. Seduzindo crianças com doces; desocupados com rum; ingênuos com histórias de um eldorado aguardando-os nas colônias da América – os “espíritos” enganaram dezenas de milhares. Também lançaram mão da força e da violência, raptando crianças e adultos nas ruas de Bristol e outras cidades e aprisionando-os em entrepostos até o dia do embarque. Há a descrição de um desses entrepostos feita por um homem que fora raptado e mantido em cativeiro. Ele foi carregado para um salão,

disse “onde a metade da gente fumava tabaco: o local onde se encontravam era tão apertado que não sobrava nada além de um canto onde estava uma pequena mesa.” *Me* parece que suas bocas juntas eram como chaminés, sendo, de certa forma, completamente obscurecidas pela fumaça que delas saía, pois havia quase nada visível, senão fumaça e a luminescência dos forninhos de seus cachimbos. Por certo o odor desse ambiente superaria a *assa foetida*⁷⁶... Após lá haver permanecido por um tempo, a nuvem de suas fumaças havia em parte se dissipado, assim que pude discernir mais duas coisas em minha condenação: mas, ai de mim, pobre rebanho, não havia avaliado para onde estava sendo levado; era o bastante para eles conseguirem a liberdade após sete anos de aprendizado, sob a tirania de um amo inflexível... e não medindo... a escravidão a que estarão submetidos por cinco anos, em meio a brutos em terras distantes, sofrendo pouco menos do que os escravos das galeras. Havia pouca conversa dentre eles, senão que pelo encanto do solo daquele continente para o qual estávamos sendo enviados (num cenário montado para fazer-nos engolir suas douradas pílulas de sedução; e na temperatura do ar a fartura de aves e peixes de toda espécie; o trabalho leve a ser executado, que mais pode ser considerado como um passatempo do que qualquer coisa como punição; e para agradar-nos mais ainda, insistiram nos encantos das mulheres lá, todas usadas como iscas para seduzir-nos.

A isca era aparentemente eficaz, pois milhares viravam espíritos distantes. Alguém declarou haver “*espiritado*” quinhentas pessoas por ano, durante doze anos. Outro, William Thiene, em 1617, foi acusado de haver “*espiritado*” oitocentos e quarenta pessoas em apenas um ano. Como se pode imaginar, esse não foi um bom período para as pessoas que gostavam de caminhar sozinhas nas ruas. De fato, tudo ficou tão ruim em Londres, que alguém poderia provocar um grande tumulto se gritasse a palavra “*espírito!*”

Alguns comandantes de navios tornaram rotina visitar o presídio de Clerkenwell e convencer as detentas oferecendo bebidas. Quando as mulheres se encontravam bêbadas o bastante, o capitão, com a conivência do diretor, as levava para o navio com destino à

⁷⁶ - *Asafetida*, também, *asafoetida* - Resina marrom, amarga, fétida, obtida das raízes de várias plantas.

América. Os capitães também arregimentavam prostitutas. Em 17 de novembro de 1692, Narcissus Luttrell⁷⁷ assinalou em seu diário que um navio atracado em Leith, com destino à Virgínia, levava por ordem dos magistrados cinqüenta mulheres saídas das casas de correção e trinta outras que “perambulavam pelas ruas após às dez horas da noite”.

Em diferentes períodos ao longo do tráfico de escravos, houve projetos especiais como o controvertido plano de enviar mil jovens irlandesas para a Jamaica, com objetivo de procriação. Não há vestígios do que teria ocorrido com esse projeto, ficou, todavia, a carta de um Henry Cromwell que lança uma instigante luz sobre a época: “No que tange às mulheres jovens, necessitamos contudo usar de força para apanhá-las. A mais, sendo em muito para seu próprio bem, e por certo ser de grande vantagem para o público, não é enfim de duvidar que se possa ter tal número delas, como se venha a considerar adequado”.

Sendo largamente acreditado que a colonização fosse de “tão de grande vantagem para o público”, as cortes eram utilizadas para recrutar servos brancos. Uma pessoa poderia ser sentenciada nesse período ao “transporte” e sete anos no exílio nas colônias por vários tipos de faltas, incluídos o furto leve, a mutilação e o roubo de gado, e atuação sindicalista. Pessoas condenadas por esses e outros crimes eram deportadas para as colônias sendo conhecidos como os passageiros de sete anos de sua majestade. As melhores estimativas sugerem que pelo menos cinqüenta mil convictos foram embarcados para as colônias americanas nesse período e a maioria deles se destinava à Virgínia e Maryland, conhecidas, em alguns círculos, como colônias penais. Marcus W. Jernegan, autor de *Laboring and Dependent Class in Colonial America* (Classes operária e vassala na América colonial) comentou: “Nesse contexto, foi sugerido que genealogistas americanos buscando dados perdidos para completar suas árvores familiares encontrarão uma mina rica de material inexplorado nos arquivos [das prisões] de Newgate e Old Bailey, essa contendo cento e dez volumes de manuscritos.

⁷⁷ - **Narcissus Luttrell** (1657–1732) historiador, diarista, biógrafo e deputado inglês.

Foram também condenados a longos períodos de servidão os padres católicos irlandeses, quacres, soldados escoceses e irlandeses capturados em guerra ou revolução. Em 1652, por exemplo, duzentos e setenta escoceses capturados na batalha de Dunbar foram vendidos em Boston. Um ano mais tarde, mil *tories*⁷⁸ foram transportados da Irlanda para serem vendidos como escravos na América. Alguns dos prisioneiros políticos, como o último exemplo demonstra, eram escravos condenados, na linguagem da época “a servir em nossas colônias na América durante toda sua vida natural”.

Havia ainda uma categoria penal, um amplo grupo que era identificável de forma flexível, onde estavam os “trapaceiros e vagabundos”. Essas pessoas eram identificadas no estatuto 39, que alinhavava os golpes que elas poderiam vir a praticar e que configuravam motivo para prisão e expatriação.

Havia, enfim, os casais e filhos de lares pobres ou desfeitos. Não era incomum, nesses dias, esposas ou maridos ofendidos colaborar para o exílio de seu companheiro. Também não era incomum para pais desesperados fazerem acordo com os “*espíritos*” visando livrarem-se de filhos que não podiam ou não queriam criar.

Crianças fugitivas, esposas ou maridos covardes, prisioneiros políticos e de guerra, prostitutas, religiosos, opositores, convictos, seqüestrados, extraviados, trapaceiros, vagabundos, sonhadores – todos eram agrupados, por motivos justos ou fúteis, em portos de embarque e amontoados como peixes nos porões de navios na viagem de oito a doze semanas para a América. Nas melhores circunstâncias, essa viagem era uma experiência horripilante. Nas condições impostas aos servos, era quase insuportável. Havia pouco ou nenhum espaço para movimentarem-se, a comida era pobre e o ar fétido. A situação dos servos brancos foi admiravelmente ilustrada no caso, citado numa petição ao Parlamento, em 1652, de setenta e dois servos que haviam sido “trancado sob o convés durante toda a viagem de aproximadamente seis semanas em meio aos cavalos, que suas almas, em meio

⁷⁸ - N.T. Os *Tories* irlandeses eram em sua maioria peões e seus líderes nobres irlandeses que haviam sofrido expropriação de suas propriedades. Ao findar o século 17, ocorreram desmembramentos e grupos de apenas peões se formaram. — os *rapparees*. As autoridades usavam métodos brutais de repressão aos *tories* e aos *rapparees*. Eram caçados, presos e enforcados. Quem os denunciava recebida prêmio. Na Inglaterra, todavia, o apelido *Tory* foi dado pelos *Whigs* aos seus oponentes.

ao vapor e sob o calor do trópico, desfaleceram”. Isso não era exceção, era a volumosa evidência que deixava o tráfico de servos. Henry Laurens, homem da Carolina do Sul que comprou e vendeu carne branca e negra, disse que “nunca vira um grau de crueldade em dez ou doze anos de experiência no ramo [o tráfico africano de escravos] igual à crueldade praticada sobre esses pobres irlandeses... Ganância impelia os pagãos batizados [capitães] a tomar certo cuidado com seus infelizes escravos que iam para o mercado, mas nenhum outro cuidado tinham como os pobres protestantes irlandeses, senão que entregar o máximo possível vivos, sob os mais baixos preços”. Comumente, como Laurens e outros registraram, mais da metade dos escravos morreu antes dos navios tocarem na América.

Quando o navio aportava, os mortos eram lançados ao mar; limpavam os sobreviventes preparando-os para a venda ainda no convés. Em alguns casos, homens e mulheres eram expostos nus e assim examinados por possíveis compradores.

“Os servos eram exibidos por sua origem”, escreveu Abbot Emerson⁷⁹, “os potenciais compradores os examinavam de alto a baixo, sentiam seus músculos, julgavam seu estado de saúde e de moralidade, conversando com eles para descobrir seu grau de inteligência e docilidade, e, finalmente, satisfeitos os compravam, levando-os para casa”. Ele acrescentou: “A cena aparentava uma feira de animais, e muitos servos, adiante, comparavam-se a cavalos exibidos para a venda”.

Como os escravos que os seguiram, os servos brancos eram separados e vendidos com pouca ou nenhuma consideração aos laços familiares que às vezes os uniam. Maridos e esposas eram separados, e as crianças com menos de cinco anos eram vendidas ou simplesmente entregues de graça, ficando com o amo até completar vinte e um anos de idade.

“Muitos pais”, disse Gottlieb Mittleberger⁸⁰, uma testemunha contemporânea, “necessitam negociar e vender seus filhos como cabeças de gado”.

⁷⁹ - Em *Colonists in Bondage: White Servitude and Convict Labor in America 1607-1776*. Em 1947.

⁸⁰ - **Gottlieb Mittleberger** foi mais afortunado do que a maioria dos imigrantes alemães, pois quando chegou à América, em 1750, conseguiu emprego como professor e músico, na Filadélfia. Permaneceu apenas quatro anos, mas deixou uma vívida imagem da servidão de seus milhares de conterrâneos. (Registro da Faulkner University).

O preço da carne branca, assim como o preço da carne negra, variava de acordo com o tempo e local, a força, idade e habilidade do servo. Mas a média de preço para um branco ou branca saudáveis parecia estar entre quinze e vinte libras, na primeira parte do século dezessete.

O mercado de carne branca era um grande negócio, viam-se anúncios como o seguinte:

*Recém importados da Irlanda e
a serem vendidos ainda a bordo do navio Virtue,
John Seymour, proprietário, agora
no porto de Boston – um lote
de homens, servos saudáveis
especialmente artesãos.*

E ainda:

*Vários seguramente servos, artesãos e
granjeiros, recém vindos de Bristol;
serão vendidos a preço muito razoável pelo capitão Samuel Bromage ou o senhor
Thomas Sharpe*

Ou mais:

*diversas servas domésticas irlandesas
na sua maioria por cinco anos um
homem servente irlandês com qualificação
como barbeiro e cabeleireiro, também
quatro ou cinco provavelmente meninos negros*

Alguns insensíveis e empreendedores comerciantes, chamados “condutores de almas”, trouxeram servos em lotes de cinquenta ou mais e os conduziram pelo interior, vendendo-os por unidade ou duplas para granjeiros.

Seria um erro pressupor que esse era um trabalho ilegal, condenado por pessoas íntegras e de boa vontade. Pelo contrário, os líderes das colônias dele participavam, tanto como compradores quanto vendedores. George Washington importou servos brancos, o mesmo ocorrendo com William Carter e Robert Beverly. Alguns dos mais importantes fazendeiros coloniais e comerciantes, tais como Carter e Beverly da Virgínia, tinham uma mão no tráfico índio, europeu e africano.

Uma vez que a venda era consumada, o servo ficava sujeito à vontade, capricho e interesses de outro ser humano. Na teoria, como já vimos, tinha limitados direitos legais, inclusive o direito de apelar à corte dos proprietários. Na prática, como a quase totalidade dos estudiosos da servidão branca assinalaram, tratava-se de fato de um escravo até que terminasse o seu contrato. “Tornaram-se, aos olhos da lei”, assinala J. B. McMaster⁸¹, “escravos perante a legislação civil ou criminal, postavam-se na mesma classe que o negro e o índio. Trabalhavam pesado, vestiam-se com as sobras de seus proprietários, e podiam ser açoitados tão freqüentemente quanto desejassem seus amos...” Há um testemunho similar por parte de T. J. Wertenbaker⁸², que disse, “os servos a contrato... eram praticamente escravos, presos ao trabalho na terra, e forçados a implicitamente obedecer aqueles a quem serviam”. C. A. Herrick⁸³ disse que “não importa se a relação se iniciou de forma amigável, como classe e uma vez subordinados, os servos eram temporariamente escravos”.

As leis definindo os direitos e obrigações dos servos variavam de Estado para Estado, mas havia estruturas similares. Como regra, os servos não podiam sem o consentimento de seus amos casar, comprar uísque ou fazer comércio, votar nem serem eleitos. Eram proibidos de deixar a área da fazenda sem um passe e não podiam erguer a mão contra seu amo. Como o escravo, o servo podia ser comprado, vendido, emprestado, se constituir em aposta no jogo de cartas, entregue como prêmio, confiscado por débito, penhorado como garantia num empréstimo, ou transferido para outrem por testamento. O

⁸¹ - Conhecido como o “Historiador do Povo Americano” John Back McMaster, por sua obra *“The People of United States from the Revolution to the Civil War”*, New York, 1883.

⁸² - Em ***The Planters of Colonial Virginia***.

⁸³ - Em ***White Servitude in Pennsylvania***.

amo, por outro lado, era obrigado a alimentar e vestir seu servo, dando-lhe certas “liberdades merecidas” (milho, roupas e, em alguns casos, terra), ao fim do contrato. Mas há muita evidência a indicar que os mestres nem sempre cumpriam com suas obrigações. Alguns, de fato, faziam todo o possível para alongar o período da servidão, ludibriando, forçando, ou penalizando os servos com um segundo ou terceiro termo contratual.

Como a maioria dos sistemas sociais, a servidão branca produziu e reproduziu a si mesma. Nas colônias, como na Inglaterra, as cortes *manufaturavam* servos, sentenciando brancos pobres à servidão por relativamente brandas infrações e em aumentando o tempo servil dos rebeldes.

Na medida em que o sistema progredia na América, outras formas e estilos de servidão irromperam. Crianças nascidas fora do casamento e filhos de pobres eram rotineiramente escravizados até chegarem aos vinte e um anos. Era também comum para brancos pobres venderem-se “voluntariamente”, a fim de pagar despesas médicas e outros débitos. Em 1675, um virginiano chamado Lambert Groton “voluntariamente” vendeu-se em servidão perpétua, para poder satisfazer um débito de três mil e duzentas libras.

Seja qual a forma, seja que estilo, a servidão de brancos era um sistema projetado para extrair o máximo possível de força de trabalho dos brancos pobres. Alguns desses eram artesãos e outros eram professores, músicos e garçons. Na maioria, entretanto, eram agricultores, e, maciçamente, homens e mulheres, cumpriam a tradicional jornada dos escravos nas plantações: de sol a sol. É, quem sabe, por interesse parentético que os historiadores brancos se mostrem virtualmente unânimes em negar que as mulheres brancas eram forçadas a trabalhar nos campos. Testemunhos contemporâneos, todavia, nos dizem inquestionavelmente que brancas eram forçadas a trabalhar à terra, e há o registro de um número de processos nos quais brancas apelaram às cortes para que abrandassem seu penar. O registro desse ponto é muito claro, e o mistério reside no por que tantos e competentes historiadores brancos penderam para o extremo de negar o que os documentos indubitavelmente afirmam.

Na lavoura e na residência, servas e servos brancos trabalharam lado a lado com índios e negros servos e escravos. Muitos viveram com negros e índios em cabanas

primitivas que eram obrigados a construir. Ocasionalmente, servos – negros e brancos, homens e mulheres – viviam no mesmo e pequeno casebre, junto com o amo.

Quase todos os servos brancos eram analfabetos, na maioria homens, sendo quase todos despidos de preconceitos raciais. A quase totalidade, todavia, se dividia internamente por barreiras religiosas ou nacionais. E merece ser notado que os proprietários se referiam a características “raciais” de várias “tribos” de brancos. Observadores diziam que os escoceses e os alemães eram os melhores servos, e que os irlandeses eram os piores. Deve-se recordar, todavia, que a evidência vem quase que inteiramente da classe alta branca. Os servos, como os escravos, deixaram poucos registros para contar o seu lado da história.

Como se portava o servo nesse sistema?

Como os amos brancos tratavam seus servos?

Se podemos creditar a testemunhos contemporâneos e registros remanescentes, amos brancos tratavam os servos brancos da mesma forma que o faziam com os servos negros – e escravos negros. Quer dizer: eram duros, exigindo produção no campo; chicoteavam-nos impiedosamente e se apropriavam do que produziam. De modo geral, pode ser dito, baseado em registros da época e textos de estudiosos, que a sina dos servos brancos era comumente pior do que a dos escravos. Numa carta escrita em 1770, William Eddis disse que “os negros sendo propriedade perpétua, a morte desses na juventude e plena capacidade física se constituía numa perda material para o proprietário... Eles se encontram, assim, sob circunstâncias mais confortáveis do que os miseráveis europeus sobre os quais os implacáveis amos exerciam uma inflexível severidade... Falando de modo amplo, eles [os servos] gemem mais do que os cativos no Egito⁸⁴. Esse depoimento é corroborado por outra testemunha contemporânea, Richard Lignon, que disse haver visto em Barbados “tal crueldade praticada contra os servos, de uma forma que jamais um cristão pudesse pensar em infligir a outro”.

Há uma evidência adicional nesse ponto vinda dos servos, que reclamavam repetidamente do tratamento cruel e abusivo que recebiam. Havia, por exemplo, o caso de

⁸⁴ - Referência ao livro Êxodo, na Bíblia.

amo que levou à corte pedindo para que fosse um servo dependurado pelos calcanhares “como se dependuram para abate os animais no matadouro”. Diz que esse amo foi “repreendido” pelo tribunal. Mas houve outros amos que escaparam da repreensão, embora hajam sido denunciados por haver espancado seus servos até a morte. A tudo isso, deve ser acrescentado o fato de a lei da servidão branca, como a da servidão negra, ser cruel e violenta. Era habitual, pelo menos nos primeiros anos da servidão, pregar as orelhas de infratores no pelourinho. A lei também sancionava a amputação de orelhas de servos rebeldes e garantia o direito de serem esses açoitados até o sangue escorrer. As leis relativas aos servos fugitivos – negros ou brancos – eram excessivamente cruéis. Um diploma legal de 1639, vigente em Maryland, dizia que um servo condenado por fuga deveria ter pena capital. Uma lei de 1642/3, da Virgínia, impunha que o servente que fugisse uma segunda vez deveria ser marcado, com ferro em brasa, com a letra R, na face ou no ombro. Por isso, não devemos nos surpreender ao tomar conhecimento de que a serva branca era sistematicamente explorada pelos amos e feitores brancos. “Muitas dessas mulheres”, escreveu Philip A. Bruce⁸⁵, “eram expostas a investidas impróprias, de parte de seus amos, como se estivessem por sua situação, em poder absoluto desses amos, os quais, se inclinados à licenciosidade, não se refreariam em assim agir”. Muitos mostravam-se a isso bem inclinados, como prova a freqüente legislação a respeito.

Desde o início, servos brancos conspiraram e tentaram se revoltar. Mas a maioria das conspirações e revoltas de brancos, como também ocorria com movimentos similares dos negros, eram traídas pelos servos preferidos do amo – no caso, serventes domésticos brancos favoritos. Interessante é que os historiadores usam o mesmo aparato conceitual ao explicar o número de revoltas de negros e de brancos. Abbot Emerson Smith, por exemplo, disse que “uma disposição para rebelião generalizada parece não ter havido dentre os servos no continente, talvez porque as chances de sucesso eram desprezíveis se comparadas com uma ilha relativamente pequena”. Essa assertiva deve ser recebida com cautela, pois a resistência dos brancos ao sistema se iniciou cedo e continuou ao longo do período colonial.

⁸⁵ - Em *Economic History of Virginia in the Seventeenth Century*.

Como os escravos, os servos brancos fugiam repetidamente, escapando das plantações tarde da noite, buscando caminhos através das matas, atravessando córregos e rios, sempre perseguidos por furiosos cães. Em iniciativas geralmente infrutíferas para conter as fugas, os senhores coloniais conseguiram as primeiras leis contra servos e escravos fugitivos e encheram os jornais da época com reveladoras evidências da barbaridade do sistema.

Significativamente, alguns dos anúncios registravam que os servos brancos usavam grilhões e possuíam cicatrizes e mutilações, indicando a crueldade com que eram tratados⁸⁶.

Essa, em linhas gerais, a situação dos servos brancos à medida que a América se encaminhava para uma decisiva bifurcação em seu caminho.

Nessa conjuntura, os servos brancos constituíam-se na base econômica das colônias, e esta era a convicção generalizada, como afirmou o Conselho de Montserrat, em 1680, que “nenhuma dessas colônias jamais teve ou virá a ter qualquer melhoria significativa sem a participação de servos brancos e negros”.

Em 1756 o presidente do conselho da Pensilvânia disse ao governador William Shirley de Massachusetts que “qualquer tipo de negócio, aqui, bem como dentre os comerciantes e mecânicos, os agricultores e fazendeiros, é principalmente exercido e mantido pelo trabalho dos servos a contrato”. Mais ou menos ao mesmo tempo o governador Horácio Sharpe, de Maryland disse que “a riqueza dos plantadores aqui consiste no número que têm de servos (que são comprados por preços elevados), como nos imóveis de um fazendeiro inglês o que conta são as cabeças de gado que possui”.

⁸⁶ - Nota do autor: *Embora ocorressem movimentos periódicos pela emancipação do povo branco, o sistema da servitude na América se estendeu até a terceira década do século dezanove. Mesmo a Revolução Americana, com sua retórica de liberdade e igualdade, falhou em libertar os escravos brancos. Aliás, como fato histórico, alguns americanos bradavam então que conservar os servos era parte de inalienáveis direitos humanos. Em 1778, por exemplo, um comitê revolucionário do condado de Cumberland, na Pensilvânia, adotou a seguinte resolução: “Decidido que todos os aprendizes e servos são propriedade de seus amos e amas, e qualquer meio de privar tais amos... de sua propriedade se constitui em violação de Direitos Humanos”.*

Os servos brancos não eram apenas o sustentáculo da riqueza nos primórdios das colônias; foram também a base de um grande e crescente sistema de servidão. Em torno à última década do século dezessete, a servidão havia se tornado parte da estrutura da América; a célebre síndrome do colono – arrogância, protofascismo, desumanidade e uma tendência para o irreal – se encontrava bem desenvolvida. “O sistema de servidão a contrato em seu efeito social”, disse Philip Bruce, “difere muito pouco, se alguma coisa, da escravidão. Aquela realmente acentuava as divisões sociais em meio aos brancos mais claramente do que a presença da escravidão fez... Ela deu à simples distinções de classes uma condição de reconhecimento nas cortes judiciais das colônias. Somente em fins do século, os escravos negros começaram a ficar numerosos nas plantações, e apesar disso o espírito social do século dezessete, na Virgínia, não difere em muito do dezoito. O sempre crescente aumento de escravos africanos após 1700 simplesmente confirmou as tendências sociais que haviam sido fomentadas antes pela presença de servos brancos a contrato”.

Como podia ser esperado, a situação agradava a alguns amos, e projetos eram postos em andamento, em fins do século dezessete, para criar um sistema permanente de servidão de brancos. Basta a leitura de *Fundamental Constitutions of Carolina*, de John Locke⁸⁷, para compreender-se a profundidade desse sentimento. Esse extraordinário documento, que mereceu pouca atenção, dirigiu-se corajosamente a uma aristocracia hereditária baseada num sistema permanente de trabalho forçado – de negros ou brancos. Esse documento é persuasiva evidência em favor do argumento segundo o qual as colônias americanas não haviam decidido, em 1669, seu nome ou sua orientação. Mas a decisão não podia ser por muito tempo postergada, e a simples adoção de uma drástica medida era claro sinal de que as colônias aproximavam-se do vértice da verdade.

⁸⁷ - **John Locke** (1632-1704), filósofo inglês, que é considerado o representante principal do empirismo naquele país, e ideólogo do liberalismo.

A CONSTRUÇÃO DE UM MITO ESCRAVO⁸⁸: NAT TURNER



Nat Turner prepara o assalto

Outro tema enfocado por Lerone Bennett Jr. é o das revoltas dos escravos, que atribui a um tipo especial de negro, diferente daquele que servia na casa grande e do que trabalhava nas plantações de algodão ou cana-de-açúcar. O texto a seguir, intitulado *Sem esconderijo - o sermão sangrento de Nat Turner* está em *Grande Momentos da História Negra*, livro de Lerone Bennett Jr., edição de 1992, por Johnson Publishing Company, Inc., 1992.

Era domingo, e havia um ar de torpor e sonolência entorpecendo brandamente Southampton. Sempre fora assim, nos domingos, fins de agosto, no condado de

⁸⁸ www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0874850789/qid=1079317392/sr=1-1/ref=sr_1_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books

Southampton, situado no canto sudoeste, pouco adiante da fronteira com a Carolina do Norte. A maioria de seus 6.461 brancos e 6.625 escravos que viviam no condado se encontrava ociosa neste domingo. A colheita já ocorrera, e havia pouco ou nenhum movimento nos campos de algodão e milho. Os escravos que haviam feito a maioria do trabalho se encontravam fora da vista e longe das preocupações. Os brancos, proprietários das terras e dos escravos, sentavam-se nos avarandados ou sob a sombra das árvores, saboreando o famoso uísque de maçã de Southampton, e conversavam sobre o acampamento próximo ao condado de Gates, Carolina do Norte, e a grande caçada à raposa, marcada para segunda-feira.

Nessas circunstâncias, pouco surpreenderia o fato de ninguém haver percebido a magnitude do desastre que se avizinhava. Joseph Travis, um escravocrata azarado que estava a um passo de uma morte horrível, mantinha a rotina de seus domingos de sempre. Foi à igreja, pela manhã, e visitou amigos à tarde, antes de retornar para casa, próxima ao distrito de Cross Keys. Vários quilômetros para noroeste, Catherine Whitehead, proeminente na sociedade, descansava em sua casa confortável, rodeada por filhos e netos queridos, além de um grande número de escravos. Rebecca Vaughan, outra matrona próspera e dona de escravos, brincava com sua sobrinha, Ann Eliza Vaughan, considerada “a mais bela do condado”. A senhora Vaughan havia prometido alegrar os caçadores de raposa, na segunda-feira, assim que as duas mulheres preocupavam-se com os inúmeros detalhes de uma ocasião como aquela.

Assim ocorreu de casa em casa, no condado de Southampton, no domingo, 21 de agosto de 1831. Se os Travises e os Whiteheads e os Vaughans pudessem haver lido a mente de um certo escravo desse condado, sem dúvida, teriam organizado a rotina de seu dia diferentemente. Mas nada na face ou no comportamento desse escravo traía o que escondia em seu coração. O escravo chamava-se Nat Turner. Do alcance, da dimensão total do pesadelo que se abateria sobre Southampton, deve-se ter uma imagem.

Seria dito mais tarde que Nat Turner “provocou um impacto sobre a gente dessa região tão grande quanto fizera John C. Calhoun ou Jefferson Davis⁸⁹”. Mas em Southampton, agosto de 1831, ele era apenas um escravo a mais, e mesmo um escravo inexpressivo até então. De acordo com uma proclamação oficial emitida mais tarde, Turner estava “entre trinta e trinta e cinco anos de idade, tinha a altura em torno a um metro e setenta centímetros, pesando entre 68 e 72 quilos, com compleição clara, mas não de mulato – com ombros largos, nariz amplo e chato, grandes olhos, pés grandes e chatos e um tanto genuvalgo, movimenta-se rápido, expedito; cabelo no topo da cabeça bem fino, sem barba, exceto sobre o lábio superior, e sob o queixo; uma cicatriz na têmpora e outra na parte posterior do pescoço; um grande calombo num dos ossos de seu braço direito, próximo do pulso produzido por um golpe⁹⁰”.

A descrição era bastante acurada, mas, como a maioria das descrições oficiais omitia dados relevantes. Não havia menção ao porte e jeito de agir do homem. Nem havia, por incrível que pareça, menção a seus olhos. Todos que conheceram Nat e que depois se recordavam dele, mesmo através de uma névoa de sangue, referiam-se a seus olhos. Os olhos, diziam, eram os olhos de um santo, de um revolucionário ou de um lunático. Eram olhos de fim único. Eles eram os olhos de um homem que havia enxergado outros mundos. Um branco hostil, que o viu mais tarde, disse que ele correspondia “exatamente à descrição anexada à proclamação do governador, exceto que ele era de matiz mais escuro, e seus olhos, embora grandes, não eram proeminentes – eram muito longos, profundamente incrustados em sua cabeça e tinham, mais propriamente, uma expressão sinistra”.

⁸⁹- **John C. Calhoun** (1782-1850). Líder político, campeão na luta pelos direitos dos estados e símbolo do chamado Velho Sul. - **Jefferson Davis** (1808-1889) Soldado norte-americano e presidente dos Estados Confederados (1861-1865). Foi capturado pelos soldados da União em 1865 e aprisionado por dois anos. Mesmo tendo sido condenado por traição(1866), jamais processado.

⁹⁰ - NOTA DO AUTOR: Esta reconstituição da insurreição de Nat Turner é baseada em *The Confessions of Nat Turner (As confissões de Nat Turner)* editadas por Thomas R. Gray, notícias e registros da época. Pode ser consultado ainda, *The Southampton Slave Revolt of 1831: A Compilation of Source Material*, de Henry Irving Tragle; *Slave Insurrections In Virginia (1830-1865)* de William Sidney Drewry; *Nat Turner's Slave Rebellion*, de Herbert Aptheker; *The Negro in Rebellion*, de Williams Wells Brown; *Travellers and Outlaws*, de Thomas Wentworth Higginson.

Adiante, quando sangue e terror ficaram em seu rasto, Nat Turner disse acreditar que, desde seu nascimento, estava destinado a um grande evento. Nasceu, em 2 de outubro de 1800, em Southampton, filho de dois africanos escravos. Estava na casa dos trinta quando lhe irrompeu a consciência de culpa, quanto ao mal que representava a escravidão no Sul. Sua mãe, contavam, era uma mulher determinada que não queria trazer ao mundo ainda outro escravo. Segundo o historiador William Sidney Drewryela, estava “tão brava com o nascimento daquele filho que tivera de ser amarrada para evitar que matasse seu rebento”.

Nat Turner sobreviveu, sua mãe abrandou; aquele, a mãe e o pai embarcaram na conspiração, contra a realidade existente do outro lado da escravidão. O jovem Nat tinha, em suas próprias palavras, “uma mente indócil, inquisitiva e observadora”, e que era capaz, acrescentou uma testemunha branca, de entender tudo, “parece haver aprendido a ler e escrever praticamente da noite para o dia; e foi sempre uma pessoa assustadora, com suas profecias. Um exemplo típico dessa afirmativa ocorreu quando tinha três ou quatro anos. “Brincando com outras crianças...” disse Nat, “eu lhes contava coisas que minha mãe dizia haver ocorrido antes do meu nascimento. Minha história prosseguia oferecendo outros aspectos que, na opinião de minha mãe, vinham a confirmá-la; outras pessoas chamadas, mostraram-se perplexas, pois sabiam que esses fatos realmente haviam ocorrido, fazendo-os dizer que eu iria ser um profeta, pois o Senhor havia me mostrado coisas que aconteceram antes do meu nascimento. Meus pais me apoiaram, dizendo na minha presença que eu havia sido predestinado para algum grande propósito... Minha avó, que era muito religiosa, e a quem me ligava especialmente – meu amo, que pertencia à igreja, e outras pessoas religiosas que visitavam a casa, e a quem eu via comumente nas rezas, observando a singularidade de meu agir, eu suponho, e minha inteligência incomum para uma criança, assinalaram que eu tinha muita percepção para ser suscitada, e se assim ocorresse, eu não seria de qualquer utilidade, sendo um escravo...”

Os detalhes da infância desse notável escravo são incompletos, mas alguns lampejos obtêm-se em *Confissões* e outras fontes que são muito instrutivas. Nat dá a impressão, por exemplo, haver experimentado uma vida dupla. Ele trabalhava nos campos, casou-se com uma graciosa escrava e seguiu as rotinas da senzala. Mas também manteve

uma vida secreta, jejuando e rezando e “fazendo experimentos de fundição, usando vários moldes de barro, na tentativa de produzir papel, pólvora e muitos outros ensaios...”

Em torno aos anos 1820, Nat se constituía num tipo de celebridade em Southampton, e ele explorava sua reputação de forma inteligente e perspicaz “pela austeridade de sua vida e maneira, que se tornaram objeto de nota, tanto por brancos quanto por negros”. Como todos os grandes líderes, e talvez como os grandes profetas, Nat tinha algo de ator. Tendo descoberto que “para ser grande é necessário mostrar-se como tal”, ele evitava o convívio social e envolvia-se numa áurea de mistério. Diziam-se adiante, com toda a seriedade, que ninguém jamais o havia visto sorrindo. Thomas R. Gray, advogado de Southampton que registrou e publicou *Confissões*, disse “é notório que ele jamais possuiu um dólar sequer em toda sua vida, nunca prestou juramento ou bebeu uma gota de álcool”.

Era talvez inevitável que um escravo estranho e brilhante se voltasse para a religião, que era, numa maneira de dizer, a única forma de escravo fazer política. Em verdade, não existe capítulo mais assinalado na história da escravatura do que a história de como Nat Turner pegou a arma do cristianismo e voltou sua lâmina afiada contra os escravocratas cristãos. Ninguém sabe como ou quando ele sentiu-se chamado para o ministério. Ele simplesmente materializou-se certo dia como um pregador do Evangelho – um pregador que reivindicava ter inspiração divina. Ele diz-nos em *Confissões* que Deus apareceu-lhe em visões e falou-lhe, revelando “o conhecimento dos elementos, o movimento dos planetas, o funcionamento das marés e a troca das estações”. Um dia, enquanto arando rezava, o Espírito falou-lhe dizendo: “Busqueis o reino dos céus e tudo mais te será acrescido⁹¹”. Isto o perturbou imensamente e por dois anos rezou continuamente “sempre que o trabalho permitisse, e então novamente eu tive a mesma revelação, confirmando por inteiro a impressão que tinha de haver sido escolhido para um grande propósito do Todo Poderoso”.

A partir de então, Nat iniciou “a dirigir a atenção para esse grande objetivo – atender ao propósito para o qual tenho certeza estava destinado”. Nesse período ele havia

⁹¹ - Referência a Mateus 6:33.

conseguido considerável influência sobre o pensamento de seus companheiros de escravidão, que acreditavam ser ele um profeta e que sua sabedoria viera de Deus. Não há dúvida, aí ele começou a preparar os escravos, dizendo-lhes que “algo estava para acontecer que culminariam com o cumprimento das promessas que me haviam sido feitas”.

Não somente escravos, mas negros e brancos livres ouviram e prestaram atenção à mensagem de Turner. Chegou a converter pelo menos um branco, Etheldred T. Brantley, que fora, segundo Drewry, “um feitor decente”. Nat disse que sua mensagem tivera “um efeito maravilhoso” sobre Brantley e que “ele parou com sua perversão, e foi atacado imediatamente por uma irrupção cutânea, e o sangue escorreu dos poros de sua pele, e após rezar e jejuar por nove dias ficou curado, e o Espírito apareceu-me novamente e disse que, tendo o Salvador sido batizado também nós deveríamos fazer o mesmo – e quando os brancos impediam que fossemos batizados em sua igreja, íamos juntos até o rio, à vista dos muitos que nos insultavam, e éramos batizados pelo Espírito...”

Há indícios nos registros de que Nat anteviu onde tudo iria terminar. Ele acreditava, aparentemente, que era uma espécie de Cristo, e tinha a premonição de que o caminho que seguia chegaria a algum tipo de encruzilhada. É, assim, interessante notar que o caminho de seu julgamento estava marcado por curiosos momentos de indecisão nos quais lutaria contra o destino que o chamava. Numa ocasião, ele nos diz que fugiu, “e após haver ficado na mata por trinta dias retornei para a fazenda, para espanto dos negros que pensavam que eu havia escapado para alguma outra parte do país, como meu pai fizera antes. Mas a razão para minha volta foi que o Espírito apareceu e disse que eu tinha meus desejos direcionados para as coisas deste mundo, e não para as coisas do reino de Deus, e que eu deveria retornar para servir a meu amo na terra – ⁹²pois aquele que sabe da vontade de seu amo e não a atende deve ser açoitado com mil tiras, e assim eu o puni”. (Um branco bem informado disse mais tarde que em torno a 1828 “Nat foi açoitado por seu amo, por declarar que os negros deveriam ser livres, o que iria ocorrer mais dia menos dia.” Esta é uma passagem muito importante. Nela, Nat faz uma brilhante distinção entre liberdade pessoal e aquela de todos os oprimidos, ou seja, uma fuga individual para o Norte e a luta pela

⁹² - Referência a Lucas 12:47 .

libertação coletiva de seu povo. Então, jogando com suas palavras, faz uma distinção firme e final entre seu “amo na terra” e o Senhor.

Embora tudo isto – e adentrando os trinta – a mente de Nat Turner era assaltada e oprimida por visões e vozes. Ele viu “espíritos brancos e negros numa batalha, e o sol se ensombrou – trovão ribombava nos céus e o sangue corria em torrentes...” “Sangue – havia sangue em toda parte. Enquanto trabalhava na lavoura e encontrou “gotas de sangue no milharal como se fosse orvalho do céu”. Caminhando nas matas, descobriu nas folhas “caracteres hieróglifos e números com os contornos de homens em poses diferentes, pintadas com sangue...”

Sangue, sangue nas folhas, sangue no milharal – o que significava todo esse sangue?

O significado, segundo a mensagem que Nat afirmava haver recebido do Espírito Santo, era: “o grande dia do julgamento final está próximo” e “rapidamente se aproximava o tempo quando os primeiros serão os últimos e os últimos os serão os primeiros”. A 12 de maio de 1828, o Espírito Santo apareceu e disse-lhe que, “a Serpente estava solta” e ao surgimento do símbolo, iria erguer-se e matar seus inimigos com suas próprias armas”.

O símbolo – o eclipse solar de 12 de fevereiro de 1831 – removeu o lacre dos lábios de Nat – e ele selecionou quatro discípulos: Henry Porter, Hark Travis, Sam Francis e Néelson Williams – e a data, 4 de julho de 1831. Porém, Nat adoeceu no último momento e Southampton comemorou o Dia da Independência sem qualquer incidente. Então, no sábado 13 de agosto, mostrou-se outro símbolo. Nesse dia, uma mancha esverdeada aureolava o sol e uma grande mancha negra passou por sobre sua superfície. Não podia restar dúvida sobre aquele portentoso, assim que Nat convocou um conselho de guerra para aquele domingo, vinte e um de agosto, dizendo a seus discípulos que “como a mancha negra havia passado sobre o sol, assim deviam os negros passar sobre a terra”.

Entre o sábado, treze de agosto, ao domingo, vinte e um desse mês, Nat trabalhou dissimuladamente. Nós não sabemos, e jamais iremos saber os detalhes de suas andanças, mas há indícios fortes nos registros. Houve, por exemplo, os distúrbios na igreja Barnes no domingo seguinte ao surgimento do símbolo. A natureza da perturbação não é clara, mas John Hampden Pleasants, um editor de Richmond que mais tarde serviu com a

milícia em Southampton, disse num despacho de vinte e cinco de agosto que “os negros... aparentavam estar desordenados, ofendendo-se por qualquer coisa (não se sabe o quê)”. Há outra referência ao mesmo incidente na dissertação de doutorado de William Sidney Drewry, que entrevistou os sobreviventes da insurreição de Southampton, sessenta anos depois. “Os brancos,” escreveu, “executavam um serviço religioso de revivificação na igreja Barnes no dia quatorze de agosto, e muitos negros que estavam presentes tiveram o privilégio de orar junto com os brancos e da mesma forma participar do culto dirigido pelos pastores de sua própria cor. Nat predicou nesse dia e parece haver conseguido muitos simpatizantes, que expressaram seu empenho em cooperar, colocando em torno ao pescoço um lenço vermelho, o que de muitas formas evidenciava seu espírito rebelde”.

O que exatamente fizeram os escravos rebeldes? Drewry disse: “eles tentaram esmagar os brancos”.

Após o incidente na igreja de Barnes, Nat recolheu-se às sombras. Há indícios de que ele ou seus discípulos fizeram propostas discretas para alguns escravos. De qualquer forma, uma lista de vinte nomes foi encontrada mais tarde em meio a seus documentos, onde estavam outros itens de interesse, inclusive um mapa do condado de Southampton, desenhado com suco de caruru, e documentos preenchidos com caracteres hieróglifos. Um branco desse condado, que examinou os documentos após a insurreição, disse que “os caracteres nos documentos mais antigos, aparentemente parece haverem sido escritos com sangue, e em cada papel são distintamente visíveis uma cruz e um sol, e números, 6.000, 30.000, 80.000 e...” De onde essas estimativas de forças? Não sabemos, mas deve-se atentar para os números da população branca em Southampton, naquela época, 1830, de aproximadamente seis mil almas.

Uma coisa era planejar uma insurreição, outra muito diferente era prevenir inconfidência. Sabedor de alguma forma detalhes de prévias insurreições escravas, Nat disse a seus discípulos que o maior perigo era soltar a língua. Mas alguns dos iniciados não podiam resistir à tentação de deixar escapar pequenos detalhes. Na quinta-feira, antes do levante, Nélon alertou a um *feitor* branco que “eles [os brancos] deveriam manter-se alertas, protegendo-se, pois algo poderia ocorrer não muito além, e que os envolvidos não podiam falar dessas coisas”.

Durante esse mesmo período crítico, houve aparentemente um grande número de recrutamentos não autorizados. No sábado, um escravo chamado Isham, que não era um dos quatro apóstolos iniciais, disse a um escravo chamado Henry, de acordo com um testemunho posterior à corte, “que o general Nat iria se sublevar e assassinar todos os brancos, e que a testemunha [Henry] deveria juntar-se a eles ou, em caso contrário, o iriam matar se o apanhassem”. Muito interessante! Henry não passou essa informação a seu patrão, senão que após o evento. Assim, o domingo, vinte e um de agosto, chegou. Antes do meio dia, os discípulos de Turner esgueiraram-se de suas senzalas para chegar às margens de Cabin Pond, uma área de mata densa próxima à casa de Joseph Travis, que se havia casado com a viúva do último amo de Turner, e que herdara, Nat, e a morte.

A reunião dos discípulos era enganosamente festiva. Hark trouxe um porco, que foi assado e ingerido com destilados. Havia seis homens no banquete, inclusive dois novatos, Jack e Will. Este era, de acordo com relatos de William Wells Brown, um escravo amargurado que “desprezava a idéia de usar o nome de seu amo”. Sua mulher, Brown disse, sem citar a fonte, fora vendida para o traficante de negros, e levada embora para sempre”. As costas de Will, Brown disse, “estavam cobertas de cicatrizes, dos ombros até seus pés, e uma grande cicatriz que corria do olho direito até o queixo, mostrando que ele vivera com um amo cruel”. Com cerca de um metro e oitenta de altura, forte e bem-apeado, Will iria em breve vingar sua provação, brandindo seu machado com golpes imparciais.

Will era um individualista; muito diferente era Hark, um homem bonito e destemido identificado em alguns relatos da época como general Moore, e segundo em comando após Turner. Hark era, como Nat, escravo de Joseph Travis. Um branco da localidade que o viu mais tarde disse que era “o homem mais bem-posto que havia visto – um Apolo negro”.

Esses os homens que festejaram e conspiraram às margens de Cabin Pond, enquanto Southampton repousava ao sol de fins de agosto. Nat, que conheceu o valor de uma retardada e dramática entrada em cena, não se juntou ao grupo até três horas da tarde. E a primeira coisa que notou foi a presença dos dois novatos.

“Eu os saudei ao chegar”, disse Nat Turner, “e indaguei a Will como ele estava ali, e ele respondeu que sua vida valia não mais do que a dos demais, e sua liberdade era por

ele ansiada. Eu indaguei-lhe se pensara em consegui-la. Ele disse que a conseguiria ou daria sua vida. Isto foi o bastante para que eu confiasse plenamente nele”.

Nat era um homem de poucas palavras, e não perdeu tempo com Jack Reese, o outro novato. Ele conhecia Jack; sabia que ele era um fraco; sabia que Jack era “apenas um tolo nas mãos de Hark, que era casado com a irmã de Jack. Assim, sem maiores discussões, enfrentou o primeiro item da agenda – insurreição, fazendo-o de forma curiosa, separando os homens um por um, e dando instruções individuais para cada qual. Tendo avaliado cada homem, Nat voltou para o grupo, abrindo um conselho geral de guerra. Jack imediatamente levantou objeções, dizendo que a idéia era impraticável e condenada ao fracasso. Nat tranquilamente deu garantias a Jack e ao grupo da “praticabilidade” de seu projeto “dizendo que o número dos participantes aumentaria à medida que prosseguissem; e acrescentou que a razão para ainda não lhes haver dito é que os negros tentaram antes coisa semelhante, informando de seus propósitos para muita gente, e que a conspiração sempre acabava vazando; mas sua decisão era de que sua marcha de destruição e morte deveria ser a primeira notícia da insurreição”.

A posição de Turner acabou com as dúvidas que seus seguidores poderiam ter. Assim, foi “rapidamente acertado”, Nat disse, “que deveremos começar em casa [na casa de Joseph Travis] nesta noite; e até que consigamos armas e equipamentos e tenhamos reunido força suficiente, nem idade ou sexo devem ser motivo para perdão”. Nat disse aos homens que “a matança indiscriminada não estava em seus objetivos” e deveriam, “ em primeiro lugar, infligir terror e pânico”. “Depois de conseguida uma base de operações”, acrescentou, “mulheres e crianças deveriam ser poupadas, bem como homens que deixassem de resistir”.

Após sair de Cabin Pond, de acordo com William Wells Brown, Nat discursou para seus discípulos. As palavras registradas por Brown foram aparentemente escritas após o evento, mas não fogem dos fatos, como nós os conhecemos hoje, e nos dão um eloqüente, talvez um pouco fantasioso, retrato do general Nat, da forma como se portou à beira da imortalidade.

“Amigos e irmãos!”– Nat teria dito – “estamos iniciando esta noite uma grande jornada. Nossa raça está na iminência de livrar-se da escravidão, e Deus nomeou-nos para

dar cumprimento a essa missão; assim que, sejamos merecedores desse desígnio. Tenho ordem de matar todo o branco que venhamos a encontrar, sem considerações de idade e sexo. Nós não temos armas ou munição, mas vamos encontrá-las na casa de nossos opressores; e, na medida em que avancemos, outros haverão de se juntarem ao nosso grupo. Tenham em mente que nossa caminhada não é pelo prazer de sangue e carnagem, mas é necessário que no início desta revolução, todos os brancos que encontremos devam morrer, até que tenhamos um exército forte o bastante para dar andamento ao movimento em bases cristãs. Lembrem-se que nossa guerra não visa o saque ou à satisfação de nossas paixões; é a luta pela liberdade. Devemos agir e não fanfarronar. Então, sigamos para o palco das ações.

Era cerca de uma hora da madrugada. Southampton repousava silente na escuridão enquanto Nat Turner e sua tropa de seis homens rastejavam em meio à mata em direção à casa de Joseph Travis. No jardim da casa, o pequeno grupo deparou-se com o escravo Austin, que imediatamente aderiu, tornando-se o sétimo soldado do exército de Nat. Todos os homens, com exceção de Nat, foram até a prensa de cidra, e beberam vinho de maçã. Nat, que era abstinente, e não estava nervoso, aguardou que eles retornassem. Quando voltaram, apontou na direção da casa, e silenciosamente todos para lá se encaminharam. Havia uma escada convenientemente postada contra a chaminé. Nat escalou-a, entrou na casa pela janela do sobrado, desceu pelo interior e abriu a porta da frente. Rápida e silenciosamente, os homens se dirigiram para o quarto do casal Joseph Travis. Então, à beira da ação, houve um ataque de hesitação de última hora. Os homens, sussurrando, disseram a Nat que, sendo a insurreição projeto seu, ele deveria ser o primeiro a fazer o sangue jorrar. Nat concordou, com a cabeça, e adentrou ao quarto, empunhando uma velha machadinha, acompanhado de Will. Sem um instante e hesitação, desferiu um golpe que supunha mortal, na cabeça de Joseph Travis. Mas estava escuro no quarto, e o golpe que não fora bem dirigido, não atingiu a cabeça de Travis, que deu um pulo, assustado, e chamou pela esposa. Foi a última coisa que fez. Will com o seu machado golpeou-o, abrindo a cabeça de Travis e, praticamente no mesmo golpe, quase decapitou Sallie Travis. Dois adolescentes, Putnam Moore e Joel Westbrooks, dormiam em quartos no

andar de cima. Moore era filho de Thomas Moore, sendo assim proprietário de Nat. Esse parentesco custou-lhe muito caro. Um golpe, diz uma narrativa da época, “parece ter sido suficiente para [tanto Moore quanto Westbrooks], que dormiam tão próximos, atingia cada um dos pescoços”. Uma criança dormindo num berço foi ignorada. Mas quando o grupo deixou a casa, Nat lembrou-se e invocou a regra terrível de que nem idade nem sexo deveria ser motivo para salvação. Henry e Will retornaram e assassinaram a criança.

Os rebeldes se apropriaram na casa de Travis, de quatro pistolas, alguns mosquetões e uma libra ou duas de pólvora. Dirigiram-se a seguir para o celeiro, onde Nat organizou seu grupo em fileira, tentando impor algo de disciplina militar. “Alinhei-os em fileiras como soldados, e após levá-los a exercícios que eu conhecia, comandi-os na direção” da casa de Salathiel Francis, situada cerca de quinhentos e cinquenta metros adiante.

Francis, solteiro, vivia sozinho. Sam e Will, que eram escravos de Nathaniel, irmão de Francis, dirigiram-se à porta da frente e bateram.

“Quem está aí?” Perguntou Francis.

Sam identificou-se e disse que tinha uma carta de Nathaniel Francis. Quando Salathiel abriu a porta, Sam e Will arrastaram-no para o jardim, matando-o com repetidos golpes na cabeça.

Movendo-se rapidamente e mantendo, segundo disse Nat, “o mais perfeito silêncio”, os revoltosos se dirigiram à casa de Piety Reese, um quilômetro e meio na direção sudeste. A porta da frente não estava trancada. O senhor Reese e seu filho William dormiam em seus quartos, e nunca ficaram sabendo o que os atingiu. Após partir da casa dos Reese, Nat e seu exército endereçaram-se para noroeste e marcharam por alguns quilômetros antes de alcançarem, no alvorecer, a casa de Elizabeth Turner. Henry, Austin e Sam dirigiram-se primeiro ao alambique, onde surpreenderam e mataram o feitor, Hartwell Peebles. O disparo de arma alarmou a família de Turner, que acorreu à porta da frente, que Will arrebentou com um golpe de seu machado. Os rebeldes rapidamente adentraram a casa e mataram Elizabeth Turner e Sarah Newsome, que se mantinham de pé, horrorizadas, no centro do dormitório.

Até aquele momento, “quase no alvorecer” de vinte e dois de agosto, o pequeno exército havia tornado a marcha de morte numa rotina. Destruição generalizada da propriedade e a busca por dinheiro e armas sempre se seguia aos assassinatos. Em praticamente cada parada, apoderavam-se de cavalos e ferramentas. Assim, na manhã de domingo, o grupo original composto de sete havia aumentado para quinze, inclusive nove homens com cavalos. Nat agora dividia sua tropa enviando os seis homens infantis para a casa de Henry Bryant, e a cavalaria, composta de nove homens, para casa de Catherine Whitehead.

À medida que o destacamento montado se aproximava de casa de Whitehead, ocorreu um pequeno incidente, daqueles que dizem muito a respeito da transitória natureza do poder. Richard, filho da senhora Whitehead, se encontrava numa alameda das que separam os canteiros na lavoura de algodão. Ele era um pastor metodista, e havia predicado um vibrante sermão no domingo, na igreja Barnes. Agora, no campo, supervisionava os escravos. Nat freou seu cavalo próximo da alameda e, segundo uma fonte, gritou “Dick”, e segundo todas as fontes, chamou para que o pastor viesse até ele. Cometia, assim, uma violação às normas da escravidão, pois os escravos jamais poderiam dar ordens aos brancos. Assim, no campo, os escravos observavam curiosos se o amo iria atender à ordem do escravo. Ele atendeu. Nat disse: “Will, o carrasco, se encontrava próximo, à mão, com seu machado fatal, pronto para mandá-lo prematuramente para a última morada.” A ação foi terrível. Mas o sistema para o qual fora uma resposta era ainda pior. É impossível avaliar a violência de Nat Turner se não levarmos em consideração o violento sistema para o qual aquilo era contestação.

“Enquanto nos encaminhávamos para a casa”, narrou Nat, “vi que alguém corria pelo jardim; marchei em sua direção, pensando tratar-se de pessoa da família branca, mas constatando que era uma menina doméstica, retornei e recomecei a matança. Mas aquele de quem me afastara não ficaram desocupados; toda a família já havia sido morta, menos a senhora Whitehead e sua filha Margareth. Quando cheguei próximo da casa vi Will arrastando a senhora para fora – ele praticamente separou sua cabeça do corpo, com o machado. A senhorita Margareth, quando a descobri, estava encurralada num canto. Com

minha aproximação ela escapou, mas foi em seguida alcançada, e depois de repetidos golpes com um facão, a matei com uma pancada na cabeça, usando um varão de cerca”.

Margaret (Peggy) Whitehead foi a única pessoa morta por Nat Turner. Seria dito mais tarde que o fato de haver matado apenas uma pessoa, e mesmo com grande dificuldade, mostra que ele não tinha coragem. Esta é uma visão curiosa, baseada em grave erro no exame das evidências. Em primeiro lugar, o general Nat, como o chamavam, era o comandante supremo da tropa de desforra, e generais raramente matam. Em segundo lugar, não se tratava de uma vingança pessoal. Praticamente todas as autoridades no assunto concordam que Nat não era por natureza vingativo; não buscava uma vingança pelos agravos que recebera, senão que uma compensação e liberdade. A campanha que liderava, assim, era de natureza política; e as mortes que ordenara, e pelas quais assumira total responsabilidade, eram políticas e deveriam ser julgadas numa escala diferente de valores. Isto não exclui os assassinatos, tampouco atenua o horror das vítimas. Simplesmente exprime o óbvio: Nat Turner metera-se numa aventura que era mais do que uma farra de criminosos ou um atentado infantil buscando provar virilidade. Deve ser também observado que as vítimas assim eram face à história e pelo efeito bumerangue de um sistema violento que apoiavam ou dele se beneficiavam. Não é verdade, como muitos comentaristas disseram, que Nat desencadeou uma onda de violência em Southampton. A violência já ali existia. Escravatura era violência, e as ações de Nat, ainda que lastimáveis, devem ser assim entendidas quanto às pessoas, onde respostas para essa violência devem ser avaliadas, histórica, sistêmica e politicamente. Há outro ponto que sustenta esse argumento, relacionando-se com o fato destacado de que nenhuma mulher foi insultada ou estuprada durante o dia e meio em que Nat comandou o condado de Southampton. Robert R. Howison, um historiador da Virgínia, que escreveu quinze anos após o evento, disse: “é digno de nota que durante toda a seqüência de ataques, nenhuma mulher foi estuprada. Considerando a desenfreada paixão dos negros, podemos entender tal comportamento supondo que os agentes se intimidaram pelo próprio sucesso de sua horrenda iniciativa”.

Se a pessoa não é racista, este fato pode ser explicado de muitas maneiras, como Thomas Wentworth Higginson indicou em seu ensaio para *Atlantic Monthly*. Ele escreveu: “Numa coisa eram mais humanitários do que os índios, ou do que os brancos lutando

contra os índios: não houve agressão gratuita além do golpe de morte em si; sem ultraje, sem mutilação; senão que em cada casa que entravam, o golpe incidia sobre homem, mulher e criança – ninguém que tivesse pele branca era poupado”.

Nesse sentido pode-se dizer de Nat Turner o que Harriet Beecher Stowe⁹³ disse de Dred⁹⁴, em seu rebelde personagem da ficção: “ A quem o Senhor disse-nos: ‘golpeia’, então nós golpearemos. Não iremos atormentá-los com flagelo e fogo, tampouco iremos macular suas mulheres como ele fizeram com as nossas. Mas iremos matá-los todos, e fazê-los sumir da face da terra⁹⁵”.

Seja o que outros tenham pensado sobre o assunto, Nat não tinha dúvidas sobre a integridade e justiça de sua estratégia: atacar com tamanha força que os defensores em potencial haveriam de se submeter, apavorados. Isto porque, limitados eram seus recursos e imenso o inimigo que teria de enfrentar. A estratégia alcançou o efeito que Nat buscava. Quando os primeiros corpos dilacerados foram encontrados, na manhã de segunda feira, um indescritível terror tomou conta de Southampton, e foi impossível, de início, organizar uma defesa efetiva. Face ao inimigo desconhecido e inesperado, homens, mulheres e crianças entraram em pânico. Alguns fugiram para a mata, escondendo-se sob a folhagem. Houve quem fugisse do condado e mesmo quem saísse do Estado.

À medida que a revolta ganhava força, grande número de brancos buscava refúgio nas igrejas e prédios públicos em Pate's Hill, Cross Keyes e Branch's Bridge. Os refugiados brancos, em sua maioria, mostravam-se histéricos. “A ocorrência de qualquer fato incomum, ainda que menor, era motivo para causar grande confusão. Um rebanho de ovelhas despontando ao longe fora tomado como rebeldes em marcha. Por isto, em seguida, mulheres e crianças escaparam para o pântano. Ali ficaram por duas noites, abrigadas sob a folhagem e mantendo-se com o pouco que conseguiram levar consigo” –

⁹³ - Autora de *“Uncle Tom's Cabin”* (A Cabana de Tio Tomás, romance conhecido no Brasil como *“A Cabana do Pai Tomas”*).

⁹⁴ - Dred Scott (1795?-1858) - Escravo americano que ajuizou processo por sua liberdade, após haver passado quatro anos com seu amo num território onde a escravidão havia sido banida, face ao Compromisso do Missouri. Seu processo gerou em 1857 uma decisão da Suprema Corte dos EUA

⁹⁵ - Citações da Bíblia, Êxodo - trechos relacionados com o cativo dos judeus no Egito..

escreveu Drewry. Na confusão generalizada que envolvia a evacuação, os escravos eram deixados à sua sorte. A reação de Drewry Bittle foi típica: quando ouviu os informes sobre a rebelião, correu a casa e “levou sua família, deixando seus negros, instruídos de que por nada deveriam abandonar a casa, apenas se fosse preciso fugir dos negros”.

Visto hoje em dia, parece fantástico o que pensaram alguns: “os ingleses haviam invadido a América e estavam matando tudo que se movia”. Quando, enfim, ficaram sabendo que a invasão vinha das senzalas, muitos brancos negaram juntar-se à milícia, dizendo que seria de maior utilidade ficar em casa, protegendo suas mulheres e crianças.

Nat avançava mais, e via suas fileiras engrossarem sempre mais, a cada parada que fazia. Na metade da manhã, tinha já uma força composta de vinte homens. No entardecer, comandava sessenta.

Jamais houvera um exército como aquele. Havia escravos de todos os tamanhos, tipos e matizes, vestidos, muitos deles, com roupas e adereços apropriados a seus amos, e brandiam mosquetes, espingardas, cacetes e machados. Ali estavam negros livres, orgulhosos e desafiadores, lutando lado a lado com seus irmãos escravos. Também, adolescentes e meninos que “montavam cavalos, na retaguarda de cada companhia”. Alguns desses soldados, se acreditarmos em W. S. Drewry, “ostentavam plumagens em seus chapéus e vestiam longas bandas na cintura e sobre os ombros”.

Os tenentes-chefes desse exército chamavam-se Hark, Néelson, Will e Henry. Hark foi identificado em relatos contemporâneos como “capitão Moore” e “general Moore”. Néelson que se proclamava profeta, foi identificado num relatório como “o afamado [general] Néelson”. O general Henry era o “pagador” do exército. Por último, quatro negros livres tiveram participação na revolta: o artista Will era identificado como um líder. O artista, diziam, “era distinto dentre os insurgentes; quando recrutado, chorou como uma criança, mas tendo sofrido o batismo de sangue, portou-se desde então como um lobo em meio a um rebanho de ovelhas”.

Por razões óbvias, faltam informações biográficas a respeito dos soldados. Mas é certo, eles se relacionavam há anos. Três dos insurgentes – Nat, Hark e um jovem chamado Moses – serviam na fazenda de Travis. Outros seis, Sam, Will, Dred, Nathan, Tom e Davy, eram escravos na fazenda de Nathaniel Francis, que parece haver sido o ninho do

movimento revolucionário. Alguns desses homens, como Hark e Jack, eram cunhados; outros, como Nathan e Ben, eram irmãos. Não havia mulheres dentre as tropas de choque, mas essas se encontravam dentre os maiores entusiastas da insurreição. Charlotte, uma das escravas revoltosas de Francis, atacou e capturou sua ama. O mesmo fez Lucy, uma escrava com vinte anos, servindo na fazenda de Barrow, que se ligava romanticamente a Moses, um dos melhores soldados de Turner. O exército também incluía o jovem e o coxo. No julgamento de Nathan, Tom e Davy, a corte concluiu que “o mais velho não tinha mais do que quinze anos, e que os outros dois eram muito jovens; o mais velho pouco crescido”. Uns dentre os jovens eram descritos como montados a cavalo durante os ataques, e alguns deles disseram quando em julgamento que eram obrigados a acompanhar Nat e “que eles participaram com má vontade”. Essa era uma forma de defesa muito comum nos julgamentos – mas, por certo, jovens e adultos que se valeram dela, foram fiéis a Nat até que “toda a tropa houvesse sido dispersa”.

Havia algo que inspirava terror na forma como esses homens e meninos cavalgavam: sua aparência e seus gritos aterradores.

O relato de um morador dizia: “O andar dos negros servia para adicionar ainda mais terror, pois nunca cavalgavam senão que à máxima velocidade; e à medida que os cavalos ficavam fatigados, trocavam por outros descansados”. Dizia a mais esse informe: “o fato de estarem montados, e sua forma incomum de cavalgar, dava a impressão de ser o número de cavaleiros muito maior do que realmente era”.

Nat, o comandante incontestado do exército, cavalgou nos melhores cavalos que o dinheiro dos escravocratas podia comprar, e portava uma espada, com empunhadura em marfim e rubis, a bainha em prata. Durante os estágios posteriores da campanha, Nat dedicou-se por inteiro ao comando, enviando um destacamento para uma casa, um segundo grupo para outra residência, e ao fim inspecionando, pela retaguarda, se o “exercício da morte” havia sido praticado. Os regimentos tinham um ponto de encontro comum, quando retornavam dos ataques, e Nat descreve que ao alcançar um desses pontos encontrou “a maioria montada, e pronta para o ataque [e] os homens agora somando cerca de quarenta, deram vivas e gritos à medida que me aproximei”.

Nesse momento, havia que apressar o movimento. “Assumi meu posto na retaguarda, e como meu objetivo era espalhar o terror e a devastação por onde passássemos, destaquei quinze ou vinte dos homens mais bem equipados e de maior confiança, capazes de chegar às casas tão rápido quanto permitiam seus cavalos.” Disse Nat, que acrescentou, “Isto tinha dois propósitos: impedir que fugissem e disseminar terror entre as pessoas. Agindo dessa forma, nunca cheguei às casas, depois da primeira investida, que foi contra a família Whitehead, antes das mortes ocorrerem. Algumas vezes cheguei ao local em tempo de ver o morticínio terminado, contemplando os corpos que jaziam mutilados, em íntima satisfação, e imediatamente reiniciava a busca por mais mortes...” A procura abrangia vítimas de todo o tipo e era entremeada pelos rogos, gemidos e gritos dessas. Para alguns dos golpeados o projétil irrompia de forma tão súbita, inesperada, que eram anestesiados e como que jogados ao nada. Esses eram os felizardos. Outros viam a morte se aproximando, tinham tempo de conjecturar e senti-la antes mesmo que a bala ou o machado rasgasse suas carnes. Estamos hoje muito longe daquela horrenda segunda feira, mas é impossível ler relatos dessa carnificina sem estender às vítimas a compaixão humana que ela – e os seus ancestrais e descendentes – foram incapazes de estender às suas vítimas e aos seus assassinos.

Numa frase de evocação estranha, Nat chamou a isso de “o exercício da morte”. A tarefa se alongou por todo o dia. “Trajan Doyle, Henry Bryant, esposa, criança e sogra; o feitor de Nathaniel e duas crianças... senhora Caswell Worrell e criança...senhora Jacob Williams e três crianças:” todos morreram, assim como a bela jovem Ann Eliza Vaughan e sua tia Rebecca Vaughan, que havia preparado o farnel para os caçadores de raposa e que cometeu o erro fatal de pensar que o tropel dos cavalos e homens se aproximando fosse provocado pelos caçadores de raposa aproximando-se da casa, o que Rebecca esperava ansiosamente. Ela, seu filho Richard e a sobrinha Ann foram baleados. Um escravo da família narrou que, “quando a missão foi cumprida, foram convidados para comer, beber e relaxar”.

Apenas os brancos pobres, que não possuíam escravos, foram poupados. John Floyd mais tarde diria que os insurgentes “pouparam apenas uma família, mas esta era tão miserável quanto eles próprios”. A mesma colocação foi feita por um dos rebeldes, que

disse adiante ao confessar sua participação que o “capitão Nat, passando por uma casa onde viviam pessoas muito pobres, disse que não os iria matar porque eles não se consideravam melhores dos que os negros”.

Alguns brancos escaparam da ação de Nat, mantendo-se em esconderijos de suas casas. Lavinia Francis, esposa de Nathaniel Francis, sobreviveu por esconder-se no sótão. Uma menina não identificada de doze anos, escondeu-se numa lareira, lugar privilegiado de onde assistiu, com horror, o assassinato de diversas pessoas, inclusive sua irmã.

Mary T. Barrow, uma das beldades do condado e a filha da desafortunada Rebeca Vaughan, também escapou, mas não sem pagar seu preço. De acordo com o relato de Drewry, muito vaidosa, mesmo quando chegaram às primeiras informações sobre o levante dos escravos, tratou de enfeitar-se. Seu marido foi para a frente da casa e, mesmo ante a iminente chegada daqueles, manteve-se a postos, oferecendo-se para o sacrifício, lutando até que a mulher se arrumasse e fugisse para o mato. Passada a revolta, Mary viveu uma longa existência: casou-se com o Sr. Rose e, mais tarde, com um Sr. Moyler.

O destino favoreceu Mary Barrow; esse mesmo destino que condenou outros. Seu irmão George foi surpreendido e executado na estrada, enquanto se dirigia para a caçada à raposa. Edwin Drewry, um parente do historiador W. S. Drewry, também foi surpreendido e morto em meio a uma transação comercial. Drewry e um escravo chamado Stephen havia viajado para a fazenda Jacob Williams a fim de buscar um carregamento de milho. Eles se encontravam no meio do jardim tentando decidir “quem deveria ir para aferição do milho”, quando Drewry ouviu o tropel de cavalos, e gritou “meu Deus, quem vem lá?” Era a morte que se aproximava; disso se apercebendo, saiu em disparada, sendo, contudo, alcançado e assassinado.

Essa cena e outras de importância similar foram testemunhadas por amos e escravos. Devemos fazer uma pausa neste ponto para registrar que o efeito imediato de todo o ocorrido foi uma breve mas significativa revolução nas relações raciais em Southampton. Eis que, durante toda a segunda-feira e parte da terça, a maioria dos brancos abrandou seu tratamento para com os escravos. Nesse mesmo período de tempo, e pela mesma razão, viam-se sinais de que a maioria dos escravos, mesmo dentre aqueles que não haviam aderido à rebelião, sentiram-se de alguma forma engrandecidos pela audácia

de Nat Turner. O espetáculo de ver os brancos encurralados, em pânico generalizado; a visão de poderosos senhores pedindo, implorando por misericórdia; o som de negros dando ordens, comandando; tudo isto abalava, ainda que brevemente, o mito da invencibilidade do branco. Os escravos eram indivíduos, assim que respondiam, cada um a seu modo, às diferentes situações, de acordo com o temperamento e histórico de cada um. Alguns, os corajosos, os aventureiros e os profundamente injuriados, apoiavam Nat. Outros, os tímidos, os cautelosos, os bem-situados, apoiavam os amos. Quanto à maioria, esta se mostrou como sempre, em qualquer revolução: aguardou em cima do muro até que o vento indicasse o caminho a ser seguido. Nada de inusitado havia nesse procedimento. A mesma coisa ocorrera em todos os movimentos revolucionários, nos seus primeiros momentos. O que é surpreendente, todavia, e digno de nota, é que grandes setores dessa maioria oscilante balançou, por um breve período, na iminência de um engajamento radical. Na segunda-feira, vinte e dois de agosto, havia indícios disso em todos os cantos de Southampton. Um indício, refletido nos registros da corte e no testemunho ocular de contemporâneos, era a presença de um grande número de escravos, em Southampton e áreas vizinhas, a vangloriarem-se do que haveriam de fazer aos brancos “se o capitão Nat aparecer”. Outro sinal, de igual significância, era o relativamente grande número de escravos que se havia livrado da escravidão após a morte de seus amos.

Por todas essas razões, então, Southampton no dia da revolta era um local de areias movediças e de alianças. O caso de Lavinia Francis foi característico. Ela sobreviveu ao ataque, como se viu, ao esconder-se no sótão de sua casa. Quando saiu do esconderijo, surpreendeu-se ao deparar com servos supostamente leais dividindo seu vestido de casamento, e discutindo sobre a disposição de seus bens. No dia anterior, Lavinia poderia ter dispersado seus escravos com apenas um olhar ou uma palavra. Mas as coisas havia mudado em Southampton, e a dimensão mais assinalada nesse conflito foi o reconhecimento, quase imediato, pelos escravos e pela ama, de que a autoridade de Lavinia Francis, sua mística como ama, havia desaparecido. De forma significativa, a iniciativa foi tomada pela jovem escrava, de nome Charlotte, que verberou: “Eu pensei que você estivesse morta”, ao mesmo tempo em que desembainhando um punhal acrescentou: “Se você não está morta, vai morrer agora”. Uma escrava chamada Esther sustou o braço de

Charlotte, e disse que a Sra. Francis havia sido uma boa ama e que não merecia ser morta. Assim, pela segunda vez, Lavina Francis escapara da morte; havia, contudo, marcado sua presença no cerne da questão das relações inter-raciais, e a vida para ela nunca mais voltaria a ser a mesma.

Mais ou menos ao mesmo tempo, Jacob Williams surpreendeu-se ao ver, em pleno dia, seu escravo Nélon vestindo suas melhores roupas. William não havia ouvido nada a respeito da rebelião, mas algo em seu interior lhe avisou – ele declararia mais tarde – que o escravo aparentava querer atacá-lo. William tomou a decisão de, face à circunstância, fazer vista grossa ao fato de Nélon não estar naquele momento trabalhando no campo. Como precaução extra, William passou à distância de Nélon, indo direto à mata, a fim de medir madeiras. Este era um comportamento inusitado para um senhor de escravos, que sequer sabia que uma insurreição irrompera à sua volta. Inusitado ou não, isso salvou sua vida; mas desafortunadamente não poupou sua família. Após a execução da esposa e filhos de Jacob Williams, Nélon, “vestido...muito bem, veio até a cozinha e pediu por carne; apanhou um naco contido num pote de sua ama, cortou um pedaço e, de acordo com a escrava cozinheira, que narrou a passagem de Nélon pela cozinha, disse: “Cynthia você não me conhece. Não sei quando você me verá novamente”. Falava por sobre os corpos caídos, sem mostrar qualquer tipo de sentimento, informou a cozinheira.

Um terceiro caso, mostrando ainda mais claramente o rumo para onde soprava o vento, foi um encontro revelador entre uma branca e um grupo de escravos, numa estrada distante do cenário das ações. Uma terceira mulher, Nancy Parsons, testemunhou mais tarde que “ela viu vários negros parados ao longo da estrada... que [Isaac] jazia a alguma distância do campo desocupado; que [ela] ouvira falar de distúrbios no condado, mas não sabia de que tipo; ouviu que os ingleses estavam no condado; ela pediu a [Isaac] se ele não tinha medo; que, se aparecessem [Isaac] não iria juntar-se a eles e ajudá-los a matar os brancos”.

Resta pouca dúvida, em face desses testemunhos, que a sublevação provocada por Nat estava rompendo com o tecido social do regime escravista de Southampton. E no entardecer daquela segunda-feira, tinha-se a impressão de que Nat e seu exército eram imbatíveis. Então, Nat havia cavalgado cerca de cinquenta quilômetros sem encontrar

qualquer oposição. Atrás de si havia ficado uma trilha vermelha de destruição, e cerca de sessenta brancos mortos. Adiante, mais cinco milhas, estava seu objetivo estratégico, a capital do condado, Jerusalém (hoje, Courtland). Aqui, no portão da propriedade de James W. Parker, na estrada para Jerusalém, e talvez para a vitória, ocorreram eventos importantes. Alguns dos soldados de Nat possuíam parentes na fazenda de Parker, assim que desejavam, naturalmente, fazer uma parada e visitá-los. Nat, entretanto, não concordou, dizendo que seu objetivo era alcançar Jerusalém o mais cedo possível. Os homens pressionaram e ele cedeu, cometendo o erro, compreensível, de permitir que a maioria de seus homens adentrasse a fazenda, enquanto ele permanecia no portão, com um pequeno grupo de oito ou nove. Este foi, sem dúvida, o ponto crítico do drama. Os homens embriagados com o sucesso e, também, com a aguardente, caíram na gandaia. Passado algum tempo, Nat partiu em direção a casa, para buscá-los. Enquanto ausentou-se, um grupo de dezoito brancos atacou o pelotão que ficara no portão, dispersando-o. Assim, quando Nat retornou com o restante do grupo, confrontou-se com a primeira oposição organizada. Sua resposta a esse desafio foi típica: ao invés da retirada, optou pelo ataque, ordenando a seus homens assaltar e atirar nos brancos, que mantiveram sua posição e em seguida se retiraram. O exército dos negros perseguiu os brancos por alguns metros, até que então mais efetivos dos brancos, vindos de Jerusalém, engrossaram a tropa desses. O que aconteceu a seguir é assim descrito por Nat: “Vendo-os remunciar suas armas, e mais homens chegando, e muitos de meus bravos homens sendo feridos e outros dispersando-se em pânico, os brancos perseguiram-nos e atiravam inúmeras vezes. Hark teve seu cavalo baleado, e eu consegui outro, que passava a meu lado, para ele; cinco ou seis de meus homens estavam feridos, mas nenhum ficara abandonado no campo; considerando-me derrotado aqui, imediatamente decidi que seguiria por uma estrada privada, e cruzaria o rio Nottoway em Cipreste Bridge, cinco quilômetros abaixo de Jerusalém, e atacaria esse lugar pela retaguarda, pois esperava que eles fossem procurar-me na outra estrada, e eu tinha necessidade de lá chegar, a fim de conseguir armas e munições. Após percorrer uma breve distância nessa estrada particular, acompanhado por cerca de vinte homens, alcancei dois ou três que me disseram que os outros se dispersaram em todas as direções”.

Agora, na medida em que o destino de Jerusalém mostrava-se indefinido, Nat alterava posições, retornando sobre seus passos, a fim de recrutar mais gente. Teve sucesso em reunir cerca de quarenta homens, mas foi rechaçado numa segunda batalha, no alvorecer de terça-feira, na residência do Dr. Simon Blunt. Hark e outros insurgentes foram feridos e capturados na batalha.

Após a batalha de Blunt, o equilíbrio de forças rompeu-se, passando a vantagem para os brancos; e percebendo isto, Nat desesperadamente multiplicou seu empenho, despachando patrulhas com o objetivo de reunir suas forças em dispersão. A melhor evidência do poder e autoridade de Nat é o fato de seus seguidores continuarem a obedecê-lo. As oito ou nove horas da manhã de terça-feira, enquanto os brancos davam sepultura a seus mortos, um negro livre chamado Thomas Hatchcock, acompanhado por quatro jovens, visitou a fazenda de Edwards e informou aos escravos que o general Nat partira na direção de Belfield, a fim de matar todos os brancos, e que retornaria à fazenda Edwards na quarta-feira ou na quinta, em busca dos quatro jovens, e os levaria consigo. Na mesma manhã, cerca do mesmo horário, e ao mesmo tempo, dois escravos de Thomas Ridley – Curtis e Stephen –, rodavam o condado em busca de mulas e fazendo aberto proselitismo em favor de Nat. Os dois foram capturados, e admitiram, após intenso interrogatório e tortura, naturalmente, que Nat havia dito para irem aos alojamentos de Newssoms e Allens, a fim de conseguir que outros negros se juntassem a eles. Indagado porque haviam aceitado um encargo tão perigoso, Curtis respondeu que Nat lhe havia dito que os brancos estavam por demais apavorados para contê-los. Havia outros recrutadores no campo de batalha, notadamente Will Artist e sua esposa. Em torno as três ou quatro horas de terça-feira, Artist e sua esposa visitaram a fazenda de Blunt, e disseram aos escravos que a luta estava longe de terminar. De acordo com testemunhas, Artist disse que abriria seu caminho, matando e ferindo enquanto passasse. E não era apenas conversa fiada. Nat tinha, ainda, pelo menos, um destacamento organizado no campo de batalha. Este destacamento travou uma acirrada batalha contra a milícia branca, na tarde de terça-feira, sofrendo muitas baixas, inclusive Will. Nat, desinformado desse revés, continuou suas manobras por conquistar posições. Escoltado por dois leais ajudantes, Jacob e Nat, instalou um posto de comando na floresta. No entardecer da quinta-feira, de acordo com sua

narrativa, enviou Jacob e Nat à procura de Henry, Sam, Néelson e Hark, a fim e instruí-los a se reagruparem, na medida do possível, “no local onde jantamos no domingo anterior – aí deveriam se encontrar comigo. Dessa forma, lá retornei logo que escureceu tendo permanecido até a noite de quarta-feira, quando constatei que os brancos rondavam o local, como se buscassem por alguém, e que nenhum de meus homens veio ao meu encontro. Conclui que Jacob e Nat haviam sido capturados, e compelidos a me trair. Isto fez com que se esvaíssem todas as minhas presentes esperanças, e na noite de quinta-feira, após haver-me abastecido com provisões do senhor Travis, procurei por um buraco, sob uma pilha de moirões no campo, onde me escondi...”

Enquanto isto, a situação tornou-se muito mais complicada. Toda a atividade produtiva em Southampton parou, e grandes espaços na campanha se encontravam abandonados. Muitos brancos largaram suas casas, deixando portas e janelas abertas, em direção a Jerusalém, cuja população de cento e setenta e cinco almas subiu para cerca de seiscentas. Tudo isso foi testemunhado por pessoas que deixaram narrativas. Um branco do local, escrevendo de Jerusalém em vinte e quatro de agosto, disse que “o mais antigo dos moradores do condado jamais havia tido uma experiência tão angustiante como aquela a partir da noite de domingo passado... Cada casa, quarto e esquina neste local [Jerusalém] estão repletos de mulheres e crianças, afastados de suas casas, que tiveram de se esconder nos matos, até chegar a este local...” Passados cinco dias, um grupo de cidadãos se dirigiu, por carta, ao presidente Andrew Jackson⁹⁶, pedindo para que forças federais fossem destacadas para Southampton. “Por toda a estrada palmilhada pelos negros rebeldes”, dizia a carta, “ numa distância compreendendo cerca de quarenta e cinco quilômetros, não existe qualquer alma branca, capaz de dizer quão demoníacos eram seus intentos. No seio de praticamente qualquer família este inimigo ainda se mantém. Nossos lares, aqueles nas proximidades da ocorrência dos danos, bem como outros mais distantes, foram abandonados e nossas famílias se agruparam e reunidas são protegidas em locais públicos do condado...”

⁹⁶ - Sétimo presidente dos EUA (1829-1837).

A situação melhorou um pouco com a chegada de forças federais e estaduais. Três companhias de artilharia de campo vieram de Forte Monroe. Dos vasos de guerra da Marinha atracados em Hampton Roads, vieram destacamentos de marinheiros e guardas-marinhas. Da capital do Estado, em Richmond, e de condados vizinhos, apareceram milícias e material de reforço. Somado, era de cerca de três mil homens o contingente disposto a sufocar o levante escravo. O resultado mais imediato da invasão de forças da lei e da ordem dos brancos foi o massacre de negros, que eram torturados até a morte, mutilados e sujeitos a outras atrocidades. Dentre estes estava a mulher de Nat Turner, que foi açoitada num pelourinho. Alguma coisa do espírito da época aparece numa carta escrita pelo reverendo G. W. Powell, que disse: “existem milhares de soldados buscando em todos os cantos, e muitos negros são assassinados todos os dias; o número exato jamais será averiguado”. Em Cross Keys, um analista, mais tarde disse: “três mulheres, escravas de Nathaniel Francis, também dois negros, escravos de Peter Edwards, foram amarrados a um grande carvalho... e fuzilados por raivosos cidadãos”. Em sua fúria, alguns brancos decapitaram os negros e dependuraram suas cabeças em postes ao longo da estrada, como advertência para futuros Nat Turners.

Como a histeria pública se intensificou, escritores de sermões e editoriais reforçaram suas peças com palavras de advertência e sapiência. O problema era claro para o *Richmond Enquirer*, que escreveu em trinta de agosto que “o exemplo de Nat Turner deve alertar-nos. A nenhum negro deve ser permitido sair pelo país como um pregador.” Alguns cidadãos em Richmond e noutras partes acreditavam que o problema era mais ameaçador.

Um branco que visitou Norfolk e Richmond e outras partes do Estado disse haver ouvido brancos “amaldiçoando quacres e batistas, os quais iriam arruinar o Estado”. E que “freqüentemente ouço o desejo de que os desgraçados negros sejam todos exterminados”. Essa vontade era expressa por grande parte da opinião pública. Escrevendo no *Constitutional Whig*, de Richmond, em 3 de setembro de 1831, John Hampden Pleasants, sem rodeios, diz: “Que não tenham dúvida, outra dessas insurreições será o sinal para o extermínio de toda a população negra no reduto do Estado onde ocorra”. As implicações de ordem prática de tudo isso foram graficamente detalhadas por um ex-escravo, que foi citado por Thomas Wentworth Higginson. Ele disse: “Ao tempo do velho profeta, Nat, a gente de

cor temia rezar em voz alta, pois os brancos ameaçavam punir-nos terrivelmente, se o menor ruído fosse ouvido. As patrulhas eram integradas por brancos desclassificados bêbados; e na época de Nat, se ouvissem um dos negros rezando, ou cantando um hino, intrometiam-se, insultavam-nos e até assassinavam, antes que o amo ou ama pudesse interferir. Matavam o que de melhor havia naquele tempo.

Entre a última semana de agosto e a primeira de setembro, os melhores eram caçados como animais nos campos e florestas de Southampton. Pode-se seguir o desdobramento dessa caçada humana nos despachos do comandante militar, general-brigadeiro Richard Eppes, e seus subordinados. Na quarta-feira, vinte e quatro de agosto, o general Eppes disse ao governador Floyd que “o número de insurgentes era, de acordo com fontes de inteligência, reduzido a seis – mesmo que não seja improvável que tentem se reagrupar. Doze foram apanhados: alguns foram detidos, não os sediciosos, mas suspeitos; quinze foram mortos, o restante, com o general Nat Turner (pregador e escravo), e Will Artist, um negro livre, tentavam escapar”.

No dia seguinte, John Hampden, um editor em Richmond, trabalhando para o *Richmond Draggons*, enviou o seguinte telegrama desde Jerusalém:

“Neste local encontram-se treze prisioneiros, um ou mais deles gravemente feridos; o mais importante deles, um homem com vinte e um anos, chamado Marmaduke, pode ser considerado um herói, por seu estoicismo. Ele é acusado de ser um terrível criminoso, assassino da Srta. Vaughan, destacada por sua beleza. O padre-capitão ainda não foi capturado...”

Outros prisioneiros foram feitos na sexta-feira, de acordo com a carta de um “cavalheiro”, servindo numa outra unidade militar, os Voluntários de Norfolk e Portsmouth. Ele disse que sua unidade se reportou ao general Eppes e “recebeu ordens de marchar em direção a Cross Keys [onde eles] haviam conseguido fazer prisioneiros e traziam doze homens e uma mulher que teria tido participação muito ativa, junto com o cabeça, o célebre Néelson, chamado pelos negros de “general Néelson” e o “pagador” Heney, cuja cabeça é esperada a qualquer momento...” No sábado, vinte e sete de agosto, outro jornalista do *Richmond Dragoons* escreveu que “a guerra terminou, e o inimigo foi capturado, com exceção de seu chefe, o notório capitão Nat, e outros dois ou três”. Esta notícia era

confirmada no dia seguinte pelo general Eppes, que disse ao governador: “Os insurgentes estão todos capturados ou mortos, com exceção do Sr. Turner, o líder, para o qual ainda há busca. As tropas serão brevemente desengajadas”.

Este era um comunicado oficial, e talvez seja o único documento oficial na história do regimento escravista em que franca e respeitosamente se refere a um servo como Senhor. Essa não era uma frase isolada. A grandiosidade da iniciativa de Nat levava ao respeito. Em vinte e nove de outubro, o *Nile's Register*, de Baltimore, se referia a Nat como “o ilustre líder dos negros, no massacre na Virgínia...”

Embora o Sr. Turner tenha permanecido fora do alcance, a corte do condado de Southampton iniciou na quarta-feira, trinta e um de agosto, o julgamento dos indiciados como co-conspiradores, que seguiu o rito jurídico da escravidão, mas eram, não obstante, superficiais. Não havia corpo de jurados, e os escravos rebeldes eram julgados por um grupo de juízes de paz, todos proprietários de escravos ou ligados a esses. Os brancos que sobreviveram, especialmente o viúvo Levi Waller, a viúva Mary Barrow e escravos leais, identificavam os acusados. Mas em muitas instâncias, testemunhos de convocados pela acusação foram contraditados pelo testemunho de escravos e de, pelo menos, dois senhores de escravos. Não ficou muito claro como os julgadores resolveram o contraditório, pois não havia inquirição, nem os acusados podiam fazer sua autodefesa.

Os julgamentos prosseguiram ininterruptamente do fim de agosto até fins de outubro. Às doze horas do dia dois de setembro, Thomas Trezevant, o agente do correio de Jerusalém registrou numa carta ao jornal *Constitutional Whig*, de Richmond, que “estamos progredindo, mas lentamente, devido ao grande número de testemunhas que devem ser trazidas de diversas partes do condado. Até onde chegamos, o testemunho tem sido forte e conclusivo no que tange aos conspiradores. Ainda nenhum testemunho consistente induz à crença de que a conspiração tenha sido, no seu todo, apenas uma. Darei mais detalhes sobre as circunstâncias à medida que ocorrerem, até amanhã, na hora do fechamento da mala postal, então concluirei com um pós-escrito...”

À uma hora dessa tarde, Trezevant acrescentou seu primeiro pós-escrito:

“Fomos recém informados de que Billy Artist, homem livre e um dos líderes, recém se suicidou. Não há dúvidas de que morreu; incerto que tenha sido por suas próprias mãos; relatos posteriores confirmam que Artist está morto”.

Às seis horas outra nota:

“Hoje temos sido mais despachados; a corte recém decidiu por voltar a se reunir na segunda-feira. Condenou quatorze de um total de quinze.

No dia seguinte, pouco antes de enviar a carta, Trezevant acrescentou um pós-escrito derradeiro:

“P.S. – Noite de sábado, três horas. Nada mais ocorreu hoje. *Começamos o enforcamento amanhã*”. [Itálicos apostos por Trezevant]

Os primeiros rebeldes executados na forca foram Daniel Porter e Moses Barrow. Na sexta-feira, nove de setembro, cinco escravos, inclusive Hark, Sam e Néelson, foram enforcados. Na segunda-feira, vinte e seis de setembro, Lucy, a única mulher condenada, deixou a cadeia e se deslocou, em seu ataúde, até a árvore onde a penduraram.

Vinte e nove pessoas, inclusive quatro meninos, foram condenadas e executadas na forca ou transportadas. Quase todos os observadores contemporâneos disseram que os insurgentes abatidos nos campos morreram sem arrependimento. Uma testemunha branca, registrada pelo historiador Herbert Aptheker, disse que “alguns deles, que foram feridos, na agonia da morte declaravam-se felizes porque iriam encontrar Deus, que tinha algo a ver com o que eles haviam feito...”

O governador Floyd disse: “todos morreram com bravura, não demonstrando relutância em dar suas vidas pela causa”.

Enquanto os insurgentes marchavam desafiadoramente para a forca, ondas de pânico se espalhavam pelo Sul. De Baltimore, onde as casas de negros livres foram revistadas; de Dover County, em Delaware, onde diversos negros foram presos e executados; de Frankfort, em Kentucky, onde circulavam rumores de que escravos haviam capturado toda a costa Sul; de Charleston e Nova Orleães, e Macon, na Geórgia, vinham narrativas de insurreições ou ameaças de levantes.

Uma história vinda de Wilmington, na Carolina do Norte, era incrível. De acordo com o telegrama que chegou a Raleigh, às dez horas da noite de segunda-feira, doze de

setembro, Wilmington havia sido saqueada; a metade dos habitantes havia sido assassinada, e um exército de dois mil negros desfilava na capital do Estado. Esta notícia era falsa. Todavia, outro telegrama que chegou à mesma noite, aparentemente era legítimo. O segundo telegrama, dizia que, de acordo com as notícias, “os negros dos condados de Duplin, Balden, Sampson e outros se encontravam em estado de insubordinação, assassinando as pessoas e queimando tudo que encontravam à sua frente, próximo à linha de Sampson e Johnson”.

Tudo isso, se pode imaginar, causou grande consternação em Raleigh, que se transformou numa base de guerra. Um relato dava conta que “os homens mais hábeis eram organizados em quatro companhias, a fim de, por turnos, patrulhar as ruas durante a noite. Os mais velhos organizaram a companhia Cabelos Brancos. O forte era a igreja presbiteriana. Ficou acordado que quando o sino do Capitólio ecoasse as mulheres e as crianças deveriam acorrer lá buscando proteção. Eles perscrutaram e esperaram com ânsia e medo. As notícias de Wilmington aumentaram seu horror”.

O resultado imediato de tudo isto foi um tanto de pura farsa. Dizia uma narrativa: “Uma noite, a oficina do ferreiro O’Rourke pegou fogo; o sino do Capitólio repicou disparando seu alarma, que foi ouvido de um a outro canto da cidade. A cidade adormecida transformou-se em seguida num pandemônio; o dia derradeiro e inevitável havia chegado; Nat Turner e seus seguidores estavam em seu encalço, eis que o sinal combinado tinha essa finalidade. Os negros ficaram mais aterrorizados do que seus amos, que fugiam para seus lares, escondendo-se nas moitas, deitando-se nas alamedas dos milharais – em qualquer lugar, enfim, para escapar da destruição. As mulheres, despenteadas e com roupas de dormir, corriam pelas ruas em grande velocidade, buscando um lugar de refúgio. Era uma questão de vida ou de morte para eles, e o sentimento fora sempre de grande alívio quando a causa real para o alarme se tornava conhecida”.

Raleigh não foi a única. Houve cenas semelhantes em diversas cidades pelo Sul. Seria dito mais tarde que fora uma resposta exagerada para um perigo inexistente. Mas fora mais do que isto. Houve, sem dúvida, exagero, mas houve também perigo real, um perigo que se tornou concreto e ameaçador na possibilidade de grande número de levantes ou tentativas, no eclodir da revolta de Nat Turner. Mais do que isto, mais profundo ainda, foi o

conhecimento trazido pela revolta de Turner, o conhecimento de que havia um Nat Turner em potencial em cada fazenda.

A suspeita de que um Nat Turner poderia estar em cada família e em todas as fazendas – era o que alimentava o fogo. E à medida que as chamas moviam-se de uma para outra comunidade, funcionários estaduais e federais agiam em todo o país, em busca do homem que pusera fogo. Prêmios que montavam mil e cem dólares eram oferecidos por informações que levassem à sua captura. O governador Floyd passou a receber quantidade de informações falsas, de que Nat havia sido capturado em Ohio, Baltimore ou nas Índias Ocidentais.

Nat não se encontrava em Ohio, não se havia afogado tentando atravessar New River, como dizia um relato. Ele estava, ainda, numa caverna em Southampton, distante uns poucos quilômetros do local de sua primeira incursão. Por seis longas semanas, enquanto ocorria a maior caçada humana da história da Virgínia, ele se mantivera num buraco, apenas saindo à noite em busca de alimento e água, bem como para ouvir, pelas janelas, fragmentos de informações. Era um viver perigoso. Mais tarde ele diria que “tinha medo de falar com qualquer ser humano”, e quase fora capturado uma centena de vezes. Mas, mesmo na adversidade, mantivera um sentido de esperança e disciplina. Para acompanhar o tempo, construiu um calendário rudimentar, fazendo um corte numa vara, cada dia.

Ele diria: “Não sei por quanto tempo teria ficado assim, não fosse um incidente que me traiu. Um cachorro da vizinhança, numa noite em que estava ausente, passando pelo buraco onde me escondia, foi atraído pelo cheiro de algum pedaço de carne que mantinha em minha caverna e arrastou-se até roubá-la. Ele ia saindo no momento em que eu retornava. Um poucas noites adiante, dois negros que haviam saído para caçar, junto com o mesmo cachorro, passaram pelo mesmo caminho. O cachorro buscou de novo o buraco, e tendo recém saído para dar uma volta, descobriu-me e latiu. Sentindo-me descoberto, me dirigi aos negros pedindo que guardassem segredo... Quando viram que era eu, fugiram. Sabendo que iria ser traído, imediatamente abandonei meu esconderijo, e passei a ser incessantemente perseguido”.

Muita coisa haveria de ser escrito adiante, para celebrar o fato de Nat haver sido expulso de seu esconderijo por escravos fiéis ao sistema escravista. Mas isto não surpreendeu Nat, tampouco deve nos surpreender. Todo o regime de opressão cria cúmplices e opositores, e as circunstâncias que envolvem a captura de Nat indicam a existência de opositores, bem como cúmplices nas vizinhanças. O fenômeno verdadeiramente surpreendente em todo esse caso, como observou Henry Irving Tragle⁹⁷, é que Nat foi capaz de evitar sua captura por seis longas semanas, arrastando-se numa vizinhança próxima repleta de guardas e captores. Não se conhecem evidências de como ele conseguiu isso, mas é razoável inferir, como Tragle o fez, que alguns negros sabiam ou suspeitavam de que ele se encontrava na vizinhança. Sendo assim, não o traíram, tendo permanecido assim até o domingo, dia trinta de outubro, quando acidentalmente foi descoberto e capturado por um pobre agricultor branco num buraco sob um pinheiro caído, próximo da residência de seu último proprietário. Foi com grande dificuldade que conseguiram levá-lo com vida para Jerusalém. Contam que, ao longo do caminho, as pessoas cravaram pinos e cuspiam em Nat.

Acorrentado e acochado por guardas e atormentadores, Nat chegou a Jerusalém – teria se lembrado do verso bíblico que diz que Jesus seria levado a uma cidade chamada Jerusalém onde seria maltratado e crucificado? – à uma hora e quinze minutos da tarde da segunda-feira, trinta e um de outubro. Dois juízes de paz, imediatamente, o questionaram à frente de uma grande concentração de autoridades e espectadores. O chefe dos correios, Thomas Trezevant, se encontrava presente e registrou que “durante toda a audiência, ele demonstrou muita inteligência e bastante astúcia intelectual, respondendo cada pergunta, clara e distintamente, sem embaraço ou prevaricação”. Trezevant disse, Nat reconheceu haver agido errado, mas Trezevant pode haver mal-entendido suas palavras, pois outra testemunha disse que Nat se mostrava impenitente e ainda “fingindo que era um profeta”, como consta de um relato. Nat disse aos juízes que o examinavam que acreditara, por um longo período, ser um mensageiro de Deus, e que sua ação havia sido sancionada por Ele. Perguntaram-lhe nesse dia e noutros:

⁹⁷ - Em *“The Southampton Slave Revolt of 1831”*.

“ Você não julga agora que errou?”

Ele teria respondido sempre:

“Cristo não foi crucificado?”

Do dia de sua inquirição até o da execução Nat foi molestado de diversas formas por seus captores e caçadores de notoriedade. Alguns brancos queriam simplesmente olhá-lo. Outros queriam chegar perto o bastante para poder ferí-lo. Todos, funcionários, caçadores de notoriedade e parentes das vítimas, desejavam saber o que o tornara tão seguro de si.

Ninguém levou essa obsessão tão longe quanto Thomas R. Gray, que era, de longe, era o mais interessante dos parasitas de Southampton. Gray era advogado e senhor de escravos. Segundo Tragle, teria entre sessenta e setenta anos de idade, e era casado com uma jovem, com idade ente os trinta e os quarenta.

Gray foi atraído pelas contraditórias motivações de Nat. Como bom escravista do Sul, se encontrava, por certo, terrorizado pela façanha de Nat. Mas uma façanha é uma façanha, e Gray, homem que vivia das palavras, e frustrado escritor, foi rápido em reconhecer que a façanha de Nat criara tanto interesse público que uma pessoa esperta poderia obter dinheiro disso. Grey, em outras palavras, era algo como um operador, e assim que viu em Nat – de acordo com todas as evidências disponíveis – um padrão de mercado que transcendia os limites escravistas.

Há razões para acreditar que Gray já havia planejado um livro a respeito da insurreição. Quarenta e quatro dias antes da captura de Nat, um cavalheiro não identificado de Southampton, familiarizado com as cenas que descrevia, escreveu uma nota para o *Constitutional Whig*, de Richmond, no qual antecipava um pouco da linguagem e detalhes de *Confissões*. A evidência sugere, como garantiu Tragle (Henry Irving), que o cavalheiro de Southampton era Thomas R. Gray, que se acercou de Nat imediatamente após sua captura, prometendo a publicação de uma “autêntica confissão” para “satisfação da curiosidade pública”.

Isso foi, para dizer o mínimo, muito irregular. Gray defendera alguns dos rebeldes, tivera acesso a documentos oficiais e ao resultado de outros interrogatórios – *mas não era o*

advogado de Nat Turner. Se os procedimentos legais houvessem sido mantidos, a corte talvez tivesse proclamado que a intervenção de Gray comprometera a defesa de Nat.

Mas nem Nat Turner ou Thomas R. Gray estavam ligados naquele momento a aspectos legais. Eram ambos realistas. Ambos sabiam que nada poderia alterar o que se aproximava, e ambos – por razões diferentes – desejavam ter a maior audiência possível. O resultado foi um pacto entre esses dois sulistas atípicos – um pacto que garantiria que as palavras e ações de Nat jamais morreriam.

Por três dias, da terça-feira, primeiro de novembro, até a quinta-feira, três desse mês, Nat sentou-se, numa maneira de dizer, posando para a imortalidade. Nos primeiros dois dias, Nat falou em Gray ouviu. Enquanto Nat falava, Gray fazia anotações, e “tendo a vantagem de seu depoimento para mim, por escrito, na noite do terceiro dia em que estive com ele, iniciei uma inquirição, concluindo que seu testemunho era corroborado por todas as circunstâncias que chegaram ao meu conhecimento, ou pelas confissões de outros que ou foram mortos ou executados, os quais não viu nem tomou qualquer conhecimento, desde o dia vinte e dois de agosto passado...”

O documento que emergiu dessas sessões não contém, pode-se ter certeza, tudo o que Nat disse, sequer as coisas mais importantes. Parece, também, que o esperto Nat, que dominava as palavras, usou Gray na mesma medida que esse o usou. Ele, fora de dúvida, desejava esculpir a imagem histórica da revolta, e é razoável que se conclua que disse a Gray a verdade, mas que não lhe informou toda a verdade que conhecia.

É surpreendente nesse contexto que Nat não comprometeu qualquer dos insurgentes que não foram assassinados ou julgados e sentenciados. Nunca falou dos negros livres sediciosos, tampouco mencionou escravos que lhe deram apoio ao longo da jornada. Como consequência, nenhum escravo foi julgado tendo por base “sua total e completa confissão”.

Isso não mostra, de forma alguma, que *Confissões* seja questionável; simplesmente significa que deve ser visto segundo a forma como Nat o ditou: de modo elíptico e, sim, conspiratório. Por causa de *Confissões* talvez nós saibamos muita coisa a respeito de como funcionava a cabeça de Nat e de talhes da conspiração. Mas há muito que não sabemos, e que talvez nunca venhamos a saber. Por exemplo, a questão dos

nomes. Muito de evidência estabelece que o general Nat e muitos membros de seu exército adotaram novos nomes. Nat, por exemplo, diziam haver se denominado general Cargill. Hark Travis, como se viu, era chamado de general Moore. O que era verdadeiro para os líderes também era para as tropas de choque. Para citar apenas um caso, Levi Waller, o amo de um escravo chamado Davy, testemunhou que “na segunda-feira, dia 22 de agosto de 1831, um bando de negros apareceu em sua casa, matou toda sua família, mas que Davy, o prisioneiro, não estava na casa; chegou quando os negros estavam lá... bem vestido... bebeu com eles... e cavalgou o cavalo de seu amo cheio de si... foi chamado de irmão *Clements* por um do grupo; partiu esbanjando alegria”.

O que isso tudo significava? Quando Davy se tornou “irmão *Clements*?” Mais importante, quando os demais membros do grupo souberam que ele era o “irmão *Clements*?” Teriam participado de encontros secretos? Teriam montado uma estrutura secreta de códigos, nomes e palavras codificadas?

“*Confissões de Nat Turner*” é silente nesse ponto e ambíguo no que tange à preparação que precedeu a revolta. Nat diz-nos em *Confissões* que ele agiu quase no impulso do momento e que deu conhecimento a uns poucos escravos. Mas há evidência, como vimos, de que mais escravos foram abordados na semana que antecedeu à revolta. Uma escrava testemunhou nas sessões de julgamento que ouvira sobre a revolta, pelo menos nos últimos dezoito meses. Seu testemunho nesse ponto era vago. Mas era muito específico num outro ponto, ao dizer que “no dia quinze de agosto passado [uma semana antes da revolta] na casa de um negro em Solomon Parkers ela ouviu os prisioneiros [três escravos chamados Jim, Isaac e Preston] dizer que se a gente de cor chegasse eles se juntariam e ajudariam a matar os brancos, isto após haverem falado certa feita que ela chegou e não ouviu o início da conversa; havia vários escravos presentes e um deles informou que seu amo o havia marcado e que ele faria o mesmo antes do fim de ano. Testemunhas ouviram três outros escravos fazerem a mesma afirmativa algum tempo antes na vizinhança... Eles disseram que se tratava de um segredo e que se ela contasse a um branco seria assassinada...”

Estaria essa testemunha dizendo a verdade?

Havia mais na insurreição do que Nat havia revelado?

Não se sabe. Tampouco se sabe o propósito final do ataque. Muitos analistas aceitam que Nat disse tudo o que sabia em *Confissões*. Mas existem evidências internas e externas a mostrar que Nat estava, em parte, a jogar o velho jogo de escravos contra os seus senhores (um fingido sim senhor, amo). O testemunho de um branco não identificado, que participou do primeiro interrogatório oficial de Nat é relevante neste contexto. Vagamente aborrecido pelas respostas ambíguas de Nat, ele passou a pressioná-lo especificamente quanto ao plano. Nat respondeu, como respondera em *Confissões*, com uma torrente de palavras sobre o espírito e o Espírito Santo. O branco pediu-lhe para ser mais claro. Como ele partiu de vagos comandos oriundos do Espírito Santo à ação em concreto? E precisamente, qual era o plano? Nat soltou outra torrente de palavras, fazendo com que o branco desistisse, dizendo: “Como surgiu a idéia ou em que momento se conectou com seus símbolos etc. eu não pude fazer com que explicasse de maneira completamente satisfatória – não obstante, o examinei bem de perto nesse ponto: *ele sempre pareceu estar mistificando*.”

Essa é uma passagem importante, subestimada por muitos historiadores. E é por certo relevante que alguns dos insurgentes capturados, e uns de seus captores, afirmaram haver mais no movimento do que o admitido por Nat. O objetivo estratégico mencionado mais amiúde nos registros tratava de Dismal Swamp. Um branco, escrevendo daquele local em vinte e quatro de agosto, dizia claramente que “a intenção dos negros era alcançar Dismal Swamp”. Se podemos dar crédito à narrativa dúbia que Samuel Warner escreveu antes da captura de Nat, Dismal Swamp foi também mencionada na “confissão de um dos condenados”. De acordo com Warner, o insurgente inominado disse ter havido uma diferença de opiniões entre “os três principais líderes quando do início” da insurreição. Um dos subordinados de Nat sugeriu que eles “deveriam manter-se em segredo na escuridão de Dismal Swamp, até que aparecesse uma oportunidade para que escapassem para Estados sem escravidão ou algum país estrangeiro”. Mas Nat “era pelo total extermínio dos brancos, sem considerar idade ou sexo, e que agindo assim em breve teriam condições (copiando o exemplo lavrado por seus irmãos em Santo Domingo) de estabelecer um governo próprio, e que ele havia recebido a promessa de ajuda de seus irmãos escravizados na Carolina do Norte, em Maryland etc.”

Houve outras variantes sobre o mesmo tema. Um correspondente de Southampton, transcrito pelo *Norfolk American Beacon*, em vinte e nove de agosto, dizia que “escravos de Broadnax firmaram seu objetivo a ser alcançado nos Estados livres, onde esperam fazer proselitismo e retornar para dar assistência a seus irmãos”. Talvez a narrativa mais intrigante veio da parte de John Hampden Pleasants, ao informar de Southampton que “alguns deles diziam que o objetivo era alcançar Norfolk, seqüestrar um navio e ir para a África”.

Seja qual for a verdade, é difícil acreditar que Nat foi capaz de persuadir outros escravos a se rebelarem sem revelar um plano de tal magnitude. Mas os detalhes do plano, se existiram, não foram abordados em *Confissões* ou no julgamento.

O julgamento teve lugar no sábado, cinco de novembro, na corte de Southampton, em Jerusalém. Dez juízes de paz ocuparam seus assentos na corte, e guardas adicionais cercavam o prédio do tribunal “a fim de repelir qualquer tentativa para libertar Nat da custódia do xerife”. O breve, pouco elucidativo sumário da corte não faz menção à reação dos presentes, mas podemos ter certeza que o recinto ressoou surpreso e excitado quando Nat Turner adentrou “sob a custódia do carcereiro e postado à barra”. A primeira determinação foi no sentido de que fosse nomeado um “advogado para a defesa do prisioneiro”. Foi designado William C. Parker, advogado que defendera outros insurgentes e cuja atuação prévia não podia dar qualquer esperança para o réu. Numa irônica nota de rodapé, há o registro de que a corte determinou honorários de dez dólares pela defesa de Nat, e que essa importância deveria vir da propriedade de seu antigo amo, que fora uma das primeiras vítimas da insurreição.

O julgamento se iniciou com o preenchimento de “uma notícia” contra Nat, por Merriweather B. Broadnax, conselheiro na Comunidade da Virgínia. O acusado, disse, é indiciado pelo crime de “conspirar para rebelião e promover a insurreição”. Jeremiah Cobb, juiz presidente, aceitou a notícia e formalmente dirigiu-se ao acusado:

Como se considera o acusado?

Nat Turner se disse “inocente”, “informando a seu defensor que ele não se sentia assim”.

A primeira testemunha de acusação foi Levi Waller, uma figura trágica que perdeu todos os membros de sua família, e que pode ter encontrado algum consolo desempenhando o papel principal, pois de fato foi a única testemunha contra o líder da rebelião. Essa testemunha disse, de acordo com as notas do sumário da corte, “que na manhã de vinte e dois de agosto último, entre nove e dez horas da manhã, soube que os negros se haviam rebelado e estavam a caminho, matando os brancos. A testemunha determinou que seu filho Thos fosse até a escola, que ficava quase dois quilômetros de sua casa etc. a fim de dar notícia do que ocorria e para que as crianças voltassem para casa. O senhor Crocker/ o mestre-escola/ veio com a criança testemunha/ a testemunha disse-lhe para ir em casa a fim de carregar as armas, mas antes das armas serem municadas o senhor Cocker foi até o alambique, onde a testemunha se encontrava e disse que eles estavam à vista. A testemunha retrocedeu e se escondeu num canto da cerca entre as folhagens / atrás do jardim / do lado oposto à casa. Vários negros o perseguiram, mas escapou por cair em meio às folhagens. Um negro cavalgou em sua direção, buscando-o entre as folhagens, mas não conseguiu divisá-lo. Teve a impressão, então, que o grupo interessou-se por outra pessoa, deixando-o em paz. Viu a seguir que eles buscavam seu ferreiro – A testemunha fugiu para o pântano, que não ficava muito distante. Após haver aí ficado por algum tempo, a testemunha voltou para casa – antes da fuga, viu vários membros de sua família sendo assassinados pelos negros. A testemunha arrastou-se até próxima da casa para ver o que estava acontecendo, e escondeu-se no pomar, atrás da casa – os negros bebiam – A testemunha viu o réu, que ele conhecia muito bem, montado (ele pensou no cavalo do doutor Musgrave) assinalando que o prisioneiro parecia comandar o encontro – fez Sam, negro de Peter Edwards, que parecia disposto a ficar, ao invés de seguir com eles – o prisioneiro deu ordem ao grupo para seguir em frente, e quando deixaram essa casa – A testemunha afirma que ele não pode estar enganado quanto à identificação do prisioneiro...”

A testemunha seguinte foi Samuel Trezevant, juiz de paz na localidade. Estritamente falando, ele não era uma testemunha. Foi levado à corte para certificar a confissão de Nat, o que fez rápida e eficientemente, dizendo que ele e James W. Parker “eram os juízes ante os quais o prisioneiro depôs, antes de ser trazido a julgamento – que o

prisioneiro então se encontrava em confinamento, mas que nenhuma ameaça ou promessas ocorreram influenciando em seu depoimento. Que ele admitiu ser um dos insurgentes envolvidos na recente rebelião, sendo o líder dentre eles – que ele desferiu o primeiro golpe em seus amos, senhor Travis e sua esposa, antes que fossem liquidados – que ele matou a senhorita Peggy Whitehead – que ele se encontra entre os insurgentes desde o primeiro momento até que fossem dispersos, na manhã de terça-feira, após iniciada a rebelião – que ele fez uma longa narrativa dos motivos que o levaram finalmente a começar o sangrento movimento – que ele fingiu haver sido chamado, por presságios de Deus, determinando que ele devesse dar início ao desesperado ataque...”

Este era o cerne da acusação. Sem maiores discussões ou argumentos, Broadnax encerrou sua denúncia. O foco de atenção desviou-se então para William C. Parker. Este sabia – todos sabiam – tratava-se de uma charada sem sentido. Vinte mil anjos jurando sobre a Bíblia sagrada não teriam salvado Nat, e Parker sequer tentou. Ele não reinvencionou a testemunha da acusação; não apresentou qualquer testemunha de defesa – submeteu o caso à corte sem qualquer argumento.

Tudo, pode-se ter certeza, era observado com interesse pelo outro amigo legal de Nat, Thomas R. Gray, que se mantivera ocupado. Acabara de organizar *As Confissões de Nat Turner* “ como eles as fez, por completo, voluntariamente, para” Thomas R. Gray, que já tinha um contrato firmado com uma editora de Baltimore. Tudo que ele necessitava para receber um troféu editorial, e uma data de lançamento para novembro, era o veredito da corte. Não teria que esperar muito. Para surpresa de ninguém, a corte decidiu quase imediatamente que Nat era culpado de todas as acusações contra si. A sentença foi prolatada por Jeremiah Cobb.

“A decisão desta Corte”, proferiu, “é que você seja levado daqui para a prisão de onde veio, e daí para o local de execução, e, na próxima sexta-feira, entre as dez da manhã e às duas horas da tarde, seja dependurado pelo pescoço até que morra! morra! morra! e que o Senhor tenha misericórdia de sua alma”.

Assim aconteceu. Na sexta-feira, 11 de novembro de 1831, Nat foi levado da cadeia de Southampton para um campo nas proximidades da corte. Fora do mundo do qual estava por deixar, Nat caminhou de cabeça erguida para a árvore escolhida como a da

execução. “Nenhum membro tremia”, disse uma testemunha. Outra disse: “Ele não demonstrava qualquer emoção, mas aparentava estar completamente despreocupado ante o terrível evento que o aguardava, tendo, mesmo, apressado o carrasco a cumprir com seu dever. Exatamente às doze horas ele foi mandado para a eternidade”. Quando Nat foi dado como efetivamente morto, seu corpo foi esquartejado, e lembranças, inclusive bolsas, foram feitas com sua pele. Isto, entretanto, não era o fim do caso. Antes de assomar ao patíbulo, Nat fez uma derradeira profecia, dizendo que ocorreria uma tempestade após sua execução, e que o sol não iria brilhar. E, realmente, ocorreu uma tempestade em Southampton, naquele dia. Mas Nat proferiu uma parábola – e parábolas não devem ser interpretadas literalmente. A tempestade que ele vislumbrou ocorreu na geração das crises que foram o resultado derradeiro de sua iniciativa. E essas crises desembocaram – Nat teria vislumbrado isso? – nos rios de sangue que encobriram o sol da América, durante a grande guerra que pôs fim à escravidão.

DESAFIAR O MITO AMERICANO BRANCO⁹⁸

Abraham Lincoln (1809 - 1865). O 16º presidente dos Estados Unidos (1861-1865), liderou a União durante a Guerra Civil, e emancipou os escravos no Sul (1863). Foi assassinado, logo após o fim da guerra, por John Wilkes Booth.

Abraham Lincoln, o 16º presidente dos Estados Unidos, guiou seu país em meio a mais devastadora experiência em sua história – a Guerra Civil. É considerado por muitos historiadores o maior presidente americano.

O 16º presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln preservou a União durante a Guerra



JLPC 1971

Civil e concretizou a emancipação dos escravos. Dentre os heróis americanos, Lincoln carrega ainda um atrativo ímpar, reconhecido por seus co-cidadãos e também por estrangeiros. Este carisma advém de sua vida notável – a ascensão a partir de origem humilde, a morte dramática – e de sua inconfundível personalidade humana, bem como de seu histórico papel como salvador da União e emancipador dos escravos”.

Será alguém tão insano a ponto de supor que qualquer verdade a respeito de Lincoln, ou em relação à suas idéias, atos, aspirações e feitos serão escondidas e sepultadas fora da visão humana? Bobagem! A melhor maneira de contar toda a verdade é permitir que sua presença em si e sua perenidade esmaguem e destruam todas as mentiras.

⁹⁸ www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0874850851/qid=1079317723/sr=1-1/ref=sr_1_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books

*William Henry Herdon*⁹⁹

“Vou dizer, então, que não sou, ou jamais fui de fazer gerar qualquer forma social e política de igualdade entre as raças branca e negra [aplausos] — que não sou, ou jamais fui a favor de transformar negros em votantes e jurados, nem de qualificá-los para o exercício de mandatos, nem de casarem-se com brancos; e vou acrescentar que existe uma diferença biológica entre as raças branca e negra, o que acredito impedirá para sempre as duas raças de viverem juntas em termos de igualdade política e social. E na medida em que não podem assim viver, enquanto estiverem juntas deverão ser mantidas as posições de superior e inferior, e como qualquer outra pessoa sou favorável à outorga à raça branca da condição de superioridade”.

Abraham Lincoln

A seguir, o prefácio e o capítulo 6º de *“Glória forçada”*¹⁰⁰, de Lerone Bennett Jr.

PREFÁCIO

No branquíssimo Mississipi, eu ainda criança, lendo para me instruir, quando descobri que *tudo* que me havia sido ensinado a respeito de Abraham Lincoln era mentira. Perplexo, incapaz de acreditar na mídia branca ou nos livros escolares, parti para uma pesquisa pessoal que não tinha por fim satisfazer algum fim didático, senão que salvar minha vida.

⁹⁹ William Henry Herndon, 1818-1891. Advogado, colega de Lincoln em escritório de advocacia, publicou popular, mas pouco confiável biografia de Abraham Lincoln.

¹⁰⁰ - *“Forced Into Glory – Abraham Lincoln’s White Dream”*, por Lerone Bennett Jr. Edição de 2000, por Johnson Publishing Company. www.amazon.com/Forced-into-Glory-Abraham-Lincolns/dp/0874850851/ref=pd_bbs_sr_1/002-3474432-2031213?ie=UTF8&s=books&qid=1183946661&sr=8-1

)

Parafraseando Sartre (Jean Paul), fui salvo? Não, perdido.

Pois descobri que vivia num mundo Orwelliano¹⁰¹ onde estudiosos, com todos os graus que as universidades oferecem, podiam dizer com toda a seriedade que um separatista era um integracionista, e que um o defensor da supremacia branca era o mais luzidio símbolo de relações raciais e do Sonho Americano. A prova está no Memorial a Lincoln e na constatação de que sonhadores de todas as raças têm uma estranha compulsão de fazer-lhe peregrinação, a fim de contar os seus mais recônditos sonhos, de um milênio integrado, à fria, branca estátua de mármore da histórica figura cujo sonho mais profundo era o de ver a nação sem seus índios, sem os afro-americanos e sem Martin Luther King.

Pouco mais de trinta anos após meu primeiro encontro com o Abraham Lincoln que todos tentam esconder, sugeri que a revista *Ebony* publicasse uma história com o título: *Abraham Lincoln foi um adepto da supremacia branca?* Meus colegas disseram que o título não era bom, pois todos sabiam que Lincoln fora o grande emancipador. Disse-lhes em resposta que poderia provar haver sido Lincoln um defensor da supremacia branca e que a Proclamação de Emancipação havia libertado poucos, senão nenhum escravo.

Assim, riram quando me sentei à máquina de escrever.

Meu editor John H. Johnson disse que se eu pudesse provar minha tese, não hesitaria em publicá-la. Eu já possuía em minha mente um livro Lincoln, sempre considerando que ninguém seria capaz de editá-lo. Custou-me, pois, umas poucas semanas para produzir um rascunho no formato de livro, que veio a ser publicado, reduzido à matéria de revista, por *Ebony* em fevereiro de 1968.

Para minha surpresa, a história detonou uma controvérsia nacional. O *New York Times* e outros jornais publicaram editoriais condenatórios, e diversos colunistas sugeriram que a República se encontrava ameaçada. Para enfrentar essa ameaça, historiadores de plantão e escritores disponíveis partiram para o front, escrevendo matérias tentando provar

¹⁰¹ - Referência a George Orwell, escritor inglês, autor entre outras obras de “1984.” e “A revolução dos bichos”.

que eu era um militante do Poder Negro, e que Abraham Lincoln foi um amante do povo negro, à sua maneira pessoal. Num incrível artigo no *New York Times*, intitulado, “*Lincoln foi um branquelo*¹⁰²?”, Herbert Mitgang dizia ser racismo afirmar que Lincoln havia sido um racista por opor-se à cidadania e direitos iguais aos — nas palavras de Lincoln — “pretos¹⁰³ e os brancos... casando-se”.

Tratava-se de cortina de fumaça, pois quem conhecesse um pouco a respeito de Lincoln saberia que eu estava certo. Assim, após as hostilidades haverem cessado, houve uma silenciosa reavaliação e um relaxamento geral dos aspectos mais ásperos do grande mito da emancipação.

Isso, todavia, não era o fim, pois embora poucos jornais tenham publicado em 12 de fevereiro¹⁰⁴ editoriais sobre o Grande Emancipador Branco, e embora poucos estudiosos hajam visto em Lincoln um modelo quanto ao relacionamento racial, há ainda uma tendência para exagerar sua participação na abortiva emancipação dos afro-americanos, e evadir o verdadeiro significado e ditames da Primeira Reconstrução, imperativos que são assinaladamente similares ao verdadeiro significado e imperativos da Segunda Reconstrução das décadas dos anos 1980 e 1990.

Ao mesmo tempo, quase sem ser notado, um crescente número de estudiosos, engajados na redenção de mitos docemente acalentados da Imaculada Emancipação e da Grande Guerra entre irmãos do Norte e o Sul (branco), fazem circular novas e aperfeiçoadas versões do mito, sugerindo que Lincoln se converteu no último momento, antes de seu trágico assassinato, ou que ele havia proferido todas as coisas horríveis relacionadas com a separação e deportação dos negros porque desejava vencer as eleições, como faria qualquer outro americano. Pior, muito pior, é o fato de poucos historiadores — John Hope Franklin¹⁰⁵, Vincent Harding¹⁰⁶, Robert Harris e outros — lidarem

¹⁰² - No original *honky*, palavra pejorativa para nomear brancos, no EUA.

¹⁰³ - No original *niggers*, ofensivo, ao invés de *Negroes*, designativo da raça.

¹⁰⁴ - Data do nascimento de Lincoln.

¹⁰⁵ - Historiador erudito. Professor Emérito de Duke University.

com Lincoln e a Guerra Civil historicamente, ou seja, como um processo em desdobramento, e *uma ferida aberta* que continua infeccionando e envenenando o corpo político.

Parafraseando Dwight Macdonald¹⁰⁷, então, a literatura americana era dividida em três: ficção, não ficção e biografias de Abraham Lincoln¹⁰⁸.

Esta *não* é uma biografia: é um estudo político dos usos e abusos de biografia e mito, e sugere, dentre outras coisas, que sua identidade — não importa a sua cor — é baseada, pelo menos em parte, naquilo que você pensa a respeito de Lincoln, da Guerra Civil e da escravidão.

Abraham Lincoln, ou outrem, disse certa feita que não se pode enganar todas as pessoas por todo o tempo¹⁰⁹. Ao transformar um racista, que idealizava deportar todos os negros, num símbolo de integração e irmandade, os fabricantes do mito Lincoln fizeram por provar que ele, ou quem aquilo proferiu, estava errado.

Minha posição aqui, em contando esta história, é de que a escravidão foi um crime contra a humanidade, e que não há esperança para nós até que atravessemos o grande equador de nossa história e confrontemos Lincoln, Lee¹¹⁰ e todos os outros participantes nesse nível. Comparei, aqui, Lincoln não com líderes do século 20, mas com homens e mulheres de seu tempo, e sugeri que uma das razões de ainda temos problemas raciais no

¹⁰⁶ - Vincent Harding foi associado de Martin Luther King e serve como Professor de Religião e Transformação Social em *Illiff School de Theologia em Denver*

¹⁰⁷ - Dwight Macdonald, (1906 - 1982) escritor americano político e cultural.

¹⁰⁸ - Na biblioteca do Congresso dos EUA, a maior do país, constam – julho de 2001 – 3.037 títulos sobre Abraham Lincoln. Dentre eles *Em busca de Lincoln, de Vianna Moog, escritor rio-grandense*, edição Civilização Brasileira, de 1968.

¹⁰⁹ - Em verdade, e o autor deve ter feito de propósito, o pensamento que está cinzelado no Panteão a Lincoln, em Washington, DC, é patrimônio da cultura universal, podendo ser encontrada em inglês, português ou em suaíle: '*Ng'enda thi ndeagaga motegi*'.

¹¹⁰ - Robert E. Lee (1807–70), general confederado, comandante do Exército do Sul, na Guerra de Secessão.

país é porque sistematicamente não temos dado a real importância àqueles que, diferentemente de Lincoln, acreditaram verdadeiramente na Declaração de Independência.

Sugeri finalmente que Lincoln é uma chave, talvez a chave, para a personalidade americana e que, aquilo que investimos em si, e *escondemos* nele, é o que somos.

Enfim, *“Glória forçada”*, não é em essência um livro sobre Lincoln, mas a respeito de raça, heróis, lideranças, moralidade política, erudição e o Sonho Americano.

Como já disse antes, despertei em minha mocidade atônito para as mentiras da História; mentiras escritas em livros e, mais importante, mentiras inscritas nos fatos. Deveria ter dito que, no mesmo período, e mais adiante, descobri uma outra história nas aulas de grandes professores negros, no ginásio Lanier, em Jackson, Mississippi, e na Faculdade Morehouse, em Atlanta, na Geórgia. Dentre esses mestres se encontravam magníficos artistas como M.V. Manning, Melvin Dow Kennedy, Robert Brisbane, E. B. Williams e Benjamin Eliajah Mays, que reviraram pelo avesso, como se faz com uma luva, a História Americana, fazendo grandes figuras como Frederick Douglass¹¹¹ e Harriet Tubman¹¹² bailar na pista de minha imaginação. E embora eu siga outro caminho aqui, considero-me em débito para com John Hope Franklin e Benjamin Quarles por seus livros pioneiros sobre Lincoln, bem como por sua vida e obra. Sinto-me em débito, também, a dois eminentes historiadores, Dr. John B. Duff e Robert Harris, e ao reverendo James W. Mack, especialista em história e filosofia, que leu meus manuscritos oferecendo sugestões críticas.

Duas palavras finais:

Primeira: Este não é o julgamento de uma personalidade; é a apreciação de um papel histórico, o papel — ou seria uma vocação? — de um amante de princípios, líder de um grupo que está oprimindo outro grupo por razões raciais, a despeito de seus princípios e por causa desses princípios. Segundo: Paraphraseando Wendell Phillips¹¹³, num outro contexto, eu não julguei Lincoln, exceto pelas palavras de sua própria boca e fatos

¹¹¹ - Escravo, liberto, jornalista, ensaísta e diplomata.

¹¹² - Lendária “maquinista” da Ferrovia Subterrânea, mística rota de fuga de escravos do Sul rumo ao Norte e Canadá.

¹¹³ - Wendell Phillips (1811-1884) - Abolicionista americano.

defendidos por seus apologistas e defensores, incluindo Herndon (William H.), Sandburg (Carl), Randall (J. G.), Donald (David H.) etc. Não apregoei aqui que ele deveria ter sido perfeito, mas sugeri que deveria ter sido consistente, e que se o governo do povo era bom para a maioria branca de Illinois, deveria ser também para a maioria negra da Carolina do Sul. Não o critiquei por não haver chegado ao nível de Kings (Martin Luther, Jr.) e Mandelas (Nelson) de nosso tempo — deplorei o fato de ele não haver chegado ao patamar dos grandes líderes negros e brancos de seu tempo.

Lerone Bennet Jr.

Chicago 2000

O presidente Abraham Lincoln, dos EUA, foi honrado com o mais imponente mausoléu da capital deste país. O memorial a Lincoln foi construído entre 1914 e 1917, projetado pelo arquiteto Henry Bacon. Inspirado em templo grego, abriga uma estátua gigante do reverenciado, criada pelo artista Daniel Chester French, e dois murais do pintor americano Jules Guerin. Na base da estátua está cinzelado o pensamento a ele atribuído: *"Se pode enganar alguns o tempo todo;*



*todos, por algum tempo; mas não se podem enganar todos, por todo o tempo*¹¹⁴".

JLPC 1971

Lerone Bennett Jr., no capítulo 6, de seu livro "Glória forçada", usa como título uma alegoria ao pensamento:

ENGANANDO TODOS, TODO O TEMPO

"Nenhum de seus atos públicos, tanto antes ou depois de se tornar presidente, mostra qualquer ternura para com a raça africana, ou qualquer comiseração extraordinária para com esses. Ao contrário, invariavelmente, em palavras e ações, preteriu os interesses dos negros em favor dos brancos, e expressamente subordinou uns aos outros. Quando se viu compelido, pelo que julgava um imperativo inarredável, baseado em considerações militares ou políticas, a declarar a liberdade dos inimigos públicos escravos, fez com relutância declarada, e empenhou-se em deixar claro que sua decisão não estava contaminada por sentimento". Ward Hil Lamon

"História não é História, a menos que seja a verdade". Abraham Lincoln.

¹¹⁴ - Jomo Kenyatta, líder da independência do Quênia, em uma fábula de sua autoria, cita, em suaíle, uma das línguas nacionais de seu país, o seguinte: ***Ng'enda thi ndeagaga motegi***, que significa o mesmo.

Por omissões e evasivas, por meias verdades, frações dessas e mentiras, por citações selecionadas e suprimidas; evitando, esquecendo e ignorando questões; confinando todas as falácias lógicas em livro e inventando outras novas; por todos esses métodos e por outros, e pela maior tentativa na história escrita de esconder um homem, os defensores de Lincoln conseguiram transformar um separatista num integracionista, e enganar, das raças negra e branca, todos – salvo um ou dois – o tempo todo.

Nesse afã, não apenas esconderam Lincoln, mas também conseguiram provar ter sido ele iníquo. Ele disse certa feita, conforme registra seu mito, que *“se podem enganar todas as pessoas algum tempo, mas não se podem enganar todas as pessoas o tempo todo”*¹¹⁵. Lincoln, seja lá quem disse isso, estava errado, pois sua apoteose prova que é possível enganar um número considerável, um tempo longo o bastante capaz de transformar um racista num símbolo nacional de irmandade e entendimento entre as raças.

Lincoln disse reiteradamente, tanto em público quanto em particular, em Springfield¹¹⁶ e na Casa Branca, que era um defensor da supremacia dos brancos, e que desejava negar aos negros direitos iguais aos brancos por causa de sua raça, e deportá-los para um local de clima tropical, para viverem com gente de sua cor e espécie.

Como se esconde um homem assim, e como é mantido como um símbolo da gente do século vinte? Mais importante e mais perigoso: por que se desejam fazer de tal homem um símbolo de integração e do sonho americano?

A resposta, em parte, é que Lincoln pertence à teologia e não à historiologia. Ele é uma crença, uma igreja, uma religião, e tem seus próprios sacerdotes e acólitos, a maioria

¹¹⁵ - NOTA DO AUTOR: Esta declaração, que praticamente toda a criança conhece, é, como muitas das declarações de Lincoln, um mito. Não há qualquer evidência de que Lincoln haja dito isso, o que se constitui em justiça poética [N. do T. um resultado onde a virtude é premiada e o vício punido, geralmente de forma irônica] uma vez que a manipulação do mito Lincoln prova que *se podem* enganar todos os americanos, salvo um ou dois, o tempo todo.

¹¹⁶ - Capital do Estado de Illinois.

dos quais têm um interesse fixo no “grande emancipador” e que se opõem apaixonadamente a quem diga a verdade a seu respeito.

Lincoln não somente é uma igreja, é também um empreendimento industrial. Centenas, talvez milhares de homens e mulheres retiram sua subsistência alimentando a máquina Lincoln, mantendo vivos os pensamentos desse, aclamando a proclamação que nunca existiu.

Sobre o acima dito, o mitológico Lincoln é uma estrutura limitante no sistema de identidade da maioria dos americanos, que são dependentes de Lincoln, como se um entorpecente, e que necessitam de doses periódicas para reafirmar seu senso de realidade. Adlai Stevenson¹¹⁷ disse certa feita que “um homem na vida pública não pode encontrar um guia mais seguro do que Lincoln”. É um agravo ao sistema educacional americano que um homem inteligente como Stevenson profira tal, desinformado, pronunciamento. O que esperaria Stevenson aprender de Lincoln? Como negar aos negros direitos iguais, ou deportá-los para a África?

Por todas essas razões, e por outras também, Lincoln transcende as regras da lógica e da evidência, mesmo no academismo. Barbara Burns Petrick disse, na edição de nove de fevereiro de 1986, do jornal *The New York Times*, que Lincoln é tão notável que regras e evidência a ele não se aplicam. Ela deveria ter acrescentado que tudo chegou a uma licença que se torna permissível mentir e esconder evidência de forma a proteger a República. Patrick escreveu: “Deve ser dito sobre Lincoln aquilo que Voltaire afirmou sobre Deus: Se não tivesse existido um Lincoln, teria sido necessário criá-lo”. Não é por acaso que Patrick compara Lincoln a Deus, e que não consegue notar que a evidência que ela e outros citam indica que não houve nenhum Lincoln, ou pelo menos nenhum grande emancipador, e que, assim, fez-se necessário inventá-lo.

A fascinante questão aqui não é como o povo conseguiu esconder Lincoln, mas sim como conseguiram escondê-lo enquanto escreviam milhares de livros a seu respeito. Seja qual for a resposta, jamais, na América, cessaram de falar sobre Abraham Lincoln, e

¹¹⁷ - Adlai Stevenson (1900-65), membro proeminente do Partido Republicano.

nunca pararam de escondê-lo. E com raras exceções, não se pode acreditar naquilo que qualquer destacado estudioso de Lincoln diz-nos a respeito de Abraham Lincoln e raça.

Existe um gigantesco trabalho erudito, *Lincoln dia a dia*, que se empenha em dizer-nos onde Lincoln se encontrava, praticamente, cada dia de sua vida. Merrill D. Peterson diz que “ nada nos anais das biografias se iguala a *Lincoln dia a dia*”. É onde se encontram dois exemplos notáveis, que vou usá-los como uma espécie de introdução e fundo.

Querendo-se saber o que Lincoln estava fazendo, digamos, em cinco de janeiro de 1836, tem-se apenas que rumar para essa data no grande livro de Lincoln – e é grande em todos os aspectos, menos quanto à raça – e descobrir que ele votava com a maioria na Assembléia Legislativa de Illinois, tentando aprovar a lei referente à Salina Vermillion, e votava contra uma resolução condenatória ao Partido Whig¹¹⁸.

Isso, todavia, não consegue capturar a cor do interessante dia vivido por Lincoln. Em se consultando o diário oficial da Assembléia, da nona Assembléia Geral, que pode ser encontrado na Biblioteca Pública de Chicago, se descobrirá que pouco depois das duas horas da tarde, no dia em questão, ele estava votando a seguinte resolução:

“ *Decidido*, que o preço das terras públicas tem de ser reduzidas.

Decidido, que a todos os cidadãos brancos com 21 anos ou mais é assegurado o privilégio de votar, sejam ou não proprietários de terras.

Decidido, que o direito de voto deve ser mantido livre da contaminação advinda da admissão do voto das pessoas de cor.

Decidido, que aprovamos a garantia de direitos de preferência aos colonos, nas terras públicas”.

Foi aprovada, com 35 votos *sim* e 16 *não*.

¹¹⁸ - **Partido Whig**, um dos dois partidos que dominaram a cena política nos EUA no segundo quartel do século 19. Surgiu do Partido Nacional Republicano e outras pequenas agremiações, especialmente o partido Antimaçônico. Em 1848 o partido já se encontrava em processo de desintegração, em muito face à questão da escravatura. O Partido do Solo Livre e seu sucessor o Partido Republicano, absorveram a maioria dos whigs nortistas (antiescravidão). Os Whigs do Algodão (sulistas) ingressaram no Partido Democrático (pró-escravidão).

Um dos trinta e cinco homens que votaram na terça-feira, cinco de janeiro de 1836, a fim de manter o direito de voto, em Illinois, puro, livre da contaminação de votantes negros era o jovem de vinte e seis anos, representante do condado de Sangamon, o nobre deputado Abraham Lincoln.

Como os autores de *Lincoln dia a dia* omitiram este fato? Talvez alguém diga que se trata de uma omissão menor, que ocorre freqüentemente em pesquisa histórica, mesmo, presume-se, em “*Glória forçada*”. Aceita a ponderação, sigamos com nossa pesquisa, tendo em mente que *Lincoln dia a dia* é uma das poucas fontes a nos dizer que Lincoln votou em 10 de dezembro de 1840, quanto ao sistema escolar de Illinois. O que estaria fazendo Abraham Lincoln em dois de maio de 1840? *Lincoln dia a dia* diz-nos que ele discursava em Tremont, Illinois, a favor do candidato à presidência William Henry Harrison, o herói de Tippecanoe¹¹⁹, quando contou “muitas e boas anedotas que convulsionaram a casa com risadas”.

De que estavam rindo?

Lincoln dia a dia não nos informa, mas se nos reportarmos ao *Sangamo Journal*, de 15 de maio de 1840, descobriremos que algumas das risadas eram provocadas pelo ataque demagógico de Lincoln ao candidato presidencial Martin Von Buren, “e especialmente seus votos na convenção de Nova York, objetivando permitir aos negros livres o direito ao sufrágio, e sua política hipócrita em relação à Guerra”. De acordo com um despacho para um jornal de Tremont, datado de quatro de maio, “nessa parte de seu discurso era particularmente feliz, e as freqüentes e espontâneas manifestações de aplauso da platéia, evidenciavam que com ele estavam seus corações”.

Que podemos concluir de tudo isso? Devemos concluir que o autor é um brilhante pesquisador que pode descobrir fatos sobre Lincoln que escaparam ao maior grupo acadêmico jamais mobilizado? Eu encorajaria essa conclusão se não tivéssemos certeza de que a resposta se encontra noutra direção, pois a verdade de que fatos apontando para

¹¹⁹ - Nome de um rio, em Illinois. Em 1811, o general William Henry Harrison derrotou os Shawnee, na batalha de Tippecanoe.

o racista Lincoln não estejam geralmente disponíveis, não é acidente. Por que não estão disponíveis? Em alguns casos, eles foram deliberadamente negligenciados e suprimidos. Em outros casos, eles foram omitidos por homens e mulheres que desenvolveram uma treinada cegueira, e simplesmente não podem ver certas coisas. O melhor exemplo disso, como já vimos, é que gerações de estudiosos de Lincoln foram incapazes de ver ou ler as *palavras-N*¹²⁰ que podem ser encontradas nos registros sobre Lincoln.

Para tornar as coisas ainda mais interessantes, encontram-se, apesar da grandiosa pesquisa acadêmica na história, buracos dissonantes nos registros. Em 1853, e novamente em 1855, Lincoln falou para a Sociedade de Colonização Springfield, que havia sido organizada com o fim de mandar os afro-americanos de volta para a África. Os discursos – dois discursos – desapareceram, não havendo registro do que Lincoln disse então. Não há evidências de que os discursos tenham sido deliberadamente destruídos, e não há evidência de que não foram perdidos de propósito. É relevante notar, todavia, que o desaparecimento dos discursos serve aos interesses dos fabricantes do mito Lincoln, pois se tivéssemos um registro daquilo que disse, seria acrescentado ao crescente corpo de indícios de suas atividades antinegros. Mark Neely Jr¹²¹. disse: “O acidente de não sobreviver, talvez tenha ajudado a reputação de Lincoln, em tempos modernos”.

Lincoln que era o seu próprio fabricante de mito e ciumento de sua reputação como John Kennedy, ajudou a turvar a água. Compulsivamente reservado, tentou censurar sua própria história, especialmente durante os primeiros anos da guerra, quando ele e seus mais altos auxiliares procuraram trabalhar sob o facho da história. “Não mais se escreveu no papel”, disse o secretário da Marinha, Welles, “além do realmente necessário” e “instruções verbais eram dadas aos comandantes para não atrair escravos às suas linhas...”

¹²⁰ - O autor, em todas as suas obras, se nega a escrever palavras ofensivas à raça negra e incorporadas ao léxico da língua inglesa. É o que chama de *N-words*. Por exemplo, quando Lorene grafa n-r, outro autor seguramente escreveria *nigger*.

¹²¹ - Em: *The Lincoln Administration and Arbitrary Arrests: A Reconsideration*.

Mas esse era apenas o início do problema. A história de Lincoln fora distorcida na fonte pelo limitante pecado de estudar Lincoln, face ao efeito reverso pós-assassinato. Intimidados pelo fato e magoados pelos diversos graus de remorso e culpa, praticamente todos os homens públicos alteraram sua percepção e, em alguns casos, seus históricos após 1865. Antes do assassinato, ele tinha poucos discípulos e milhares de críticos. Após o assassinato, tinha poucos críticos e milhares de discípulos, e tornara-se um dever, tornara-se uma necessidade pública, estar alinhado com o Senhor Lincoln e seu mito.

Dependendo seu metabolismo e de suas necessidades públicas, diferentes homens respondem a essas exigências de modos distintos. Alguns restabeleceram a maneira como pensavam, antes do assassinato, dizendo que a história – as palavras que em verdade usaram e aquilo que Lincoln fez ou deixou de fazer – estava errada. O Richard Yates, governador de Illinois, ao tempo da guerra, preparou um epitáfio de mea-culpa, o qual, curiosamente, nunca foi proferido. O epitáfio não proferido dizia: “Eu o considerava muito lento em convocar os homens; muito lento em dar armas aos libertos; muito lento em proclamar a emancipação dos escravos, mas a seu devido tempo vieram, em série, todas essas medidas importantes, e todos agora vêem claramente e reconhecem que Abraham Lincoln sempre fez a coisa certa, no caminho certo, no tempo certo, no lugar certo”.

Outro governador dos tempos de guerra, outro crítico de Lincoln, John A. Andrew, de Massachusetts, reagiu, como muitos homens daquele período reagiram, tentando alterar seu histórico ou, enfim, alterar o significado de seu histórico. Durante a guerra, como ainda veremos, Andrew repetidamente denunciou Lincoln em cartas a Adam Gurowski, contendo críticas. Após o assassinato, o biógrafo de Gurowski, LeRoy H. Fischer disse que Andrew, que desempenhou papel importante no apoio aos soldados negros, já pensava diferentemente e “mostrava-se hesitante em dar seu apoio a um esforço de pós-guerra de publicar as cartas”. Alguns originais das cartas aparentemente desapareceram. Fischer disse: “As cartas de Andrew ao Conde, que deveriam encontrar-se entre os *Papéis de Gurowski*, não se sabe se existem”.

Existem diferentes maneiras de alterar um registro ou mudar o significado desse; e caso registros contra Lincoln existam, sejam restritos ou perdidos, os efeitos serão os

mesmos. Para citar um exemplo provocativo, o ícone da mídia Joseph Medill¹²² foi, após Gurowski e Phillips, talvez o mais acre dos críticos de Lincoln, mas essa informação não é de conhecimento geral em Chicago, nem mesmo na Escola de Jornalismo Medill, onde a obra “*A Guerra de Joe Medillm*”, de Elmer Gertz, é uma história não contada e desconhecida.

Quanto mais viveram os homens que conheceram Lincoln, mais suas reminiscências e registros mudaram. Esse é um processo natural, que acontece em menor escala em nossas lembranças de amigos e parentes. O que consideramos deplorável, examinando a história de Lincoln, é o quão freqüentemente os pesquisadores esquecem que a melhor evidência é a evidência do que disse, pensou e fez a testemunha durante ou imediatamente após o evento.

O efeito reverso após assassinato afetou praticamente a todos, inclusive Frederick Douglass¹²³, que onze anos após o crime disse que Lincoln era um racista, mas que abrandara sua maneira de encará-lo, numa coleção de reminiscências publicada vinte e três anos após o evento. Wendell Phillips manteve sua posição: “Penso agora da mesma maneira que então – A.L. teve méritos, mas teve manchas, e grandes, em seu disco”.

Como Phillips, o senador Trumbull¹²⁴ recusou a mudar sua posição, mesmo no Estado de Illinois. Trumbull disse: “Como presidente, durante a grande Guerra Civil, faltou a Lincoln habilidade executiva, e aquela resolução e ação imediata essenciais para da um rápido e bem-sucedido fecho”.

Mesmo o velho ríspido Thadeus Stevens falou de bem a respeito de Lincoln, embora tenha dito no Congresso, em 19 de março de 1867, que “o bom homem”

¹²² - Joseph Medill, jornalista americano, um dos fundadores do Partido Republicano(1854), foi editor do jornal *Chicago Tribune*. Apoiou a campanha presidencial e da administração de Lincoln.

¹²³ - Celebrado ex-escravo que fez literatura baseada em sua vida de cativo e liberto. Textos nesse Projeto Cultural.

¹²⁴ - Lyman Trumbull (1813-1896) líder político republicano, durante a Guerra Civil e o período de reconstrução. Iniciando a carreira política em Illinois, foi eleito senador em 1854. Ficou famoso como hábil constitucionalista e homem de princípios.

diferentemente de seu sucessor, nunca “infringiu os direitos do Congresso”. E acrescentou: “Não deve ser negado que sua ansiedade pela admissão de membros da Louisiana... deixou o País inquieto. O povo começou a temer que ele estivesse sendo enganado, e se encontrava na iminência de cometer um erro. Se ele houvesse seguido nesse caminho, é bom para sua reputação que não tenha vivido o bastante para executá-la”.

Stevens não queria ser mal-interpretado. Ele não havia mudado sua percepção. E desejava que o Congresso entendesse que “aquilo que se diz à sepultura de bons amigos, de estadistas ou de heróis não é biografia. A rigorosa pena da história irá desnudar tais epitáfios de seus meretrícios ornamentos”.

Como ele poderia saber que a história iria agir como meretriz, tornando-se uma história libertina?

Isto não foi, no seu todo, um erro de historiadores isolados, pois em História, como nos cassinos de Las Vegas, a vantagem é sempre a favor da casa, ou seja, em favor de homens e mulheres que temem ou se opõem a mudança social radical ou fundamental. Faz mais de cem anos, um grupo, incluindo um conjunto de brancos radicais, temeu pelo alistamento eleitoral de antigos escravos, pois havia Estados, como a Carolina do Sul, onde se constituíam na maioria da população. Hoje, decorridos mais de cem anos, a maioria dos biógrafos de Lincoln ainda parece estar aterrorizada ante a idéia de dar à maioria negra da Carolina do Sul o voto, mais do que ocorria há cento e trinta e cinco anos.

A tendência em favor da casa é suplementada por outra direção, pela exclusão, em princípio, do testemunho de escravos conscientes, abolicionistas negros e brancos e líderes republicanos que acreditavam que Abraham Lincoln era um presidente desastrado.

Quase todos os especialistas em Lincoln mantêm um esforço forte e diversificado contra os brancos que alertaram para a imediata emancipação dos escravos e o uso de negros como soldados. A prática usual é pôr de lado os críticos de Lincoln, com adjetivos tais como “extremo”, “ruidoso” ou “histórico”. Na obra, em geral excelente, “*Abraham Lincoln Enciclopédia*”, Nelly chama o ícone da imprensa Joseph Medill de “ruidoso”, primeiramente, por seus ataques a Lincoln por sua incapacidade de libertar os escravos e

usar soldados negros. O governador de Illinois, ao tempo da guerra, Richard Yates, que atacou Lincoln pelas mesmas razões, foi chamado de “um tanto histérico”.

Ao fim, então, a opressão se tornou sua própria prova, condenando-nos a ver Lincoln e a Guerra Civil através dos olhos dos inimigos dos escravos ou, pior, através dos olhos dos “moderados”, como Nicolay e Hay, que talvez fossem bem-intencionados, mas que ficaram em pânico com o crescimento da onda de negros, e que chamavam os nativos americanos de *selvagens*.

O resultado é que essa historiografia se torna cúmplice, e seus registros o álibi da tirania. Como isto poderia ser de outra forma? Pois, parafraseando a brilhante análise de Maurice Merleau-Ponty¹²⁵, as pessoas se recordam dos horrores da escravidão e da desumanidade dos pais fundadores, senhores de escravo, e não são menos racistas e menos desumanos por isso. Eles observam, de passagem, a paixão de John Brown¹²⁶ e Phillips, e os grandes recitadores de “*sim*”, no Congresso, da tradição branca, e não são menos conservadores por assim agirem. Da história dos escravos, como deles foi roubada sua humanidade e suas riquezas, e de seu sentimento a respeito, não se encontram registros. Os gemidos das vítimas e as cicatrizes dos açoites são mais silenciosos e o sangue é esbranquiçado. “A História tira ainda mais daqueles que perderam tudo”, diz Merleau-Ponty, “e dá também àqueles que se apropriaram de tudo, eis que seu genérico julgamento absolve o injusto e rejeita as súplicas das vítimas. A História nunca *confessa*”.

E nunca cuida a casa.

Uma vez que a vantagem nesse jogo é sempre em favor da casa, seria prudente prestar atenção às mãos dos crupiês e dos defensores da fé em Lincoln, reunidos em meio a escolas segundo seus órgãos principais de defesa e ataque. A defesa mais usada é a evasiva, unida a todas as histórias de “escurinho” e “preto¹²⁷”. Enfrentando esmagadora

¹²⁵ - Merleau-Ponty, Filósofo francês (1907-1961).

¹²⁶ - John Brown. Abolicionista branco, executado. Nasceu em 1800 e morreu em 1859, tornando-se mártir da causa.

¹²⁷ - No original: “n—r”.

evidência na vida e época do racista Lincoln, os praticantes da escola dominante recusam qualquer discussão sobre os fatos e se contentam em ouvir testemunhas quanto ao caráter. Lincoln tinha, esses dizem, muitas virtudes particulares, era triste e tinha uma esposa rabugenta, o que é verdade – mas aqui irrelevante pois não se busca avaliar sua personalidade, mas do papel histórico que desempenhou. Nesse e noutro nível qualquer, os defensores de Lincoln consideram a questão como resolvida, partindo do pressuposto ser verdade o ponto em debate, e confiando nos argumentos que envolvem tradição, personalidade e outros. Numa profunda negatividade, terrificados por novas revelações a respeito da profundidade do racismo de Lincoln, dizem com toda a seriedade que Lincoln era bom porque era Lincoln, e que ele era Lincoln porque era bom.

A escola dominante sobre Lincoln é à “Não Vê Racismo”, “Não Houve Sobre Racismo”, “Não Há Registro”. Ignorando as *palavras-N*, os votos e manifestações *Jim Crow*, e não prestando atenção a todos os freqüentes chamamentos em favor da limpeza racial, os profissionais da pedagogia do silêncio criam uma idéia coesa que protege Lincoln da realidade racial, mistificando, em livro após livro, simpósio após simpósio, que podem discutir Lincoln e a Declaração ou Lincoln e Democracia sem se referir aos negros e escravos – uma prática que nos faz recordar que estudiosos são pagos não apenas pelo que vêem e dizem, mas também pelo que não vêem e dizem.

Se pressionados, membros dessa escola discutirão o racismo de Lincoln num ambiente acadêmico restrito, intitulado “Lincoln e o Negro”. Esta segmentação isola raça e críticos, relegando todo o tema a umas poucas linhas subordinadas e segregadas no sumário da conferência.

Outra escola aliada, a “Escola Cinegráfica” substitui um Lincoln de cenário ou ventríloquo por um Lincoln real. Antes de deixar Lincoln falar ou agir, membros dessa escola arranjam o cenário e nos informam que Lincoln irá dizer ou fazer alguma coisa que, em verdade, não era seu objetivo. “Em 4 de julho”, escreve um biógrafo de Lincoln, “Sumner retornou e encareceu a remarcação do dia para o decreto de emancipação... Lincoln *simulou* discordar dele...” (Como lidamos com uma negligência coletiva, deliberadamente omiti os nomes dos estudiosos).

O ponto máximo dessa arte é o que defino como absolvição antecipada. Antecipando uma ação antinegro ou antiemancipação, seus interpretes se apressam e dão-lhe absolvição antes do ato, dizendo ao leitor que Lincoln irá agir como um racista, mas não se preocupe posto que ele esteja apenas respondendo ao racismo de seus eleitores ou ao equilíbrio de forças. Assim, antes de dizerem-nos que Lincoln pediu ao povo negro para que deixasse a América, outro biógrafo concede-lhe a absolvição, dizendo: *“Porque uma das objeções mais importantes à emancipação era a crença espalhada de que brancos e negros jamais poderiam viver juntos em harmonia, ele reviveu sua idéia a muito acariciada de tornar colonos, negros livres, fora da América.*

Duas absolvições, uma antes e a outra após o ato, são melhores do que uma; assim nos diz um biógrafo que “Lincoln não *forçaria* o sufrágio negro na Louisiana” e acrescenta posteriormente que Lincoln era “simpático para com os negros” ele recém havia negado o direito ao sufrágio por sua incapacidade em pleitear igualdade de direitos.

Este é um processo lâmina de dois gumes. Pois, para conceder a Lincoln absolvição de estudiosos, historiadores têm de reconhecer e aprovar o pecado, antes de dar a absolvição. Assim, quando nos dizem, como estão sempre repetindo, que Lincoln, agora dotado de onisciência divina, “soube” ou estava “atento” ou “agradecido” de que deveria fazer certas coisas – nos estão dizendo o que sabem. Lincoln *soube*, diz um biógrafo, que o sufrágio dos negros era “politicamente explosivo”. “Ciente de que, como presidente, viesse a editar uma proclamação de emancipação, haveria milhares de deserções...”

Ciente: é uma palavra importante nos círculos de Lincoln. “Ciente”, diz um biógrafo, “de que o sentimento de emancipação num Estado escravista deveria ser cuidadosamente cultivado, ele repetidamente advertiu os que urgiam medidas radicais”.

Não é acidente o que Lincoln e seus biógrafos estão *cientes de* ou o que *sabem* é quase sempre um argumento em favor da escravidão ou do racismo, ou ambos. “Como um homem de origem sulista”, um seguidor de Lincoln disse, “Lincoln compreendeu que ajustamentos raciais necessitariam cuidadoso planejamento e tempo”. Como negro de

origem sulista, e como sobrevivente da era da segregação, quando quase todos os brancos diziam que levaria tempo, eu sei o que Lincoln quis dizer.

A prática usual é fazer cair a absolvição casualmente em texto indicando que o racismo de Lincoln e seu apoio aos atos violentos e desumanos contra os negros era natural. *Naturalmente*, nos disseram, usava a palavra preto. *Naturalmente*, votou leis *Jim Crow* e apoiou Leis Negras, “como a maioria dos brancos de sua época”. Um importante estudioso de Lincoln diz-nos que “tanto quanto é possível averiguar hoje em dia, nenhuma palavra de condenação foi proferida publicamente”, por Lincoln e os cidadãos de Springfield, quando uma turba de brancos assassinou o abolicionista Elijah P. Lovejoy, acrescentando: “À luz de sua origem sulista, a maioria deles, a atitude do povo da cidade quanto à abolição era *natural*”.

Mais importante do que nos dizem os biógrafos de Lincoln é aquilo que deixam de dizer-nos.

Benjamin Thomas, autor daquela que os especialistas chamam de a melhor “biografia em um volume”, de Lincoln, não nos dá conta de que Lincoln fazia uso de palavras-N.

Ele não nos dá tento de que Lincoln adorava piadas-N.

Não registra que Lincoln votou em favor da legislação *Jim Crow*, na Assembléia Legislativa de Illinois.

Não nos informa haver Lincoln dito que houve “um desgosto natural nas mentes de praticamente todos os brancos”, sobre o relacionamento sexual entre negros e brancos.

Não nos dá conta de que Lincoln apoiou as Leis Negras de Illinois.

Não nos diz que o presidente Lincoln, pessoalmente, ordenou a oficiais do Exército da União que devolvessem a seus amos os escravos foragidos.

Não nos fala que o presidente Lincoln tentou por “quase um ano e meio”, em suas próprias palavras, manter a escravidão nos Estados Unidos.

Se a melhor “biografia em um volume” sobre Lincoln, de acordo com os especialistas, negligencia em dizer-nos tudo isso, ou os especialistas ou a dita biografia ou a metodologia de Lincoln ou tudo mais, acima, está em desordem.

Thomas é um sintoma de um problema maior. Ele é aplaudido e citado por quase todos os estudiosos de Lincoln posto que expressasse os valores ocultos e suposições de todas as escolas, inclusive a Escola da Citação Isolada, que abre caminho fazendo citações isoladas que fazem bem e ignorando declarações à sua volta e atos que negam tais declarações. Um seu biógrafo nos informa haver Lincoln dito, em Springfield, 20 de junho de 1857, que pensara que a Declaração de Independência “contemplava uma progressiva melhora na condição humana em toda parte”. Ele não nos esclarece que Lincoln, na mesma página, diz que ele e Stephen A. Douglas¹²⁸ ficaram “horrorizados com o pensamento de virem às raças branca e negra a misturar seu sangue”.

Membros da Escola Sentir-se Bem, dizem-nos que Lincoln disse em Cincinnati que “há espaço bastante para que todos sejamos livres”. Não esclareceu que no mesmo discurso dissera não haver espaço algum para os escravos serem livres no Sul, e que era necessário aprovar “uma lei eficiente sobre os escravos fugitivos”, para fazer retornar à escravidão fugitivos que acreditassem haver espaço para que todos pudessem ser livres.

Todos, ou quase todos, asseveram que Lincoln disse em Chicago, julho de 1858, que deveríamos parar com tal ninharia sobre essa ou aquela raça e seguir em frente com a tarefa de implementar a Declaração de Independência, que Lincoln chamava de “Declaração de Independência do branco”. Praticamente ninguém nos diz que ele afirmou no mesmo discurso que os interesses do povo branco tornou imperativo manter os negros na escravidão, e que o próprio Deus conspirava em favor dos brancos, tendo, como Lincoln definiu, “nos criado separados”.

¹²⁸ Político que atuou tanto como deputado quanto como senador, no Congresso dos EUA. Ficou famoso por entreter um longo debate do Abraham Lincoln, na campanha presidencial de 1858. Propôs como parlamentar autonomia aos Estados para legislar sobre a escravatura.

Praticamente todos os pensadores assinalam que Lincoln disse em New Heaven, Connecticut, 1860: “eu quero que cada homem tenha a oportunidade – e eu creio que o negro é capaz de merecer isto – com a qual possa melhorar sua vida”, mas nenhum estudioso nos diz que Lincoln afirmou no mesmo discurso que era necessário deixar em paz a escravidão sulista, e que se o sistema escravista não tivesse existido em 1860, teria sido necessário inventá-lo e manter os quatro milhões de escravos à margem de uma vida melhor.

Existe, finalmente, a Mãe de Todas as Citações – citações do gênero Última Melhor Esperança na Terra, em *Nós não podemos escapar da história*, peroração na mensagem anual ao Congresso, de 1862. É geral o uso dessas citações, nas quais Lincoln, de acordo com o historiador Basler, atingiu níveis de eloquência não ultrapassados por nenhum outro ser humano. Nem Basler, tampouco qualquer outro importante especialista em Lincoln, dizem-nos que esse usou as palavras numa fútil tentativa de persuadir o Congresso a aprovar emenda constitucional solicitando, dentre outras coisas, a criação de um plano com fundos federais, visando deportar os negros.

O compositor Aaron Copland¹²⁹ é modelar neste ponto, dizendo, em seu universalmente aclamado *Retrato de Lincoln*, que esse afirmou: “Isto é o que ele disse/ Isto é o que Abraham Lincoln disse” – que não se pode escapar da história.

Isso foi o que disse Lincoln, pois bem, mas Copland não nos informa o que ele disse antes ou após.

Antes ele afirmou que furiosos julgamentos iluminariam “este Congresso e esta administração” em honra ou desonra até a derradeira das gerações, até 2000 em verdade, se não fizerem o que Lincoln deles esperava.

O que Lincoln desejava que fizessem?

¹²⁹ - Aaron Copland (1900-1990) Compositor americano, ganhador em 1944 do Prêmio Pulitzer.

Ele desejava que tentassem escapar da história. Ele desejava que fizessem uma limpeza racial nos Estados Unidos, comprando os escravos por um período de trinta e sete anos, e mandando-os após, de volta para a África. Estariam incluídos aí, casualmente, os antepassados de todos os destacados afro-americanos de hoje, que sempre são recrutados para repetir as palavras expurgadas de Copland, que clamam pela deportação de suas bisavós e bisavôs.

Assim, elaboradores de citações, tornam-se covardes e opressores de todos nós.

No mesmo espírito, Copland diz-nos o que Lincoln disse à página 315 de seu discurso em Alton (Illinois), mas não nos conta o que Lincoln proferiu à página 317 a seguir.

Isto é o que ele disse à página 315 de Trabalhos Reunidos (The Collected Works):

É a eterna luta, em toda parte, entre aqueles dois princípios – o certo e o errado, em todo o mundo... É o mesmo espírito que diz: “Você trabalha, padece e ganha o pão, mas eu vou comê-lo”. Não importa de que forma ocorra – seja através da ordem de um rei, que usurpa o povo de sua própria nação, e vive pelo fruto do labor daquele, seja de uma raça, como desculpa para escravizar outra raça – é o mesmo e tirânico princípio.

Explique Abe¹³⁰, como isto é.

Isto foi o que pensei, a primeira vez que ouvi um grande negro americano recitar o que Lincoln dissera à página 315, num concerto de Copland, no teatro da Orquestra de Chicago. E fiquei chocado quando consultei o documento e descobri que nem Copland, tampouco o recitante foram até à página 317, onde Lincoln endossara “o mesmo princípio tirânico”, dizendo que era necessário manter o direito divino dos senhores de escravos no Sul e juntarem-se a eles “perseguido e capturando pretos”, que escapavam de gente que acreditava no divino poder de reis e donos de escravos.

¹³⁰ - Apelido de Abraham Lincoln.

Final e definitivamente, Copland informa-nos, como todos dizem, haver Lincoln asseverado que, “como eu não desejaria ser escravo, não desejaria ser *amo*”. Ele não nos conta que o mesmo homem fez centenas de milhares de escravos, e que William E. Channing estava muito próximo da verdade quando disse que “Há algo pior do que ser um escravo. É tornar outros seres escravos.” Ou apoiar aqueles que fazem outros homens escravos.

Esses não são, deixe-nos enfatizar ainda outra vez, exemplos isolados, pois em praticamente todas as mais destacadas declarações e biografias de Lincoln, as suas palavras são sistematicamente arrancadas do contexto para fazê-lo dizer exatamente o oposto do que realmente disse.

A falácia de citações isoladas está ligada em espírito e intenção ao sofisma dos dados separados, os quais removem Lincoln de seu contexto social e históricos e apresentam uma abstração sem vida que fala de brincadeiras e amor a todos, exceto aos escravos, mas que não tem relação com o sistema violento e racista da escravidão e do *Jim Crow* que manchou sua alma e a alma da nação.

Aqui se tem um homem que apoiou, votou e ajudou a administrar o pior sistema de escravidão e racismo na história humana, mas estudiosos rotineiramente escrevem grossos livros sem mencionar esses fatos no contexto. Se alguém os força a afrontar um fato racista, se desculpam com uma breve piada, ou melhor, numa nota de rodapé, e prosseguem com a hagiografia.

Outra escola sobre Lincoln, que chamaremos de Escola da Palavra Divina, sustenta que a palavra de Lincoln é a realidade.

A teologia é questionável, para dizer o mínimo, mas não parece perturbar; os verdadeiramente crentes tomam por certo que a palavra de Lincoln, como a palavra de Deus, cria a realidade.

Assim, encontramos estudiosos por toda a parte fazendo a transição de Lincoln da asserção sem base à conclusão, afirmando, primeiramente, *como qualquer estudioso de Lincoln diz-nos*, que Lincoln *disse* que sempre odiou a escravidão. Então, usando a primeira

parte dessa assertiva, sem dizer-nos que Lincoln a qualificou, dizem-nos que Lincoln sempre odiou a escravidão. Não é isto maravilhoso? Movimentam-se do *ele disse* para *ele fez*, fazendo da palavra a realidade e eliminando a necessidade de verificação e evidência.

*No princípio era a palavra de Lincoln*¹³¹.

Com essa fé, não é de se maravilhar que os seguidores de Lincoln argumentassem que as palavras contra os negros fossem a Verdade, até que o Movimento de Libertação, dos anos 1960, as tornaram falsas, e que o verdadeiro problema não é o racismo de Lincoln mas o ardor dos militantes do Poder Negro.

Como devemos chamar essas técnicas? Má orientação. Desinformação? Mistificação? De qualquer forma, elas são feitas para intimidar, posto que o mito Lincoln se sustente não apenas pela inércia ou logro, mas também pelo terror e por um entendimento implícito e explícito de que as sanções serão invocadas e pressão imposta para manter as pessoas afastadas, na América, de dizer a verdade ou mesmo de pensar a verdade a respeito de Abraham Lincoln.

Para dizer a verdade, é perigoso a verdade dizer, a respeito de Abraham Lincoln; e é notável quantos vigilantes alertam a estudantes e pesquisadores não ser sábio nem seguro perseguir certo rumo investigativo. Fiquei atônito ao constatar o número de negros que, com um sentimento de verdadeira preocupação e medo, temem dizer que Lincoln era racista, especialmente se falando para muitas pessoas.

Nada mudou, faz mais de cem anos, nesse sentido, desde que William Herndon foi forçado a passar pelo fogo cruzado de timidez e farisaísmo. Herndon, que recusou se retratar e que, “mais do que qualquer outro indivíduo contribuiu para o conhecimento que temos de Lincoln”, nunca cessou de vergastar a timidez e ortodoxia de estudiosos de Lincoln que tentaram se esconder e a Lincoln da História. “O senhor Lincoln”, disse Herndon, “deve apoiar-se na verdade ou não se apoiará em nada”. Pelo terror, Herndon indagou em 1866, “será alguém tão insano a ponto de supor que qualquer verdade a respeito de Lincoln, ou em relação à suas idéias, atos, aspirações e feitos serão escondidas

¹³¹ - Paráfrase a João, Cap. 1:1.

e sepultadas fora da visão humana? Bobagem! A melhor maneira é contar toda a verdade e permitir, que sua presença e perenidade esmaguem e destruam todas as mentiras”. Porque o academicismo não prestou atenção a Herndon “uma definitiva Vida de Lincoln é ainda sonho não alcançado”, disse Hertz em 1938, e acrescentou: “ uma natural hesitação em revelar certos aspectos da vida de Lincoln se petrificaram numa política de sigilo”.

A luta que Herndon e outros iniciaram continua em diversos níveis, havendo indícios de que jovens estudiosos e estudantes graduados têm pressionado para preservar a coerência histórica. Jovens estudiosos são naturalmente relutantes em falar sobre esse tipo de pressão, pois uma alusão ou uma palavra vinda de um mandachuva de corporação pode inviabilizar uma doação, um auxílio-pesquisa ou ainda a publicação de um trabalho. Na edição de julho de 1952, do *Jornal da História Negra*, Paul J. Scheips faz um penetrante exame sobre o esforço continuado em desacreditar Benjamin F. Butler¹³² e seu relato sobre a tentativa de última hora, de Lincoln, para deportar os afro-americanos. Scheips anotou que outro pesquisador devotou “alguma atenção” à narrativa de Butler sobre a tese de seu mestre, mas não conseguiu mencionar isso num artigo posterior, concluindo que “talvez” a visão de John Hay, de que Lincoln desistiu da idéia da colonização em 1864 “melhor descreve a mudança de atitude de Lincoln”.

Por que o pesquisador mudou de idéia?

Numa provocativa nota de rodapé, Scheips, diz o pesquisador, “explicou em uma carta ao autor que [um eminente estudioso de Lincoln] o persuadiu antes da publicação de seu artigo, a reconsiderar a conclusão de seu manuscrito, de que Lincoln nunca realmente desistiu da idéia da colonização baseado em tal visão... colide com a opinião erudita, consolidada neste assunto.”

O melhor lugar para testar “opinião erudita consolidada” é em trabalhos da “Escola Bogart”, que *bogarts* seu caminho através de assertivas sem suporte, que viram fatos e a

¹³² - **Benjamin Franklin Butler** (1818-1893) Político e oficial do Exército americano, foi nomeado governador militar de Nova Orleães. Acusado de corrupção e removido do cargo, adiante abriu processo de *impeachment* contra o presidente Andrew Johnson (1868).

história de cabeça para baixo. Com efeito, quanto mais danosa é a evidência contra Lincoln, mais apaixonada é sua defesa. Lincoln disse que se opunha à cidadania do negro com “os pretos e brancos... unindo-se em matrimônio”? A Escola Bogart diz que ele inventou o Sonho Americano. Lincoln disse que os negros e os mexicanos eram inferiores e que ele, tanto quanto qualquer outro branco, acreditava na supremacia dos brancos? A Escola Bogart diz que ele chegou ao ápice em Gettysburg¹³³, e virtualmente inventou uma nova América com 272 palavras.

Talvez o mais representativo desse estilo Bogart é Gabor S. Boritt, que afirma em *Lincoln e a Economia do Sonho Americano* – um dos “dez melhores livros sobre sua vida” – que Lincoln fez do Sonho Americano a idéia central da América “numa das mais importantes metamorfoses de uma idéia, na história americana”. Não apenas que Lincoln “em um dos mais criativos atos na construção da ideologia americana” insistiu “persistentemente em sua realidade [do sonho] e viveu-o plenamente”.

Boritt é sério? Não se esquecera que Lincoln tentou purificar a América e criar uma alva democracia branca? Esquecera-se que o único sonho que Lincoln viveu por inteiro foi o sistema de *apartheid* de Illinois, que apoiou e votou pela implantação?

Boritt sabe disso.

Todos os estudiosos de Lincoln sabem que, quer nos digam ou não, e Boritt, creia ou não, diz-nos, quatorze páginas adiante, que “os argumentos de Lincoln sobre o Sonho Americano eram destinados [não para os negros nem para nativos americanos, mas] aos brancos de Illinois e do Norte, de quem os votos eram importantes para sustentar seus conceitos. Ele provavelmente [atenção para esta palavra] também partilhou *de alguma forma* as confusões e preconceitos de seu o povo [queria dizer povo *branco*] sobre o negro...”

¹³³ - Mensagem de Gettysburg. Em 19 de novembro de 1863, Lincoln proferiu famoso discurso quando da inauguração do cemitério em memória dos mortos na Guerra Civil, em Gettysburg, Estado de Pensilvânia.

Continuando, na página seguinte, Boritt diz que Lincoln “temperou seus conceitos negando qualquer desejo de igualdade social e política para os negros. Também sugeriu que, ‘talvez’, eles não fossem iguais aos brancos quanto aos “atributos morais e intelectuais’. Sugeriu que Deus pode haver dado ‘pouco’ para eles e, assim, suas conquistas eram compreensivelmente modestas”.

Isto é, tudo considerado, uma estranha maneira de inventar o Sonho Americano. É o homem que escreveu essas linhas, nas páginas 158 e 160, o mesmo que escreveu as linhas das páginas 172 e 173.

E estaria falando sobre o mesmo homem?

A longa caminhada de Boritt na corda bamba e o alargamento entre o que Lincoln disse e o que outros querem acreditar são sintomas de uma importante crise na historiografia de Lincoln, que foi magoada, nos anos 1960 e 1970, pelo que Merrill D. Peterson chamou de “ânsia escolar de preservar a imagem do Grande Emancipador”. No início dos ataques espalhados sobre o tradicional mito Lincoln, historiadores mostraram-se desembaraçados em encontrar novas explicações para desculpar o presidente de sua falta ou culpa nas relações raciais. Assim, se ele foi lento em apoiar o voto restrito dos negros na Louisiana, ocorreu porque estava esperando que a opinião pública o apoiasse. Deste modo, se ele se prendeu por muito tempo à quimera da colonização, a razão fora psicológica: colonização serviria como um mecanismo de defesa contra ficar pensando sobre os difíceis problemas de acomodação racial num estado de liberdade”.

Desde que escrevi, em fevereiro de 1968, num artigo publicado na revista *Ebony*, que o grande emancipar estava nu ou, no mínimo, usava roupas emprestadas, os especialistas em Lincoln puseram-se em posição defensiva. Examinando a reavaliação após os anos 1960 – “muito dos debates mais recentes” diz Vorenberg, “foi desencadeado por” – pelo artigo em *Ebony*, disse o professor Arthur Zilversmit numa análise no jornal *Chicago Sun-Times*, em 12 de fevereiro de 1980:

O artigo de Benenett atingiu um nervo. Ele não apenas chamou atenção para a reputação de um herói amado, mas desafiou a imagem americana de nossa história, como a história de medido progresso através de nossos objetivos liberais.

Vários historiadores e jornalistas argumentaram com sua versão dos fatos, mas suas acusações não poderiam ser facilmente desautorizadas por outros historiadores, muitos dos quais iniciaram uma abrangente reavaliação da visão racial de Lincoln.

A mais recente reavaliação aparece nas notas do livro de David H. Donald, *Lincoln*. Sumariando as percepções desse líder do sistema pró Lincoln, Donald disse com correção que é um erro tentar desculpar a visão de Lincoln na questão racial, dizendo que ele cresceu numa sociedade racista e que todos eram racistas. Acrescentou, todavia, que Lincoln “afortunadamente escapou de uma tendência mais virulenta de racismo”. Qual é a evidência para essa afirmação? A evidência de que Lincoln não diz coisas hediondas sobre os negros – pode alguém dizer algo mais nefando do que afirmar que toda uma raça é inferior e que devem ser-lhes negados direitos iguais e deportados por causa da raça? – e que as perspectivas racistas de Lincoln eram “*quase sempre* expressas experimentalmente”. Donald cita, concordando, declaração de Don E. Fehrenbacher de que Lincoln “admitiu que o negro *pudesse não ser* seu igual, ou ele disse que o negro *não era* seu igual em certos aspectos”.

Esse é um ponto de debate não entre Lincoln e mim, mas entre o sistema pró Lincoln e esse. Fehrenbacher diz, com a aprovação de Donald, que Lincoln reconheceu que o negro poderia não ser seu igual. De onde surgiu a palavra *poderia*? Isso não é o que diz Lincoln. Este disse: “Certamente, o negro não é nosso semelhante na cor – talvez não o seja em muitos outros aspectos”. É *certamente* uma palavra experimental? Lincoln não pensa assim, pois a usou repetidamente: “ Eu concordo com o juiz Douglas, não é meu igual em *muitos* aspectos – seguramente não é quanto à cor, talvez não quanto aos dotes morais e intelectuais”. Em pelo menos quatorze ocasiões, entre 1854 e 1860, Lincoln disse claramente acreditar que a raça negra era inferior à branca. Em Galesburg, referiu-se “às

raças inferiores”. Quais eram “as raças inferiores?” – Afro-americanos, mexicanos, que chamou de “*mongrels*” e provavelmente todas as pessoas de cor”.

Somando-se a isso, Lincoln dizia reiteradamente que havia uma diferença *física* entre as raças negra e branca. O que queria dizer com a palavra *física*? Queria significar corporal, somática e biologicamente, *segundo as leis da natureza*. Queria dizer que a diferença era mais profunda do que a espessura da pele. Queria dizer que a diferença era imutável e iria, acreditava, durar para sempre, e essa diferença proibiria *para sempre* os negros e brancos de viverem em igualdade. *Para sempre*, ou mesmo *talvez para sempre*, não se enquadram dentro dos limites do experimental.

Os defensores de Lincoln são eminentes, eloqüentes, mas estão errados.

Lincoln disse, repetidamente, que a raça negra era *fisicamente* inferior à raça branca. Reiteradamente fez brincadeiras com escurinhos e usou habitualmente palavras-N.

Nem podemos concordar com a justificativa de haver Lincoln tentado admitir a desigualdade. Se Lincoln disse numa ocasião que o negro – ou seja, toda uma raça – não era igual biologicamente em *alguns* aspectos, disse em outras vezes que a raça negra não era sua igual em “muitos” aspectos. Mas sobre o que estamos argüindo aqui? Qual é a diferença entre *muitos* e *alguns*, entre *para sempre* e *provavelmente para sempre*? Se, como admitem seus defensores, Lincoln disse que o negro, isto é, a *raça* negra, não lhe parecia igual em certos aspectos ou em qualquer respeito, e lhe devem ser negados direitos iguais *por causa de sua raça*, ele foi um racista e é perda de tempo tentar quantificar o grau de seu racismo ou argumentar se era um racista biológico, social ou empírico.

Mas nota-se o que aí se encerra. Os proponentes desse argumento gostariam que acreditássemos que Abraham Lincoln fora um *bom* racista. Que fora – meu Deus! – um racista *experimental*. Como, pois do Terceiro Reich e do Primeiro e Segundo Sul da América, e África do Sul, alguém pode dizer isso? Um homem que condena toda uma raça e a exclui das regras básicas do contrato social – o direito de votar, ser jurado e freqüentar escolas – não é um bom racista, e que se não fora chamar-se Abraham Lincoln diríamos que não se tratava de um homem bom. Se em adição esse homem propõe, concretamente – não vagamente ou experimentalmente – purificar etnicamente o país, deportando todo um

povo por causa de sua raça, diríamos que ele sequer compartilha nosso sentido de humanidade.

Conor Cruise O'Brien faz um comentário extremamente perceptivo, ao dizer que os piores racistas são os que ficam a contar – aqueles que estão permanentemente a enumerar as razões pelas quais os grupos oprimidos são inferiores aos opressores. George Washington, que foi um racista em outros patamares, não foi, assevera O'Brien, um racista contador, como foram Thomas Jefferson e Abraham Lincoln. Esses foram, nas próprias palavras usadas sobre Jefferson, “o tipo clássico de racista ansioso por identificar características [cor, intelecto, moralidade, estética] que pudessem ser interpretadas como indicativas de uma inferioridade genética” e como razão porque os negros deveriam ser oprimidos.

A imagem que Lincoln gravara dos negros, em grande parte, se devia aos menestréis e aos espetáculos burlescos para homens. Assim, ele nunca conseguiu superar a idéia recamada de que o típico negro era aquele dos espetáculos mambembes, com negros sonoros, divertidos, descomprometidos e loquazes. Pessoas que o observaram no dia-a-dia e ouviam-no falar publica e privadamente, afirmavam que menosprezava os negros, divertindo-se e ridicularizando-os. Donald afirmou que “Lincoln jamais os descreveu [os negros] como indolentes ou incapazes de manter um trabalho”, mas Lamon, que lá estava e que ouviu as palavras vindas da boca de Lincoln, disse que o décimo sexto presidente “alegava que aqueles que foram incidentalmente libertados pelas tropas federais eram pobres de espírito e preguiçosos”, e “tão dóceis no serviço da Rebelião quando as mulas que puxavam o arado nos campos ou os carregadores de malas nos trens”. Não é de espantar, disse Lamon, que “com tais perspectivas honestamente formadas... ele ansiava por vê-los transferidos para o Haiti, América Central, África ou outra parte qualquer, afastando-os de qualquer modo que pudessem vir a participar do governo de *seu* país”.

Tudo isto por uma escola experimental.

Não menos censurável é a Escola Todos Eram Racistas, que afirma que todos, ou quase todos, no século dezenove eram racistas, não sendo natural esperar-se que Lincoln

fosse uma exceção. Ignorando brancos como Zebina Eastman¹³⁴ e Wendell Phillips, essa escola diz que Lincoln foi um homem de seu século, o dezenove, e deve ser julgado pelos padrões dessa época, como se liberdade fosse definida por datas, como se igualdade fosse inventada por Thurgood Marshall¹³⁵, como se as palavras-N houvessem sido inventadas por Mark Fuhrman¹³⁶. Ignorando brancos como Trumbull, que se elegeu sem apoiar a escravidão no Sul e a caçada humana no Norte, dizem que se Lincoln não houvesse se comportado como um racista no século dezenove, não teria alcançado no século seguinte a confortável posição de símbolo integracionista para ser louvado.

Essa defesa admite o ponto essencial e força os defensores de Lincoln como Oates¹³⁷ a defendê-lo usando palavras que o acusam. Justificando certo voto de Lincoln na Assembléia de Illinois contra o voto dos negros, Oates diz que “a opinião pública era quase que universalmente contra a outorga de direitos políticos aos negros, e o jovem Lincoln, que havia sido eleito para operar no sistema vigente, não iria arruinar sua carreira apoiando o voto para os negros”.

A psicologia é hábil e a descrição do oportunismo de Lincoln é devastadoramente acurada. A questão que resta é saber se Oates defendia ou atacava Lincoln, posto que não se possa dizer algo mais aviltante a respeito de um homem do que ser eleito para trabalhar num sistema que condena quatro milhões de pessoas à escravidão e prescreve como crime um cidadão negro estabelecer-se em seu Estado.

¹³⁴ - Zebina Eastman, editor de *Western Citizen*, jornal abolicionista de Chicago.

¹³⁵ - Primeiro afro-americano nomeado como juiz associado da Suprema Corte dos Estados Unidos, em 1967.

¹³⁶ - Detetive testemunha de acusação no caso em que o famoso esportista e artista Orenthal James Simpson (O.J. Simpson) foi acusado de duplo homicídio, julgado e declarado inocente.

¹³⁷ - Benjamin Thomas-Stephen Oates, biógrafo de Lincoln.

É notável assinalar-se, pessoas que dizem que Lincoln mentiu e fingiu ser racista para eleger-se não se dão conta de que a desculpa é quase tão grave quanto seus atos, pois não fica claro se é melhor mentir para conseguir ser eleito do que honestamente confessar racismo. A defesa, a mais, é inteiramente insuficiente, uma vez que Lincoln disse a mesma coisa em Ohio quando não concorria a qualquer cargo e em Washington após haver sido eleito presidente. E Strozier¹³⁸ está certo quando diz que “seria ingênuo ignorar o racismo essencial que instruiu os pensamentos de Lincoln toda vez que se pronunciou”.

Não é fácil ser um defensor de Lincoln, como provou involuntariamente Fehrenbacher, quando elaborou a mais engenhosa defesa de todo o catálogo de Lincoln. Confrontado com a Confissão de Charleston, na qual Lincoln diz que oprimiu a cidadania negra e direitos iguais, Fehrenbacher disse que “se ele [Lincoln] houvesse reagido diferentemente em Charleston e noutras partes, o Lincoln da história simplesmente não existiria”, significando, se as palavras têm algum sentido, que se Lincoln não se tivesse mostrado a favor da supremacia dos brancos e da separação racial no século dezanove, não seria, no século vinte, um símbolo nacional de irmandade e integração; querendo dizer, se as palavras têm sentido algum, que racismo é historicamente defensável desde que um trágico assassinato e fabricantes de mitos transformem no oposto o que realmente era.

¹³⁸ - Charles B. Strozier, pesquisador de Lincoln (Em: *Lincoln's Quest for Union*).

Além de tudo isto, o argumento, mesmo engenhoso, é insuficiente. Não existe evidência; jamais haverá evidência o bastante para provar que Lincoln *teve* de dizer as coisas específicas que disse na Confissão de Charleston e noutros lugares, a fim de conseguir se eleger. O que disse, de fato, perdeu a eleição e foi quando muito de importância marginal para os agentes da escolha dos candidatos presidenciais, que desejavam um elemento conservador, com uma imagem pública à direita de Chase¹³⁹ e Seward¹⁴⁰, e que se mostravam mais impressionados pelo tom de seu discurso no Cooper Institute¹⁴¹ do que na sua Confissão de Charleston. Podemos afirmar, ao contrário, que o dito por Lincoln, em Charleston, e noutras partes, foi além do que a situação exigia, mesmo por questão de política real, e que a história, apesar dos historiadores omissos, nunca o deixou isto esquecer. A mesma coisa pode ser dita com relação aos desnecessários pronunciamentos sobre um “desgosto natural” a respeito de sexo entre negros e brancos; sua referência aos mexicanos, como “*mongrels*” e palavras-N, e a quixotesca campanha pela colonização. Mas isso não importa. Para um homem que usa subterfúgios raciais de forma a se eleger e que apóia a caça de homens, mulheres e crianças, por sua ambição, nada nos tem a dizer, não importa quantos historiadores cantem suas glórias.

Se examinarmos essa defesa mais perto, concluiremos que a mais inarticulada premissa de todas as escolas de Lincoln é da justificação de políticas raciais *contemporâneas*, através da defesa do conservadorismo de Lincoln, e sua oposição à imediata, geral e real liberdade para os negros. Benjamin Thomas¹⁴² coloca-se no lugar de Lincoln e escreve: “Deve-se ser realista sobre a escravidão, pensou Lincoln”. Onde ouvimos isso antes? Era o que diziam os segregacionistas e seus aliados liberais nos dias da segregação. Isso é o que os segregacionistas e seus aliados liberais sempre disseram. Lord Charnwood, biógrafo inglês de Lincoln, denunciou “o frio pedantismo” do secretário do

¹³⁹ - Salmon Portland Chase, jurista e historiador..

¹⁴⁰ - William Henry Seward, senador, no século 19, pelo estado de Nova York.

¹⁴¹ - *Cooper Institute*, é fundado em 1829, em Nova York, por Peter Cooper. Transformado adiante em Sindicato Cooper desenvolveu intenso programa de educação de adultos.

¹⁴² - Em “*Lincoln Honor and other Essays*”.

Tesouro, Salmon P. Chase, e outros que criticaram Lincoln”, com base em algum direito natural ao sufrágio, de todos os seres”. “A verdadeira política”, disse Charnwood, pensando em termos da África do Sul de seu tempo, era “sem dúvida à adotada por [Cecil] Rhodes e outros estadistas, na Colônia do Cabo [África do Sul], e que Lincoln defendia para a Louisiana”.

Em traçando esse estranho e justo paralelo entre o que Lincoln tentava implantar na Louisiana e o que Rhodes tentava implantar na África do Sul, invocando inarticuladas premissas de sua classe, Lord Charnwood lembra-nos que a maioria, dentre os mais destacados intérpretes de Lincoln, escrevia sob a perspectiva de que Abraham Lincoln, que apoiou a escravidão no Sul e Leis Negras em Illinois, qualificava-se como um branco. Escrevendo, assim, nesse aspecto, ou seja, da perspectiva da cautela, político conservadora, a maioria dos estudiosos de Lincoln – bem-postos, conservadores, homens cautelosos – tornam-se cúmplices acadêmicos da opressão e escravidão que ele apoiou.

Mas que fique bem claro, ainda outra vez, que quando digo *branco*, neste contexto, estou me referindo a uma categoria política, ou melhor, epistemológica, baseada não no nascimento, mas num comprometimento consciente ou inconsciente a um ilegítimo e privilegiado espaço político e a uma ilegitimamente privilegiada coletividade *cuja histórica existência é uma decorrência de certos e irreversíveis eventos históricos* – o tráfico de escravos africanos, a escravidão americana, o holocausto indígena e a segregação racial.

As pessoas estão sempre dizendo, como já vimos, que não viviam *então*, não importa o *então*; elas não são responsáveis pela escravidão. Isso é uma equivocada compreensão da história e tempo, pois a história de que tratamos aqui versa sobre escritos, construções, noções e conceitos, e não podemos, não importa o que façamos, como disse Lincoln, num ditado que ele mesmo não compreendeu, fugir da história que herdamos e daquela que vivemos. A responsabilidade, desde este ponto privilegiado, é pessoal. É a consciente, deliberada e permanente identificação com essa história, por homens e mulheres vivos, que prática e efetivamente assumem, por ela, responsabilidade, dizendo

*NÓS*¹⁴³ nesta história. Por conseqüência, conectam a opressão do presente e do passado à necessidade – palavra e noção de Lincoln – de futura opressão.

Opressão, em outras palavras, é o inferno, e exige a cada um, a ela relacionado, examinar suas escolhas a cada momento, particularmente suas preferências na Guerra Civil, pois nada mais acuradamente revela a escolha dele ou dela, na atualidade, do que à feita no mundo de Lincoln.

Alguém dirá, mostrando suas cartas, que isso é um absurdo. Como poderia um branco ter outra perspectiva? Bem, vejamos. Abraham Lincoln disse que numa escolha entre a raça branca e praticar justiça, escolheria a primeira. Wendell Phillips afirmou que numa escolha entre a raça branca e a justiça, escolheria o direito.

Lincoln disse, num discurso que ninguém cita, que quando uma casa está em chamas, “pode haver senão duas posições: permitir que o fogo se alastre ou extingui-lo. Lincoln esqueceu esta verdade, como se esqueceu de tantas outras, mas não há qualquer motivo para que nós devamos isso esquecer.

Muitos, talvez a maioria, estudiosos de então, viam Lincoln, Robert E. Lee e o general George B. McClellan¹⁴⁴ através de lentes que os colocavam entre moderados e conservadores, com uma tendência, automática e predisposta contra “extremistas de ambos os lados”, repentinas e revolucionárias mudanças sociais”.

É pesaroso, de qualquer modo, que tantos especialistas alardeiem suas tendências em livros que ganharam altos lauréis e que são elogiados mesmo por alguns negros. Os autores de, pelo menos, três dos mais importantes livros a respeito de Lincoln (Nicolay e Hay, Herndon, Thomas) chamam os índios de “selvagens”: “O que assombrava todos [por todos queria dizer os brancos do Sul nas eleições de 1860] era o fantasma do negro selvagem rondando o país descontroladamente...”

¹⁴³ - No original, desta como em outras vezes, aparece o pronome nós WE, assim grafado, numa reiterada forma de referência, no pensamento norte-americano, à sua Constituição que se inicia com WE, *Nós* o povo dos Estados Unidos... Todos, brancos, negros, índios etc.

¹⁴⁴ -George B. McClellan (1826-85), general da União, comandante do Exército em Potomac, na mesma guerra.

Em seu livro, *Conversations with Lincoln (Conversando com Lincoln)*, Charles M. Segal assinala sem contestação que “pretinhos libertos mostravam-se como um problema nos distritos militares da Federação...” Ellias P. Oberholtzer¹⁴⁵ diz-nos francamente que “os negros são uma raça de gente inferior”.

Numa magna preleção e num livro muito citado, J. G. Randall¹⁴⁶, que foi aclamado “o maior estudioso de Lincoln em todos os tempos”, recomendou a sapiência de um “preto velho”. Em seu estudo muito elogiado, em quatro volumes, o erudito diz-nos que para entenderem-se as “lealdades duradouras” dos escravos e “sua relação de fidelidade na servidão”, eles devem ser vistos “associadas a seus brancos”, e em ligação com “seu hábito soberbo de identificarem-se com suas famílias brancas”. É impossível, afirma, entender “esse povo”, senão em seu ambiente sulista – sulista branco, Randall quis dizer. De onde vem a palavra *seus*? Pertenciam os escravos às famílias brancas, ou as famílias brancas pertenciam aos escravos? E a questão maior dentre todas: a quem James Garfield Randall pertencia? À quantidade de estudiosos que leram suas obras e louvaram suas palavras sem contestá-las?

Não apenas alguns estudiosos de Lincoln defendem os senhores de escravos, mas implicitamente ou explicitamente defendem a escravidão. Oberholtzer introduz-nos ao que chama “o melhor lado da” escravidão, e Sandburg diz-nos que de todas as pessoas os negros escravizados eram melhores do que os brancos pobres e livres. Aos brancos pobres, afirmou, *faltavam* escravos, terra e confortos decentes que tinham os negros em suas casas...” Eram até piores do que os escravos dos campos que possuíam melhor “alimentação, vestuário, abrigo e *emprego...*”

O ponto é que *quase tudo*, sublinhe-se *quase tudo*, o que dizem os estudiosos sobre Lincoln tem conotação política. Em escolhendo nosso Lincoln – e nossa escravidão – escolhemos a nós mesmos e a nosso presente. O reverso também é verdade. Em

¹⁴⁵ - Em: *Abraham Lincoln: A History*. 1890.

¹⁴⁶ - Em: *Lincoln the President: Midstream to the Last Full*

escolhendo nosso hoje, e o *status quo* racial de nosso presente, e aceitando essa situação racial, consentimos como *status quo* do passado.

Essas considerações levam-nos um passo mais próximo da compreensão de maiores implicações da sociedade selvagem de Abraham Lincoln, que jamais cessa de falar sobre negros e escravos, e que, raramente, se alguma vez, mostra-nos verdadeiros negros ou verdadeiros escravos. A moralidade do papel de Abraham Lincoln é, de fato, o desempenho da moralidade branca, que se preocupava em primeiro lugar, não com a emancipação dos negros, mas com a salvação da alma branca. Isto explica porque, no drama, os negros não têm papéis com fala. À parte dois ou três membros a enfeitar o coral, que de tempo em tempo aparecem para dizer, *Benza, amo Lincol!*, ou, como em Oates, “É enxerto”, nada consta nessas narrativas a indicar que os negros estivessem em cena, atuando.

Nem Frederick Douglass, tampouco H. Ford Douglass¹⁴⁷ ou John Jones¹⁴⁸, são identificados ou questionados sobre suas idéias a respeito de emancipação e direitos civis. Para ser preciso, Frederick Douglass é citado episodicamente, e nunca relacionado a uma análise independente da ação principal, e nunca a respeito de Lincoln que ele disse era “preeminentemente o presidente dos brancos”. Mesmo assim, a maioria dos estudiosos brancos sentem-se obviamente desconfortáveis ante o pensamento de Douglass. Um erudito, que não será nomeado aqui, denuncia Douglass por seu desaforo em criticar Lincoln. Sandburg refere-se a Douglass repetidamente como “mulato”, e desvia-se para comentar seu “penteadado à Pompadour”, o que era um relato seletivo, pois Douglass, como mostram as fotografias de seu tempo, foi um pioneiro no uso do cabelo em estilo “natural”.

¹⁴⁷ - Escravo fugitivo.

¹⁴⁸ - Nasceu livre, ficou rico e ajudava os escravos fugitivos na “Ferrovia Subterrânea”.

À parte personalidades negras, não há alcance, nessas biografias, da dimensão humana de um movimento de massas que mudou a cor da guerra. Como sulista, acho estarrecedor que desde 1865 até o mais recente especial da moderna televisão educativa¹⁴⁹, historiadores e tele pastores evangelistas identificam o Sul com a causa branca e os sulistas com os brancos do Sul, excluindo todas aquelas antigas famílias negras sulinas que se constituem na maioria em muitos Estados dessa região, inclusive na Carolina do Sul e Mississippi – e que são esmagadora presença em outros. Faz parte da tradição presumirem, no ano dois mil – como John Calhoun e Abraham Lincoln imaginaram em 1849 –, que o Sul branco é o Sul.

Não apenas ignoram os escravos negros e os ativistas, a maioria dos estudiosos de Lincoln, também desconhece eruditos negros como W. E. B. Du Bois e o militar erudito George Washington Williams¹⁵⁰. Du Bois, praticamente sozinho, organizou a história da Reconstrução; todavia, não há citação à sua obra nos dez livros mais importantes sobre Lincoln. Até o surgimento de meu ensaio, em 1968, estudiosos brancos de Lincoln não se dignavam tomar conhecimento de pesquisadores de destaque como Benjamin Quarles ou John Hope Franklin. Descobri tudo isso da maneira mais difícil; quando membro do conselho de uma importante casa de história, protestei sem sucesso contra o livreto-guia sobre Lincoln, que sequer mencionava o nome daqueles dois atuais historiadores.

Mesmo agora, historiadores negros são citados de forma esporádica e comumente em alguma matéria tangencial. É sim *de rigueur*, atualmente, usar toda a citação disponível, de negros, que seja contra meus argumentos, e praticamente todos os livros sobre Lincoln

¹⁴⁹ - No original: PBS - *Public Broadcasting Service*.

¹⁵⁰ - George Washington Williams. Historiador americano, religioso, político, advogado, conferencista e militar que foi a primeira pessoa a escrever uma objetiva, e cientificamente pesquisada, história dos negros nos EUA.

publicados a partir de 1968 dizem-nos que Douglass (Frederick) e Sojourner Truth¹⁵¹ afirmaram, de acordo com esses autores, que Lincoln fora um branco bom, que não tinha uma gota de preconceito em seu corpo, provando mais uma vez que a história *nunca* reconhece, e retira ainda mais daqueles de quem já tudo retirara.

É apenas de justiça acrescentar que os fiéis são em mesma dose renegados. Como regra, não tomam conhecimento de negros que falam sob uma perspectiva de sua raça, e como regra – Sandburg e Donald são notáveis exceções – também ignoram brancos que falam sob a ótica dos negros. Grandes líderes americanos, como Wendell Phillips e Charles Sumner, que estavam certos quando Lincoln errava, não são mencionados com frequência, e quando são referidos, minimizam-nos por serem a favor da emancipação dos negros e do emprego no Exército de soldados negros. Esta posição POLÍTICA define os defensores da fé, que se definem, definindo Lincoln, e que se escolhem através de sua opção por Lincoln.

Finalmente existe a escola de historiadores que defendem o apoio dado por Lincoln à escravidão, baseados numa teoria de governo consensual. Lincoln, na perspectiva dessa escola, foi exemplar, posto que se opôs aos esforços daqueles que desejavam o fim da escravatura e do tráfico de escravos, no Distrito de Colúmbia, sem consentimento dos “habitantes [quer dizer os habitantes brancos] de Washington”, como registra. Donald.

Harry V. Jaffa disse, concordando, que Lincoln fez a eventual emancipação do Distrito “subordinada a uma decisão dos seus cidadãos”, significado a mesma coisa, posto que não havia cidadãos negros em Washington em 1849. Assim, Jaffa escreve, Lincoln entendeu, diferentemente dos abolicionistas “o elemento consensual exigido para um ato *justo* de governo”. Isto significa, se as palavras têm algum sentido, que teria sido *injusto*

¹⁵¹ - **Sojourner Truth** (1797?-1883) Abolicionista e feminista, nascida escrava, tornou-se livre em 1827, dedicando-se a partir de então uma líder na compra de escravos para libertá-los, e defensora dos direitos da mulher.

impedir os senhores de escravos de continuar escravizando sem dar-lhes o *direito* de votar se desejavam libertar *seus* escravos.

Essa é uma teoria engenhosa e perturbadora. Onde está escrito que as pessoas têm o direito de votar ou contra ou a favor da escravidão ou de campos de concentração? Como se aplicaria a doutrina do consenso ao *apartheid* na África do Sul e ao confinamento de ciganos, judeus e comunistas durante o Terceiro Reich? E como poderia Lincoln ou qualquer outra pessoa, defender “o direito de consenso” dos senhores de escravos sem levar em conta que a existência desses e de um Estado escravista dentro dos Estados Unidos era baseada na negativa do consenso do (escravos e afro-americanos) governado?

Até aqui, então, nos confrontamos com uma omissão acadêmica, baseada em cinco fatores: 1) a aceitação (e aprovação) de fato da escravidão; 2) a aceitação (e aprovação) de fato de Leis Negras e desigualdade; 3) a deificação de um status quo inumano baseado na violenta opressão de algo como quatro milhões de seres; e 4) a falácia de uma opressão pedagógica, de dados imparciais e a separação do homem do contexto, o contexto da história e a história do ontem e do hoje.

Tudo até aqui e o que será apresentado nos capítulos seguintes mostra que Lincoln é indefensável em termos de raça, e que a única maneira de defendê-lo leva aos campos de concentração de indígenas, escravos, judeus, aos quarenta e um milhões de vítimas do tráfico africano de escravos e à escravidão americana.

Enfim, não há, em matéria de relações raciais, nada que se possa aprender com Abraham Lincoln, exceto o que não dizer ou fazer.

Posto que não confrontamos Lincoln, ou a nós mesmos, de modo franco e correto; porque não o confrontamos, no patamar do racismo, que instruiu tudo o que disse ou fez, inclusive a Mensagem de Gettysburg; porque não lhe indagamos a razão de proferir palavras bonitas cujo conteúdo não acreditava e não tinha intenção de torná-las reais; porque não lhe perguntamos o motivo de desejar deportar todos os negros, e fazer deste um país apenas de brancos; porque não lhe perguntamos a justificativa para excluir, a minoria negra de Illinois e a maioria negra da Carolina do Sul, de seu governo do povo;

posto que, para chegar ao que interessa, não pagamos-lhe a honra de levá-lo a sério, porque não o avaliamos do ponto alto em que se punha, e porque quase todos – autores, pesquisadores, presidentes, compositores, curadores de museus e religiosos mantiveram-se comprometidos, por mais de um século, num esforço maciço de esconder um homem e a história – ninguém, de forma convencional, diz ou escreve hoje algo completo ou relevante sobre Abraham Lincoln. Como explicar isso? Como, parafraseando o filósofo, é possível esconder o mais celebrado homem da história americana?

Tudo é válido, inclusive prêmios *Pulitzer*¹⁵² e panteões.

¹⁵² - Premio anual que destaca notáveis em jornalismo, literatura e música, instituído por Joseph Pulitzer.

A UNIVERSIDADE DE SANKORE¹⁵³

“Até que o leão tenha seu historiador,
o caçador será sempre o herói”.
Provérbio africano.

Tombuctu foi mais do que simplesmente um núcleo intelectual das civilizações da África do Oeste, como Ghana, Mali e Songhai – foi sim um dos mais magníficos centros científicos do período que correspondeu aos períodos Medieval e do Renascimento na Europa. De fato, sob o reinado de Askia Muhammad I, também conhecido como Askia o Grande, Tombuctu foi considerado como um dos mais luminosos locais de ensino. Dentre os destacados mestres que ali se encontravam havia Ahmed Baba – brilhante historiador seguidamente referência em *Tarikh-es-Sudan*¹⁵⁴ e outras obras.

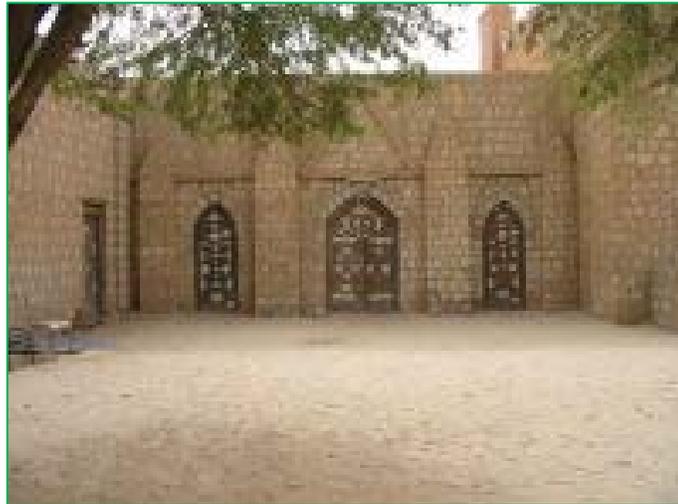
A coleção de manuscritos antigos da Universidade de Sankore, em Tombuctu não deixa qualquer dúvida sobre a magnificência da instituição e nos permite reconstruir parte de seu passado em razoável nível de detalhamento. Em testemunho à sua glória, um antigo provérbio da região diz que: “*O sal vem do norte, ouro vem do sul, a prata de países dos homens brancos; mas a palavra de Deus e os tesouros da sabedoria são encontrados apenas em Tombuctu*”.

Certa feita, um aspirante ao trono do poderoso Império de Songhai formou um exército para disputar à reinante dinastia. A caminho, fez uma pausa em Tombuctu. Excursionou pelo campus da universidade; visitou a biblioteca, falou com professores e foi recebido pelo reitor. Estava tão impressionado que, ao fim da visita, pediu ao reitor que

¹⁵³ *African Glory*, by J.C. DeGraft-Johnson / *Timbuctoo the Mysterious*, by Felix Dubois.

¹⁵⁴ - Os *Tarik Es Sudan* e *Tarikh El Fettach*, se constituem em escritos do século 17, que relatam o fim do Império Songhai e dos impérios anteriores de Ghana e Mali. Escritos em caracteres arábicos, são fontes primárias de pesquisa.

escrevesse uma carta formal ao seu rival na disputa pelo trono, informando-o de que renunciava à disputa ao assento real, pois preferia ficar como estudante, na cidade dos livros.



Universidade Sankore

A tragédia da escravidão

Contemporâneas Europa e África, por que, então?

“Estima-se, também, que esta rota foi cumprida, pelo menos, por 100 milhões de seres humanos. O dano maior causado, porém, foi ao equilíbrio demográfico do continente. Saíam da África os melhores, os mais vigorosos, os mais inteligentes”.